

Pássaros viajantes

Elizabeth Lane

Clássicos da Literatura Romântica

NOVA CULTURAL

Copyright © 1991 by Elizabeth Lane

Publicado originalmente em 1991 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Título original: **Birds of Passage**

Tradução: S. Marques

Copyright para a língua portuguesa: 1992

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - CEP 01410 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.



***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

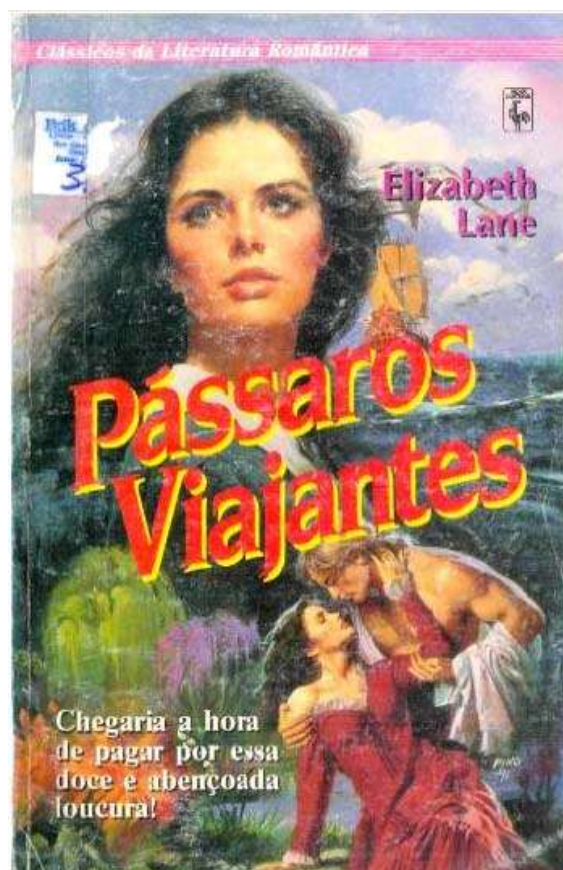
Disponibilização: **ROSANGELA**

Apoio: **contribuintes da caixinha**

Digitalização: **Palas Atenéia**

Revisão: **Ana Ribeiro**





INGLATERRA, 1702

Angustiada, Mavis Whitney firmou a mão com dificuldade e assinou o contrato de servidão que o capitão James Forrester lhe entregava. Quando o navio zarpasse rumo à América, deixaria para trás os problemas que a obrigavam a fugir do país. A passagem custara caro: sua liberdade. Nos próximos cinco anos, seria considerada apenas um objeto, uma escrava! A idéia era exasperante. Como criada de Célia Pomeroy, a noiva do capitão, seria uma testemunha silenciosa da intimidade, das risadas, da felicidade de Célia e James. Agora só restavam poucos dias de liberdade a bordo do navio. Dias em que Mavis iria sonhar que era um pássaro viajante, livre para ir aonde quisesse, livre para amar um homem poderoso como James Forrester.

CAPÍTULO I

A carroça, rangendo sob o peso das sacas de farinha, parou à beira da estrada lamacenta. O cocheiro virou-se para trás dirigindo-se a uma figura encolhida no meio da carga.

— Aqui estamos, moça. Mais além fica Southampton e o cais. Do lado oposto, pode ver o porto.

— Obrigada.

Mavis desceu e deu a volta, levantando com cuidado a saia para evitar as poças de lama. Carregava sob o braço uma trouxa amarrada às pressas com barbante.

— Se quiser, posso levá-la mais adiante. Sem cobrar nada — disse ele, observando sob as sobranceiras grisalhas a figura delicada, os cabelos negros e os maravilhosos olhos verdes claros. — Há uma hospedaria barata um pouco à frente.

— Não, é aqui mesmo que desejo ficar.

Do fundo do bolso da saia, ela retirou duas moedas de um xelim cada, as últimas que possuía, e entregou-as a ele. Agora não havia mais retorno.

— Tem certeza? — insistiu ele, ainda esperançoso. — Vai escurecer em poucas horas e o cais pode ser um lugar muito perigoso para uma garota sozinha.

— Sim, tenho certeza — respondeu Mavis em voz baixa, apertando o xale em torno dos ombros.

O cocheiro então estalou os lábios instigando o cavalo e a carroça rangeu, partindo lentamente. Por algum tempo, Mavis ficou ali, parada, vendo a carroça sumir pela estrada deserta, tentando reunir toda a coragem para prosseguir. A primeira parte de seu plano tinha dado certo. Conseguira escapular da mansão Dunsmore sem ser seguida, mas agora precisava conseguir rapidamente passagem em algum navio. Se tivesse sorte, logo estaria a caminho da América.

Inclinou-se para livrar-se dos vestígios de farinha em sua saia, ergueu a cabeça, endireitou os ombros e começou a caminhar.

O cais de Southampton fervilhava de atividade. Fragatas de guerra, velhos galeões madeireiros e ágeis navios mercantes alinhavam-se no cais, seus altos mastros como uma floresta espalhando-se sobre o alvoroço que

pululava abaixo. Sob o ar gelado de março, marinheiros e estivadores descarregavam os navios, a respiração ofegante transformada em vapor. Riquezas provenientes do Novo Mundo eram transportadas sobre seus ombros fortes pelo passadiço até os armazéns. Havia grandes tonéis de tabaco da Virgínia, tão grandes que para serem transportados eram rolados no chão; pequenos barris de açúcar, rum e melaço das índias Ocidentais; fardos de algodão vindos do sul e pacotes de peles de castor, do norte. O sol, em tons avermelhados, obscurecido pelas nuvens, já começava a se pôr.

Tremendo de frio, Mavis caminhava a passos rápidos ao longo do cais. Trajava seu melhor vestido azul-marinho feito de algodão grosseiro com a gola branca de linho, mas seus sapatos, tão velhos, com as solas furadas, não ofereciam qualquer proteção contra o frio. O xale de lã crua que ela mesma havia fiado e tecido protegia-lhe os ombros e a cabeça. Mas as mãos nuas estavam rachadas e vermelhas de frio. Na trouxa sob o braço, carregava tudo o que possuía.

Era a primeira vez que vinha ao cais. Durante quase meia hora, apenas vagou sem rumo, extasiada com as cenas, ruídos e cheiros que a rodeavam. Escutava os gritos das gaivotas que circundavam os mastros dos navios e mergulhavam nas águas prateadas em busca de algum alimento. Parou para olhar um papagaio verde empoleirado na janela de uma taverna. Inspirou o ar, uma mistura revigorante de cheiro de peixe e água salgada, piche, rum, suor e madeira apodrecida.

Mas não viera ali para passear. Precisava encontrar depressa um navio que a aceitasse como passageira. Seu futuro, talvez sua própria vida, dependia disso.

O vento tornava-se cada vez mais cortante. Enrolou-se em seu xale e começou a observar detalhadamente cada navio. Não via qualquer sinal, qualquer indicação de que algum deles estivesse aceitando passageiros. Talvez não fosse essa a maneira apropriada de conseguir passagem, pensou, o coração apertado. Deveria ter ido até a cidade em busca de alguma agência, algum escritório que se dedicasse a preencher contratos de servidão para as colônias.

— Está perdida, senhorita?

Um velho marinheiro esbarrara em Mavis e virara-se para olhá-la através da cortina de fumaça de seu cachimbo comprido.

— Não, não, eu... — hesitou ela, mas ao observá-lo, percebeu que não lhe faria mal. — Por favor senhor, estou buscando um navio que me leve à América. O senhor conhece algum?

Ele deu uma tragada profunda em seu cachimbo e soltou uma baforada de fumaça que quase encobriu sua figura pequena e encurvada. Mavis percebeu seu olhar experiente avaliando sua juventude, pobreza e mal-disfarcado desespero.

— Imagino que não tenha dinheiro para pagar a passagem — presumiu ele.

— Nem um vintém. Eu... eu estava pensando em pagá-la com meu trabalho.

Ele aquiesceu e apontou para a esquerda.

— Naquela direção. Tente o *Pégasos*, um pouco mais para baixo no cais. Ouvi dizer que o capitão Forrester aceita passageiros cujas passagens serão incluídas nos contratos de servidão. Pode ser que ele ainda disponha de algum lugar.

— Muito obrigada! — exclamou Mavis, lutando contra o impulso de correr na direção que o velho marujo apontara. — Capitão Forrester, o senhor disse?

— Isso mesmo. Ele é um homem justo. Já viajei com ele uma vez. — A expressão dura do rosto enrugado se suavizou um pouco. — Não se preocupe, garota. O capitão é um cavalheiro. Não precisa ter medo dele.

Mavis agradeceu mais uma vez ao velho marujo e recomeçou a caminhada ao longo do cais. Seus pés estavam enregelados devido à umidade que penetrava por seus sapatos gastos. Suas mãos doíam de frio. Caso não encontrasse um navio que a aceitasse antes do anoitecer, morreria congelada. No entanto, era preferível morrer do que aceitar o destino que a aguardava na mansão Dunsmore.

Um estremecimento percorreu-lhe o corpo ao se lembrar de lorde Percy Dunsmore. Naquela mesma manhã, ele a havia encurralado em um corredor longo e escuro. Recordava seu hálito, úmido e carregado do cheiro de vinho, e do brilho lascivo de seus olhos encovados quando ele avançava sobre ela.

Se fosse a primeira vez, talvez ela não houvesse entrado em pânico. Mas há semanas vinha evitando-o, aterrorizada com as histórias que as outras criadas contavam. Ouvira dizer das seduições depravadas que aconteciam a portas fechadas nos aposentos dele. Ouvira relatos sobre as meninas que saíam pelas portas dos fundos de Dunsmore, os olhos encovados, o corpo e o espírito devastados. E sabia também sobre a doença horrível que lorde Dunsmore contraíra há muito nas Índias Ocidentais. Sua mulher comentava-se, agonizava, contagiada por aquela mesma doença.

Se tivesse escolha, Mavis há tempos teria fugido da mansão; na verdade,

jamais teria ido para lá. Mas era inverno e seu pai havia morrido há apenas dois meses e ela não tinha para onde ir.

Parecia que a hora do ajuste de contas havia chegado. Enquanto lorde Dunsmore aproximava-se dela, resfolegando de desejo, ela olhava desesperadamente para os dois lados do longo corredor escuro. Estava vazio. Não havia ninguém a quem pudesse pedir ajuda.

Quando se deparara com ele, estava a caminho do quarto de lady Dunsmore, levando-lhe o chá em uma bandeja de prata com leite, açúcar, utensílios diversos, e a chaleira de prata contendo o chá fervendo. Encostara-se na parede, tentando colocar a bandeja entre ela e lorde Dunsmore. Se ele baixasse a guarda, ainda que por um instante, deixaria a bandeja cair no chão e correria o mais que pudesse.

Mas ele meneara a cabeça, rindo.

— Finalmente alcancei você, garota. Está brincando de esconde-esconde comigo há semanas! Já é hora de aprender novas brincadeiras. Minhas brincadeiras!

Atirara-se sobre ela e, em pânico, Mavis atirara a bandeja nele. A beirada atingira-lhe a têmpora, virando o pote, fazendo derramar o chá escaldante em seu rosto.

Os urros de dor e ódio seguiam-na enquanto disparava pelo corredor.

Cambaleando pelo choque, ela escondera-se no santuário da cozinha. Ali tentara avaliar desesperadamente sua situação.

Ela precisava ir embora, fugir para o mais longe possível, onde lorde Dunsmore não pudesse encontrá-la. Mas para onde? Não tinha família nem amigos nas imediações de Dunsmore e quase nenhum dinheiro.

Fora Fanny, a cozinheira, que lhe sugerira partir para a América.

— O filho de minha irmã assinou um contrato de servidão de cinco anos para pagar sua passagem — explicara a cozinheira gorducha.

— Depois disso, ficará livre e receberá uma gleba de terra só para ele.

— América! — Mavis agarrara-se à idéia movida pelo desespero. — Eu poderia fazer a mesma coisa, Fanny! Eu poderia conseguir um contrato para trabalhar como criada...

— Sim, meu bem, mas a América é um lugar selvagem — retrucara Fanny. — Cheio de índios e feras!

Mavis, no entanto, já tomara sua decisão. Em menos de uma hora, colocara seus parcos pertences em uma trouxa, fugira da mansão e tomara a primeira carroça que encontrara. E agora, se tudo corresse bem, estaria para sempre fora do alcance de lorde Dunsmore.

Um rato passou correndo sobre seus pés e desapareceu por detrás de um barril de peixe seco. Mavis nem ao menos piscou. Para ela todos os animais, inclusive os ratos, pertenciam a uma grande família. Os animais possuíam uma inocência, uma ausência de perversidade que lhe parecia bastante rara nos seres humanos. Passara os momentos mais felizes de sua infância nas densas florestas da propriedade Dunsmore, onde seu pai trabalhava como guarda-caça. Algumas vezes, ela permanecia imóvel por horas até que veados, pássaros e pequenos animais se aproximassem, curiosos, para espíá-la. Mas, desde a morte do pai, aqueles momentos foram enterrados junto com o passado. Apenas o presente lhe pertencia. E o futuro.

O velho marujo dissera-lhe para procurar o *Pégasos*. Caminhando ao longo do cais, a proa saliente de um navio mercante, decorada com a figura de um corcel branco, atraiu sua atenção. Por um momento, permaneceu admirando a beleza do trabalho do artista: a curva lisa do pescoço, a elegante cabeça entalhada, as asas abertas que chegavam quase à altura do convés. Por fim encontrara o navio que buscava.

Na área do cais defronte ao *Pégasos*, uma pequena multidão de candidatos aglomerava-se ansiosamente em torno do navio; a maioria, gente da cidade, mal vestidos, subalimentados e comprimidos uns contra os outros para se protegerem do vento cortante. Quase todos eram muito jovens e carregavam seus pertences em trouxas ou malas gastas.

— O capitão? — perguntou Mavis a uma garota de rosto esquelético, vestida com um casaco sujo de marinheiro e usando luvas de cetim, muito encardidas.

— Está ali. Atrás da mesa. Mas se fosse você, eu não estaria muito esperançosa. Ele já dispensou muita gente.

Mavis virou-se na direção que a garota apontara. Podia ver a extremidade da mesa, no entanto, o homem atrás dela estava escondido pelas pessoas que se aglomeravam a seu redor.

— Você tem de esperar a sua vez — disse a garota, tossindo. — A fila termina ali.

Mavis caminhou até o fim da fila, atrás de um jovem Hércules que vestia um casaco chamuscado. Devia ser ferreiro. Profissão que, com certeza, estaria em alta demanda no Novo Mundo.

A fila caminhava devagar. A garota com quem falara afastou-se tristemente da mesa, tossindo, o lenço sobre a boca. O rapaz pálido que estava logo atrás também fora rejeitado. O seguinte, no entanto, um rapaz forte do campo, já assinava seu contrato.

Mavis movia os pés para evitar que se congelassem. Seu olhar foi atraído pelos três enormes mastros que apontavam para o céu triste e acinzentado. No lugar do otimismo de antes, uma incerteza sombria parecia invadi-la. O que faria se o capitão a rejeitasse? Como sobreviveria? Passara toda sua vida nos domínios da propriedade Dunsmore, perambulando pelos campos e florestas na companhia do pai e cuidando de sua pequena cabana. Exceto pelo curto período que trabalhara como criada na casa grande, aquele fora o único tipo de vida que conhecera. Teria agido bem, deixando tudo para trás por um futuro incerto na América?

Como em fosse resposta a suas indagações, um súbito movimento na multidão chamou sua atenção. Engasgou ao reconhecer a libre verde-escura e ombros enormes de Nad Watson, o cocheiro de lorde Percy. Caminhava pelo cais, movendo sua feia cabeça de um lado para o outro, como um mastim farejando a presa.

Assim que Nad se aproximou, Mavis se escondeu atrás do jovem ferreiro, agradecida por seu porte de gigante. Nad deveria estar à procura dela. Que outra razão o teria trazido ali? Com certeza, haviam obrigado a pobre Fanny a dar com a língua nos dentes.

Prendeu a respiração quando Nad parou na frente do *Pégasos*. Seus olhos míopes apertavam-se bem na direção dela. Então, inacreditavelmente, ele prosseguiu.

Seu coração disparou ao vê-lo afastando-se. Conhecia-o desde criança e embora ele tivesse raciocínio lento, era cumpridor de suas obrigações. Voltaria; e ela não poderia estar ali quando ele retornasse.

— O próximo!

A voz grave despertou-a de seus pensamentos. Percebeu então que o ferreiro grandalhão terminara sua entrevista. Ele se afastara para o lado, a fim de assinar alguns papéis com um funcionário, deixando Mavis frente a frente com o homem atrás da mesa.

— Seu nome, senhorita?

Os modos do capitão eram bruscos e profissionais. Um homem duro, concluiu Mavis. Seu rosto parecia ter sido esculpido rudemente com um cinzel, a pele bronzeada, os cabelos, outrora escuros, eram grisalhos e penteados para trás como se pela força do próprio vento. Uma cicatriz estreita como uma agulha cruzava o lado esquerdo de seu rosto, quase atingindo um dos olhos azul-escuros. Ele a fazia lembrar um quadro pendurado na parede da mansão Dunsmore, o retrato de um cavaleiro em sua armadura, descansando da batalha, o rosto nobre angustiado pela

lembrança do que havia presenciado. Ainda assim, o capitão era mais jovem do que aparentava. Havia certa agitação nele, um ar de animal acorrentado na maneira como se sentava inclinando-se para frente, na beira da cadeira, suas mãos longas e bonitas descansando sobre o tampo da mesa. Deveria ter uns trinta e cinco anos, não mais, calculou Mavis.

— Perguntei seu nome — insistiu ele.

Trajava uma casaco simples de boa lã cor cinza e uma echarpe branca. Um chapéu de bicos de um tom cinza mais escuro descansava sobre a mesa ao lado.

— Whitney. Mavis Whitney — forçou-se a dizer, escondendo o nervosismo.

— Mavis? — perguntou erguendo a sobrancelha escura. — É um nome pouco comum, nome de pássaro.

— Meu pai era um homem pouco comum. Era guarda-caça.

— E onde está ele agora?

— Ele morreu. Há dois meses. Desde então eu estive trabalhando como criada na mansão Dunsmore — confessou, antes de pensar que teria sido melhor mentir.

— Entendo — aquiesceu ele, dando uma espiada no funcionário que se sentava no outro extremo da mesa. — Idade?

— Completo vinte e dois nessa primavera, senhor.

— Está em boa saúde?

Mavis estremeceu ao perceber que ele a analisava dos pés à cabeça.

— Sim. Quase nunca fico doente.

— Tem alguma profissão? Alguma habilidade especial?

Se ao menos ela tivesse aprendido a bordar ou a preparar os pratos finos que os nobres apreciavam...

— Tenho muito jeito com os animais — disse ela. — Sei tratá-los quando estão feridos ou doentes. E posso domesticar animais selvagens. Meu pai sempre disse que tenho um dom especial para isso.

Um sorriso divertido espalhou-se no rosto do capitão.

— Infelizmente, não há grande procura de domesticadores de animais selvagens nas colônias.

Aquelas palavras, embora sem intenção de ofender, atingiram Mavis como um duro golpe. Colocou as mãos sobre a mesa e enfrentou o olhar firme.

— Não me agrada que o senhor se divirta às minhas custas — disse ela.

— Sou honesta e sei trabalhar. Serei um bom negócio para quem se dispuser a

pagar minha passagem, seja o senhor ou qualquer outra pessoa. Portanto, ou o senhor me admite como passageira ou então pare de empatar meu tempo!

Por um instante, ela teve a certeza de havê-lo enfurecido. Ele a encarava, a expressão tão intensa que ela teve a sensação de ver demônios dançando nas profundezas daqueles olhos azuis. Por fim, quando parecia que nenhum deles agüentaria mais, ele sacudiu a cabeça e riu.

— Por acaso, você sabe ler e escrever? — perguntou.

— Sim. Embora meu pai não tivesse recursos para me mandar para a escola, era um homem que amava os livros. Ele mesmo me ensinou. Também sei fazer contas.

O capitão encostou-se no espaldar da cadeira, as mãos compridas brincando com a aba do chapéu.

— Deixe-me dizer-lhe qual é a minha idéia. Minha lista de passageiros está completa, exceto por um lugar. Trata-se de um contrato especial que eu ainda não consegui preencher. Talvez possa lhe servir.

Mavis controlou a língua e aguardou, terrivelmente consciente de seus pés gelados e da presença sorrateira de Nad Watson em algum lugar do cais. “Rápido”... implorava ela, em silêncio.

O capitão fez um sinal ao funcionário que retirou debaixo da pilha de contratos assinados uma folha um pouco diferente dos demais.

— Uma certa senhora da Virgínia, minha noiva, para ser mais preciso, encarregou-me de buscar um criado de casa. Ela até mesmo deu-se ao trabalho de redigir o contrato. Está vendo, aqui está sua assinatura.

Mavis deu uma olhada na assinatura floreada, sem conseguir decifrar o nome. A palavra “noiva” no entanto, fixou-se em sua mente como um dardo.

— Uma criada? Desculpe-me, senhor, mas qualquer moça de boa vontade poderia fazer esse serviço.

— Se fosse tão simples, há muito eu já teria conseguido preencher a vaga. Mas a senhora Pomeroy costuma receber as pessoas mais proeminentes das colônias. Ela quer alguém bem desembaraçado para atender seus convidados, alguém que possa tomar nota de recados, organizar seu calendário social e auxiliá-la com a contabilidade doméstica. Você crê que pode dar conta de todas essas funções?

— Sim, não vejo por que não. Eu fazia o mesmo para meu pai, em escala bem mais modesta, é claro.

Os olhos do capitão estreitaram-se. Mavis percebeu que estava avaliando-a para tomar alguma decisão.

— Na verdade, não vejo por que não poderia fazê-lo. Mas realmente

acredito que a senhora Pomeroy desejaria um homem para assumir essa função.

— Que pena, senhor. Esse é um requisito que não posso preencher. Mais uma vez aqueles olhos astutos avaliavam-na.

— Quanto a isso — murmurou ele, como se para si mesmo, — não há qualquer dúvida.

Ele deixou-se afundar na cadeira, as grossas sobrancelhas tão juntas, concentrado na deliberação que tomaria. Suas mãos brincavam com o chapéu e então recolocaram-no sobre a mesa.

Mavis permaneceu em pé, lutando contra o impulso de implorar. Percebera que usar desse expediente não traria qualquer resultado com o capitão, ainda que seus pés e mãos estivessem quase congelados e Nad Watson estivesse a ponto de surgir diante deles a qualquer momento. Não havia dúvida de que o capitão era homem de tomar suas próprias decisões.

Por fim, ele ergueu a cabeça, encarou-a e aquiesceu.

— Aqui está — disse ele, entregando-lhe o contrato. — Por favor, leia em voz alta, senhorita Whitney.

Mavis segurou os papéis, seus dedos tão dormentes que quase os deixou cair.

— Um contrato de servidão — leu, sem hesitar — a senhora Célia Hambleton Pomeroy, viúva, da Plantation Fairhaven, condado de Lancaster, colônia de Virgínia, no ano de Nosso Senhor 1702...

— É o suficiente. Não há dúvida de que você sabe ler — disse ele, apanhando o contrato e entregando-o ao funcionário. — Imagino que tenha referências, senhorita Whitney.

Mais uma vez Mavis sentiu como se o coração lhe pesasse como uma pedra.

— Bem... não, mas eu...

— Não importa. Nós não teríamos mesmo tempo de verificá-las. Vamos zarpar de madrugada, com a maré. — Ele apanhou a pilha de contratos e parou pensativamente por um momento. — Quero ter certeza de que sabe exatamente o que está para assinar. Cinco anos, durante os quais será considerada um objeto, propriedade de sua ama. Não lhe será permitido viajar quando assim o desejar, nem ter qualquer propriedade ou mesmo casar-se sem o consentimento de sua ama.

— Compreendo — disse ela, em voz baixa. — Dê-me os papéis.

— Muito bem.

Ele mergulhou a pena no tinteiro, entregou-a a Mavis e observou

enquanto ela assinava o nome ao lado do de Célia Pomeroy. Então, depois que ele e o funcionário firmaram como testemunhas, ergueu-se, apanhando o chapéu. Era alto, tão alto que Mavis mal lhe alcançava o queixo bem barbeado.

— Bem-vinda a bordo, senhorita Whitney. Sou o capitão James Forrester, a seu dispor. Deve estar aqui pontualmente às seis horas da manhã para embarcar.

— Amanhã? Mas eu pensei...

— Com certeza não estaria querendo embarcar agora. Ainda estamos carregando a mercadoria e os suprimentos. Não estamos prontos para receber os passageiros.

Mavis lutou contra um momento de pânico.

— Apenas imaginei...

— Escute — disse ele, vasculhando no bolso do casaco, — se está precisando de dinheiro para pagar um quarto por essa noite, eu posso lhe conseguir alguns xelins...

— Não, por favor... não é isso — as palavras congelaram na garganta ao olhar além dos ombros do capitão.

Nad Watson estava voltando pelo cais, acompanhado de lorde Percy Dunsmore. Caminhavam diretamente na direção do *Pégasos*.

CAPÍTULO II

Mas o que estava acontecendo com a garota?

Atônito com a brusca mudança, James Forrester fitou o belo rosto transfigurado. Enquanto conversavam, ela o havia impressionado por seu autocontrole. Agora parecia que toda a postura desaparecera, os lábios entreabertos e os estranhos olhos verdes arregalados de medo.

— Você está bem? — perguntou ele, receando haver dito algo que a aborrecesse.

Mavis não respondeu, os olhos fixos em algo atrás dele ou em alguém que se aproximava pelo cais. James se voltou bem a tempo de ver dois homens caminhando diretamente em sua direção.

— Capitão — saudou um deles, trajado de modo mais elaborado, com certeza o amo.

Era um homem de uns quarenta anos que, embora seguramente pertencesse à nobreza, revelava no rosto as marcas de uma vida devassa. Usava uma opulenta cabeleira postiça que caía em inúmeros cachos até o meio do peito. Os punhos de renda de seu casaco cor vinho destacavam-se sobre as mãos enluvadas. Assim que ele se aproximou, James pôde ver o lado esquerdo de seu rosto, horripelantemente coberto de bolhas, como se tivesse acabado de sofrer graves queimaduras.

— O senhor é o capitão desse navio?

Sombras profundas rodeavam seus olhos lacrimejantes e minúsculas veias desenhavam-se por seu nariz e faces, sinais característicos de um alcoólatra.

— Sim, exatamente — respondeu James, desconfiado. — Mas a minha lista de passageiros está completa.

— Isso não importa. Vim tratar de outro assunto.

O sorriso dele, lábios esticados como uma linha sobre dentes grandes e fortes, era tão gélido quanto a própria morte. Como teria esse homem se queimado tão horripelantemente? Com certeza, a cicatrização deixaria marcas profundas em seu rosto.

— O senhor está de partida para as colônias? — perguntou o homem.

— Sim, para Virgínia — assentiu James.

— Virgínia... — O homem enrolava um dos cachos em seu dedo

enluvado. — Tenho uma propriedade lá. Ouvi dizer as terras são boas para o cultivo de tabaco. Talvez algum dia eu me decida a explorá-la.

— Então, o que posso fazer pelo senhor? — perguntou James, impaciente.

— Aquela garota. — Ele virará o rosto e fitava Mavis intensamente.

— Ela está planejando partir em seu navio?

— Sim — respondeu James, fitando-a também. Ela estava em pé bem atrás dele, pálida e rígida como uma pedra de gelo, mais uma vez forçando o autocontrole. — Exatamente — prosseguiu ele. — Acabamos de acertar isso.

O estranho sacudiu a cabeça.

— Não será possível, capitão. Ela trabalha para mim e acaba de fugir. Eu a quero de volta.

Ah, agora James começava a entender a estranha alteração no comportamento da garota.

— Tem um contrato, senhor?

— Tenho, capitão. Infelizmente, deixei-o em casa.

— Ele está mentindo — interrompeu Mavis, a voz tensa e baixa. — Não há nenhum contrato. Na verdade, ele me deve quase dois meses de salário. Eu tinha todo o direito de partir.

James viu ondas de rubor subirem no rosto manchado cheio de bolhas e preparou-se para enfrentar uma discussão.

— Como vê, senhor... — começou em tom calmo.

— Pelos céus! Não vou admitir isso! — o homem explodiu. — Escute bem, capitão. Eu sou lorde Percy Dunsmore, primo em segundo grau de Sua Majestade, a Rainha. Se pensa que pode dar ouvidos a uma criadinha em detrimento de minhas palavras...

Mais uma vez, James voltou-se para Mavis. Ela estava parada, como uma sentinela durante a tormenta, teimosa e inabalável diante da vociferação do poderoso lorde. Pela primeira vez, o capitão percebeu sua rara beleza — o formato oval do rosto, como o de uma madona, circundado pelo xale rústico; o atraente bico de viúva que seus cabelos negros formavam no meio da testa; o maravilhoso tom de seus olhos, como o precioso jade chinês, emoldurados por cílios espessos, escuros como o ébano. Até mesmo o matiz de cigana de seu rosto bronzeado só fazia realçar sua beleza. Não era difícil adivinhar por que Dunsmore a queria de volta.

— Vai me desculpar — salientou James — , mas o fato de o senhor vir pessoalmente até aqui, milorde, não seria dar-se muito trabalho por uma simples criadinha?

Dunsmore franziu o nariz arrogante.

— Sim... mas eu não lhe contei tudo, capitão. A garota também não passa de uma ladra. Roubou dinheiro de meu quarto essa manhã, sete guinéus de ouro.

— Isso é mentira! — explodiu Mavis, revoltada. — Capitão, eu jamais estive nos aposentos de lorde Percy. E se eu tivesse sete guinéus, não estaria aqui, de pé, nesse frio!

— De qualquer maneira, o senhor não poderá tê-la de volta — disse James, o olhar de um para o outro. — Ela já assinou o contrato em troca de sua passagem. Aqui estão os papéis. Quanto aos sete guinéus, se realmente estiverem em seu poder, eu mesmo me encarregarei de fazer chegar essa quantia às suas mãos...

— De quanto é o contrato dela? — rugiu Dunsmore. — Dez libras? Doze? Eu compro o contrato, agora mesmo! Não perderá nem um xelim com a passagem...

— Sinto muito, milorde, o contrato dela não está à venda.

— Maldição! Eu lhe pagarei o dobro, capitão! Vinte libras! Seria um idiota em recusar.

— É realmente impossível — refutou James, friamente. — O contrato da senhorita Whitney não me pertence. Veja o senhor mesmo.

Fez um sinal para o jovem funcionário de óculos que estendeu os papéis para que Dunsmore os examinasse.

— Mas que diabos?! — Dunsmore apertou os olhos para ler a assinatura e balançou a cabeça.

— Como vê — disse James — , o contrato pertence à senhora Pomeroy, da Virgínia. Assinado por ela e devidamente firmado por testemunhas. Mesmo que me oferecesse cem libras, eu não poderia vendê-lo.

— Com todos os... — Ondas de rubor cobriam o rosto de lorde Dunsmore. Obviamente, ele não estava acostumado a ser contrariado e queria a garota desesperadamente. — Ainda não lhe contei tudo! Olhe para isto! — Apontou para o rosto queimado. — Foi ela a responsável, a pequena víbora! Desafio-a a negar!

James deu uma olhada ao rosto pálido e desafiante de Mavis. Ah, ele compreendia tudo agora. Fitou friamente Dunsmore e sacudiu a cabeça.

— O senhor está falando com um par do reino! — disparou Dunsmore, espiando na direção de seu cocheiro. — Imagine que eu me decida a levar a garota de qualquer maneira. Quem vai me impedir?

No silêncio que se seguiu, a tensão crescia no ar. Rígida de medo, Mavis

permanecia atrás de James, preparada para lutar. Da amurada do *Pégasos*, podia ver diversos tripulantes observando-os, atraídos pela discussão. Eram jovens rudes, sempre prontos a uma escaramuça.

— Se eu fosse o senhor, não tentaria — disse James, em voz baixa. Os olhos injetados de Dunsmore estreitaram-se ao ver os marinheiros. Estava em minoria e sabia disso. Furioso, deu-lhes as costas.

— Isso não vai ficar assim, capitão. Tenho amigos poderosos e uma excelente memória. Um dia o senhor ainda vai se arrepender!

James não respondeu. Enquanto vigiava os dois homens que se afastavam, escutou o suspiro aliviado de Mavis. Ao virar-se percebeu que ela tremia.

— Você está bem? — perguntou amável.

— Sim — respondeu ela, inspirando profundamente. A voz era quase infantil, mas com um certo tom rouco que fez James estremecer. — Obrigada capitão Forrester. Ele é um mostro, esse homem. Eu... eu estava com tanto medo...

Não só era linda como também inocente, apresentando aquela vulnerabilidade de confranger o coração. Em sua presença, James, aos trinta e seis anos de idade, sentiu-se subitamente velho e esgotado.

— Você subirá a bordo imediatamente — ordenou ele, ríspido. — O senhor Redding, o imediato, vai passar a noite em terra. Ocupará a cabine dele até amanhã de manhã.

— Capitão, não sei como lhe agradecer — exclamou ela, o rosto aliviado.

— Pode me agradecer não causando mais problemas — retrucou ele, aborrecido consigo mesmo. — Não deverá circular pelo navio nem dirigir-se a qualquer membro da tripulação. Eles têm deveres a cumprir e você os estará distraindo. Está me entendendo?

Ela assentiu, recuando pela inesperada demonstração de rudeza.

— Permanecerá em sua cabina, com a porta trancada. O cozinheiro lhe levará o jantar e eu a despertarei ao amanhecer, a tempo de liberar a cabina para o senhor Redding.

— Entendi muito bem — disse ela, impassível como se um véu lhe cobrisse o rosto. Agarrando sua pobre trouxa, caminhou em direção à prancha de desembarque.

— Outra coisa — disse ele, movido por uma estranha perversidade. — Se eu descobrir que lorde Dunsmore estava certo quanto aos sete guinéus...

Mavis virou-se subitamente. Por um instante, fitou-o como se ele a houvesse agredido. Então, controlou-se, seu rosto mais uma vez impassível.

— Capitão — disse ela, a voz tensa. — Eu admito ter atirado o pote de chá no rosto de lorde Dunsmore para me defender. Mas não sou ladra nem mentirosa. Agora, se me mostrar a cabine, não vou ocupar mais o seu tempo.

— Venha, então.

Ele se afastou para que ela cruzasse a prancha de desembarque a sua frente. Então, seguiu-a, dolorosamente consciente do coxear que não podia esconder. Era o resultado de um acidente que estilhaçara seu joelho e encerrara sua carreira na Marinha Real há oito anos.

Alguns dos marinheiros ainda permaneciam na amurada observando a cena.

— Que estão fazendo aí de boca aberta? — gritou James. — Com tanta carga a transportar para o navio, ficam aí sentados sobre seus traseiros. De volta ao trabalho, todos vocês!

Assim que James e Mavis chegaram ao convés, os tripulantes já se haviam dispersado. Apenas um, um tipo com aparência insolente que Redding contratara dois dias antes, permanecia debruçado na amurada, o olhar percorrendo o corpo de Mavis.

— Você aí! — gritou James, irritado. — O senhor é surdo?

— Quint. Peter Quint, senhor — apresentou-se ele, endireitando o corpo.

Tinha um corpo rijo e musculoso, braços compridos e uma postura ligeiramente encurvada que lhe dava certo ar simiesco. Os cabelos cortados à escovinha e o rosto malicioso apenas acentuavam a semelhança.

— Pois bem, senhor Quint. Não sei em que tipo de navio o senhor viajou antes, mas neste aqui, ninguém fica por aí vagando quando há trabalho a fazer. Agora, vá para baixo e comece a carregar os porões. Caso contrário, amanhã quando o navio zarpar, o senhor estará no cais!

— Sim, capitão.

Enquanto Quint saltava para o porão, não despregava os olhos maliciosos de Mavis, meio adulator e ao mesmo tempo arrogante.

— Vá andando, senhor Quint! — grunhiu James, irritado com os modos do homem. — Caminhe rápido ou, pelos demônios, eu o ponho para fora desse navio agora mesmo!

— Sim, sim senhor — disse Quint, dirigindo-se para o convés inferior para juntar-se aos seus companheiros.

James fuzilava-o com o olhar, já arrependido de não haver despedido o miserável no ato. Assim que um navio zarpava, a única maneira de lidar com insubordinação era através do chicote e da prisão. James já se utilizara dos dois métodos, mas recorrer a esse tipo de punição sempre lhe deixava um

gosto amargo na boca. Seria mais prudente livrar-se agora de qualquer encrenqueiro e evitar problemas em alto-mar.

A garota também. Os olhos de James se estreitaram enquanto a observava caminhando à sua frente, ao longo da amurada. O xale tosco escorregara sobre seus ombros, revelando uma cabeça pequena, mas erguida com altivez, os cabelos brilhantes, negros como carvão, puxados para trás e torcidos em um nó. Por um momento absurdo, viu-se imaginando como seria soltar os grampos, deixando os cabelos caírem como uma cascata sedosa sobre suas mãos. Imaginava a textura deles em sua pele, o aroma fresco e suave...

Que loucura se havia apossado dele para aceitá-la como passageira? As mulheres só traziam problemas em viagens longas. E a mera visão de uma garota tão bonita perturbaria os marinheiros, distraíndo-os de suas tarefas, transformando-os em galos briguemos e rebeldes. Era bem provável que estivessem se engalfinhando por causa dela, bem antes do término da viagem de seis semanas.

Quanto ao contrato de Célia, isso também fora um grande erro. Ele pressentira o tempo todo que a última coisa que Célia desejaria seria ter uma criada cuja beleza se rivalizasse com a dela. Mas havia algo nessa garota, seu orgulho, ou talvez sua vulnerabilidade, que o sensibilizara. Ao deparar-se com aquele rosto, algo o impedira de dispensá-la. Agora, se ela causasse problemas, seria ele, e mais ninguém, o único responsável.

Ela aguardava no degrau da pequena escada que conduzia ao convés superior. Possuía uma graça aristocrática, um porte elegante que contradizia sua pobre condição social. Era difícil imaginá-la como criada.

— A cabine do imediato fica logo acima, segunda porta a sua direita — grunhiu ele. — Não tem nada a temer. Minha própria cabine é contígua à dele. Se houver qualquer problema, eu escutarei.

— Obrigada capitão — disse ela, subindo os degraus restantes.

No entanto, assim que abriu a porta da cabine, sua compostura a abandonou. Gemeu desanimada.

— Há algo errado? — perguntou ele, recordando-se que dera ordens para que limpassem a cabine e trocassem a roupa de cama naquela manhã.

— Não — disse ela, imobilizada no umbral da porta. — Sinto muito, é que é tão pequeno... e não tem janelas...

— Ora, vamos!

Atrás dela, James observava a cabine de Redding que, como alojamento de um imediato, era bastante confortável. Mas talvez para alguém que não

estivesse habituado à vida nos mares...

— Nunca estive a bordo de um navio? — perguntou ele.

— Não. Passei toda minha vida na propriedade Dunsmore, a maior parte do tempo ao ar livre, nos campos e florestas... — sua voz estremeceu um pouco, como se de repente se desse conta das conseqüências do passo que dera.

— Pois bem, não vai encontrar campos e florestas no mar — disse ele. — E vai ter de se acostumar a viver em lugares fechados. Especialmente esta noite. Pelo comportamento de Dunsmore, não ficaria surpreso se ele mandasse alguns de seus homens aqui para buscá-la. Se isso acontecer, quero você longe das vistas de todos, bem trancada.

O próprio James surpreendeu-se com a veemência de suas palavras. De pé atrás de Mavis, sentindo a fragrância sutil e embriagadora que dela emanava, James tentava imaginar o que representava para alguém como Dunsmore. Seria apenas uma inocente cuja beleza chamara a atenção do amo, ou já teria se transformado em sua amante? Afinal de que estaria fugindo?

Inesperadamente, ela se virou, fitando-o com seus olhos cor de jade, o rosto muito próximo ao seu, a boca cheia e delicada, como a de uma criança.

Seu olhar foi atraído por aquela boca. Por um instante impossível, James imaginou-se tocando com a ponta dos dedos aqueles lábios que pareciam pétalas; imaginou-se roçando-os com seus próprios lábios, sentindo-a estremecer quando o calor dela se confundisse com o dele...

Isso era uma loucura! Ele nada sabia sobre a garota. Pior ainda, sua futura esposa o aguardava do outro lado do oceano, na Virgínia. Ele e Célia haviam planejado um futuro juntos. Uma vida agradável, enriquecida de todas as boas coisas que as fortunas de ambos, combinadas, pudessem comprar. Seria um idiota em colocar tudo o que planejaram em jogo por um ato impensado de indiscrição.

— Pode ir e cuidar de seu navio, capitão — disse ela, desviando os olhos e recuando. — Eu estarei bem.

— Pois muito bem. — Ele suspirou profundamente. — Mas imagino que tenha razão sobre a cabine. É um pouco abafada. Mas se prometer permanecer no convés superior, vamos abri-la e deixar arejando até a hora do jantar. No entanto, depois...

— Obrigada. — Ela evitou seu olhar, fitando o mar.

Estaria ela aborrecida? Será que o breve momento em que seus olhos se encontraram a teria abalado tanto quanto a ele? Eram muitas as perguntas que gostaria de fazer.

— Dunsmore...

— Ele é um animal raivoso. Pergunte a qualquer pessoa que o conheça.

— Se é assim, o que fazia você na casa dele?

— Meu pai... depois que ele morreu, eu não tinha para onde ir.

James suspirou sentindo-se castigado.

— Desculpe-me, eu não tinha o direito de perguntar.

— Não tem importância. Eu nada tenho a esconder.

— Essa noite, tranque a porta de sua cabine — recomendou ele. — Não abra para ninguém, não importa quem seja ou o que lhe digam.

— Entendo — a voz de Mavis era um sussurro, como uma brisa da tarde.
— Muito obrigada, capitão Forrester.

James se voltou sem mais uma palavra e desceu as escadas que conduziam ao convés principal. Já era hora de verificar o carregamento nos porões. As provisões para a viagem, os baús carregados de sedas e linhos, os caixotes de mobília fina que adquirira para a nova casa que acabara de comprar, tudo exigia sua atenção pessoal.

Enquanto descia pela escotilha, deu uma última espiada no convés superior. A garota ainda estava parada onde ele a havia deixado, uma silhueta orgulhosa e solitária destacada contra o céu rubro.

Mavis sentia o sabor salgado das lágrimas. Foi com muita dificuldade que mantivera o controle na presença do capitão. Agora, no entanto, enquanto repassava os acontecimentos do dia, as emoções afloravam.

No dia seguinte, o navio zarparia. Estaria então a salvo de lorde Percy e seus desejos vis, mas, por outro lado, abandonava tudo o que conhecia e amava, talvez para sempre.

Cerrou os olhos enquanto as imagens desfilavam em sua memória: a floresta no inverno; veados de olhos imensos deixando pequenas pegadas impressas na neve; o estalar do fogo acolhedor na pequena cabana; seu pai limpando as botas; os campos no verão, cobertos de trevos e cardos; filhotes de faisão, minúsculas bolas de plumas na palma de sua mão...

Seu pai a mantivera bem longe dos olhos devassos de tipos como lorde Percy. Mesmo os jovens trabalhadores da propriedade e da aldeia foram mantidos a distância.

— São camponeses, minha filha — dizia ele. — Não são para você. Algum dia, surgirá o homem certo em sua vida. Quando esse dia chegar, de bom grado eu lhe concederei sua mão. Mas até então...

Mavis respeitara sua vontade. Ela escutara a história inúmeras vezes — como sua mãe, de origem nobre, fora deserdada pela família por haver

fugido com o filho do jardineiro; e como morrera ao dar à luz a uma garotinha de cabelos negros. Consciente de se haver tornado o centro da vida de seu pai, não tinha qualquer pressa em deixá-lo. Mesmo depois de atravessar a adolescência e completar vinte anos ainda solteira, estava feliz vivendo em sua companhia na cabana acolhedora.

A morte dele, nas mãos de caçadores ilegais, arrasara-a. Mesmo assim, nesse dia, em sua pressa em fugir, nem ao menos visitara seu túmulo. Agora era tarde demais. Dificilmente voltaria a pisar em solo inglês.

Quanto a seu futuro, seu pai se decepcionaria ao vê-la agora. Fizera tantos planos para ela. Fora por isso que a ensinara a ler. Fora por isso que nunca a deixara esquecer da origem nobre de sua mãe. Queria que ela fosse alguém. Que se casasse bem ou que ao menos conseguisse um bom posto de governanta. Como ela o decepcionara! Ao menos trabalhando como criada na casa de lorde Dunsmore era uma mulher livre. Agora, pelos próximos cinco anos, seria considerada apenas um objeto, propriedade de outra pessoa, uma escrava. A própria idéia a exasperava.

Mas haveria de superar esses momentos difíceis. Nos próximos cinco anos, trabalharia, aprenderia, preparando-se para progredir por conta própria. Não seria fácil, mas um dia, justificaria a fé que seu pai havia depositado nela.

O céu rosado assumira uma coloração violeta. Mavis apertou o xale de encontro ao peito para se proteger do vento gélido. Mesmo o frio cortante era preferível a ver-se enclausurada na minúscula cabine. Tinha horror a lugares escuros e fechados, um medo irracional.

Ao escurecer, via apenas o contorno das figuras que se moviam abaixo, no convés principal. Podia escutar os homens transportando a carga ao porão e sentir o cheiro rançoso que dali subia. O *Pégasos* rangia contra o ancoradouro e balançava suavemente acompanhando a maré.

James Forrester surgira do convés inferior. Ainda que meio oculto pela bruma do anoitecer, Mavis conseguiu distingui-lo dos demais. Era mais alto, os ombros mais largos e exibia uma indiscutível postura de comando, mesmo calado. Para Mavis parecia-lhe arrogante, até mesmo assustador. Apesar disso, naquele momento que seus olhos se encontraram, pressentira nele uma profunda solidão.

Um arrepio atravessou-a ao perceber o quanto seu destino estaria ligado ao desse homem. O contrato a transformara em criada de Célia Pomeroy, a mulher com quem James Forrester planejava se casar. Após o casamento, ele se tornaria seu amo e ela seguiria trabalhando na casa deles, testemunha

silenciosa do casamento, de intimidades, risadas, discussões, filhos....

De súbito, sufocava-a sua própria solidão. Afastou-se da amurada, os olhos embaçados pelas lágrimas. A porta da minúscula cabine estava aberta. A pequena dimensão que tanto a assustara, transformava-se agora em seu refúgio. Entrou silenciosamente, acendeu a lamparina e fechou a porta.

Algum tempo depois, bateu na porta o cozinheiro, um irlandês de pequena estatura, um brinco de ouro na orelha, trazendo-lhe o jantar. O cozido de carneiro fumegava, e Mavis, que nada comera desde o amanhecer, esvaziou a tigela, sentindo-se reanimada. Tentaria descansar bem durante a noite, decidiu, ao passar a tranca na porta. Talvez no dia seguinte o mundo lhe parecesse melhor.

No entanto, era a primeira vez em sua vida que dormia em um quarto sem janelas. Muito tempo depois que apagara a lamparina, Mavis permaneceu na cama com os olhos bem abertos, a escuridão sufocando-a. Podia escutar os gemidos do madeirame do navio e os passos compassados do vigia. A cabine parecia estar encolhendo até ficar do tamanho de um caixão. Forçou-se a respirar profundamente, lutando contra o impulso de se levantar e abrir a porta. Ela estava segura, admoestava-se. O perigo era apenas imaginário.

Mavis percebeu quando o capitão entrou na cabine dele. Podia ouvir seus passos cadenciados aproximando-se pelo convés. Podia ouvir o ruído da porta corrediça fechar-se e as botas serem colocadas sobre o chão. Quando o catre rangeu sob seu peso, deu-se conta de que ele estava deitado bem a seu lado, os dois separados apenas por uma parede fina de compensado de madeira.

A princípio, Mavis ficou imóvel, quase sem ousar respirar. No entanto, o capitão parecia não se haver dado conta da proximidade. Em poucos minutos, ele dormia, a respiração profunda e cadenciada.

Pouco a pouco, acalmou-se e as batidas de seu coração se normalizaram. Não mais se sentia isolada na minúscula cabina. James Forrester estava a seu lado.

Durante muito tempo, ela ficou escutando sua respiração calma, no mesmo ritmo da dela. Era reconfortante ter um homem tão próximo, como estar de volta a casa, escutando seu pai ressonar no quarto ao lado. Mas, não, não era a mesma coisa. De modo algum. Havia algo perturbador em James Forrester. Ele era tão ríspido, tão distante. Ainda assim, cada vez que seus olhos se encontravam, ela sentia uma onda de calor invadi-la. Era uma sensação estranha que, embora agradável, assustava-a.

A noite mergulhara no silêncio. Mavis ouvia o capitão movendo-se em seu catre. Ele gemia baixinho, como se estivesse sonhando, ou talvez se sentindo mal.

Ergueu-se sobre o cotovelo.

— Capitão Forrester — sussurrou. — O senhor está se sentindo bem?

Ele não respondeu, mas Mavis podia ouvi-lo debatendo-se na cama. Os gemidos transformaram-se em gritos abafados, de dor e medo.

— Capitão! — Ela bateu com os dedos na estreita parede. Os ruídos pararam.

— Capitão? O senhor está passando mal? Devo chamar alguém? O silêncio pairou no ar por um longo tempo antes que ela ouvisse a voz ríspida.

— Não, não é nada. Volte a dormir.

Ele não disse mais uma palavra. Mavis reclinou-se outra vez sobre o travesseiro, tentando escutar. Estaria ele bem? Deveria falar com ele outra vez para se assegurar?

Não, decidiu-se por fim. James Forrester não era homem de revelar seus segredos. Quaisquer que fossem as fontes de seus tormentos, ele não desejaria que ela se inteirasse disso.

Envolveu-se nas cobertas e forçou-se a fechar os olhos. Depois de algum tempo, mergulhou num sono agitado.

James permaneceu deitado, os olhos fixos na escuridão, o corpo molhado de suor. O pesadelo retornava com menos frequência, mas era sempre o mesmo.

Ele se via estendido sobre a mesa do cozinheiro no convés inferior da fragata *Porthsmouth*, o joelho estilhaçado por um projétil lançado pelo navio corsário francês. Acima, ouviam-se os ruídos da batalha. O navio estremecia com o choque do disparo do canhão.

O cirurgião inclinava-se sobre ele, o serrote nas mãos.

— Vou ter que cortar a perna, tenente. O joelho ficou muito danificado e não tem condições de ser salvo. Por isso, é melhor cortá-la antes que a gangrena tome conta dela. — Fez um sinal para seu assistente. — Faça com que tome uma boa quantidade de uísque e depois vá buscar alguns rapazes bem fortes para segurar seus braços.

— Não! Malditos sejam, todos vocês!

Antes que alguém pudesse reagir, James erguera-se sobre o cotovelo e agarrara a arma do primeiro oficial que passara junto dele. Lutando contra ondas de vertigem, apontou-a para o cirurgião.

— Toque a minha perna com esse serrote, seu maldito açougueiro, e vou

explodi-lo em mil pedaços — rugiu ele. — Agora, comece a tratar desse joelho. Faça tudo o que puder para remendá-lo e esqueça a maldita gangrena!

A dor fora excruciante. James agarrara a arma, lutando para se manter consciente, pois caso desmaiasse, quando voltasse a si, com certeza, teriam lhe cortado a perna. Só largara a pistola nas mãos de um amigo, depois que o levaram ao alojamento, quando se permitira alguns goles de uísque.

Salvara sua perna devido mais que tudo a sua imensa força de vontade. Perdera alguns movimentos e mancava bastante. O cirurgião recebera uma medalha por sua habilidade e coragem. Para escapar da corte marcial, James fora obrigado a abandonar a Marinha Real. Depois disso, usara sua modesta herança para comprar o primeiro de seus quatro navios mercantes.

E agora... James suspirou agitado e virou de lado. Ele adorava o mar e fora o mar que lhe proporcionara tanta riqueza, mas não substituíra um lar e uma família. No ano anterior, sentira um desejo cada vez mais forte de criar raízes. Fora seu agente da Virgínia que lhe mostrara pela primeira vez os quinze mil hectares de terra de primeira para o cultivo de tabaco e que o apresentara à maravilhosa viúva proprietária da plantação vizinha às terras. Em um mês, ele negociara as duas coisas.

Célia havia sido uma boa escolha, refletia ele. Era tão capaz quanto bonita; tão charmosa quanto prática. Aos trinta anos, era jovem o bastante para lhe dar filhos — dois dos filhos do primeiro casamento dela estavam internados em uma escola na Inglaterra. Ao mesmo tempo, tinha idade suficiente para deixar de lado qualquer ilusão romântica.

E tudo isso vinha bem a calhar para James. Na confusão de contratos e acordos, eles mal haviam tido tempo de se conhecer, quanto mais de se apaixonar. Era um compromisso entre duas pessoas praticamente desconhecidas, quase como se fosse a escolha de um par de cavalos de bom sangue para se iniciar a criação. Ele e Célia possuíam todos os requisitos para levarem uma vida extremamente agradável. Nenhum era tão ingênuo para exigir amor como parte do acordo.

De qualquer modo, o que vinha a ser o amor? James virou-se de costa mais uma vez e fechou os olhos. Aos trinta e seis anos, ele assistira a inúmeras representações falsas do amor. Testemunhara o casamento de seus pais, cheio de brigas e ressentimentos. Presenciara as paixões cheias de desejos dos marinheiros no porto, e ele mesmo se permitira envolver-se algumas vezes, quando a necessidade se tornava insuportável. Presenciara os olhos cansados de mulheres que se vendiam por alguns xelins e os sorrisos deslumbrantes de beldades que negociavam a mesma mercadoria, mas a

preço muito mais alto.

Mas amor? Jamais. Nem uma só vez. Era um mito, uma quimera dos contos de fadas.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo ruído de madeira se estilhaçando seguido de um grito. A garota no quarto ao lado! Lembrava-se agora do perigo que corria. Em segundos saiu da cama, vestiu um camisã sobre o corpo desnudo e agarrou uma pistola que mantinha sempre consigo, debaixo do catre.

Uma cena de pesadelo aguardava-o no convés. Anvers, o homem que fazia a guarda, estava atirado sobre a amurada, desmaiado ou morto. A porta da cabine de Redding fora arrombada e pendia por uma única dobradiça.

No umbral da porta viu o cocheiro de lorde Dunsmore, seu corpo enorme impedindo a passagem. A luz da lanterna do navio bruxuleava sobre seus traços abrutalhados. Numa das mãos, brandia uma pistola pesada. Com a outra, agarrava Mavis pela cintura, prendendo-a fortemente a sua frente. Ela pendia sobre seu braço como se fosse uma boneca vestida com uma camisola branca comprida, o rosto pálido de susto.

Os olhos do cocheiro estavam fixos na pistola na mão de James.

— Olhe bem para onde está apontando, capitão — resmungou ele. — Nós não vamos querer machucar a moça, não é?

CAPÍTULO III

Recorrendo a todo seu autocontrole, Mavis tentava evitar o pânico. O braço de Nad Watson agarrava-a com tal força que mal podia respirar. Os enormes dedos enterravam-se em sua cintura, machucando-a através do tecido fino da camisola. A dez passos estava James Forrester, pronto a atacar, o rosto parecendo o de um fantasma sob a luz bruxuleante da lamparina.

— Solte-a seu idiota — disparou ele, a voz gutural — ou jamais sairá com vida deste navio!

A ameaça apenas serviu para que Nad encostasse o cano da pistola na testa de Mavis.

— Não seja imbecil! — desesperava-se o capitão. — Seu amo a quer viva. Se atirar nela, ele fará com que o arrastem e o esquartejem!

As palavras não surtiram qualquer efeito na mente lerda de Nad. Continuou pressionando o cano da arma na têmpora de Mavis. Ela tinha consciência de que não deveria tentar se desvencilhar. O mais leve movimento poderia provocar o disparo, pois os dedos desajeitados de Nad pressionavam o gatilho. Precisava tentar outra coisa.

— Nad — sussurrou do modo como fazia para tranquilizar animais assustados. — Nad, sou eu, Mavis. Você se lembra?

Ela se calou por alguns segundos e como ele não reagisse, prosseguiu com o mesmo tom de voz:

— Meu pai, George Whitney, era seu amigo, lembra-se, Nad? Você se lembra, quando era garoto e ele o levava para pescar trutas no lago?

Ela sentiu um leve relaxamento na pressão em torno de sua cintura. James Forrester, tenso e imóvel, acompanhava a cena pronto a atacar. Com o olhar, Mavis implorou-lhe que não o fizesse.

Passo a passo, Nad começou a recuar em direção à prancha de desembarque. Mavis acompanhava-o, sem resistência, continuando sua fala monótona, o tom quase hipnótico.

— Eu costumava ir com vocês, às vezes, Nad... Lembra-se daquela garotinha de cabelos pretos? Meu pai precisava me amarrar em um tronco de árvore para me manter afastada da água... você achava aquilo muito engraçado... E as trutas, haviam tantas, e eram tão grandes...

Ela sentiu o cano da arma afastando-se de sua cabeça e viu os olhos do

capitão queimando como duas brasas.

— Você não me faria mal, não é Nad? — sussurrava ela. — Não quando meu pai era tão bom para você.

O braço dele afrouxou em torno de sua cintura, mas ele ainda recuava. Trêmula de medo, Mavis controlava-se para não tentar se desvencilhar à força.

— Solte aquela garotinha de cabelos pretos, Nad — seguia murmurando. — Ninguém vai lhe fazer mal...

Ao perceber que ele hesitava, o coração de Mavis quase parou.

De repente, escutou-o engasgar. Todo o corpo dele ficou rígido, os braços ergueram-se como se fossem as pás de um moinho. A pistola caiu com um forte baque sobre o convés.

James Forrester moveu-se com a rapidez e agilidade de uma pantera. Em um instante, agarrou Mavis e atirou-a dentro da cabine, colocando-se à frente, a pistola na mão.

Mas fora um gesto inútil. Nad Watson permanecia caído, imóvel, de bruços sobre o convés, no mesmo lugar que desabara. O cabo de um punhal de marinheiro projetava-se de suas costas, bem na altura do coração.

Foi então que surgiu das sombras o homem chamado Quint, exibindo um sorriso vitorioso no rosto simiesco.

— Belo trabalho, hein, capitão? O maldito nem percebeu o que o atingiu! — disse ele, inclinando-se para remover seu punhal.

Com um grito abafado, Mavis empurrou James e correu para o lado do corpo imóvel. A lâmina fora enterrada com tal habilidade que quase não havia sangue em torno do ferimento. Mas quando tocou o pescoço de Nad em busca da pulsação, nada pôde sentir.

— Ele está morto? — perguntou James, ao lado dela, a luz da lamparina revelando o alívio estampado em seu rosto.

Mavis assentiu. Então, de repente descontrolou-se, enterrando o rosto entre as mãos.

— Esse covarde significava tanto assim para você? — perguntou James, intrigado.

— Não é isso — balbuciou ela, entre as lágrimas. — Mesmo na infância, Nad sempre se mostrou cruel. Lorde Dunsmore percebeu... e o usou.

— Mas então por que...?

— Não percebe? — disse, os olhos embaçados pelas lágrimas. — Um homem está morto! Uma vida se extinguiu por minha causa! Se eu não houvesse vindo aqui...

— Não seja tola. O pobre diabo estava cumprindo as ordens do amo. Se alguém é culpado, é Dunsmore — disse ele, segurando-a pelos ombros. — Está tremendo. Saia desse ar frio e vá para a cama ou amanhã estará doente.

— E quanto a Nad? — hesitou ela.

— Não se preocupe. Nós cuidaremos dele. Venha.

Ele segurou-a firmemente pelos braços, forçando-a a se erguer. Ao ver seu peito pela abertura do camisã, tão próximo dela, Mavis sentiu-se invadida por uma onda de calor. Mais uma vez aquela sensação estranha, agradável e ao mesmo tempo, assustadora. Ele a soltou e virou-se na direção da cabine.

— Agora, entre e... — ele parou, notando a porta arrebitada. — Maldição — murmurou entre os dentes. — Você pode ficar na minha cabine hoje. Eu não iria mesmo conseguir dormir.

— Capitão, o senhor não precisa abrir mão de...

— Sem discussões, por favor. Não estou com paciência para isso.

A cabine do capitão era bem mais espaçosa do que a de Redding. As paredes forradas de lambris estavam recobertas de mapas e cartas marítimas. Havia até mesmo uma janela, por onde, através da bruma, Mavis podia espreitar as luzes de outros navios próximos.

— Agora, vá para cama! — ordenou ele, evitando seus olhos. — Estou certo de que não haverá mais problemas.

Ele parou para recolher suas roupas e botas. Sem mais uma palavra, retirou-se.

A cama ainda estava quente. Mavis esgueirou-se por entre os lençóis e deitou-se toda encolhida, trêmula. As cenas voltavam a se projetar em sua mente. Sentia a força com que Nad a agarrara pela cintura, escutava-o engasgando ao ser atingido pelo punhal de Quint, via o seu corpo sem vida estendido no convés. Ainda que o capitão afirmasse o contrário, a culpa era dela. Foram seus atos que trouxeram Nad a esse lugar onde encontrara a morte.

Mas seguir culpando-se não reverteria os fatos. Nesse momento, estava gelada e exausta e precisava de algumas horas de sono para recuperar as forças.

Pouco a pouco, forçou seus músculos rígidos a relaxarem. Esticou-se no calor da cama, envolvida pelo cheiro de almíscar do corpo de James Forrester. O odor era perturbador, mas não desagradável. Por alguma razão, transmitia-lhe uma sensação de segurança, quase como se Forrester estivesse a seu lado, os braços protetores a seu redor...

De repente, arregalou os olhos na escuridão. Com certeza, o capitão deveria saber que Quint estava bem atrás de Nad, aguardando com a faca em punho. Ele havia permitido que ela convencesse o pobre cocheiro a baixar a guarda, de modo que seus tripulantes pudessem matá-lo.

Talvez ele acreditasse ser necessário. Mas estava equivocado. Mais um minuto e Nad a teria deixado ir. O capitão Forrester fizera o que achava mais conveniente. Mesmo assim, Mavis sentia uma vaga sensação de traição. Por melhor que fossem suas intenções, ele a usara. Pensaria duas vezes antes de voltar a confiar nele.

James permaneceu na amurada, fitando a bruma escura e aveludada que envolvia o porto. Mesmo agora, ainda estava aturdido pelos acontecimentos daquela noite. Oh, ele já havia presenciado a morte de outros homens. Na verdade, inúmeras vezes. Não fora o modo frio com que Quint liquidara o pobre diabo que o havia perturbado, embora a surpresa do ataque o deixara por alguns instantes paralisado. Não, James tinha de reconhecer, fora a garota, Mavis.

Mais uma vez, podia escutar sua voz, um sussurro quase inaudível, doce como a brisa da primavera afagando os salgueiros. Ele se recordava como aquela voz enfeitiçara o brutamontes que a mantinha prisioneira; como o cocheiro baixara a arma e a teria deixado ir, se Quint não houvesse atacado, colocando um fim a tudo.

O que fora mesmo o que ela lhe havia dito? Ah, sim, dissera que podia domesticar animais selvagens. Um dom, acreditava ela. Ele fizera um comentário sardônico sobre o assunto e não pensara mais nisso. Mas nessa mesma noite, presenciara o exercício daquele dom.

Por sorte, não era supersticioso. Caso contrário, suspeitaria que a garota tivesse parte com bruxaria. De acordo com o que presenciara, o “poder” demonstrado nada mais era do que retrato de seu próprio caráter: mistura de sensibilidade, ternura e determinação. Impressionante, sem dúvida, mas sem qualquer motivo para preocupação.

James fitou as ondas escuras como breu que lambiam o casco do navio. O que havia com aquela garota, então? Por que ela o assombrava tanto?

— O homem já está pronto, capitão! — a voz de Quint ecoou vindo do convés principal.

Que tipo mais insensível esse tal Quint. Eliminara o cocheiro com a eficiência de um açougueiro e agora pavoneava-se, cacarejando, como se fosse um grande herói.

— Está bem. Já vou descer — disse James, suspirando e baixando os

degraus do convés superior.

Não fora fácil decidir o destino a ser dado ao corpo do cocheiro. Na verdade, Watson entrara no navio à força, atacara o vigia, deixando-o sem sentidos, e tomara violentamente um passageiro. Sua morte fora bem merecida e legalmente justificável. Mas se avisasse as autoridades, haveria atraso na partida do navio. E assim que lorde Dunsmore escutasse os rumores do que acontecera, ele poderia facilmente impedir a partida do *Pégasos*, ao menos até conseguir se apoderar de Mavis. Nessas circunstâncias, só havia uma coisa a fazer.

James baixou os olhos para o cadáver de Watson muito bem envolto em um pedaço de lona.

— Colocaram pesos suficientes?

— Sim — sorriu Quint, satisfeito. — Arrumei um bom pedaço de corrente das amarras de reserva da âncora. Vai afundar como uma pedra, se vai!

James assentiu, sem demonstrar sua repulsa por todo aquele incidente horrível.

— Muito bem, então. Para o mar com o pobre diabo.

Ficou observando enquanto Quint e outro homem erguiam o corpo de Watson sobre a amurada e atiravam-no ao mar. A pancada na água ecoou contra a lateral do navio, criando pequenas ondulações prateadas na superfície escura. E então, nada mais havia a fazer. O único vestígio que restara da presença de Nad Watson era a porta arrombada da cabine de Redding. A porta, pendurada no batente por uma única dobradiça, balançava, rangendo tristemente no silêncio da noite.

O mar estava agitado por enormes vagalhões e o vento enfunava as velas de lona do *Pégasos*, a proa afunilada mergulhando nas ondas espumosas. Para a tripulação do navio, o tempo prometia boas condições de navegação e viagem rápida. Muitos dos passageiros, no entanto, sentiam-se enjoados com o movimento constante da embarcação. Permaneciam prostrados em seus catres e redes, os rostos cinzentos como lençóis encardidos.

— Quantos dias faz que deixamos a Inglaterra? — perguntava a jovem mulher, movendo a cabeça de um lado para outro no travesseiro, as mechas de cabelo castanho-claro coladas ao rosto molhado de suor.

— Dezesseis dias — respondeu Mavis, passando um pano úmido em sua fronte. — O senhor Redding disse que dentro de um mês estaremos chegando

na Virgínia.

— Um mês ainda! E esse amaldiçoado navio balançando o tempo todo! Por Deus, eu estarei morta muito antes disso!

— Que conversa! — Mavis serviu um pouco de chá de camomila em uma caneca de ferro. — Você que tem um bom marido e espera um filho! Ora, tem uma vida longa e feliz pela frente, Mercy Hopwood! — Ela encostou a caneca nos lábios lívidos da mulher. — Tente tomar alguns goles, apenas um pouquinho. Vai ajudar a aliviar o enjôo. Vamos...

Mavis quase não sofrerá com o movimento do navio. Esse fato, somado a uma tendência natural à solidariedade, fez com que sua presença fosse constantemente requisitada para ajudar a confortar os doentes. Seus dias eram preenchidos com correria entre os conveses, preparação de chá de camomila na cozinha, e caminhadas com os doentes, amparando seus passos hesitantes ao longo da amurada. Algumas vezes o ritmo era cansativo, mas sentia-se feliz em poder ser útil. E era muito bom estar ocupada.

Para ela, os dias passavam depressa, quase rápido demais. O tempo transformara-se em algo quase precioso. Mavis contava os dias da viagem, agarrando-se aos que lhe restavam.

Eram seus últimos dias de liberdade.

— Só um gole — insistia ela. — Você precisa se esforçar, se não por você, ao menos pelo bebê.

Mas Mercy Hopwood virou o rosto.

— Não vou conseguir — balbuciou ela. — Apenas me deixem sozinha.

— Quem sabe mais tarde, então — disse Mavis, suspirando. — Nesse meio tempo, tente dormir um pouco.

Ele juntou os apetrechos para o chá e se esgueirou pela estreita porta da cabine. Haveriam outros que precisavam dela. Clive Hopwood aguardava do lado de fora, no estreito corredor.

— Estou muito preocupado com Mercy — confessou ele. — Ela está bastante debilitada.

— É verdade. E o bebê é para o mês que vem. — Mavis balançou a cabeça. — Ela nem ao menos quis o chá. Se pudesse tentar convencê-la...

— Eu tentei...

Clive Hopwood cocava a cabeça. Era um homem amável, gentil, tanoeiro por profissão. Ao contrário da maioria, havia pago pela cabine privativa para si e sua jovem e bonita esposa.

— É minha culpa. Se eu não tivesse insistido em fazer travessia antes do parto — disse ele, a voz embargada. — Mas por alguma razão, pensei que

seria mais fácil antes do bebê nascer.

— Ora, acalme-se — tentava confortá-lo Mavis. — Ela vai ficar bem. Você verá. Quem sabe, se eu deixar um pouco de chá, você poderia convencê-la a tomar um pouco.

— Não adianta. — Seus traços rudes espelhavam angústia. — Ela não o fará por mim. Ela diz que jamais me perdoará por havê-la tirado de casa e trazido para esse navio. Meu Deus! — estremeceu ele. — Às vezes penso que ela vai morrer só para me deixar cheio de remorso!

— Oh! — Por um instante Mavis ficou chocada. — Mas tudo isso vai passar assim que chegarem na América. Com certeza, você verá.

— Tenho minhas dúvidas. — Clive Hopwood meneava a cabeça em desespero. — Segundo me contaram, é um lugar formidável para um homem com disposição para o trabalho. Não há limites para o que ele pode conseguir. Mas para uma mulher sem condições financeiras de contratar criadas, será uma vida dura. E Mercy sempre foi uma garota delicada. É, nós deveríamos ter ficado na Inglaterra, onde ela era feliz!

Mavis ficou parada, a velha chaleira nas mãos, sem coragem de abandonar o homem naquele estado.

— Como imagina que será a vida na Virgínia? — perguntou ela, a voz baixa.

— Ninguém lhe contou nada sobre lá? — perguntou ele, surpreso. Mavis meneou a cabeça.

— Assinei um contrato no primeiro navio que se dispôs a me levar. Fanny, a cozinheira do lugar de onde eu vim, disse que haviam índios e animais selvagens, mas...

— Índios? Animais selvagens? — Ele riu, apesar da tristeza. — Não na Virgínia. E muito menos na região onde vamos descer. Os índios foram expulsos de lá há mais de quarenta anos. E quanto a animais selvagens, não verá nada mais ameaçador do que uma raposa ou um guaxinim. Segundo me disseram, aquele lugar é tão seguro quanto a Inglaterra. E os que possuem terras e dinheiro vivem como reis!

— Como reis... sim, e rainhas, posso imaginar.

Mavis tentava visualizar Célia Pomeroy, a mulher com quem James Forrester ia se casar. Seria ela bonita? Usaria sedas e jóias e viajaria em carruagens elegantes como as senhoras aristocratas da Inglaterra?

As respostas a essas questões frívolas não eram importantes. Mas haviam outras questões, muito mais profundas, que vinham perturbando sua mente desde o início da viagem.

Que tipo de pessoa seria Célia? Seria ela uma ama justa e amável? Poderia o amor dela apagar a solidão que atormentava tão profundamente os olhos azuis do capitão?

Perdida em suas divagações, Mavis assustou-se com a voz estridente.

— Ah, é aí que está! Já é mais que hora, menina! — Uma mulher desleixada e com os cabelos desalinhados, de uns quarenta anos, pôs a cabeça para fora da porta da cabine ao lado. — Meu velho está doente e acamado mais uma vez. E não há ninguém para lavá-lo e esvaziar a bacia!

Os olhos de Clive Hopwood se estreitaram.

— Gostaria de sugerir que a senhora mesma se ocupasse disso, senhora Fealey.

— Cuidado com a língua, senhor Hopwood. Existem determinados trabalhos que não são dignos de pessoas de nossa classe social. É para isso que servem as pessoas do tipo dela. — Hester Fealey inclinou levemente a cabeça, em um gesto maldoso. — Afinal, ela não faz esse trabalho para a sua mulher?

— Sim, mas é por gentileza, e não por...

— Está bem, eu já vou — disse Mavis, amável.

Não gostava nem um pouco da senhora Fealey, mas seu marido, um homem franzino e calado, causava-lhe muita pena.

— Já vou cuidar dele. Não me custa nada — disse ela. Hester Fealey sorriu afetadamente. Antigos proprietários de uma fazenda na Inglaterra, ela e o marido a haviam vendido por bom preço. Na América, pretendiam comprar uma gleba de terra muito maior, plantar tabaco, adquirir inúmeros criados e ascender socialmente para juntar-se à aristocracia do Novo Mundo.

— Ele sujou os lençóis. Precisam ser trocados — disse ela, enquanto Mavis entrava na cabine. Então dirigiu-se a Clive Hopwood. — É assim que vejo as coisas. A garota se vendeu para ser criada. É bom que ela aprenda desde já a respeitar aqueles que lhe são superiores. O senhor não concorda?

Ao terminar a limpeza da cabine e o asseio de Edwin Fealey, Mavis sentia a cabeça rodar pelo mau cheiro que exalava da cabine. Subiu até o convés principal, inspirando profundamente o ar puro do mar. Ela se permitiria um pequeno descanso para recuperar o fôlego e se tranquilizar. Então, iria para o convés inferior, de volta à área aberta que compartilhava com outros vinte e três passageiros solteiros, também contratados. Tratava-se de um grupo muito mais resistente do que o composto pelos passageiros pagantes, e poucos enjoavam. No princípio, Mavis considerara cruel a atitude do capitão em dispensar os que não gozavam de boa saúde. Só agora

começava a entender suas razões.

Caminhou em direção a um lugar protegido ao longo da amurada, meio escondido por um enorme barril de água. Descobrira-o na semana anterior e, desde então, transformara-o em seu pequeno refúgio. Sempre que podia, vinha ali para descansar e observar as ondas de espumas formadas pela popa do navio.

Esgotada, Mavis suspirou, apoiando os cotovelos na amurada. O vento castigava seu rosto, acariciando seus longos cabelos negros. Fechou os olhos, saboreando a doce sensação.

No princípio, o mar a assustara. Era tão vasto, estranho e instável. No entanto, agora sentia-se em casa, o barulho das ondas e do vento nas enormes velas produzindo um efeito tranqüilizante nela. Até mesmo o balançar do navio parecia-lhe tão natural quanto o pulsar da terra. Aprendera a se mover pelo navio sem resistir, em harmonia com o movimento das águas.

Pelo canto dos olhos, podia ver James Forrester no convés superior. Ele tinha a cabeça descoberta, o casaco desabotoado e a camisa branca aberta na altura do pescoço. O vento jogava para trás seus cabelos prateados enquanto ele dava instruções ao timoneiro que manejava o leme de uma plataforma abaixo. Com sempre, parecia completamente absorto em seu trabalho.

Desde a morte de Nad Watson, Mavis esforçava-se para ficar longe de seu caminho. Ela já lhe causara problemas em demasia. Não lhe traria qualquer benefício transformar-se em estorvo durante a viagem.

Ainda assim, cada vez que ela vinha até o convés, seus olhos o buscavam. Havia algo na figura alta e autoritária que a atraía. Até mesmo o modo como ele caminhava, arrastando levemente a perna esquerda, rígida, tinha certa graça, ou mesmo a cicatriz tão estreita como uma lâmina que marcava o rosto desde a têmpora até o queixo voluntarioso. James Forrester já vivera o perigo. Já sofrerá. Quanta dor ele ainda carregaria dentro do peito? Por que não conseguia ela penetrar aquela couraça dura e ríspida que escondia o homem sensível que ela pressentia existir ali?

Muitas vezes Mavis lamentara sua própria inocência. Ela crescera cercada pela natureza. Observara os embates de veados machos em época de cio e testemunhara o acasalamento de pássaros, suas asas alvoroçadas. Até mesmo segurara a lamparina enquanto seu pai ajudava as éguas parirem potrinhos trêmulos e úmidos nos estábulos de Dunsmore. Mas pouco sabia sobre o relacionamento entre homens e mulheres.

Oh, a parte física ela entendia. O acasalamento entre seres humanos, imaginava ela, deveria ocorrer da mesma forma das demais criaturas. Mas os

desejos, as emoções que induziam homens e mulheres a se comportarem como o faziam... isso consistia em verdadeiro mistério para ela. Mesmo agora, com uma idade em que a maioria das moças já se haviam casados e já tinham bebês, Mavis de vez em quando se sentia como na infância. Homens ríspidos e inescrutáveis como James Forrester a aturdiavam. Patifes devassos como lorde Percy Dunsmore enchiam-na de terror.

A vida era tão menos complicada quando era uma menina, refletia ela, observando os mastros e o vento acariciando as enormes velas brancas. Seu mundo era seguro, então, com seu pai protegendo-a e seu lar, os lindos campos de Dunsmore. Agora ela havia crescido e tudo mudara. Jamais se sentira tão vulnerável, tão só.

Uma figura trepada no meio do mastro da mezena chamou sua atenção e acenou-lhe. Era Quint, o homem que matara Nad Watson. Com o peito desnudo, escalava o mastro sob o vento forte, como um macaco — os braços longos, fortes e ágeis. Mavis estremeceu. Por quanto tempo estaria observando-a? Talvez imaginasse que ela lhe devia algo por haver dado cabo de Nad.

Perturbada, desviou o olhar, deu as costas à amurada e ficou olhando as ondas. Essa manhã elas tinham a cor das esmeraldas, a espuma brilhando contra o sol. Por um momento, ela tentou perder-se nelas, deixando com que o jogo de cores e movimento preenchesse sua mente. Mas não conseguiu. Nada conseguiria dissipar a vaga sensação de mal estar que a invadira como nuvens de uma tempestada que se avizinhasse.

Talvez devesse ter permanecido no convés inferior. O fato de costumar passear sozinha no convés, observando o mar preguiçosamente debruçada na amurada, poderia dar a idéia a homens como Quint que estivesse em busca de companhia. Mais cedo ou mais tarde, haveria confusão. E James Forrester, ela bem sabia, iria culpá-la. Ele havia lhe dito para manter-se afastada dos tripulantes.

Mavis já ia voltar quando percebeu o pássaro. Ele voava bem próximo à superfície da água, uma criatura graciosa semelhante a uma gaivota, com a cabeça branca e as asas longas cinzentas. Que fazia por ali, tão longe da terra firme? Onde viveria ele?

O pássaro mergulhou na onda, soltando um grito rouco. Quase sem pensar, Mavis debruçou-se na amurada e respondeu imitando-o com perfeição. Na Inglaterra, passara longos verões imitando pássaros e atraindo-os para perto de si. Eles a fascinavam com seus olhos inteligentes e brilhantes, e suas penas perfeitas.

O pássaro gritou mais uma vez e voou até a amurada onde se empoleirou, fitando Mavis curiosamente. Foi então que ela se lembrou do biscoito, no bolso de seu avental. Havia sido chamada para socorrer alguém durante seu café da manhã e o guardara ali, com a intenção de comê-lo mais tarde. Partiu um pedaço e colocou-o sobre a amurada onde o pássaro pudesse vê-lo. Então, recuou alguns passos e começou a assobiar baixinho.

Do convés superior, James podia controlar todo o movimento do navio, inclusive do convés logo abaixo. Ele havia visto Mavis subir e esconder-se em seu lugar preferido, atrás do barril de água. Assistira à cena, meio divertido, enquanto ela colocava as migalhas de biscoito e tentava atrair o pássaro. Agora, estava realmente impressionado, mal podendo acreditar em seus olhos.

No princípio, o pássaro, que ele reconhecera como um fulmar, não se movera de seu poleiro, a cabeça esticada, desconfiado. Então, depois de muito tempo escutando o chamado de Mavis, ele abandonara o poleiro e voara sobre a amurada para roubar as migalhas. Agora ela segurava o resto do biscoito entre os dedos. Estava em pé, absolutamente imóvel, com exceção dos lábios que produziam sons semelhantes aos do pássaro.

O fulmar, ainda desconfiado, aproximava-se passo a passo pela amurada. Mavis mantinha a mão estendida, aguardando com infinita paciência. James prendeu a respiração enquanto o pássaro hesitava para em seguida esticar o pescoço e roubar dos dedos dela o pedaço de biscoito; logo, alçou vôo em direção ao mar.

Sem saber bem por quê, James foi atraído até onde ela estava. Mavis limpava as migalhas que restavam sobre a amurada quando ele se aproximou, o olhar dela ainda acompanhando o vôo do fulmar.

— Aquilo foi impressionante. Foi algum tipo de truque? Ela ergueu os olhos verdes, calmos como o mar.

— O pássaro, quer dizer?

— Sim. Eu estava observando você. Como foi que fez aquilo? Ela virou-se de frente para a amurada. O pássaro agora era apenas um pontinho no céu.

— Eu lhe disse que tenho jeito com os animais silvestres — disse ela, em voz baixa. — Se pensa que era algum tipo de truque...

— Não — negou ele, logo arrependido. — O que aconteceu foi muito real. Eu vi com meus próprios olhos. Mas não entendo.

Ela meneou a cabeça. Os longos cabelos flutuaram ao sabor do vento, caindo sobre suas costas como se fossem uma cascata de fitas de seda negra. James lutou contra a tentação de acariciá-los.

— Eu mesma não consigo entender — disse ela, a voz rouca e baixa. — Animais selvagens parecem confiar em mim. É como se soubessem que eu jamais lhes faria mal.

— E é tudo?

James analisava os traços delicados de seu perfil. Seus cílios eram negros como carvão, contrastando com a pele dourada.

— Diga-me — prosseguia ele —, você alguma vez conseguiu capturar animais selvagens dessa maneira?

— Capturá-los? — Ela fez que não enfaticamente. — Oh, eu jamais poderia fazer isso! Eles sentiriam, saberiam, e não se aproximariam de mim! Não percebe?

Ela o fitou, inundando seus sentidos com o súbito impacto de seus olhos verdes. James ficou paralisado sob o poder daqueles olhos, quase como qualquer uma daquelas criaturas selvagens.

— Que garota estranha é você — murmurou James.

Ela desviou o olhar e afastou-se dele, subitamente tímida e sem jeito. Seus dedos torciam a barra do avental, nervosamente.

— Jamais pensei que poderia ver pássaros tão longe da terra firme — disse ela, para disfarçar seu embaraço. — Onde vivem eles? Há alguma ilha por perto?

— Não por esses lados — disse ele, ainda perturbado com a mudança de atitude. — Alguns pássaros, como o fulmar, o albatroz e a andorinha-do-mar, passam grande parte de suas vidas no mar, apenas indo de um lado para outro, sem destino. Às vezes, seguem os navios.

— Ah, sim — murmurou ela, os olhos fixos no horizonte. — Pássaros viajantes.

— O quê?

— É uma expressão que li em um dos livros de meu pai. Durante muito tempo fiquei imaginando o que poderia significar. Agora acho que sei — disse ela, fitando-o com os olhos brilhantes. — Pássaros viajantes possuem toda a liberdade do mundo. Podem ir aonde quiserem e ver tudo o que desejarem sem nada ou ninguém que os impeça.

James permaneceu com os olhos fixos no pontinho que se perdia no céu e então voltou-se.

— Pela maneira como fala parece que inveja esses pássaros viajantes.

— Talvez seja verdade — disse ela sorrindo timidamente. — Passei toda minha vida dentro da propriedade Dunsmore, até o momento em que subi em seu navio. Não tinha idéia do que era viajar, ser livre. Agora, que já

provei o gosto da liberdade, é verdade, acho que os invejo sim. Sinto que poderia ficar aqui em pé nesse convés e navegar pelos mares para sempre! Não pode haver nada melhor, exceto poder voar!

— Seguindo seu raciocínio, eu tenho sido um pássaro viajante por mais de quinze anos — comentou ele, rindo.

— E gosta dessa vida?

James fitou os mastros onde as enormes velas infladas de vento erguiam-se contra o céu azul e límpido.

— Sim — respondeu ele, devagar. — Exceto pela solidão, eu realmente gosto muito. Há algo de muito honesto, muito livre em navegar pelos mares. Mas chega um momento em que um homem é obrigado a escolher. Eu desejo uma esposa, uma família.

— E a senhora Pomeroy? Não que eu tenha algo a ver com isso, mas ela não gostaria de compartilhar essa vida? Já que lhe perguntou a respeito?

— Célia? — James meneou a cabeça, divertido com a temeridade de Mavis. — Eu jamais poderia pedir-lhe para abandonar sua casa e suas terras, todos seus bens, seus amigos.

Ele deu uma espiada na direção de Mavis que inclinava-se na direção do vento, os cabelos flutuando, deixando o rosto à mostra.

— A vida no mar é muito difícil para uma mulher — prosseguiu ele. — E Célia nasceu para viver cercada de luxo e conforto. Ela jamais morou em outro lugar que não fosse Fairhaven.

Mavis fez que sim, sem fitá-lo.

— Não quer me contar um pouco sobre Fairhaven? Tenho tentado tanto imaginá-lo. É um nome tão lindo.

James concentrou-se, tentando se recordar. Era estranho como nas últimas poucas semanas o lugar, e mesmo o rosto de Célia, pareciam esfumaçar-se de sua memória.

— É verdade, o nome cai bem a Fairhaven — disse ele. — Quinze mil hectares de terra de primeira, bem às margens do Rappahannock. A cada ano, produz uma excelente safra de tabaco.

— Mas é enorme! — comentou Mavis, os olhos arregalados. — Toda a propriedade Dunsmore cabe muitas vezes nessa área. Deve parecer um oceano verde, toda recoberta dos campos cultivados de tabaco!

— Bem, dificilmente, embora seja verde — James teve de sorrir com a imagem tão vivida. — O tabaco, veja, arruina o solo depois de alguns anos. Pode-se colher três, quem sabe quatro vezes na mesma área. Depois disso, pode-se usar a terra para o cultivo de milho por certo tempo. Mas cedo ou

tarde, nada mais há a fazer, exceto deixar a área descansar e as matas nativas retornarem. Para cada vinte hectares de terra, apenas dois ou três são cultivados com tabaco.

— Entendo — suspirou ela, como se uma dúvida íntima tivesse sido esclarecida. — Quer dizer que haverá áreas silvestres, com árvores, pássaros e outros animais. Fico feliz com isso.

— A casa dá para o rio — contou ele. — Tem dois andares e dezesseis ou dezessete cômodos, eu diria. É um lugar muito elegante para os padrões da Virgínia, embora eu já tenha visto outras maiores e mais imponentes.

E Célia também, refletiu James. Era por isso que ela insistira para que ele construísse uma nova casa para eles, um verdadeiro palácio, nas terras que ele comprara. Ela desejava uma mansão.

— A mansão Dunsmore tinha três andares e mais de... Oh, mas por que devo falar sobre isso? É tudo passado, agora. O que mais pode me contar sobre Fairhaven?

James forçou-se a desviar os olhos dela, em direção ao horizonte.

— Vamos ver... — resmungou, distraído pela proximidade dela. — Ao lado da casa, estão os celeiros e os estábulos, os galpões de tabaco e depósitos, as cabanas dos escravos...

— Cabanas dos escravos? — O corpo esguio dela se enrijeceu.

— Isso mesmo — James ignorou o tom consternado.

Ele também não gostava de escravatura e jamais transportara escravos em seus navios; mas era uma realidade na Virgínia. O quanto antes Mavis se acostumassem com a idéia, melhor seria para ela.

— Incluindo os trabalhadores do campo e os criados da casa, há mais de cem escravos negros em Fairhaven — prosseguiu ele. — Uma fazenda jamais poderia funcionar sem eles.

— Entendo. — Ela baixou os olhos para as ondas. Suas mãos descansavam sobre a amurada, maltratadas, e ainda assim graciosas. — E a senhora?

— Perdão? — James percebeu de súbito que se perdera, admirando-a.

— A senhora Pomeroy. Ela... é gentil com eles?

— Com os escravos, você quer dizer? — James recordou-se da maravilhosa Célia e percebeu que tal pergunta jamais lhe tinha ocorrido. — Ela é uma verdadeira lady. Não consigo imaginá-la sendo grosseira com quem quer que fosse.

— E há crianças por lá? — perguntou Mavis animada, os olhos brilhando. — No contrato consta que ela é viúva.

— Você gosta de crianças?

— Sim, gosto muito. Embora não houvesse nenhuma na casa onde cresci. Éramos apenas meu pai e eu. Eu sempre tive esperança de que ele se casasse outra vez para me dar irmãos e irmãs, mas... — Ela apertou os lábios e balançou cabeça. — Ele jamais o fez.

— A senhora Pomeroy têm dois filhos — revelou James. — Mas estão na Inglaterra, recebendo educação apropriada.

— Oh — suspirou desapontada Mavis. — Mas assim que se casarem, com certeza virão os filhos!

James sentiu-se enrubescer.

— Sim, ao menos é o que espero.

— Oh, eu também! E espero que ela me permita ajudá-la com eles. Adoro carregar bebês.

Ela ergueu o rosto e fitou-o, a expressão tão inocente como a de uma criança. Observando, James sentiu de súbito todo o peso de sua solidão, como se toda a vida dele tivesse sido um deserto árido desprovido de emoções.

Seus olhos verdes eram como uma oásis tranqüilo e fresco, atraindo-o. Sem querer, estava inclinado-se sobre ela, buscando-a...

Ela engasgou assustada, quebrando o encanto. A realidade, o convés, os homens, suas promessas à Célia, retornaram como por encanto. Ele se recordou de quem era, e lembrou-se do contrato assinado, guardado em sua cabine. E ela também se lembrou.

— Eu... sinto muito estar tomando seu tempo. Também preciso ir. Há pessoas no convés inferior que necessitam de minha ajuda. Devem estar à minha espera!

— Sim, imagino que... — começou a dizer ele, contudo ela já desaparecera de vista.

Por um longo momento, James permaneceu sozinho na amurada, procurando-a. O vento frio castigava seu rosto e o grito rouco do fulmar zumbia em seus ouvidos, muito longe, como um eco.

CAPÍTULO IV

A lamparina balançava suavemente do gancho de latão, criando sombras que dançavam como fantasmas por toda a cabine. Do lado de fora ecoavam os passos diligentes do vigia ao longo do convés superior, e por uma escotilha aberta penetrava o cheiro de umidade da bruma do mar, misturado à fumaça de tabaco.

James sentava-se na beirada do catre, pronto para dormir, nas mãos um retrato em miniatura em uma moldura dourada. O retrato de uma mulher.

Tentou se concentrar na imagem, mas estava cansado demais. O bonito rosto de Célia Pomeroy surgia e desaparecia desfocado diante de seus olhos. Por vezes, naqueles momentos embaçados, seus cabelos loiros penteados com todo o requinte pareciam tornar-se negros, acariciados pelo vento; os olhos azuis brilhantes transformavam-se em verdes da cor de jade, enfeitiçadores.

Ele imaginara que concentrando-se em Célia, realmente pensando nela, conseguiria esquecer essa súbita obsessão pela garota que em breve trabalharia como criada em sua própria casa. Mas já fazia quase cinco meses que não via a futura esposa. E a cada dia, tornava-se mais difícil recordar o rosto perfeito de Célia, sua voz límpida de soprano e postura elegante.

Estranho como a lembrança difusa se distanciara da imagem capturada nesse pequeno retrato. Ele quase havia esquecido o formato do pequeno nariz arrogante; a alegria de seus olhos; a delicadeza do pequeno sinal no canto da boca.

Ela estava a sua espera, tentava se lembrar. E quando o *Pégasos* aportasse em Leedstown dentro de três semanas, ele desejava ir ter com ela com o coração aberto e consciência limpa.

Para alguns poderia parecer tolice, mas acreditava em fidelidade. Desprezava homens como lorde Dunsmore, que se divertiam com as criadas às costas de suas esposas. Ele não se perdoaria se viesse a se comportar da mesma forma. Não era apenas uma questão de amor mas sim de honra. Por Célia, e por ele mesmo, tinha de se portar de maneira digna.

Era por isso que não podia se permitir encarar Mavis como alguém especial. Por mais vulnerável e delicada que pudesse parecer, por mais que sua beleza o intrigasse, não poderia permitir que fosse para ele algo mais do que uma criada e o enfeitiçasse. Afinal, ele era um homem, dotado de

vontade própria, e não algum pássaro selvagem que ela podia encantar com um olhar e um chamado suave.

James recolocou o retrato de Célia em seu armário e afastou os lençóis. Então apagou a lamparina, tirou o roupão e deitou-se na cama, o corpo nu, musculoso.

Fechou os olhos esperando o sono. Fora um dia longo e cansativo. Uma adriça desgastada se quebrara; três barris de carne salgada haviam estragado; e dois dos tripulantes atracaram-se com punhais por causa de alguma aposta idiota. No dia seguinte, ambos seriam açoitados no convés como exemplo para os demais.

Que pena que nenhum deles tivesse sido Peter Quint, pensou James. Quint chegara à beira da insolência durante toda a viagem, sem jamais escorregar o bastante para merecer punição. Assim que o *Pégasos* chegasse a Virgínia, pagaria o miserável e o despacharia.

James suspirou, enquanto mergulhava profundamente no sono. Sim, fora um dia muito tenso. E mesclado a todos os problemas vinha-lhe a lembrança de seu encontro com Mavis, as mãos pequenas e fortes estendidas para o fulmar; a admiração em seus olhos quando encontrara os dele; a súbita timidez e o recuo...

Ele estava flutuando agora. Sonhos dançavam em sua mente, uma cena se dissolvendo em outra até que ele se viu nas sombras profundas de uma floresta. Era o dia de seu casamento, ele se deu conta. Ele saíra para caçar para passar o tempo antes da cerimônia e, por alguma estranha razão, sua caminhada o levava para lá.

O lugar estava absolutamente silencioso, como apenas os lugares dos sonhos podem estar. Tímidos raios de sol infiltravam-se por entre as folhas das árvores tocando as asas brancas de borboletas que flutuavam preguiçosamente no ar. O chão da floresta parecia um veludo, recoberto de musgo.

De repente, percebeu um movimento imperceptível entre as árvores, algo pálido e gracioso, esquivo como uma ninfa da floresta. Sim, ele viu outra vez e correu em sua perseguição. Tinha a forma de uma garota, com membros esbeltos e dourados e cabelos caindo em cascata. Cabelos negros como a noite.

Ela corria como o vento e ele a seguia, voando sobre poças escuras, por entre galhos emaranhados e sombrios, através de pradarias cobertas de samambaias e papoulas cor-de-vinho. Seus longos cabelos cobriam o corpo nu como um véu, e ela corria, o rosto sempre escondido, logo à frente dele.

Pouco a pouco, James se deu conta de um crescente desejo por ela. Inundava-o como uma onda doce e quente, causando dor tão intensa que mal podia mover as pernas. Ainda assim, ela não conseguia abrir distância entre eles. Na proximidade provocante, as pontas dos cabelos negros quase lhe tocavam os dedos, enquanto se esforçava para alcançá-la.

Por fim, à beira de um abismo alto, ela hesitou. James esticou o braço e agarrou-a pelos cabelos. Então, fez com que se voltasse.

Os olhos verdes se arregalaram ao encará-lo. Os lábios se entreabriram. Então, com um curto grito de pássaro, ela atirou-se em seu braços. Maravilhado, James apertou-a entre os braços. Não era uma ninfa nem um espírito, mas uma mulher de carne e osso, o corpo real e quente, o coração batendo forte contra o seu.

— Mavis — murmurou, enterrando o rosto na curva acetinada de seu pescoço, sentindo a pulsação contra seus lábios.

A pele dela tinha sabor de sal após a longa corrida, o cheiro almiscarado mais inebriante do que qualquer perfume.

— Mavis...

Puxou-a de encontro ao corpo, moldando-o contra si. Sentiu as coxas firmes e jovens, a curva suave de suas costas, os botões firmes de seus seios. Inclinou-se e cobriu com a boca o bico do seio, sentindo-o enrijecer-se sob a língua. Ela gemeu baixinho e com as mãos atraiu-o para si.

Atordoadado com o desejo urgente, ele fez com que ela se deitasse sobre o tapete de musgo. Tímida, mas ansiosa, ela entreabriu as pernas e atraiu-o para seus braços. Ele preparou-se para entrar-se nela...

Nesse instante, houve um movimento agitado em seus braços, uma sensação de luta e de repente, ela se havia ido. Ele estava deitado no chão sozinho.

Desnorteado e terrivelmente frustrado, virou-se de costas e fitou o céu por entre as copas das árvores.

Uma sombra — a sombra de asas abertas — encobriu o sol por um segundo. Assim que desapareceu, uma única pena flutuou para o chão, caindo a seu lado...

Abriu os olhos de repente. James estava deitado em seu catre na cabine escura como breu, os lençóis empapados de suor, o corpo dolorosamente excitado.

Soltando um palavrão, ergueu-se apoiando-se no cotovelo. Havia sido apenas um sonho. Estava só. Nada havia acontecido.

Mas algo acontecera, percebeu ele, ainda que apenas em sua mente. Seu

coração ainda batia disparado. E ele ofegava, tão excitado que mal podia se mover. Isso era uma loucura!

Deixou-se cair mais uma vez sobre o travesseiro. Só havia uma única solução para acabar com sua própria tortura: simplesmente precisava afastar a garota de sua mente até o final da viagem.

Não seria fácil, não havia a menor dúvida. Mas afinal, era um homem dotado de razão e força de vontade. Faria o que fosse necessário.

Assim que estivesse outra vez com Célia, tudo passaria, tentava se convencer. Ficaria mesmo surpreso que essa garota, uma simples criada, houvesse atraído sua atenção.

Fechou os olhos, inspirou profundamente e tentou relaxar. Mas seu corpo ainda estava atormentado, dolorido. Permaneceu imóvel, amaldiçoando baixinho.

Maldita garota! Por que fora escolher bem o seu navio, bem a sua última viagem antes do casamento? Por que não ficara com Dunsmore, ou fora buscar outro capitão? Por que ele, entre tantos outros? Por que agora, entre tantas outras viagens? Maldita fosse! Maldita!

Mavis acercou-se da amurada, o olhar perdido nas ondas. O mar tingira-se da cor da ardósia, a superfície plana refletindo o domo baixo e a cor cinzenta do céu. O ar estava fresco, com aquele tipo de névoa que antecede uma tempestade.

Acima, no convés superior, ela podia ver o capitão, o casaco aberto, os cabelos prateados jogados para trás pelo vento. Ele conversava com o timoneiro, observando o céu. Quando ele se voltou na direção dela, Mavis rapidamente desviou os olhos. Não seria bom que o capitão a pilhasse espiando-o.

Que homem estranho, esse James Forrester. Já havia passado mais de uma semana desde que se haviam encontrado ali, na amurada e, desde então, ele mal lhe dirigira a palavra. O que havia de errado? Teria ela dito ou feito algo que o aborrecera? Será que se sentiria constrangido se o vissem conversando com algum dos contratados?

Apenas sabia que quando ela cruzava com ele na amurada ou encontrava-o em algumas das estreitas passagens no convés inferior, quase podia sentir a hostilidade refletida no semblante, a frieza dos olhos azuis.

E isso a magoava muito, como se uma adaga de gelo fosse enterrada em seu coração! Por quê? Por que se importaria com o que ele pensava dela? Algumas vezes, ela não conseguia entender-se, tanto quanto não entendia James Forrester. E ele já era um grande mistério.

Talvez ele se achasse bom demais para ela, especulava, aborrecida com a idéia. Como se navios, terras e dinheiro tivessem algo a ver com o verdadeiro valor de uma pessoa. Não era justo! Ele não tinha o direito ou qualquer motivo para tratá-la com desprezo!

Mavis soubera da extensão da fortuna de Forrester por Saul Redding, o imediato, cuja cabina ela ocupara naquela terrível primeira noite a bordo do *Pégasos*. Redding, tão afável quanto o capitão era rude, tinha esposa e cinco filhos na Inglaterra. Sua segunda filha era da idade de Mavis e acabara de lhe dar um neto.

Ele e Mavis conversavam bastante, assumindo um relacionamento natural de pai e filha. O imediato era um homem de porte avantajado, que começava a exibir uma barriga de meia-idade, seus cabelos loiros embranquecidos começando a rarear. Tanto a tripulação quanto os passageiros gostavam muito dele, considerando-o um intermediário entre eles e o duro capitão.

Mavis conversara com ela sobre a Inglaterra, as saudades que sentia, suas apreensões sobre sua vida no Novo Mundo, trabalhando como criada. Ele lhe falava da família, dos filhos, da insistência de sua mulher para que se aposentasse a fim de que pudessem desfrutar juntos os anos que lhes restavam.

No entanto, na maioria das vezes, as conversas giravam em torno de James Forrester.

Agora, Mavis já sabia bastante a respeito do estranho capitão. Descobrira como se acidentara e também como conseguira aquela cicatriz, quase perdendo o olho em um duelo em seus tempos de juventude por causa de uma garçonne de Porthsmouth. Quanto à fortuna de James Forrester, fora para ela grande surpresa. Jamais lhe havia ocorrido que ele fosse o proprietário desse navio, para não falar em três outros que havia vendido por soma tão alta que poderia viver como um rei na Virgínia.

Quanto a Fairhaven, ela imaginara que ele se tornaria um senhor de terras pelo simples fato de se casar com Célia. Até que Redding lhe contasse, ela não tinha idéia de que ele havia adquirido enorme extensão de terras adjacentes às de sua noiva, ou de que estava construindo uma mansão para ele e sua futura esposa.

Mavis suspirou, fitando as ondas. Ah, fora uma tola em imaginar que o capitão poderia ser seu amigo. Ele estava prestes a se tornar um dos homens mais poderosos das colônias, dono de uma casa tão imponente quanto a mansão Dunsmore e noivo de uma mulher deslumbrante. Redding também

lhe contara que Forrester estudara leis em sua juventude, antes de decidir-se pela carreira militar naval e que agora, por insistência de Célia, pensava em seguir a carreira política.

De qualquer modo, ele deixara bem claro que não tinha tempo para uma simples criada. Era algo que ela deveria encarar de frente e resignar-se, conformando-se em aceitar sua própria condição subalterna. Além de tudo, tratava-se de um homem comprometido com outra mulher!

Passou os dedos impacientes pelos cabelos. Oh, mas era estupidamente injusto que alguns fossem ricos e outros pobres; que alguns fossem servos e escravos e outros senhores...

— Senhorita Whitney! Que bom que a encontrei! — exclamou Clive Hopwood, interrompendo seus pensamentos. — É a Mercy. Ela disse que está com muita dor! Meu Deus, você acha que pode ser o bebê...

— É cedo demais! — Mavis sentiu uma onda de pânico.

Ela ajudara o pai no parto de carneiros e cavalos, mas não tinha conhecimentos médicos. Se o bebê estivesse realmente para nascer, e se houvesse complicações, que Deus ajudasse a pobre Mercy Hopwood...

— Depressa! — disse Clive. — Ela está chamando por você. Não permite que ninguém mais se aproxime dela...

— Vamos, então — disse ela, afastando-se de imediato da amurada.

Foi surpreendida por uma lufada de vento forte e cortante que castigava seus cabelos e levantava suas saias enquanto seguia atrás de Clive Hopwood. “Deus do céu”, rezava silenciosamente. “Por favor, por favor, não permita que seja o bebê!”

James observava Mavis caminhando depressa, seu olhar acompanhando-a até que desaparecesse de vista. A cada dia, quando ela aparecia no convés, ele se deliciava com a visão. Oh, ele sabia o que tinha a fazer, mas não podia resistir à tentação de olhar. A mera visão dela, aquela cabeça erguida de modo altivo, aquele andar inocentemente sensual, aqueles cabelos... uma bandeira de seda flutuando no vento, atraíam-no como um ímã.

Agora ele já a conhecia o suficiente para saber que estava preocupada. Sim, deveria ser algo a respeito da esposa de Clive Hopwood, deduziu. Se o bebê estivesse para nascer, Mavis teria muito o que fazer. A bonita e frágil Mercy Hopwood não lhe parecia o tipo de mulher que fosse ter um parto fácil.

Murmurou uma imprecisão, lutando contra uma sensação de mau presságio. Se algo desse errado, ia se sentir parcialmente culpado. Fora ele quem permitira que Clive Hopwood subisse a bordo acompanhado de sua

mulher grávida. E ainda que algumas mulheres tivessem dado à luz com segurança nos mares, ele deveria ter percebido, notado...

— Maldição! — murmurou, batendo o punho na amurada.

Se ao menos houvesse um médico a bordo. Se ao menos ele próprio tivesse tido algum treinamento em medicina. Do jeito que as coisas estavam, a vida de Mercy Hopwood e de seu bebê dependeriam dessa garota, carinhosa, mas inexperiente, uma garota que tinha muito jeito com animais!

Talvez ele devesse descer e tentar dar algum tipo de apoio. Ao menos averiguar se entre os tripulantes e demais passageiros houvesse alguém que já ajudara em algum parto.

Mas não. Uma espiada para o céu foi o bastante para saber que não poderia se afastar do convés. Nuvens negras aglomeravam-se no horizonte na direção norte. O vento soprava em rajadas, vindas de todos os lados, inflando as velas de um lado e em seguida, do lado oposto.

— Parece que vamos ter uma tempestade, senhor — comentou Redding, subindo ao convés superior, a expressão preocupada em seu rosto bonachão.

— É sim. E pode ser muito violenta — concordou James. — Você já esteve no convés inferior?

O imediato assentiu.

— A senhora Hopwood está com as dores do parto. Parece que o bebê está chegando um pouco cedo demais — suspirou Redding, olhando na direção do vento. — Ela não é uma mulher forte. Os prognósticos não são nada bons.

— É, tem razão — concordou James, sentindo uma pontada de desânimo. — Redding, você já teve vários filhos. Não há nada que se possa fazer pela pobre mulher?

— É a mim que está perguntando? — Redding meneou a cabeça. — Sempre foi minha boa mulher que se ocupou dessas coisas. Eu sempre estava no mar quando os bebês nasciam.

— Nesse caso, não há esperança de ajuda para a mulher de Hopwood?

— Só se for da parte daquela garota de cabelos negros. Ela está fazendo o melhor que pode.

— Mas não é médica. Ora, não passa de uma criança! — protestou James.

— É verdade — admitiu Redding. — Mas eu a vi tratando os doentes. Ela tem mão firme e carinhosa. Nesse navio, não há ninguém melhor.

James deixou escapar um suspiro profundo. Ele já havia perdido alguns homens a bordo devido a doenças e ao mar. Era trágico, mas fazia parte do dia a dia, quase inevitável. Mas jamais perdera uma mulher ou uma criança.

O terrível peso dessa possibilidade pesava-lhe como chumbo nos ombros.

A tempestade o obrigaria a permanecer no convés durante as próximas horas. Mas seu pensamento estaria com Mavis enquanto ela estivesse lutando para salvar Mercy Hopwood e seu bebê. Lembrou-se das pequenas mãos de Mavis, tão delicadas e, no entanto, tão fortes e capazes. Aquelas mãos iriam precisar de toda a habilidade nas horas seguintes. E com a aproximação da tempestade, que Deus a ajudasse. Que Deus ajudasse a todos eles.

Franziu o cenho para o céu que escurecia.

— Recolha a vela de mezena, senhor Redding — disse ele. — Vamos ter uma tempestade violenta.

Mavis agarrava com força as mãos molhadas de suor de Mercy Hopwood.

— Empurre, Mercy — insistia desesperadamente. — Você precisa tentar com mais força!

A lamparina dançava enlouquecida em seu gancho enquanto o *Pégasos* guinava e jogava de popa à proa. Do lado de fora, Mavis podia escutar os ruídos da tempestade. Podia escutar o vento zumbindo como se fossem centenas de seres mitológicos anunciando a morte e o barulho ensurdecedor das enormes ondas castigando o casco do navio.

James Forrester devia estar lá fora, lutando para manter o navio à tona. Ela podia imaginá-lo lutando para manter-se de pé no convés molhado e escorregadio. Talvez nesse mesmo instante ele estivesse sendo atirado para fora, tragado pelo oceano voraz.

Anteriormente, Mavis quase se havia convencido de que James não era importante para ela. Agora, no entanto, o medo que sentia por ele era tão forte que tinha vontade de cair em prantos.

Mas não. Não era o momento para deixar-se levar pelas emoções.

Tinha sérias responsabilidades a enfrentar. Mercy Hopwood estava em trabalho de parto há horas. Agora, seu bebê estava pronto a entrar neste mundo. Mas o corpo frágil de Mercy, suas forças esgotadas pelo enjôos falta de alimentação, estava fraco demais para concluir a tarefa.

Mavis torceu um pano molhado e enxugou a testa úmida de Mercy.

— Você vai conseguir! — sussurrava. — Quando vier a próxima contração, Mercy, você deve empurrar! Empurrar com toda a força de que é capaz!

— Eu... eu não consigo — gemeu Mercy, fracamente.

Seu rosto estava pálido, as pálpebras cerradas, transparentes, revelando veias azuis. Parecia haver perdido toda a esperança. Se não desse à luz logo, percebeu Mavis, ela morreria.

Do lado de fora, no passadiço, Mavis podia ouvir o ruído de passadas firmes. Clive Hopwood ficara por horas de vigília, caminhando desamparado de lá para cá. O que aconteceria com o pobre homem se perdesse a mulher e o filho?

Uma sombra de dor passou pelo rosto de Mercy e Mavis soube que vinha mais uma contração.

— Prepare-se! — sussurrou ela. — Você tem que empurrar, Mercy!

Mas Mercy passou passivamente pela dor. Mavis amaldiçoou a situação em silêncio, desesperada por alguma solução. Se ao menos houvesse um médico a bordo, ou alguma mulher experiente que soubesse o que fazer! Mas, com exceção da senhora Fealey, que não servia para qualquer ajuda, as outras mulheres eram todas muito jovens e solteiras. Estavam amontoadas no convés inferior, mortas de medo da tempestade. Mavis não tinha com quem contar.

Ficou quieta por um instante, escutando a tempestade do lado de fora. O vento parecia haver abrandando um pouco. Talvez o pior já houvesse passado. Mas o mar ainda mostrava-se traiçoeiro. O chão da cabine oscilava tanto sob seus pés que precisava andar como um ébrio para não perder o equilíbrio. Quanto ao perigo de naufragar... Esforçou-se para afastar o pensamento da mente. Nesse momento, só podia se preocupar com Mercy Hopwood.

Que teria feito seu pai? Será que o corpo de uma égua ou de uma ovelha era muito diferente do de uma mulher? Mavis buscava em suas lembranças algo que pudesse ajudá-la agora.

O rosto de Mercy estava tão pálido que parecia morta. Estava tão debilitada que mal reagia à própria dor. Algo precisava ser feito nos próximos minutos, caso contrário ela morreria.

O madeirame rangia enquanto o *Pégasos* subia pela crista de uma enorme onda para despencar no vazio. Mavis agarrou-se na beira do catre de Mercy, cravando as unhas ali como se fosse um gato, para não perder o equilíbrio. Mercy gemia baixinho, os olhos fechados. Quando Mavis encostou a mão em seu ventre distendido, pode sentir os músculos se retesarem mais uma vez.

Precisava agir rapidamente. Algumas criaturas, lembrava-se, davam à luz de pé. Talvez, se ela conseguisse colocar Mercy erguida em algum tipo de posição, o próprio peso do bebê ajudaria a completar o trabalho. Mas iria

necessitar ajuda. Clive estava do lado de fora, no passadiço. Se ela conseguisse fazer com que ele ajudasse a levantar Mercy...

Abriu com força a porta da cabina, bem quando o navio escalava uma nova onda. O súbito movimento atirou-a ao passadiço... bem nos braços de James Forrester.

Ele a sustentou contra o peito forte e largo, as roupas encharcadas, escorrendo água. As mãos fortes agarraram seus ombros, até que recuperasse o equilíbrio.

— Você está bem? — Os olhos azuis estavam injetados e exaustos. Ela tentava imaginar o que ele estaria fazendo ali e onde se metera Clive Hopwood, mas não havia tempo para perguntas.

— Entre — pediu ela. — Depressa! Preciso de sua ajuda! Percebendo a urgência da situação, ele a seguiu.

— Aqui — disse ela, rápida. — Fique atrás dela! Levante-a!

James pressentiu o que ela desejava. Sem perguntar por quê, passou os braços em torno do peito de Mercy, ergueu-a e sustentou-a naquela posição.

— Isso! Isso mesmo! — disse Mavis. — Agora, segure-a! — Ela ergueu a camisola molhada de suor. — Oh! Está dando certo! Graças a Deus, James, está dando certo!

As mãos dela tremiam enquanto ajudava a forma minúscula que se contorcia a escorregar por entre as pernas inertes de Mercy. Assim que o bebê se libertou, desatou a chorar.

— Oh! — Mavis sentiu uma onda de lágrimas embaçar seus olhos ao segurar a minúscula criatura nas mãos. — Oh, veja James! É uma menina! Uma mulherzinha em miniatura! — gritou ela feliz, sem perceber que usara o primeiro nome do capitão pela segunda vez.

— Ela... o bebê está bem? — perguntou James, visivelmente perturbado, baixando com delicadeza Mercy sobre o catre.

— Eu... ela parece bem. — Mavis limpou a recém-nascida com um pano, inspecionando cada detalhe do corpinho. — Ela é muito pequena, mas tem uma cor saudável, rosada. E escute só esses pulmões!

James colocara a cabeça de Mercy sobre o travesseiro. Ela descansava, a respiração profunda. O perigo não fora superado, mas ao menos mãe e filha estavam vivas.

Mavis sentia o olhar de James sobre si enquanto amarrava e cortava o cordão umbilical e envolvia o bebê no xale de Mercy. O calor dos olhos dele a deixou perplexa. Como podia tratá-la como alguém socialmente inferior em um momento e, no seguinte, olhá-la dessa forma? Através do atordoamento

provocado pelo alívio e exaustão, sentia uma pontada de raiva.

— Eu esperava encontrar Clive Hopwood quando abri a porta — disse friamente.

— Eu fiz com que fosse comer alguma coisa. Estava com a aparência quase tão ruim quanto a de sua mulher. Se eu soubesse que ela estava prestes a dar à luz...

— Alguém precisa avisá-lo do nascimento de sua filhinha. — Mavis ocupava-se do bebê, evitando o olhar do capitão.

— Eu me encarrego disso — disse James, pondo-se de pé.

Suas roupas soltavam vapor no ar frio da cabine. Os cabelos prateados colavam-se molhados à testa. Pingos de água pareciam contas douradas em sua pele. Enquanto Mavis o observava, sentiu algo mover-se e contrair-se em seu corpo. Percebeu que tremia.

James franziu as escuras sobrancelhas.

— Você está com frio.

— Não, estou bem — disse ela, confusa com a súbita demonstração de preocupação.

Deu-lhe as costas e ficou observando o bebê e acariciando-lhe os cabelos castanhos com um dedo. A criança choramingava agora, tentando sugar seu pulso.

Mavis ficou indignada. Como ousava ele fazer esse tipo de jogo com ela, mudando de atitude, de rude para carinhoso, então voltando a ser frio outra vez, sempre desequilibrando-a? Meio irritada, falou:

— O que está fazendo aqui? Imagino que deveria estar no convés.

James inspirou profundamente.

— A tempestade já se acalmou um pouco. Como estava muito preocupado com a senhora Hopwood, deixei Redding em meu lugar para ver como ela estava.

— Estava preocupado? — surpreendeu-se ela, fitando-o.

— Algo me dizia que eu deveria vir. — Os olhos dele encontraram os dela, enchendo-a de uma estranha e assustadora felicidade.

Ela baixou o olhar, sentindo a pulsação acelerar, o rosto afogueado. Ficou quieta até recuperar o controle.

— Obrigada, capitão. Como pode ver, tudo está bem agora. Por favor, encontre Clive Hopwood para mim. Pode retornar ao convés e liberar o senhor Redding.

— O quê? — A risada explodiu, assustando-a. — Quer dizer que agora é o capitão Whitney, não? E devo entender que a senhorita está me dando

ordens em meu próprio navio?

— Por favor — começou Mavis, sem se desculpar ou rir.

Mas nesse momento foram interrompidos por um jovem marinheiro encharcado que entrou abruptamente na cabine.

— Capitão, o senhor Redding me mandou aqui, senhor. O vento começou a soprar forte outra vez. Ele teme que possamos perder a mezena, se não recolhermos a vela.

— Maldição! — murmurou James.

Então, sem mais uma palavra, saiu da cabina. Ela podia ouvir suas passadas batendo forte no passadiço enquanto apressava-se de volta ao convés.

Mercy Hopwood gemeu baixinho e abriu os olhos.

— Aqui está. — Mavis ajoelhou-se a seu lado, com o bebê em seus braços. — Você está muito bem, Mercy, e tem uma linda filha.

— Como? — O rosto pálido e cansado de Mercy encheu-se de ternura ao ver o bebê.

— É isso mesmo — disse Mavis, colocando o bebê ao lado da mãe. — Descanse agora enquanto eu cuido de você. Tudo está bem agora.

Deu uma olhada no chão da cabine onde haviam se acumulado poças de água nos lugares em que James estivera. Do lado de fora, o vento recomeçara a uivar.

— Não tenha medo, Mercy — sussurrou ela. — Você está a salvo.

Mavis apoiou-se contra a parede no passadiço escuro, completamente exausta. Mesmo depois de esgotada pelo parto, passara a última hora cuidando de Mercy e do bebê. Lavara ambos, trocara os lençóis manchados e a camisola e escovara os cabelos embaraçados da jovem mãe. Então, fez com que Mercy tomasse um pouco de caldo quente e limpou a cabine.

A mudança que se operara em Mercy era extraordinária. Com sua pequena filhinha nos braços, estava radiante de felicidade. Tomara o caldo com vontade, esvaziando a vasilha. Agora amamentava o bebê enquanto o orgulhoso pai sorria radiante para as duas.

Mavis recolhera os lençóis sujos e deixara a pequena família, com a promessa de retornar pela manhã. Somente agora, sozinha, percebeu quão cansada estava.

Cerrou os olhos. A tempestade parecia não ter mais fim. Ela ainda podia ouvir o vento uivando por entre os mastros como um lobo faminto. O convés ainda oscilava enlouquecido sob seus pés. Estranho, ela quase se acostumara com o movimento.

Estaria a tormenta perdendo sua fúria? Ou teria piorado? Estava demasiado cansada para fazer qualquer avaliação. Nem ao menos tinha a certeza de quanto tempo passara desde que vira James, o capitão.

Mas mesmo com a memória embotada pela exaustão, ela se recordava da maneira com que ele olhara para ela, na cabine. Podia mesmo sentir seu olhar carinhoso e escutar sua risada divertida ao acusá-la de estar lhe dando ordens.

Maldito fosse ele por estar se divertindo às suas custas! E para o inferno com sua duplicidade! Conhecendo James Forrester, na próxima vez que se encontrassem, ele provavelmente agiria como se nem mesmo a reconhecesse!

Mavis deu um suspiro cansado e mudou para o outro braço a trouxa de lençóis sujos. Para seu próprio bem, ela deveria se manter afastada do inconstante capitão. Caso contrário, como suportaria a vida na Virgínia ao lado do miserável, sendo criada da esposa dele? Ele poderia destruí-la.

Virou no passadiço. Agora, por fim, estava na direção dos alojamentos abertos que partilhava com as demais mulheres contratadas. Sua rede estava a sua espera e estava tão cansada que dormiria até mesmo durante o dilúvio da época de Noé.

— Ora, ora, o que é que temos aqui, hein?

A voz sobressaltou Mavis. Ergueu os olhos e deparou-se com Peter Quint, surgindo como um fantasma da escuridão. Ele parou bem à frente dela, impedindo-lhe a passagem deliberadamente. Seu rosto tinha um ar demoníaco, refletindo a luz fraca da lamparina, pendurada em uma viga abaixo da escotilha. A lamparina balançava com o movimento do navio, transformando as duas sombras deles em dançarinos enlouquecidos.

— Por favor, deixe-me passar, senhor Quint — disse ela, tensa.

— Ah! — riu ele. — Então se lembra de meu nome! Era o que eu esperava.

Mavis moveu-se para o lado e tentou passar por ele, mas Quint mudou de posição, bloqueando mais uma vez a passagem.

— Não se apresse tanto, garota — disse ele. — Há semanas estou esperando por uns minutos a sós com você. Essa pode ser a nossa única oportunidade!

Seus olhos brilhavam sob a luz bruxuleante. Mavis lutou contra a vontade de dar-lhe as costas e fugir correndo.

— Senhor Quint — disse ela, esgotada. — Estou muito cansada e quero ir a meu alojamento. Por favor, saia da minha frente.

Quint não se moveu.

— Ora, mas isso é jeito de uma moça falar com o homem que salvou a vida dela? Mas se nem ao menos eu recebi os agradecimentos por isso!

Mavis sentiu um peso no coração. Era óbvio que ele não tinha a intenção de deixá-la se afastar tão facilmente.

— Está bem. Estou em dívida com o senhor — disse ela. — Agradeço-lhe por isso. Agora, por favor, gostaria de passar...

Ele soltou uma gargalhada.

— Não era exatamente o tipo de agradecimento que eu tinha em mente, menina. Eu estava pensando, vamos dizer, em um beijinho ou dois. Mais, talvez, se você gostar do que o velho Quint aqui tem para oferecer!

Mavis recuou.

— Não farei nada disso...

A mão dele, qual garra de aço, prendeu-lhe o braço. Ela tentou se desvencilhar, mas ele se aproveitou do movimento para virá-la de frente para si, agarrando-a.

— Deixe-me ir, seu idiota! — Mavis chutava selvagememente as canelas dele, mas Quint apenas ria.

Os braços prendiam-na como duas correntes de aço, mal lhe permitindo respirar. Ele cheirava a rum, suor e alho.

— Assim está melhor! — murmurou ele, seu rosto a centímetros do de Mavis. — Eu tinha esperança de que você se entregasse por sua própria vontade, menina. Mas depois do que fiz por você, acredito que tenho o direito de tomá-la agora!

Peter Quint não era um homem muito grande, mas seus músculos pareciam de pedra. Ela tentou gritar, mas ele a virou e tapou-lhe a boca com a mão. Mavis ficou impotente enquanto ele a arrastava para a escotilha e a empurrava à sua frente, para o fundo, para o fundo na escuridão do porão.

CAPÍTULO V

Com as costas da mão, James limpou o sal dos olhos para tentar enxergar em meio à escuridão da noite na direção do vento. A tempestade estava se afastando. As nuvens começavam a se dispersar, mostrando de vez em quando o brilho esmaecido do luar. Mas o vento ainda soprava forte, as ondas altas respingando água no convés.

Estava gelado, encharcado até os ossos, e exausto. Por alguma estranha razão, no entanto, chegara a desfrutar da tempestade. Essa seria sua última viagem. De certo modo, parecia haver se empenhado em um duelo de despedida com seu velho amigo e adversário, o mar.

Talvez no futuro sentisse saudades do cheiro da tempestade fustigando seu rosto e do balançar do convés escuro sob seus pés. Sentiria falta do perigo, dos gritos de sua tripulação enquanto lutavam para baixar uma vela ou salvar uma verga. Ele sentiria saudades...

— Capitão — chamou Redding, bem atrás dele, o luar fazendo brilhar o princípio de calvície despontando no topo de sua cabeça. — A tempestade está amainando. Posso assumir agora, se quiser descansar um pouco.

— Não. Eu estou bem — respondeu James.

Na verdade estava exausto, mas queria assistir à partida da tormenta até o último instante.

— Alguém foi até os porões para verificar a carga?

— Ninguém teve tempo — disse Redding. — Quer que eu desça e dê uma olhada?

James recordou-se da mobília fina, toda feita à mão, guardada no porão; a mobília da casa nova, sua e de Célia. Se qualquer coisa houvesse se soltado, o jogar violento do navio teria estraçalhado os móveis. Era estranho como isso agora parecia pouco lhe importar. Mas Célia ficaria terrivelmente desapontada se alguma peça se estragasse.

— Fique de olho em tudo por aqui por alguns minutos — pediu a Redding. — Vou apanhar uma lamparina e dar uma olhada.

Com a lamparina sobressalente na mão, desceu a primeira escotilha que dava para o convés inferior. Exausto e meio anestesiado depois de tanta tensão, perguntava-se quando veria Mavis outra vez. Mesmo durante os momentos mais violentos da tempestade, ela o assombrava. Recordava-se

agora como ela caíra em seus braços ao abrir a porta da cabina dos Hopwood. Recordava-se da sensação de tê-la em seus braços, o corpo quente, os seios jovens e firmes pressionados contra seu peito....

“Pare com isso”, dizia-se, aborrecido. Esse era exatamente o tipo de pensamento que se decidira a evitar. Não o levaria a parte alguma. A nada.

Estava prestes a descer para os porões quando um som abafado chamou sua atenção. Vinha da escuridão abaixo; um baque e o ruído de luta.

Ao saltar para dentro do porão, segurando a lanterna, escutou um grito seguido de uma imprecação.

— Ora, sua maldita fera endemoninhada!

James virou a lamparina em direção ao som. A luz iluminou Peter Quint, cambaleando para trás, a mão no rosto ensangüentado.

— Quint! Que diabos...

Então James viu Mavis, ainda lutando para levantar-se da pilha de sacos de aniagem para onde Quint a havia arrastado. Os cabelos soltos caíam em desalinho sobre seu rosto; sua saia e anáguas estavam erguidas acima dos joelhos, amarrotadas. A gola do vestido fora rasgada, deixando uma abertura que permitia ver parte dos seios suavemente arredondados, cor de marfim.

James então virou-se e dirigiu toda sua fúria contra Quint.

— O que significa isso, Quint?

Atrás de si, percebia os movimentos de Mavis tentando se recompor. Quint teve o desplante de rir.

— Só estava me divertindo um pouco com essa mulher, capitão. Achei que depois do que fiz por ela eu tinha o direito de...

— Maldito seja para sempre, Quint! — disse James, quase explodindo de cólera. — Lá fora há uma tempestade e não dei permissão a nenhum homem da tripulação para que se afastasse, quanto mais tomar liberdades com os passageiros!

— Ora, capitão, eu só estava...

— Cale a boca!

Há muito James tomara a resolução de não agredir seus tripulantes com as próprias mãos, uma decisão que sempre respeitara. Agora, no entanto, precisou recorrer a todo seu autocontrole para não arrebentar a cara insolente de Quint com os próprios punhos.

— Se eu não precisasse da ajuda de todas as mãos disponíveis no convés, faria com que o colocassem a ferros desde já! Volte imediatamente para seu posto! Mais tarde cuidarei de você!

Avançou para o marinheiro, possuído de uma raiva tão intensa que

chegava a assustá-lo. A custo reuniu força de vontade para não matar o patife ali mesmo.

A luz alaranjada da lamparina refletia-se nos arranhões ensangüentados que cobriam o rosto de Quint. James pôde imaginar Mavis lutando contra o infeliz, enterrando suas unhas no rosto dele. Tremendo de ódio, avançou ameaçadoramente na direção dele.

— Quint, pelos demônios...

Pela primeira vez o tratante pareceu verdadeiramente assustado.

— Sim, senhor — recuou ele. — Sim senhor! Já estou indo!

Escalou a escotilha como um macaco e desapareceu. James, ainda furioso, pendurou a lamparina em um gancho e virou-se para Mavis.

Ela estava em pé, apoiada em um suporte, os cabelos negros desalinhados, e o lado esquerdo do rosto preto de sujeira. Conseguiu arrumar as saias de maneira a cobrir-lhe as pernas, mas nada pôde fazer quanto ao corpete rasgado. O olhar de James foi atraído pela luz da lamparina que iluminava as duas meia-luas perfeitas.

O rasgão mostrava os seios apenas de relance, mas era o bastante para fazer ferver seu sangue, já esquentado. Chamou-lhe a atenção a tonalidade muito mais clara do corpo em comparação com o rosto e pescoço bronzeados. Percebeu que estava desejando ver todo aquele corpo, percorrer com a ponta da língua a maravilhosa linha onde bronze transformava-se em marfim; provar...

Maldição!

Ela entreabriu os lábios para falar, mas ele não lhe deu tempo.

— E você, senhorita — explodiu ele, com uma fúria que nem mesmo ele podia compreender. — De todas as idiotas...

— Capitão, ele me arrastou até...

— Mas é claro que sim! — Ele sabia que Mavis dizia a verdade, mas dominado pela fúria, recusava-se a admiti-lo. — E quem poderia culpá-lo, do jeito que você se exhibe pelo navio como se fosse uma prostituta qualquer? Eu não lhe avisei para manter-se afastada de minha tripulação?

As palavras dele foram como uma chicotada. Fitou-o cheia de raiva e indignação, pronta a atacar.

— Agora escute você! — sibilou ela. — Pensa que é melhor do que qualquer pessoa nesse navio! Pensa que pode me julgar sem nem ao menos me conhecer! Depois que armou uma cilada para o pobre idiota do Nad para que esse patife...

— Cuidado com a língua, senhorita! Não fiz nada disso! James sentia a

tensão crescer. Quem era essa garota? Por que teria ela o poder, e só ela, de fazer brotar nele emoções tão fortes? Ela não era ninguém! Uma contratada, passageira de seu navio. A futura criada de sua própria casa!

Ele temeu que ela continuasse a provocá-lo. Acabaria perdendo a cabeça e esbofeteando-a.

— Na sua opinião, pessoas como eu, pessoas que não têm dinheiro ou poder, nada significam. Pensa que pode ser meu amigo em um minuto e em seguida tratar-me como se eu fosse lixo! E então descer aqui e me julgar! Você, seu arrogante, condescendente...

Algo explodiu dentro de James. Agarrou-a abruptamente entre os braços e calou suas palavras com a boca, violenta e ávida.

Chocada, Mavis ficou rígida. Lutou. Então, começou a senti-lo... os braços, fortes e ternos enquanto a pressionavam contra ele; a rudeza e calor dos lábios, a barba áspera do rosto contra sua pele.

Algo profundo em seu íntimo despertou. Sentia ondas de calor percorrerem seu corpo, enchendo-a de desejo. Alheia a tudo ao redor, segurou os cabelos molhados e pressionou a boca contra a dele. O universo girava loucamente em torno deles enquanto se beijavam, e se beijavam.

A água do mar que encharcara as roupas dele molhou seu vestido, emprestando-lhe um forte odor de maresia. Através do tecido molhado, podia sentir os músculos tensos dos braços e peito. Podia escutar as fortes batidas de seu coração. — James — sussurrou ela.

Então os lábios dele buscaram os dela mais uma vez. A língua penetrou em sua boca, assustando-a por um instante. Então, entregou-se também a esse prazer, sentindo uma ansiedade crescente. Mavis gemeu baixinho.

As mãos dele moviam-se, deslizando pelas costas, buscando as curvas dos quadris através da saia e do saíote. O desejo crescia, latejava nas entranhas. O que era isso? Para onde a levaria, e por que não conseguia fazer com que ele parasse?

Ele inclinou a cabeça. Ela gemeu quando os lábios dele roçaram os seios expostos pelo rasgão no corpete. — James, não...

Então aconteceu. O *Pégasos* foi erguido por uma onda gigante e despencou ruidosamente, estremecendo, rugindo, como se fosse um animal ferido.

Mavis foi atirada dos braços de James para cima de um barril de uísque. O impacto atordoou-a durante um instante. Então, quando o navio se endireitou, sua vista clareou. Ela o viu de pé à sua frente, as pernas bem separadas para manter o equilíbrio.

Quando ia aceitar a mão que ele lhe estendia, parou, atônita com a expressão de seu rosto. A paixão desaparecera. Só restara uma raiva fria e atormentada.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Sim.

— Sinto muito. Precisamos conversar.

Ele ainda estendia as mãos para ela, mas Mavis recusou-as, pondo-se de pé sozinha.

— Não! — disse ela baixinho. — Não há necessidade de conversarmos, capitão! Deixei a Inglaterra porque um homem tentou me usar! E se pensa que vou aceitar o mesmo tipo de tratamento do senhor...

— Mavis — disse ele, a voz rouca.

— Não vamos nunca mais falar nesse assunto! É tudo o que tenho a dizer!

Ela alcançara a escada e começava a subir antes que as lágrimas fizessem dela uma perfeita idiota.

— Que inferno, não é como você pensa! Eu jamais usaria você! Mas ao mesmo tempo, não podemos...

— Sim... — Ela havia chegado ao terceiro degrau e olhava-o furiosa. — Realmente não podemos. E isso encerra o assunto, capitão Forrester. Agora, não deveríamos estar retornando às nossas obrigações?

Seus olhos se encontraram por um momento arrebatador... Então, com um grito abafado, ela subiu a escada e fugiu dele correndo pelo passadiço.

Quando ele ali chegou, ela já havia desaparecido. Colada à parede, escutava as passadas fortes, parando como se a estivesse procurando, para em seguida se apressar caminhando depressa em direção ao convés principal.

O autocontrole, que Mavis lutara para manter, finalmente a abandonava. Ela se inclinou como se tivesse sido atingida por um forte golpe. Por um instante, permaneceu encolhida no chão do passadiço. Então as lágrimas brotaram e ela caiu num pranto sentido.

Madrugada. E James não dormira nada. Permanecera debruçado na amurada, observando o amanhecer. Suas roupas ainda estavam úmidas e frias, molhadas pela tempestade da noite anterior.

Sim, a garota não era apenas fantasia. Na noite passada, seus sonhos haviam se tornado realidade. Ele a tivera em seus braços e provara sua paixão selvagem e inocente. E nada jamais viria a ser igual para ele.

Um estremecimento percorreu-lhe o corpo ao perceber que poderia tê-la tido ali mesmo, nos porões. Seu corpo ansiava por ela, seus sentidos pediam proximidade. Se aquela onda gigante não tivesse atingido o navio com tamanha força, separando-os, eles poderiam haver mergulhado na mais terrível calamidade.

Soltou uma imprecação em voz baixa e afastou-se da amurada. Sem querer, fitou aquele lugar perto do barril de água onde ela costumava ficar.

Não a veria ali nesse dia, disso tinha certeza. Ela permaneceria no convés inferior, longe de sua vista.

Pensou em Célia, esperando por ele na Virgínia. Agora faltavam poucos dias. Que diria ela se ele lhe contasse que por pouco não deflorara sua criada? Sem dúvida, lhe diria algumas poucas e boas. Poderia até mesmo ser impulsiva o bastante para romper com o compromisso deles.

Não, já se decidira a nada lhe contar. Isso apenas causaria dor desnecessária, para não dizer que complicaria a vida de Mavis. E Mavis, com certeza, nada lhe diria, também. O encontro explosivo na noite passada no porão deveria permanecer um segredo — o segredo deles para sempre.

E jamais seriam tão tolos em permitir que voltasse a acontecer.

James inclinou-se sobre a amurada e ficou acompanhando o vôo de um fulmar, quase resvalando na superfície da água. Talvez fosse o mesmo que viera comer na mão de Mavis. Pássaros como aqueles às vezes cruzavam o oceano, acompanhando um navio. Como era mesmo que Mavis os chamara? Pássaros viajantes, era isso. Pássaros que viajavam sem rumo pelos mares — como algumas pessoas que ele conhecia. Como ele próprio.

Mas aqueles dias já haviam ficado para trás, recordava-se James, um pouco nostálgico. Ele havia amado a liberdade dos mares; sempre amaria. Mas tomara a decisão de construir seu futuro na Virgínia, ao lado de Célia. Teria uma vida boa ali, tentava se convencer, vivendo da terra, rodeado de amigos e vizinhos, talvez até mesmo dedicando-se ao desafio de uma carreira política.

Para ele, pássaro viajante que era, a mudança não seria fácil. Vivera tanto tempo nos mares que em terra firme era estrangeiro. Jamais havia plantado, nunca tivera raízes, nem sentira-se feliz em permanecer em um só lugar por muito tempo. Mas tinha de tentar fazer com que desse certo. Ficara solitário tempo demais. Um homem precisava de uma mulher a seu lado. Ele precisava do calor de uma família.

E Mavis... Suspirou profundamente. Não, não daria certo ela permanecer com eles após o casamento. A idéia de tê-la sob o mesmo teto,

passar por ela nos saguões e salas, lutando contra a tentação de tomá-la nos braços novamente... Não, não daria certo. Deveria fazer algo a respeito.

Até o casamento, Mavis ficaria muito bem com Célia, decidiu. Mas depois, assim que ele tivesse poder de decisão, convenceria Célia a conceder-lhe a liberdade. Ou, caso fosse impossível, ao menos poderia vender seu contrato para alguém que a tratasse com dignidade.

Vendê-la. Como se fosse uma novilha ou uma potranca de raça. Deus do céu!

James fitava as águas profundas. Atrás de si escutava a movimentação pelo navio e passos de pessoas caminhando pelo convés inferior. Um fio de fumaça subia da cozinha. Logo, o convés principal estaria fervilhando de atividade.

Mas Mavis não estaria ali.

Com um profundo suspiro, deu as costas à amurada e desceu para sua cabina para trocar de roupa.

Mavis podia sentir o cheiro da terra. Seu perfume espalhava-se pelo ar úmido a sua volta. Terra úmida. Grama do pântano e flores silvestres. Salgueiros, verde-claros, com as folhas novas trazidas pela primavera.

Naquela manhã, bem cedo, o *Pégasos* contornara o Cabo Charles para entrar nas águas da baía de Chesapeake. A passagem trouxera todos à amurada do navio. América, por fim. Depois de seis longas semanas.

Mavis reunira-se aos outros passageiros, os olhos ofuscados pela claridade brilhante do sol. Desde a noite da tempestade, ela permanecera nos alojamentos do convés inferior, escuros e apertados, ou cuidando de Mercy e do bebê. Apenas depois de escurecer, quando James já estivesse em sua cabine, ela se aventurava ao convés principal em busca de um pouco de ar fresco. Não podia suportar a idéia de enfrentar seus olhos reprovadores envergonhando-a no mais fundo de sua alma.

Afinal, não fora ela parcialmente culpada? Era verdade que fora James quem a tomara nos braços, mas depois disso...

Por que não lutara contra ele, assim como havia lutado contra Peter Quint apenas alguns momentos antes? Ou por que não fugira, horrorizada, assim como havia fugido de lorde Dunsmore?

Porque ela desejara James. Sim, essa era a diferença, e daí a culpa! Era como se algum rastilho de pólvora adormecido em seu íntimo estivesse apenas aguardando ser aceso ao ser tocada por ele. Como se o corpo dela

houvesse sido feito para responder ao dele, apenas a ele. E quando a boca severa e raivosa colara-se à dela, sentira-se viva, verdadeiramente viva pela primeira vez na vida.

Perdeu a respiração ao lembrar do roçar delicado dos lábios dele em seus seios. Ela protestara fracamente. Oh, mas era mentira! Não desejara que parasse. Queria que ele retirasse seu corpete rasgado e tomasse seus seios nas mãos. Quisera sentir o calor daqueles lábios percorrendo seu corpo, sem pressa.

E se o navio não tivesse sofrido aquele arremesso naquele exato momento, separando-os...

Mavis enrubesceu ao pensar no que teria ocorrido então.

Como poderia encará-lo outra vez? O terror daquela possibilidade a retivera no convés inferior durante a semana inteira. Mas agora seu tempo se esgotara. A Virgínia rodeava-os de todos os lados enquanto o *Pégasos* deslizava pela imensa baía. A hora da verdade havia chegado.

— Olhe, Mavis! — Mercy Hopwood estava a seu lado, a pequenina criança nos braços. — Lá em cima! No céu! Olhe!

Mavis seguiu a direção do olhar da amiga. Um enorme “V” formado de gansos selvagens migratórios desenhava-se no céu, estendendo-se até o horizonte, seguidos por seus gritos roucos, uma confusão distante de sons. Maravilhada, Mavis entreabriu os lábios.

— Dizem que qualquer homem que assim o desejar pode caçá-los aqui — disse Clive Hopwood. — E há caça para a mesa durante todos os dias do ano. Ora, um dos marinheiros me contou que as pombas selvagens são tão grandes que escondem até o sol. Um homem só tem que apontar sua arma para o alto e atirar, e já conseguiu carne para o jantar!

— Clive, você nunca deu um tiro em toda sua vida! — disse Mercy, meneando a cabeça. — Aposto como nunca segurou uma arma.

— É verdade. Mas posso comprar uma. E posso aprender a atirar. Estamos nas colônias, e não na Inglaterra. Aqui se pode fazer o que se desejar. Não é verdade, Mavis?

— Sim, claro — disse Mavis.

Vez ou outra, ela podia entrever terra plana e verde no horizonte. Saul Redding lhe havia contado que a própria baía era tão grande quanto um pequeno mar, com quatro grandes rios desembocando nela. O terceiro rio, o Rappahannock, era o porto de desembarque deles.

Deu uma espiada nos Hopwood, escondendo uma ponta de inveja. Clive e Mercy eram livres para levar sua própria vida no Novo Mundo. Clive tinha

sua profissão e a promessa de um emprego. Mercy tinha seu bebê; e com o problema do parto já superado, fitava o marido com renovada ternura. Todos os sinais apontavam para uma vida feliz.

Se apenas Mavis pudesse demonstrar a mesma confiança quanto a seu futuro...

Sobre a multidão de pessoas que juntara-se na amurada, ela pôde vislumbrar James em pé no convés superior, os olhos estreitos, o ar severo enquanto gritava ordens para o timoneiro. Estava esplendidamente vestido, mais elegante do que ela jamais o vira, com culotes, um casaco de brocado cor de cobre, uma gravata de seda creme e um casaco de um corte perfeito feito em casimira marrom. Trajando suas roupas mais finas para encontrar-se com a noiva, pensou ela, a garganta apertada.

Mavis usava seu único vestido decente, o azul-escuro feito de lã com a gola branca. Embora limpo e apresentável, era demasiado grosseiro se comparado às roupas dos demais passageiros. Hester Fealey, em cetim amarelo debruado com renda espanhola, parecia uma pobre imitação de alguma velha condessa francesa. Algumas das demais mulheres, no entanto, estavam alegres e bonitas, trajando suas melhores roupas. Era difícil acreditar que haviam passado a maior parte da viagem em seus caíres, presas de náuseas, os rostos esverdeados.

Como seria Célia Pomeroy? Seria ela bonita? Correria ela para James e o abraçaria como se fosse seu grande amor?

Os olhos de Mavis acompanharam uma vela branca no horizonte, apenas uma das diversas que haviam visto durante todo o dia. A vida pregava peças estranhas. Ela fugira da Inglaterra para escapar das atenções de seu patrão casado. Agora, do outro lado do oceano, o destino a atirara no mesmo redemoinho. Mas com uma diferença: dessa vez, o homem era James Forrester e não o devasso lorde Dunsmore.

E dessa vez seu coração estava envolvido,

Sentiu um aperto no peito ao fitar as águas da baía. Como conseguiria ela ver Célia e James juntos, sem recordar-se do que acontecera entre eles? Como conseguiria portar-se com discrição?

Não seria fácil, especialmente depois do casamento. Mas de algum modo, através de disciplina e autocontrole, ela descobriria uma maneira de fazê-lo. Não havia outra solução.

Fechou os olhos, deixando a brisa morna da primavera acariciar-lhe os cabelos presos. De repente, sentiu algo roçando-lhe a mão apoiada na amurada. Surpresa, abriu os olhos.

Uma borboleta de asas amarelas pousara sobre seu dedo, as pernas negras, finas como agulhas, mal tocando sua pele. Mavis prendeu a respiração enquanto ela pousava, as asas trêmulas, para em seguida seguir seu caminho. Só então percebeu que sorria.

Essa rápida visita da borboleta era um bom sinal. Era sua primeira saudação do Novo Mundo, assegurando-lhe que encontraria gente amável ali. Ela encontraria amizade e beleza, quem sabe até amor.

Ergueu a cabeça. Não se deixaria dominar pelo medo e desânimo. Ela aceitaria o que viesse e encontraria o lado positivo de tudo. E de alguma maneira, nessa nova terra, construiria uma nova vida.

O sol pendurava-se no céu da tarde como se fosse uma bola alaranjada, preguiçosa, enquanto o *Pégasos* rodeava Stingray Point e começava a subir o rio Rappahannock. Já então, muitos dos passageiros que se haviam aglomerado na amurada, sucumbiram ao forte sol e buscaram refúgio no convés inferior. Mavis, no entanto, permaneceu em seu posto como uma sentinela, fascinada por tudo o que via.

Como o próprio rio.

Estava admirando a curva larga e calma do Rappahannock quando percebeu algo estranho. A corrente parecia movimentar-se rio acima. Comentou o fato com Redding que passava por ali naquele instante.

— Sim, a corrente sobe mesmo — respondeu ele. — Isto acontece porque os rios nessa região não são verdadeiros rios. São mais como longos braços da baía e, quando a maré sobe, força a água dos rios muitas milhas para cima. É o que você está vendo agora.

— Oh! — exclamou Mavis. — É por isso então que essa região é chamada Tidewater, maré das águas.

— Isso mesmo — disse Redding. — Fique de olhos bem abertos. Você vai ver algumas das mais belas e finas mansões em suas margens.

Mavis ficara observando, às vezes correndo de um lado para outro do convés para ver os dois lados do rio. As margens baixas estavam recobertas de plantação verde e exuberante. Nuvens de borboletas brancas e amarelas flutuavam sobre a água. O ar quente da primavera estremeria com o zumbido dos insetos e os gritos dos pássaros aquáticos.

Passavam diante de grandes propriedades à beira do rio, cada uma com seu próprio desembarcadouro. As casas dessa terra rica em bosques eram quase todas feitas de madeira, com terraços espaçosos e balcões, mais leve em espírito e estrutura do que as enormes mansões de pedra da Inglaterra.

O navio passou ao largo de pomares de macieiras em plena floração de

maio, como se fossem nuvens sobre a terra. Por vezes, Mavis vislumbrara cavalos pinoteando em seus *paddocks*. Se se esforçasse, poderia até distinguir, bem ao longe, pessoas movimentando-se à beira do rio.

Enquanto permanecia na amurada, observando avidamente tudo o que passava, Mavis sentiu que alguém se aproximava por trás. Imaginando ser Redding ou algum dos demais passageiros, comentou em voz alta:

— Tudo aqui é tão cheio de vida, tão vibrante.

— É sim, é verdade — disse uma voz grave.

Seu coração deu um salto ao perceber que se tratava do capitão.

— Olhe para lá, à sua direita — disse ele, como se nada de estranho tivesse passado entre os dois. — A enorme casa da margem mais afastada é a Corotoman. É a casa dos Carter, uma das famílias mais poderosas da Virgínia.

Mavis deixou seu olhar seguir a direção onde ele apontava. Não ousava fitá-lo. Suas emoções estavam à flor da pele; um simples olhar poderia ser o bastante para traí-los.

— Oh, eu posso ver! — exclamou ela, vislumbrando uma enorme mansão na margem distante. — Ora, é ainda mais grandiosa do que a mansão Dunsmore! E com todos essas construções que a rodeiam, parece quase como uma cidade!

Seu entusiasmo soava meio forçado, mas se James percebera, preferira nada demonstrar.

— É a mais grandiosa que você verá nessa região — disse ele. — Seu dono possui uma quantidade tão grande de terra que por aqui o chamam de rei Carter.

— Rei Carter! — Mavis meneou a cabeça ao ouvir o estranho apelido. — Esse país é novo e corajoso, qualquer um pode ser chamado de rei!

— Ou rainha — disse James, ternamente, e de súbito, um silêncio pesado se interpôs entre eles.

Mavis podia sentir a tensão. Podia até mesmo escutar a respiração pesada dele atrás de si. Ansiava por virar-se e esconder o rosto em seu peito.

— Mavis, você é... uma pessoa extraordinária — disse ele, buscando as palavras. — Não há limites para o que possa conseguir aqui, as possibilidades são infindáveis.

— Capitão. — Ela forçou-se a virar e erguer os olhos para ele. Quando os olhares se encontraram, envolveram-se em forte emoção.

— Está tudo bem, James — disse ela, a voz suave. — O que aconteceu está acabado. Está... morto. Eu... eu não vou traí-lo.

— Não foi para isso que eu vim — protestou ele, mas suas palavras soaram ocas. — Célia, sua senhora e minha noiva, é a mais gentil e fina senhora que você possa vir a conhecer. Creio que, tanto eu quanto você, devemos a ela nossa lealdade, Mavis.

— Sim — disse Mavis, baixando os olhos para as mãos tensas agarradas à amurada. — Ela terá minha lealdade, James. Já pode contar com ela. Assim como você.

— Mavis...

— Acalme-se. Não tem com o que se preocupar. Talvez seja hora de voltar a cuidar de seu navio.

Ele riu de modo rude e um tanto desajeitado.

— Então está me dando ordens mais uma vez, senhorita! Mavis sentiu um nó formar-se na garganta. Rezou em silêncio para que James partisse antes que ela perdesse o controle e desatasse a chorar.

— Vamos subir o rio até Leedstown — informou ele. — No caminho, passaremos por Fairhaven. Vou mandar um sinal de fogo e Célia deverá providenciar que nos recolham em Leedstown assim que desembarcarmos. — Suspirou profundamente. — Essa noite você dormirá em Fairhaven.

Mavis assentiu. Podia sentir o peso da realidade pressionando-a. Um capítulo de sua vida estava terminando. Outro, estava prestes a começar.

— Tenho estado tão curiosa sobre Fairhaven — disse ela. — Você pode me avisar quando passarmos por lá?

— Você saberá — disse ele, a voz distante como se já se houvesse se afastado dela. — Escutará os disparos.

— Sim, imagino que sim.

Ela calou-se e ficou sem fitá-lo até que partisse. Enquanto ele subia ao convés superior, Mavis sentiu as pernas tremerem. O encontro deixara-a emocionalmente esgotada. Mas agora, ao menos, ela e James haviam chegado a um melhor entendimento. Poderiam seguir a partir dali, sabendo o que esperar um do outro.

Durante as duas horas seguintes, permaneceu sentada sobre um rolo enorme de cabo, observando o cenário verde que se descortinava diante de si. Tinha consciência da presença de James no convés superior, mas evitou seu olhar. Já haviam dito tudo. Mais palavras, mais olhares, apenas abririam portas que deveriam permanecer cerradas.

Depois de algum tempo, ela cochilou sob o sol quente. O ruído suave do bater das velas e o murmurar das águas resvalando na proa, acalmavam-na, embalavam-na.

O repentino disparo de um mosquete assustou-a terrivelmente. Mavis olhou em volta em pânico, para então perceber, envergonhada, que havia adormecido. O sol já estava se pondo no horizonte e o convés estava apinhado de gente. No convés superior, viu três marinheiros junto a James, seus longos mosquetes ainda fumegando.

O navio passava diante de Fairhaven.

Mavis espremeu-se por entre os passageiros e conseguiu chegar à amurada oposta. A casa na margem leste do rio era bem menor do que as que vira até então. Mas o lugar tinha um encanto especial. O sol do fim da tarde iluminava as paredes cor de creme e brilhava como um farol sobre o catavento de bronze que coroava o telhado. Uma procissão de carvalhos veneráveis sombreavam o caminho até o rio, e no gramado extenso e verde viam-se cornisos em botão e magnólias. Um terraço sobre pilares, largo, acompanhava toda a extensão da casa e sobre ele, no segundo andar, estendia-se um balcão.

Essa então seria sua nova casa.

Enquanto Mavis observava, uma figura indistinta apareceu no balcão. Viu uma lufada de fumaça e instantes depois o som agudo de um único disparo de pistola.

James ouvira a resposta.

Célia estaria esperando por ele.

CAPÍTULO VI

No momento em que o *Pégasos* atracou em Leedstown, o céu já se tingia de lilás. Inúmeras lamparinas das lojas coladas umas às outras, hospedagens e casas na praia, piscavam, emprestando um tom amarelado ao lusco-fusco. No convés, os passageiros amontoavam-se contra a amurada, ansiosos por pisarem em terra firme.

Os olhos de Mavis perscrutavam a multidão que se juntara no cais, tentando encontrar um rosto que pudesse ser o do Célia Pomeroy. Ou talvez ela tivesse permanecido em Fairhaven, ocupada com os preparativos de boas-vindas para James.

Logo, saberia.

O dia parecia interminável. Cansada e queimada de sol, Mavis estava pronta para uma boa refeição e uma noite entre lençóis limpos e frescos. Mesmo como criada, esperava ser tratada com dignidade em Fairhaven. Ficaria feliz com uma cama só para ela, algumas sobras da cozinha, uma palavra gentil vez ou outra.

Alguém tocou-lhe o ombro. Clive e Mercy haviam surgido atrás dela, carregando todos seus pertences amarrados em duas enormes sacas de musselina. Mercy carregava o bebê nos braços.

— Já vamos desembarcar — disse Mercy. — Passaremos a noite na hospedaria aqui mesmo e, pela manhã, tomaremos a diligência para Hanover. Queríamos nos despedir — disse, a garganta apertada ao abraçar Mavis com força. — Deus a abençoe — sussurrou. — Nós lhe devemos nossas vidas, eu e a pequena Kate...

Recuou um passo, enxugando as lágrimas, a voz embargada de emoção.

Desajeitado, Clive pressionou o ombro de Mavis.

— Estamos em dívida com você — disse ele. — Se algum dia precisar de qualquer coisa, por favor, nos procure.

— Obrigada a vocês — disse Mavis, envolvendo os três em um abraço. — Mas estarei bem. Se me for permitido, irei visitá-los...

A prancha de desembarque foi baixada, batendo contra o píer. Os Hopwood foram arrastados pela multidão de passageiros ansiosos para desembarcar. Junto aos tripulantes só ficaram os contratados que não teriam permissão de desembarcar até que seus contratos fossem vendidos e seus

novos amos viessem recolhê-los a bordo. A maioria deles agarrava-se à amurada, obviamente ansiosos para colocar os pés em terra firme.

Mavis estava ansiosa também. Já pensava em procurar James para perguntar se devia recolher seus pertences quando, de súbito, o ruído de briga e imprecções abafadas ecoou do convés inferior. Um instante depois, Peter Quint surgiu na escotilha, os olhos injetados piscando nervosamente. Era seguido de perto por marinheiros que tentavam segurá-lo.

Atirou-se em direção à escada que levava ao convés superior onde James estava, mas, antes de escalar o primeiro degrau, seus perseguidores o alcançaram. Debatia-se como um selvagem, suspenso do chão pelos braços fortes dos tripulantes.

— Que sua alma apodreça no inferno, capitão! Mandou me trancafiar na prisão por uma maldita semana! O senhor sabia que eu não suporto ficar trancado daquele jeito! Vou matá-lo por isso!

Assustada, Mavis levou a mão à garganta. Fora por isso então que não mais vira Quint desde a noite da tempestade. James virou-se lentamente, os olhos azuis frios como o gelo.

— Podem soltá-lo — disse aos marinheiros. — Eu me ocupo dele. Quint estava rígido de tensão, pronto a atacar. Assim que se viu livre, afastou-se violentamente de seus captores, agarrou um espicho e lançou-se em direção à escada.

Mavis abafou um grito quando Quint chegou ao convés superior. James não se movera. Permaneceu ali, o olhar firme, braços ao longo do corpo, ligeiramente tensos.

— Coloque isso no chão, Quint — ordenou em voz baixa. — Coloque no chão, a não ser que queira ser acusado de mais um assassinato, pelo qual, sem dúvida, será enforcado.

Não era essa a reação que Quint, fora de si, esperava do capitão. Estacou bem na frente de James, a arma suspensa sobre a cabeça. O coração de Mavis deu um salto.

— Durante todo o tempo, lá embaixo no escuro, eu só pensava em uma coisa — ele disse entre os dentes. — Pensava em acabar primeiro com você e então pegar aquela garota para mim. Eu tinha todo direito, maldição!

James mantinha a calma, o rosto impassível a não ser por uma veia que latejava na têmpora. De onde estava, Mavis sentia a tensão carregada no ar.

— Coloque isso no chão, Quint — disse ele, a voz rouca e tensa. — Há no mínimo cinquenta pessoas nos observando. Acredita que depois de me atacar vai escapar impune?

Mais uma vez, Quint hesitou. Seus olhos brilhavam como os de um cão raivoso. Como uma garra, o medo apertava o peito de Mavis. James estava tentando ponderar com o homem, mas Quint não era racional, e o espicho apontado representava, sem dúvida, uma arma mortífera.

Devagar, James estendeu a mão.

— Não seja idiota, Quint. Entregue isso. Então, poderá pegar seu pagamento e sair do navio.

Quint começava a tremer nervosamente. Seu braço, tenso e trêmulo, erguia o espicho.

Um grito escapou da garganta de Mavis, distraindo Quint por um segundo. No mesmo instante, James, erguendo o punho, atingiu-o em cheio na mandíbula, fazendo-o despencar no convés.

Carrancudo, controlando com esforço a repulsa, James passou por cima do corpo prostrado de Quint.

— Jogue-o de volta à prisão, senhor Redding — disse ele. — Não o deixe sair até que possa desembarcá-lo de volta à Inglaterra. Quero o patife bem longe daqui.

— Sim, capitão — concordou Redding, dirigindo-se ao convés superior. — Algo mais?

— Sim — disse James. — Providencie para que tragam a bordo comida recém-preparada para os contratados. Já devem estar fartos de carne seca e mingau. Voltarei pela manhã para concluir a venda dos contratos.

— O senhor passará a noite em terra, capitão? — perguntou Redding.

James assentiu e apanhou uma pequena sacola de couro no convés superior.

— Isso mesmo. Se precisar de alguma coisa, estarei em Fairhaven. Desceu a escada e, mal dando uma olhada na direção de Mavis, virou-se e caminhou pela prancha de desembarque, arrastando a perna rija. Mavis observou-o partir. Em sua mente, um turbilhão de perguntas sem respostas. O que aconteceria agora? Iria ela para Fairhaven, ou James planejava deixá-la a bordo do *Pégasos* até a manhã seguinte? E onde estava Célia?

Pressionada contra a amurada, tentava seguir a figura imponente de James através da multidão que se apinhava no convés, mas perdeu-o de vista.

Quint voltava a si no convés superior. Gemia e soltava imprecações enquanto dois enormes tripulantes carregavam-no pelos braços, arrastando-o de volta para a escotilha. Mavis estremeceu ao pensar no que ele poderia ter feito com James usando o espicho como arma. Obviamente, o homem era louco. E quanto antes ela e James estivessem longe dele, melhor ela se

sentiria.

Com um suspiro cansado, recostou-se contra a amurada. De uma das hospedadas, subia um delicioso aroma de rosbife e legumes cozidos. Estrelas começavam a piscar no céu cor de violeta.

Talvez nesse momento, James já houvesse encontrado Célia. Talvez estivessem um nos braços do outro e James estivesse beijando-a, da mesma forma com que ele a...

Não! Mavis ergueu-se de repente. Havia jurado apagar essa lembrança da mente. Alimentá-la dessa forma só tornaria tudo muito mais doloroso.

— Mavis.

Sobressaltou-se ao ouvir a voz de James vinda do convés. Ele estava em pé bem abaixo dela, os cabelos prateados brilhando sob a luz da lamparina.

— Pegue suas coisas. Estamos de partida — disse ele.

— Para Fairhaven?

— Sim. Venha.

— Eu... preciso de apenas um minuto.

Afastou-se da amurada e correu para a escotilha para apanhar sua trouxa. O coração disparava. Bem ou mal, sua vida no Novo Mundo estava prestes a começar.

James esperava por ela na prancha de desembarque.

— Vamos embora — informou. — A carruagem está logo atrás da hospedaria. Siga-me.

Agarrada à trouxa, Mavis quase tinha que correr para acompanhar os passos rápidos, ainda que ele mancasse. Que sensação estranha caminhar em terra firme, depois de se haver se acostumado tão bem ao balançar do navio.

— Quanto tempo levaremos para chegar em Fairhaven? — perguntou ela.

— Cerca de uma hora. Menos, se não houver movimento na estrada e Thomas estiver disposto a fazer correr a égua baia.

— Thomas?

— O cocheiro de Célia. Um bom sujeito. Você vai conhecê-lo.

— E Célia?

— Ela não veio. Estará nos esperando para o jantar em Fairhaven.

— Oh...

Mavis mergulhou no silêncio enquanto se afastavam do cais. Via construções de madeira de um e dois andares, que mais pareciam depósitos, algumas hospedarias e casas espalhadas. Leedstown, pelos padrões ingleses, era pouco mais que uma aldeia, mas um lugar cheio de vida. O tinido dos

talheres e os sons de conversas e risadas permeavam o ar da noite. Alguém, em um quarto do andar de cima de uma das casas, tocava citara e cantarolava.

Ao se aproximarem da hospedaria, a boca de Mavis encheu-se de água. Da cozinha, emanava um cheiro forte de carne e perdiz, milho assado, pão e tortas. Percebeu que estava faminta, mas era óbvio que James tinha pressa em chegar a Fairhaven. Andava rápido, sem parar para descansar.

Caminharam na direção de uma estrutura feita de ripas de madeira, fortemente iluminada, cujo andar superior possuía um balcão comprido. Através das portas duplas, escancaradas, podia-se ver lamparinas vistosas.

— Este é o King Williams — disse ele, voltando-se. — Thomas está nos aguardando atrás, com a caleça. Teria sido melhor que ele houvesse trazido a carruagem. Temo ficarmos um tanto apertados.

— Não tem importância — disse Mavis, desviando-se de uma poça de lama.

Aparentemente, Leedstown não tinha nada que se assemelhasse a uma rua. Lama e capim formavam caminhos tortuosos por entre as construções. De algum lugar além dos limites da pequena cidade, ouvia-se o coaxar de sapos e os latidos solitários de um cão de alguma fazenda. Sobre as copas das árvores, despontava o contorno de uma lua cheia.

— Aqui estamos — disse James.

À sombra da hospedaria, aguardava-os uma pequena caleça elegante, que continha um banco separado para o cocheiro. Atrelada à caleça, uma égua baia de patas alongadas dançava impacientemente.

— Que bom que o senhor voltou depressa, capitão James. A velha Bess aqui já estava ficando impaciente!

A voz vinha de um homem negro muito forte que trajava roupas grosseiras de criado. Ao avançar, Mavis viu que era bastante jovem, com cabelos negros crespos e traços fortes e bem delineados.

— Você deve ser Thomas — disse ela, sem esperar que James a apresentasse. — Eu me chamo Mavis e também vou trabalhar em Fairhaven.

— Fico contente com isso, senhorita Mavis — respondeu Thomas. Por alguma estranha razão, ele pareceu constrangido com a iniciativa dela.

— Vamos embora, Thomas — disse James, rompendo o silêncio embaraçoso. — Sua ama vai ficar preocupada se não voltarmos logo.

— Sim senhor — sorriu Thomas, mostrando uma fileira de dentes brancos perfeitos. — Se o senhor e a senhorita quiserem subir...

James segurou Mavis pelo braço e ajudou-a a acomodar-se no assento

estreito da caleça. Ela se sentou ali, agarrada à sua trouxa, enquanto James se espremia ao lado dela. O banco era pequeno demais e ficaram colados um ao outro. Em desespero, Mavis tentava pensar em qualquer outra coisa que não na proximidade deles.

Ficou observando Thomas que com suas mãos grandes e hábeis ajustava os arreios do animal. Foi só depois que ele se sentou no pequeno banco do cocheiro que ela se deu conta...

— James — sussurrou ela. — Aquele homem é um escravo, não é?

— É claro que sim — James respondeu, meio divertido com a ingenuidade dela. — Célia diz que Thomas é seu escravo mais valioso. Mavis, aqui não é a Inglaterra. As pessoas têm uma maneira de viver diferente nas colônias. É assim que precisam agir para sobreviver. Quanto antes assimilar isso, melhor para você.

— Eu posso aceitar — disse ela suspirando. — Mas não tenho que gostar. Afinal, de certo modo, eu mesma não passo de uma escrava.

Quando a caleça começou a se mover, ele teve um instante de vacilação.

— Apenas por cinco anos — disse ele. — E por sua própria opção. Thomas não teve escolha. Ele nasceu escravo, ali mesmo, em Fairhaven. Sua mãe é a cozinheira de Célia.

— E o pai?

— Foi vendido pelo pai de Célia quando Thomas ainda era menino. Desde então, ninguém nunca mais soube dele.

— E os filhos de Thomas? — perguntou ela, quase sem respiração. — Eles vão ser escravos também?

— Essa é a lei, Mavis.

Permaneceu calada e pensativa por algum tempo. Já haviam deixado a aldeia para trás e estavam indo mais rápido agora, ao longo de uma estrada estreita beirando o rio. O ruído estridente dos sapos e grilos mesclava-se com o murmúrio das águas e o trote ritmado da égua baia. A lua parecia uma imensa esfera prateada sobre a copa das árvores.

Mavis tinha a dolorosa consciência da proximidade de James. O calor de seu corpo parecia irradiar através de seus ombros, braços e coxas encostadas nela. Podia até sentir seu peito subindo e descendo com a respiração.

Sua pele tinha o cheiro delicioso de sabonete inglês. Ele deveria ter tomado um banho na noite anterior — tudo para Célia, tinha de se recordar. Mesmo assim, não podia resistir e fechou os olhos inalando a fragrância limpa e masculina.

Meu Deus! Como ela deveria estar cheirando mal, depois de seis

semanas a bordo, sem a possibilidade de se lavar, a não ser esporadicamente com um pano úmido.

Cheia de orgulho, afastou-se o mais que pôde. Assim que chegassem a Fairhaven, um banho seria sua prioridade, se ela pudesse encontrar um lugar onde se banhar.

— Eu sei que você está se sentindo ansiosa sobre sua vida em Fairhaven — disse James. — Não precisa se preocupar. É um lugar lindo. E Célia vai tratá-la muito bem. — Seu coração se enterneceu. — Ninguém poderia tratá-la de modo diferente, Mavis.

As palavras dele a tomaram de surpresa, aturdindo-a. Enrubesceu na escuridão, tentando desesperadamente encontrar algo para dizer e romper o silêncio que se formava perigosamente entre eles.

— Certa vez você comentou que Célia possuía mais do que uma centena de escravos — disse ela. — Esse número inclui aqueles com contrato de servidão como eu?

Ele se virou no banco, para poder olhá-la de frente. Sob o luar seus olhos estavam escuros e seus cabelos tão claros, como se fosse um espírito. Parecia divertir-se.

— Mavis, não acredito que possa haver nenhum contratado que seja igual a você. Mas a resposta a sua pergunta é não. Não há mais do que meia dúzia de contratados em Fairhaven, e todos são trabalhadores do campo. Com exceção de Célia, você será a única mulher branca residindo na fazenda.

Mavis sentiu uma pequena pontada de desapontamento. Esperava poder encontrar ao menos uma ou duas amigas que partilhariam da mesma sorte.

— Oh, não tem importância — respondeu logo, disfarçando seus sentimentos. — Eu... eu tenho facilidade para fazer amigos. E de qualquer modo, estou certa que estarei ocupada demais para me sentir solitária.

James não respondeu, mas movido por um súbito impulso, estendeu o braço e cobriu as mãos dela com a sua. Foi um gesto fugaz, mas a ternura inesperada quase a fez perder o controle. Engoliu um soluço abafado. Havia tantas incertezas diante dela. Sentia-se muito só e um tanto assustada. Como gostaria de recolocar a mão dele sobre as dela para se acalmar. Como seria bom se pudesse encostar o rosto contra a manga de seu casaco...

Os ruídos da noite preenchiam o silêncio que pairava entre eles. O ar estava quente, a paisagem banhada pelo luar. A frente deles, viam os ombros largos de Thomas inclinados sobre as rédeas. A égua baia fungava e sacudia a cabeça.

— Ela está ficando ansiosa para chegar à cocheira, não está, Thomas? —

brincou James, rompendo o perigoso clima que os envolvera.

— Sim, senhor. Estou fazendo o possível para controlá-la. O senhor sabe como ela gosta de correr.

— E foi apenas por acaso que você veio com a caleça, não é? — comentava James em tom bem-humorado.

Thomas deu uma espiada para trás, seu sorriso brilhando ao luar.

— O que o senhor acha?

James virou-se para Mavis, a sobranceira arqueada como se esperasse uma opinião. Ela sorriu e deu de ombros, adorando o clima de conspiração.

— Dar-lhe as rédeas? Por que não? Não serei eu quem vai impedi-los.

James riu com ar de maroto, expressão que Mavis jamais havia visto em seu rosto.

— Então, segure-se! Aí vamos nós!

Com um grito de alegria, Thomas sacudiu as rédeas no lombo da égua que explodiu em carreira desenfreada, atirando Mavis com força contra o banco.

— Eu lhe disse para se segurar! — gritou James, depois de se assegurar de que ela não se havia machucado.

— Sim, mas não me explicou o quanto! — Mavis lutava para se endireitar outra vez enquanto a caleça disparava pela estrada esburacada.

O forte tranco fizera com que seus cabelos presos com todo o cuidado ameaçassem se soltar. Com medo de perder os grampos, soltou-os e colocou-os dentro do corpete. Seus cabelos negros esvoaçavam enquanto a caleça voava, Thomas gritava e James ria.

Ela se viu rindo com eles, envolvida na pura alegria louca da corrida. A intensidade do olhar de James era tanta que sentia-se quase desfalecer. Quando a caleça fez uma curva, o braço dele a envolveu para lhe dar equilíbrio. Muito tempo se passou até que ele retirasse o braço.

Oh, mas o gesto nada significava, dizia-se. James estava apenas envolvido no entusiasmo da corrida, assim como ela. Alguns minutos mais tarde, ele estaria com a mulher que amava, a mulher com quem prometera se casar. Então seria como se nada houvesse existido entre eles.

Cerca de uns setecentos metros à frente, Mavis podia ver uma outra carruagem vindo na direção deles. Quando tocou o braço de James e apontou, ele apenas assentiu, rindo. Thomas, debruçado sobre as rédeas, não demonstrava o menor sinal de que iria diminuir a marcha.

— Não deveríamos avisá-lo? — gritou Mavis no ouvido de James para ser escutada no turbilhão do barulho das rodas e bater dos cascos.

— Não se preocupe — disse ele, com uma expressão endiabrada. — Ele sabe.

Quando já se aproximavam bastante da carruagem, Mavis percebeu que estavam em curso de colisão. Ela podia ver o outro condutor, provavelmente um religioso, pelas roupas sóbrias e postura séria. Ele viajava em marcha lenta, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Deus do céu, não os teria visto?

Thomas fazia a égua galopar a toda a velocidade. A caleça balançava loucamente atrás, as rodas desprendendo-se do chão cada vez que encontravam um desnível na estrada. E a carruagem do pastor aproximava-se perigosamente. Como em um pesadelo, Mavis podia ver seu rosto, calmo. Em segundos haveria uma colisão.

Ela colou-se a James, enterrou o rosto em seu braço e preparou-se para o impacto.

Incrivelmente, nada aconteceu.

Escutou os dois homens estourando na risada e sentiu os dedos de James erguerem seu queixo.

— Está tudo bem — disse ele. — Veja você mesma.

A estrada vazia estendia-se diante deles, uma fita prateada iluminada pela lua. Quando Mavis espiou para trás, viu o pastor retornando à estrada, erguendo o punho ameaçador na direção deles.

Thomas ria enquanto reduzia a velocidade.

— O velho reverendo Buckley não parece muito contente. Mas é bom que ele aprenda a ter o bom senso de sair do meu caminho e de Bess quando estamos apostando corrida.

— Está Thomas querendo dizer que essa não é a primeira vez? — perguntou Mavis, piscando para James.

Ele ainda lhe segurava o queixo, os olhos assustadoramente ternos. Inclinou-se levemente e roçou a fronte dela com os lábios. Ela baixou o rosto, inundada de súbita emoção. A carícia nada significava, dizia-se. E não seria nada bom que James soubesse o tipo de sentimentos que estava despertando nela.

— Sinto muito havê-la preocupado — disse ele, com um sorriso breve. — Mas a resposta a sua pergunta é sim, Thomas adora correr e o faz sempre que tem a oportunidade. É um hábito seu que Célia não conseguiu controlar.

À menção do nome de Célia, Mavis sentiu um frio súbito percorrer-lhe o corpo. Sacudiu a cabeça e esforçou-se para dar uma risada.

— Pois bem, não estou mais assustada — disse ela. — Vamos continuar

com a corrida! Por que diminuímos a marcha?

Thomas deu uma espiada por sobre os ombros e meneou a cabeça.

— Preciso acalmar a velha Bess aqui, antes que a senhora Célia a veja. Está vendo aquelas luzes lá em cima, mais ou menos a um quilômetro? Lá está Fairhaven.

Alguns minutos mais tarde, entraram devagar pelo portão principal da propriedade, a égua caminhando a passo. Já então, Mavis e James haviam se recolhido em seus próprios pensamentos. Sentavam-se rigidamente no banco forrado de couro, mal se tocando, enquanto a caleça passava por entre os imensos carvalhos e aproximava-se da casa.

Fairhaven parecia brilhar à noite, com suas paredes claras e suas janelas iluminadas. Duas enormes lamparinas de ferro flanqueavam a porta principal. A luz delas revelava uma figura delicada, bem vestida, aguardando-os em pé no terraço com colunas. Ao se aproximarem mais, começou a acenar.

— James — exclamou uma voz de soprano. — James! É realmente você!

Célia permaneceu onde estava, no degrau mais alto, ansiosa, mas demasiado refinada para lançar-se a seu encontro.

Mavis esforçava-se para vê-la na luz bruxuleante. Célia Pomeroy parecia ter a altura e peso de Mavis, mas era ali que toda a semelhança terminava. Célia era tão delicada e perfeita como uma boneca, a pele de porcelana e os cabelos castanho-claros. Seu vestido decotado de cetim cor de pêssego, debruado de renda creme, seguramente tinha custado mais do que a passagem de Mavis para a América.

Mavis pensou em seus próprios cabelos desalinhados e seu rosto queimado pelo sol e vento. Teve vontade de desaparecer, escondida no fundo do banco de couro.

A caleça fez a volta no caminho circular e parou defronte à casa. James pareceu hesitar por um momento. Então, sem olhar para Mavis, ergueu-se abruptamente e desceu.

Caminhou até o terraço, subiu os degraus diretamente para o de Célia, cujos braços o envolveram com possessividade.

Mavis permaneceu sentada, infeliz atrás de Thomas, esforçando-se para não fitá-los. Essa seria sua vida pelos próximos cinco anos: testemunha silenciosa e invisível do relacionamento de Célia e James. Seria mais difícil do que imaginara a princípio. Mas de alguma maneira, com a ajuda de Deus, descobriria um modo de suportar essa vida. Tinha de fazê-lo. Não tinha alternativa.

No entanto, indignava-se ela, apenas dessa vez não poderia James haver adiado suas saudações para quando ele e Célia estivessem a sós? Teria ele de exibir as manifestações de afeto, após ter sido tão terno com ela na caleça?

Talvez fosse uma atitude proposital, pensou, cada vez mais aborrecida. Quem sabe estaria ele tentando mostrar à nova criada quem contava com sua lealdade, quem era sua verdadeira paixão. Como se ela ainda não soubesse! Ele era intolerável. E nesse instante, chegava quase a odiá-lo.

James e Célia se haviam afastado e conversavam. Vez ou outra Célia espiava na direção de Mavis e era óbvio que falavam sobre ela. Ao perceber que Célia parecia aborrecida, seu estado de ânimo piorou.

James parecia estar discutindo com ela, talvez defendendo sua escolha. Defendendo-a para Célia, que ironia.

No momento seguinte, ele se voltou e caminhou em direção à caleça. Parou junto dela, seu rosto uma máscara impassível.

— Venha conhecer sua nova ama, Mavis — disse ele.

Deu um passo à frente e estendeu a mão para ajudá-la.

Mavis, no entanto, ignorou o gesto. Desceu sem ajuda, a cabeça erguida exibindo os cabelos desalinhados, como se fosse uma rainha bárbara saída da mitologia. Sua aparência era assustadora, com os cabelos revoltos, o rosto queimado e o vestido tão velho. Mas preferiria morrer a permitir que gente como James e Célia a desprezassem por isso.

À medida em que se aproximava do terraço, sua coragem foi abandonando-a. Ali de pé, iluminada pelas luzes douradas, Célia mais parecia uma Vênus perfeita.

De perto, era ainda mais linda do que a distância. Seus traços eram a um só tempo fortes e delicados, com olhos azuis e uma boca cheia e perfeita; em um canto via-se uma adorável pinta. Os cabelos dourados estavam presos no topo da cabeça, exceto por um único cacho que lhe caía até a curva suave do ombro claro. Usava brincos delicados de pérolas e seu corpo tinha proporções perfeitas.

Não era para menos que James estava apaixonado por ela.

Célia deslizou pelos degraus, a expressão amável estampada no rosto. Seus olhos azuis, tão brilhantes e curiosos quantos os de um pássaro, inspecionaram Mavis dos pés à cabeça.

— Pois bem, James, ela não é nem de longe o que eu esperava.

— Acho que você ficará contente com ela, Célia — disse ele, evitando o olhar de Mavis. — Pelo que pude observar, Mavis é muito capaz. Ela sabe ler e escrever...

O caldeirão de mágoa e indignação que estava começando a ferver desde a chegada de Mavis naquela casa, começava a borbulhar.

— Também sei falar! E só porque assinei o contrato de servidão não significa que ficarei aqui parada para ser inspecionada como se fosse uma novilha!

— Ora, vejam só! — As sobrancelhas delicadas de Célia ergueram-se divertidas. — James, você não me havia dito que a garota é dotada de personalidade forte. Talvez vamos nos dar bem, afinal. — Virou-se então para Mavis, com um leve sorriso. — Minha querida, você deve estar exausta. Vou pedir para que Thomas a acompanhe até a cozinha, deixando-a aos cuidados de Hetty. Ela vai providenciar para que você tenha uma boa refeição e uma cama. Então, a primeira coisa que vamos fazer amanhã de manhã, é dar um jeito nessas... roupas. — Sua expressão transformou-se em amuo petulante. — Thomas! Venha até aqui, por favor!

— Sim, senhora Célia — disse ele, acariciando a égua antes de caminhar até o terraço.

— Leve Mavis até a cozinha antes de cuidar da égua — disse Célia. — Sua mãe saberá o que fazer com ela.

— Sim, senhora — disse ele, dando uma olhada para Mavis e indicando com um movimento de cabeça para que ela o acompanhasse.

Mavis seguiu-o até a caleça onde recolheu sua trouxa e dirigiu-se para a casa, não pela porta principal, mas sim pela entrada dos fundos, que dava para a cozinha.

Enquanto caminhavam, ela viu Célia entrelaçar o braço no de James.

— O jantar está pronto e esperando por nós — disse Célia, inclinando levemente a cabeça para ele. — E então, James Forrester, temos muito o que conversar.

Sua risada soava como o tilintar de guizos enquanto conduzia James para dentro da casa.

CAPÍTULO VII

— Você quase não tocou em seu prato, James. Imaginei que estaria faminto — comentou Célia, segurando o garfo com elegância. — Pelo que me contou a respeito da comida no navio...

— Sinto muito — murmurou James, passando os olhos pelo banquete composto de presunto cozido, carneiro, abóbora, ervilhas, ostras, mariscos e pão integral fresco, as travessas dispostas à sua frente sobre a toalha branca adamascada. — Tudo parece delicioso. Infelizmente, costumo levar um a dois dias em terra firme para voltar a ter apetite.

— Entendo. — Célia recostou-se no espaldar da cadeira, equilibrando um copo de clarete na ponta dos dedos. O vinho tinto escuro parecia refletir-se em suas faces claras como porcelana. — Ainda tenho muito o que aprender sobre você, James Forrester. Por onde devo começar, hein?

Seu riso cristalino soava como o badalar de pequenos sinos. Sua futura esposa era um mulher muito sofisticada. Na verdade, todos os detalhes do jantar oferecido a ele estavam perfeitos: a mesa farta, posta sobre a toalha adamascada impecavelmente branca; o brilho dos talheres de prata, da porcelana fina e dos cristais; o estalar acolhedor das achas de nogueira na lareira; o luxo das tapeçarias italianas e das cadeiras russas de couro...

Por que então sentia-se subitamente confinado nesse salão? Por que essa necessidade premente de sentir a brisa do mar em seu rosto e os olhos verdes tempestuosos de Mavis mergulhando nos seus?

Mavis. Sim, ele a magoara profundamente essa noite. Ao afastar-se dela sem uma palavra e caminhar diretamente para os braços de Célia acreditava ter tomado a atitude mais correta. De um só golpe, deixaria claro para todos, inclusive para si mesmo, a sua posição.

Então, retornara à caleça para buscar Mavis. Olhara seu rosto e percebera como se havia portado como um idiota.

Se apenas ele não a houvesse envolvido com os braços durante a corrida louca, recriminava-se. Se ao menos não a houvesse beijado com tanta ternura. Mas como resistir quando ela se mostrava tão adorável com os longos cabelos negros flutuando ao sabor do vento, o rosto ansioso e feliz como o de uma criança? Com sua atitude, desfizera de um só golpe toda sua cuidadosa atuação no convés do *Pégasos*... e todas aquelas palavras sobre lealdade!

Ela jamais o perdoaria.

Meu Deus, que confusão ele armara!

— James — a voz de Célia interrompeu seus pensamentos.

— O quê? — piscou ele, aturdido, voltando à realidade.

Abandonando o copo sobre a mesa, do lado oposto, ela inclinava-se, revelando a pele acetinada do rego entre os seios arredondados e perfeitos.

Os pingentes de pérola dançavam quando sacudia a cabeça.

— Não há dúvida, James Forrester, de que você não escutou uma só palavra do que eu dizia.

James parecia envergonhado. Ela riu levemente, mas não havia traço de humor no som.

— Aqui estava eu falando sobre nossos planos e você nem ao menos estava me escutando! Você me dá a impressão de que sua mente estava a quilômetros de distância.

— Sinto muito, Célia — suspirou ele. — De verdade. Sobre o que mesmo estávamos falando?

— Oh, nada importante — dizia ela, a linda boca amuada. — Apenas sobre nosso futuro. Apenas isso.

— Nosso futuro é a coisa mais importante para mim, você sabe disso — disse ele, escolhendo as palavras que ela desejava ouvir.

— Bem, então, o que você acha de marcarmos o casamento para meados de setembro? É uma época tão adorável e até lá a nova casa já deverá estar concluída. Poderíamos anunciar a data durante o grande baile que pretendo organizar no final do verão.

— Setembro, você disse? — perguntou ele enquanto contava os meses que faltavam, percebendo o cerco se fechando em torno de si. — Sim, setembro me parece ótimo.

Ela assentiu com um movimento elegante e, com esse assunto resolvido, prosseguiu:

— Planejei algumas pequenas reuniões para apresentá-lo às pessoas certas... e uma caçada à raposa, talvez no próximo mês, embora ainda não seja a temporada. No entanto, é uma oportunidade para fazer com que os homens saiam ao ar livre e, além disso, uma boa corrida fará bem a meus cães...

— Seus cães? — perguntou James, sem entender.

— Oh, James, você deve se lembrar! — disse ela, um leve tom de aborrecimento na voz. — Ora, possuo a única matilha de cães de caça de raça pura em toda a região que cobre três condados! Já recebi dezenas de ofertas

por eles, mas como pertenciam ao pobre Henry e ele os fez vir da Inglaterra...

— Ah, aqueles, cães... — Agora lembrava-se.

Os animais esguios, a pelagem marrom, eram mantidos presos no canil atrás das cabines dos escravos, onde seus latidos não importunavam a casa grande. Ele não era um grande apreciador de cães e por isso quase não prestara atenção nos animais.

— Nessas reuniões virão alguns homens muito poderosos — dizia Célia. — É muito importante que você os conheça, se quiser subir na política. Ora, uma palavra de qualquer um deles é o bastante para conseguir que você seja eleito para a House of Burguesses, a assembléia legislativa da colônia, ou mesmo para o Conselho...

— Célia, por favor, acabo de chegar. Eu tinha a esperança de que a política pudesse esperar até que tivéssemos a oportunidade de nos ajustarmos, e conseguir uma boa colheita em...

— Que bobagem, James! Esse é o melhor momento para começar. Todos estarão curiosos a seu respeito e desejarão conhecê-lo. Atire-se de cabeça, é o que lhe digo! Na verdade, já convidei o juiz Harker Lee para jantar na próxima quinta-feira. Ele é a primeira pessoa que deve conhecer, pois está encarregado do... O que houve? Não parece muito feliz, James. Não gostou da idéia? — Célia ergueu as sobrancelhas perfeitas, bem arqueadas, em um gesto de desânimo e mágoa.

James franziu o cenho. Sentia-se exausto, como se um enorme fardo estivesse sendo colocado sobre seus ombros. Talvez fosse apenas cansaço da viagem. Talvez apenas precisasse de uma boa noite de sono. Mas as palavras de Célia pareciam martelar em seus ouvidos como se fossem um bando de tagarelas que não o deixariam em paz.

— Perdoe-me, Célia. Sei que você tem a melhor das intenções. Mas vou precisar de tempo. Nem ao menos posso pensar em entrar na política antes de terminar a nova casa e arar uma boa parte da terra para plantar. Isso demorará meses.

— Mas e quanto a temporada de inverno de Williamsburg? É tão...

— Ela perdeu o controle, soltando um pequeno gemido de desânimo.

— Eu apenas desejo colocá-lo no caminho certo para um bom começo, James. E posso fazê-lo. Tenho amigos. Amigos poderosos. Você vai precisar deles, se desejar ter êxito por aqui.

James estendeu o braços sobre a mesa e cobriu-lhe a mão com a sua.

— Vamos deixar para falar sobre isso daqui a um ou dois dias, quando eu estiver mais descansado da viagem — disse ele, carinhoso. — Com certeza

podemos adiar essa conversa por espaço tão curto de tempo.

Lágrimas assomaram aos olhos de Célia.

— Então é assim que você se sente! Não deu um pingão de valor ao que eu fiz, não é? Eu... eu não o entendo, James Forrester! Talvez jamais venha a entender! — disse, tirando da manga um lenço e esfregando os olhos com força. *p*

— Célia, eu sinto muito — disse ele, erguendo-se na direção dela.

— Não quero que me toque — disse ela, recuando. — A não ser que tenha sido honesto quando disse que sente muito. E posso afirmar que não foi! Estou cansada, James. Trabalhei o dia inteiro para organizar o jantar de boas-vindas em sua honra e não deu o menor valor para meu esforço. Agora vou me recolher.

— Célia...

— Está tudo bem, James — disse ela, limpando as lágrimas. — Se prosseguirmos com essa conversa, vamos acabar trocando palavras rudes. Conversaremos amanhã de manhã, quando ambos estivermos mais descansados.

— Sinto muito, Célia, mas não vou estar aqui quando se levantar. Partirei antes do amanhecer para Leedstown. Preciso cuidar de meu navio e terminar de vender os contratos.

— Nesse caso — bufou ela — , penso que nosso futuro deverá esperar!

— Nesse caso, sim, é verdade — suspirou ele. — Mas não levará mais que um ou dois dias. Assim que eu vender os contratos e ajudar Redding a providenciar um novo carregamento de tabaco...

— Está tudo bem, James. Não quero me indispor com você. — Encarou-o do lado oposto, as mãos apoiadas sobre o espaldar da cadeira. — Vá e faça o que deve fazer. Eu vou estar bastante ocupada tratando de transformar aquela garota cabeça dura em uma criada útil.

James precisou se controlar para não explodir em defesa de Mavis.

— Não terá problemas com ela — disse em voz baixa. — É inteligente e está ansiosa para aprender.

— Veremos, James — Célia suspirou. — Não é a primeira vez que me deparo com esse tipo de gente. Ela pode ser esperta, mas também é orgulhosa. Talvez orgulhosa demais. — Célia se afastou da mesa. — Seu quarto está pronto. É aquele no topo da escada, à esquerda. Eu não creio que estarei acordada quando você sair, mas direi a Hetty que lhe prepare o café da manhã.

— Não incomode Hetty. Comerei algo na hospedaria, ao chegar a

Leedstown — disse James, mas ela já estava de costas.

Tinha uma postura ereta e altiva. Mesmo sem querer, ele acabara por magoá-la. Ao pé da escada, ela se voltou.

— Volte quando tiver terminado seus negócios, James. Então, teremos outra comemoração de boas-vindas. Vamos imaginar que hoje nunca aconteceu.

— Está muito bem, então — disse ele, aliviado por haverem evitado uma discussão. — E prometo que serei menos desagradável, assim que tiver descansado um pouco.

— Espero de todo o coração que assim seja.

Com a cabeça erguida, deu-lhe as costas e subiu deslizando pelas escadas como uma duquesa de cabelos dourados.

James permaneceu onde estava, observando sua retirada elegante. Célia portava-se muito bem em situação de confronto. Tinha a cabeça fria e o bom senso de recuar quando se via em terreno perigoso. Era diferente de Mavis, cuja explosão apaixonada e sem limites no porão do *Pégasos* levava a...

Não!, recriminava-se James por haver permitido que seus pensamentos voassem livremente. Ele havia prometido fechar para sempre a porta dessa lembrança. E pelo seu futuro, seu e da noiva, não podia se permitir quebrar essa promessa.

Mesmo assim, não conseguia deixar de se preocupar com a adaptação de Mavis a essa terra estrangeira. Afinal, fora ele quem trouxera a garota à Virgínia. Fora ele quem lhe conseguira um lugar na casa de Célia. Esse fato não o tornava parcialmente responsável por Mavis?

A sala estava silenciosa, exceto pelos estalidos das achas na lareira. O que estaria Mavis fazendo agora? Quase uma hora havia passado desde que Thomas a acompanhara à entrada dos fundos. Será que lhe haviam dado o suficiente para comer? Será que estava sendo tratada cordialmente?

Ao se voltar para subir a escada, lutou contra a tentação de dar uma discreta escapulida até a cozinha para ver o que se passava. Mavis teria que seguir seu caminho sem ele agora. Não podia contar com mais ninguém.

Presunto fatiado, feijão de corda e canjica não era exatamente o tipo de comida com a qual Mavis estava acostumada na Inglaterra, no entanto, não deixou nem uma só migalha no farto prato de latão que Hetty colocara à sua frente.

— Meu Deus, não sei aonde uma coisinha tão pequena como você põe

tanta comida!

Hetty, uma mulher robusta com cabelos grisalhos, sacudia a cabeça enquanto tirava a mesa da cozinha.

— Ora, a senhora Célia tem mais ou menos o seu tamanho e não come mais que um passarinho. Prova um pouquinho de cada prato, com aquele seu jeito elegante.

— Eu estava faminta — disse Mavis. — E a comida, deliciosa. Muito obrigada, Hetty.

Hetty resmungou e virou-se. Será que lhe havia desagradado o elogio a sua comida ou a estaria criticando por seu enorme apetite? Não podia ter certeza.

— Vamos, Hetty, deixe-me ajudá-la. — Mavis levantou-se do banquinho e começou a juntar os pratos. — Afinal, não sou uma convidada nessa casa. Se eu como, devo fazer minha parte.

Com o ombro, Hetty empurrou-a bruscamente.

— Pode deixar. A cozinha não é seu trabalho. Minna e eu cuidamos de tudo por aqui.

Mavis voltou a sentar-se impacientemente no banco. Hetty não estava sendo hostil de verdade. Apenas se reservava o direito de estudar melhor a recém-chegada que acabava de invadir sua cozinha — uma jovem desconhecida, branca, nem escrava nem senhora. Thomas, seu filho, havia demonstrado o mesmo vago mal-estar um pouco antes, e ela compreendera, realmente compreendera. Mas tudo estaria bem, tentava se assegurar. Todos eles se aproximariam dela e, assim que a conhecessem melhor, seriam seus amigos. Precisava dar tempo ao tempo.

A porta que dava para a sala de jantar abriu-se. Uma jovem negra e alta deslizou pelo chão da cozinha, carregando uma travessa repleta de pratos apoiada no ombro. Era graciosa como um antílope, com os cabelos negros cortados rentes e imensos olhos negros. Mavis já sabia que seu nome era Minna e que fora trazida da África há apenas três anos, quando tinha apenas catorze.

— Oh, bem, deixe-me... — Mavis levantou-se para ajudar com a bandeja. Minna recuou levemente, suas narinas trêmulas em desafio.

— Deixe-a — disse Hetty. — Já lhe disse que não precisamos de sua ajuda aqui. A cozinha é nosso trabalho. — Apanhou um trapo e começou a esfregar a mesa de madeira enquanto Minna empilhava os pratos sujos em uma prateleira para lavar. — Fique sentada ali e espere até que eu termine de lavar. Depois vou levá-la ao quarto, como a senhora Célia mandou.

Mavis suspirou e voltou a se sentar no banco. Discutir não faria com que conquistasse a amizade de duas mulheres como Hetty e Minna. Ela apenas deveria ser paciente e dar-lhes tempo.

Enquanto aguardava, Mavis passou os olhos pelo enorme espaço ocupado pela cozinha. Em muitos aspectos, fazia-a lembrar da cozinha da mansão Dunsmore, como seu enorme fogão de pedra e a grande quantidade de panelões de ferro e utensílios pendurados nos caibros do telhado. Mas a cozinha de Fairhaven era mais arejada, mais aberta do que as da Inglaterra, com amplas janelas para que a brisa do rio entrasse. Os cheiros também eram-lhe estranhos: fubá, abobrinha e batata doce; presunto e canjica; doce de pêra que Hetty chamava de *perry*, e o aroma forte das folhas de tabaco dispostas lá fora nos alpendres para secar.

Mavis observava o corpo grande e forte de Hetty, vendo em suas feições preocupadas a mesma força e personalidade que vira em seu filho Thomas. E Minna, em seu vestido disforme de chita, tinha o andar de uma jovem rainha. Quem era ela?, tentava imaginar Mavis, enquanto as mãos longas e bem feitas de Minna raspavam os restos de comida dos pratos e os despejavam em um balde de madeira, que mais tarde seria levado para alimentar os porcos. Quem teria sido ela, bem longe da América, antes que os comerciantes de escravos a tivessem encontrado? De que se recordaria?

Aquelas eram boas mulheres, pressentia Mavis. Mas Hetty e Minna havia sofrido nas mãos dos brancos. Era óbvio que não confiavam nela nem a desejavam por perto.

O ranger da porta da cozinha despertou Mavis de suas conjeturas. Um homem magro, desleixado, de quase quarenta anos e com uma barba amarelada irrompeu na cozinha, os sapatos pesados de trabalho deixando um rastro de sujeira no chão impecavelmente limpo.

— Não pode aprender a limpar a sola dos sapatos, Jake Sloan? — resmungou Hetty, dando uma espiada sem interromper seu trabalho.

Sua voz não revelava mais do que um leve aborrecimento, mas em seus olhos Mavis pôde vislumbrar ódio e medo. Sloan soltou uma gargalhada grosseira e deu uma cusparada no chão.

— Vamos, Hetty, você sabe muito bem que não deve ficar reclamando desse jeito. Eu ando por onde bem entender e nenhuma negra idiota vai me dizer para limpar nada.

Ele passeou os olhos pela cozinha como se estivesse à procura de alguém. Minna, Mavis notou, desaparecera ao primeiro ranger da porta.

— Mas que diabos, onde... — interrompeu a pergunta ao pousar os

olhos em Mavis. — Ora, vejam só. O que temos aqui? Parece alguma novidade que veio no barco! — Tirou seu chapéu de couro sujo e fez um simulacro de reverência. — Jake Sloan, a seu dispor, garotinha. Sou o capataz da senhora Célia. O patrão, pode-se dizer. Então, seria bom que você ficasse do meu lado, não é?

Riu enquanto com os dedos sujos agarrava umas fatias de presunto e metia-as na boca.

— Deixe a garota em paz, Jake — murmurou Hetty. — Você já fez bastante mal por aqui.

Sloan riu mais uma vez.

— Mas então, qual é o seu nome, hein, garotinha?

Mavis decidiu-se a não permitir que ele a intimidasse. Levantou-se do banco, a cabeça erguida.

— Meu nome é Mavis Whitney — declarou — e vim para trabalhar para a senhora Pomeroy. Vou cuidar de suas contas e...

Sloan soltou uma sonora gargalhada.

— Com todos os demônios! Você deve ser o jovem cavalheiro que a senhora Célia estava esperando. Mas que surpresa! Aposto que o capitão James ficou caído por você e contratou-a no lugar de algum rapaz, não é?

— Já basta, senhor Sloan — reagiu ela. — Não há nada de impróprio entre mim e o capitão Forrester.

Sloan rolou os olhos para o alto, fingindo inocência.

— Desculpe, mas eu disse que havia? — disse ele e em seguida soltou uma risadinha desagradável. — Fique tranqüila, garotinha. Você não caiu em um mau lugar. Eu mesmo vim aqui como contratado, há uns quinze anos. Quando meu tempo terminou, decidi ficar. Trabalhei para o pai da senhora Célia e depois para o marido dela. — Deu um passo à frente. — Vamos dar uma olhada melhor em você...

Apesar de sua decisão, Mavis enrijeceu e recuou. Sloan riu outra vez, mostrando a falta de um dente na frente.

— Diabos, você não precisa ficar com medo de mim, garotinha. Se bem que não posso negar que é uma coisinha bem apetitosa. Mas Jake Sloan gosta de suas mulheres do mesmo modo que gosta de seu café...

Seus olhos percorreram as sombras da cozinha mais uma vez e quando se voltou, tinha o semblante carregado. Mesmo assim, os lábios se curvaram num sorriso cínico.

— Apenas lembre-se de uma coisa, garotinha, e não terá problemas. Quando entender bem as coisas vai saber que é Jake Sloan, e não a senhora

Célia, quem manda na fazenda. Fique do meu lado e a vida será doce e fácil. Caso contrário... — Ele meneou a cabeça. — É assim que as coisas funcionam por aqui. Pergunte a Hetty. Não é assim, Hetty?

Hetty continuou lavando os pratos, fazendo questão de ignorá-lo.

— Eu disse, não é assim, Hetty? — insistiu ele, dando-lhe um forte soco nas costas. — Responda quando estou falando com você.

Hetty se endireitou, disfarçando a dor. Seus olhos estavam agitados.

— Sim senhor, senhor Jake. É assim.

— Está vendo? Não lhe disse? — riu Jake zombeteiro.

Então enterrou o chapéu na cabeça, dirigiu um olhar furioso a Hetty e saiu da cozinha, batendo a porta atrás de si.

Sentindo o sangue gelar de revolta, Mavis fitava a porta por onde ele saía.

— É verdade o que ele disse, Hetty? É ele realmente quem dá as ordens em Fairhaven?

— Você viu, você ouviu — resmungou Hetty sem erguer os olhos, voltando a limpar o chão.

— Mas o que queria ele? Entrou aqui como se estivesse procurando alguma coisa.

A única resposta de Hetty foi um olhar carregado de tal desespero que provocou estremecimentos em Mavis. O silêncio pesava no ar. Mavis continuava esperando que Minna aparecesse, mas a garota não retornou.

Hetty terminou de limpar o chão e lavou o pano em um balde de madeira.

— Venha — disse por fim. — Vou levá-la a seu quarto.

Ela se inclinou sobre o fogão e segurou uma vela feita de sebo bem próxima à brasa até acender o pavio e então moveu-se exausta em direção ao saguão dos fundos.

Mavis seguia a luz da vela de Hetty pelo corredor estreito, até um quarto minúsculo que mais parecia um depósito. A luz fraca bruxuleava nas paredes cobertas de prateleiras empoeiradas com uma única e triste vigia como janela, quase colada ao teto. Sobre um engradado vazio que fazia as vezes de cômoda, via-se uma lamparina, uma jarra de louça branca e uma bacia de latão.

A cama, ao menos, era confortável. Sua estrutura era de pinho branco, simples e resistente, e estava coberta com uma velha colcha de retalhos. O colchão rangeu quando Mavis testou sua firmeza; era feito de palha de milho.

— Está ótimo... por ora — disse ela, dando uma olhada apreensiva em

torno do espaço exíguo e mal iluminado. — Muito obrigada, Hetty.

Hetty acendeu a lamparina com a vela. Quando ela recolocou a cúpula de vidro, a luz amarelada espalhou-se pelo quarto. Não chegou a parecer acolhedor, mas menos triste. Com o tempo, acabaria por se acostumar. Pequeno e lúgubre, não era pior do que as acomodações apinhadas de passageiros no *Pégasos*.

— Quando terminar com a cozinha, vou para minha cabine — disse Hetty. — Na casa grande só estarão você aqui embaixo e o capitão James e a senhora Célia no andar de cima.

— Está bem — murmurou Mavis, sentindo uma pontada no coração ao saber que James e Célia estariam dormindo juntos.

Era assim que seriam as coisas dali para frente. Quanto antes ela se habituasse, melhor.

— Estarei bem, Hetty — disse ela. — Vá descansar, nos veremos pela manhã.

Hetty saiu sem dizer boa-noite, arrastando o corpo cansado pelo corredor. Mavis desabotoou o vestido, tirou-o por cima da cabeça e estendeu-o aos pés da cama. Então, começou a soltar os laços de seu espartilho, os dedos lentos de cansaço. Com seria bom se pudesse tomar um banho morno e colocar uma camisola limpa! Que delícia seria se... Mas não, repreendeu-se; continuar a sonhar com coisas que não teria só lhe traria infelicidade. Deveria sentir-se agradecida por estar a salvo de lorde Dunsmore e feliz por ter um teto sobre sua cabeça e o suficiente para se alimentar. Para essa noite, era o bastante. No dia seguinte, decidiu enquanto terminava de se despir, ela começaria a batalhar para melhorar sua situação. E se conseguisse fazer-se ouvir, uma de suas primeiras reivindicações seria um bom banho!

O colchão de palha de milho rangeu enquanto ela deslizava por entre os lençóis ásperos. Estava exausta, mas cada vez que fechava os olhos vinha-lhe a imagem do desespero no rosto de Hetty. Algo estava errado, muito errado, e precisava descobrir do que se tratava. Talvez pudesse ajudar...

Estava mergulhando no sono agora, as imagens e acontecimentos do dia desfilando em sua mente. Ela viu o riso descontraído de Thomas e a silhueta austera do reverendo em sua charrete; viu o olhar duro de Hetty e os imensos e adoráveis olhos escuros de Minna. E viu James. Viu-o uma vez e outra, rindo na caleça, seus cabelos prateados esvoaçando; inclinando-se para ela e roçando os lábios suaves em sua testa. Então, em poucos minutos, partindo sem uma palavra, para subir os degraus de Fairhaven e tomar Célia em seus braços. Estavam ambos no andar superior, agora, James e Célia. Sozinhos,

envoltos pela doce noite de primavera. Dois amantes prometidos, seu casamento na próxima estação...

O que poderia impedi-los?

Mavis tentou expulsar esses pensamentos da mente, mas a dor pelo esforço quase a fez gemer. Ela sentira a paixão de James, sentira suas mãos, seus braços fortes abraçando-a e seus lábios, cruelmente gentis, esmagando os seus. Não precisava se esforçar muito para imaginar como seria seu amor sem rédeas ou limites.

Mavis deitada ali, sentia-se quente e sofria na escuridão, permitindo-se recordar. Mesmo agora, a lembrança do que ocorrera entre eles no porão do *Pégasos* causava-lhe uma estranha sensação no mais profundo de seu ser. Deus do céu! O que tinha feito ela? O que estava acontecendo?

Gemeu baixinho e virou-se na cama, abraçada ao travesseiro velho em busca de conforto. Ela ouvira uma vez um pregador descrever o inferno como fogo eterno. Talvez fosse exatamente isso o inferno, um desejo sem-fim por algo que nunca se poderia alcançar.

A lua brilhava através da janela alta, projetando no chão uma luz branca retangular. Hetty terminara seu trabalho e partira. A noite estava tão silenciosa que Mavis podia ouvir os grilos do lado de fora e o movimento cauteloso de um camundongo em algum canto do quarto. Ficou deitada de olhos abertos e prestando atenção aos ruídos, atormentada por seus pensamentos, até que, por fim, vencida pela exaustão, adormeceu.

James estivera sonhando mais uma vez. Estava deitado sozinho na grande cama do quarto de hóspedes de Célia, olhando através da névoa que era a tela de mosquitos presa no teto. Sob a tela, seu corpo nu, excitado, estava molhado de suor.

Soltou uma imprecação muda. O que aquela pequena feiticeira de cabelos negros havia feito com ele? Que tipo de feitiço inocente lançara sobre ele? Será que jamais se libertaria para viver a vida que escolhera com tanto cuidado?

Cobriu o rosto com o braço e permaneceu imóvel, tentando se recordar, tentando, mesmo contra a própria vontade, recapturar o que lhe havia escapado.

O sonho era bem simples. Ele se via deitado em uma pradaria, estendido sobre um tapete de minúsculas flores brancas. Aos poucos ele se deu conta de que havia alguém deitado a seu lado. Virou-se e ela sorria timidamente para

ele, os cabelos espalhados a sua volta, como um maravilhoso leque de ébano. Nua e dourada, ela estava deitada, um punhado de flores brancas cobrindo-lhe os seios e o sexo. Os olhos verdes atraíam-no.

Ele estendeu o braço e começou a retirar as flores de seus seios, uma a uma, controlando-se com muito esforço. Sentiu a respiração dela arfar ao descobrir um seio perfeito e acariciá-lo, roçando o bico até que se enrijecesse. Sua palma rodeava-o, acariciando-o em movimentos lentos, circulares, repetidos.

Ela gemia enquanto as mãos dele desciam, um dedo desenhando o contorno suave de seu ventre. Uma por uma, ele removeu cada flor que restava até que seus dedos chegaram ao triângulo escuro e acetinado entre suas coxas.

James sentia seu próprio corpo latejar enquanto suas mãos levavam-na ao mais puro êxtase. Os quadris dela ondulavam, desejando-o, convidando-o...

Por fim, ele não mais podia se controlar. Entreabriu-lhe as coxas e mergulhou nela...

Apenas para acordar abruptamente, como se houvesse caído sobre uma pedra.

Ficara deitado ali, no quarto de hóspedes de Célia, coberto de suor e tremendo de frustração. Devia haver alguma solução para pôr um fim àquela loucura. Devia haver algum modo de expulsar Mavis de seus pensamentos e de seus sonhos.

No quarto silencioso, o ruído suave do movimento do trinco da porta soou tão forte como um disparo. James ficou tenso, sem se mover enquanto a porta se abria e o piso rangia sob os passos leves se aproximando.

— James?

Ele se ergueu ao escutar seu nome. Através do mosquitoireiro, pôde divisar uma figura inclinando-se sobre ele na escuridão, tão pálida quanto um fantasma.

— James, querido? — Um raio de luar iluminou seus cabelos dourados. Era Célia.

CAPÍTULO VIII

Célia entreabriu o mosquiteiro e, por um momento, vestida em sua delicada camisola branca, permaneceu ali, visão pálida, emoldurada pelas dobras enevoadas. Depois, inclinou-se, debruçando-se sobre James.

— Está acordado? — sussurrou ela. James não se moveu.

— O que houve, Célia? Aconteceu alguma coisa?

— Oh, James! — Ela deixou-se cair na beirada da cama, a voz falseando em meio a soluços abafados. — Estou me sinto muito mal devido a nossa pequena discussão desta noite! Não consegui dormir! Há horas estou tentando.

James ergueu-se apoiando-se no cotovelo e ficou observando-a. Parecia adorável sob a luz do luar. Os cabelos soltos caíam deliciosamente sobre os ombros alvos, como uma cascata de mel. A curva dos seios revelava-se pelo decote bem pronunciado da camisola debruada de renda e, ao inclinar-se um pouco mais, desprendeceu-se dali uma envolvente fragrância de gardênias. Se realmente houvesse passado as últimas horas revirando-se na cama, tinha suportado o martírio muito bem.

— Oh, James, sinto tanto!

— Célia, não há razão para tanta angústia — disse ele, tomando-lhe a mão. — Precisamos de algum tempo para nos conhecer melhor, isso é tudo. Enquanto tivermos isso em mente, não teremos problemas.

— Mas eu queria tanto agradá-lo esta noite, James — disse, suspirando e pressionando-lhe a mão com sua palma suave. — Eu... eu ainda desejo agradá-lo.

Aquelas palavras chocaram-no. Ela só podia haver dito isso em completa inocência. Uma mulher como Célia, uma viúva respeitável e uma lady em toda extensão do termo, não poderia estar insinuando o que ele parecera entender. No entanto, viera a seu quarto perfumada como uma cortesã, e não mostrava qualquer sinal de querer partir. O que mais poderia ele pensar?

A mão dela avançava suavemente por seu braço nu, os dedos apenas roçando-lhe a pele. Sem entender a razão, James foi invadido por uma estranha sensação de mal-estar. Célia era uma das mulheres mais lindas que conhecera, e logo seria sua esposa. Se ela desejasse mergulhar nas águas da intimidade alguns meses antes, por que seria ele a hesitar? Afinal, ele era um

homem, e tinha os desejos e paixões de um homem.

— James, você me considera uma mulher desejável? — A mão dela acariciava-lhe o ombro, em movimentos sensuais.

Os dedos eram frios e as unhas longas roçavam-lhe a pele.

Não havia dúvidas sobre o que ela viera buscar, reconhecia James. E seu corpo ainda estava dolorosamente excitado devido ao sonho que tivera com Mavis. Não estava ele buscando algo que o curasse daquele sonho? Não queria apagar para sempre de sua memória aqueles momentos no porão do navio quando tomara Mavis em seus braços e a cobrira de beijos?

Se realmente quisesse esquecê-la, o caminho era claro, os meios bem a seu dispor. Tudo o que tinha a fazer era erguer os braços e puxar Célia para junto de si.

— James... — disse ela, levemente impaciente, aguardando a resposta dele.

— Célia, você é uma das mulheres mais atraentes que encontrei em toda minha vida — disse ele suavemente. — Sinto-me honrado por haver concordado em vir a ser minha esposa.

Seguiu-se um longo silêncio, cheio de expectativas. Era óbvio que ela esperava outras palavras, envolventes e cheias de desejo. Mas ele era como um poço seco. Nenhuma palavra brotava.

Com delicadeza, James tomou-lhe a mão que acariciava seu ombro. Os dedos dela eram longos e suaves. A visão das mãos pequenas e calejadas de Mavis pairava perturbadoramente em sua mente enquanto ele roçava com os lábios a palma da mão de Célia. Estranhamente, o desejo abandonara seu corpo. Por alguma obscura razão, fazer amor com sua futura esposa era um passo que ele ainda não estava preparado para dar.

— Você me deseja? — sussurrou ela, os dedos acariciando seu rosto sedutoramente.

— É uma mulher muito bonita, Célia. Só um louco não a desejaria. Mas somos pouco mais que estranhos. Não acha que antes devemos nos conhecer um pouco melhor?

Ela se retraiu, mal escondendo o ressentimento.

— Siga adiante com os planos das festas e da caçada — disse ele, gentil, esperando que ela se acalmasse. — E caso seus amigos desejarem falar de política, assim será. Está vendo, eu também quero agradar você. — Seus dedos pressionaram a mão rígida de Célia. — Nós vamos ter uma vida maravilhosa, eu e você. Apenas seja paciente comigo enquanto estou tentando me adaptar a novas situações. Está bem? Ela suspirou, afastando-se

dele.

— Muito bem, James. Imagino que seja como meu pai costumava dizer: atrele duas mulas desconhecidas à carroça e pode estar certo que haverão alguns coices antes que aprendam a puxar a carroça juntas.

— É exatamente isso — sorriu ele, admirando seu senso de humor, embora no ar houvesse ficado certa frieza.

Célia inspirou profundamente.

— Pensando em fazer o melhor, James, eu fui ontem visitar a nossa nova casa.

— E há algo errado?

Na confusão da chegada, James mal tivera tempo de pensar sobre a grandiosa casa que ele estava construindo próximo aos limites de suas terras. O construtor era homem de sua confiança, e imaginava que o projeto deveria estar caminhando bem.

— Tudo está indo maravilhosamente bem — disse Célia. — A casa só estará realmente pronta nesse outono, é claro, mas alguns dos quartos, como por exemplo o quarto do casal, estão praticamente terminados. Você poderia mudar-se para lá e assim supervisionar melhor as obras.

James observou-a de relance. Célia tinha a cabeça erguida, o queixo firme e decidido. Era uma mulher orgulhosa e com certeza o convite dessa noite não seria repetido. Na verdade, estava expulsando-o de sua casa.

— Parece-me uma idéia muito boa — disse ele, experimentando um estranho alívio.

Ele não ia se sentir à vontade ali, na casa de Célia, sob o mesmo teto que Mavis.

— Faz mais sentido — declarou ela, de maneira bem formal. — Você poderá me visitar e teremos um noivado digno, sem darmos margem a comentários dos vizinhos. Como sabe, eu tenho um bom nome a zelar.

— Sim. Eu... estou certo que é o melhor — respondeu James, tentando em vão soar relutante para salvar o orgulho dela.

— Está vendo? — riu ela, o som como se fosse cristal se estilhaçando. — Estamos nos entendendo muito melhor, não é verdade? Boa noite, James. Voltaremos a nos ver assim que você retornar de Leedstown.

Ergueu-se com elegância e deslizou pelo quarto, parando para fechar suavemente a porta atrás de si. Apenas sua fragrância permaneceu no ar da noite, doce e forte.

Célia executara uma retirada em alto estilo. Mas por que afinal viera até ele?, pensava James, recostando-se outra vez no travesseiro. Não seria ela a

mulher tão digna que pretendia ser? Ou teria vindo para pressioná-lo por alguma causa, como por exemplo empurrá-lo imediatamente para dentro da arena política? Ou simplesmente sentia-se solitária?

E em que estaria pensando após deixar o quarto?

Não conseguia entendê-la. Era como se ela possuísse uma série de máscaras adoráveis e ele ainda não houvesse aprendido a distingui-la, entre todas elas. Mesmo contra a vontade, não podia deixar de compará-la a Mavis, cujas emoções estampavam-se em seu rosto como a luz penetrando pela vidraça das janelas.

Mavis.

James murmurou uma imprecação abafada, virou-se e tentou em vão pegar no sono.

Antes do primeiro galo cantar, Mavis estava desperta, ansiosa por explorar Fairhaven. Vestiu-se rapidamente, enfiando o vestido sobre a camisola, sem perder tempo com a anágua ou o espartilho. Despejando um pouco de água na bacia, lavou o rosto e a boca. Então, depois de algumas escovadelas no cabelo, atravessou rapidamente o corredor escuro que dava para o saguão dos fundos.

A cozinha estava silenciosa, o fogo apagado no grande fogão de pedra, restando apenas carvão. Pelas janelas abertas, o céu prateado do amanhecer atraía-a para fora.

Mavis escapuliu, fechando suavemente a porta da cozinha atrás de si. O ar da manhã estava úmido e frio, as folhas dos carvalhos e cornisos brilhando, carregadas de orvalho. Uma garça azul solitária, as longas patas penduradas, batia as asas em direção ao rio. Por um momento, pensou em segui-la, mas desistiu. Primeiro, queria explorar a fazenda.

Com a claridade do amanhecer, a casa não se revelava tão imponente quanto lhe parecera na noite anterior. Seus degraus de tijolo se desfaziam e as paredes externas que a distância davam a impressão de terem sido pintadas de uma cor creme, não passavam de lâminas de madeira caiadas, muito velhas, necessitando urgentemente de uma nova mão de pintura. Os extensos gramados estavam salpicados por grande quantidade de dentes-de-leão amarelos.

Mas se Fairhaven não estava sendo cuidada com perfeição, não cabia a ela criticar. Afinal, já fazia algum tempo que Célia ficara viúva. Mesmo contando com a ajuda do capataz e dos escravos, havia muito trabalho para se administrar uma fazenda tão grande como aquela.

Do lado da cozinha, mais afastados da casa, escondidos por uma fileira

de magnólias e buxos, localizavam-se os alojamentos dos escravos. Ali, o dia já havia começado. Filetes de fumaça erguiam-se das chaminés das cabines de compensado sem pintura. Bebês choravam. Galos e galinhas ciscavam o solo árido entre as cabines. A solidão de Mavis atraiu-a para a área. Talvez ao menos algumas das crianças seriam amistosas. Não, pensou melhor, afastando-se. Hetty e Minna não fizeram nenhum gesto de boa vontade na noite passada. Os outros escravos agiriam da mesma forma.

Passou ao largo das cabines e do galpão de leiteria. Do outro lado, havia um cercado de madeira que parecia um canil. Pensou em investigar, mas logo mudou de idéia. Gostava de cães, mas a essa hora, não ia querer chamar a atenção provocando seus latidos.

Além das árvores, podia ver os campos, estendendo-se a perder de vista dentro da névoa do amanhecer. Incontáveis mudas recém-plantadas de tabaco ondulavam sob brisa suave da manhã.

De repente escutou o relinchar de um cavalo. Ah, então era isso. A construção comprida, parecendo um galpão atrás de um bosque de alamos, era o estábulo — e ela adorava cavalos. Na Inglaterra, costumava montar em pêlo os cavalos de caça de lorde Percy, às escondidas, agarrando suas crinas e saltando sobre seu dorso. Ali ainda era cedo demais para essas aventuras. Mas ao menos, nessa época do ano, talvez encontrasse algum potro recém-nascido.

A porta dos fundos do estábulo estava destrancada e escancarada. Ela entrou, saboreando os odores familiares de feno e estrume. Havia cerca de vinte baias. Mavis caminhava entre elas, examinando encantada cada animal. Eram bons animais, não de raça tão apurada quanto os cavalos de caça de lorde Percy, mas com certeza muito bem escolhidos e bem cuidados. Isso, provavelmente, devido aos bons tratos dispensados por Thomas. James havia dito que ele era o escravo mais valioso que Célia possuía.

Em uma baia, Mavis reconheceu a égua veloz que os trouxera para casa na noite anterior. Na baia seguinte, encontrou outra égua com pêlo alazão brilhante, montando guarda a seu potrinho de uma semana de vida.

— Oh! — exclamou encantada Mavis, abrindo a porta da baia. A égua alazão bufou, deitou as orelhas para trás e mostrou os dentes enormes amarelados. Mavis, no entanto, começou a lhe falar suavemente, acariciando seu pescoço acetinado, até perceber que os músculos da égua relaxavam. As orelhas elegantes viraram-se para frente mais uma vez e ela baixou a cabeça bem-feita em busca de um pouco de feno.

Mavis voltou sua atenção ao potro. Acariciou sua pelagem aveludada,

cocou atrás de suas orelhas, vendo-o estremecer de prazer, e maravilhou-se com seus enormes olhos escuros. Estava tão concentrada na pequena criatura que não ouviu a porta da frente se abrir. Nem ao menos ergueu os olhos ao escutar passos se aproximando, até ouvir um murmúrio de surpresa.

— Mavis! — disse James. — O que está fazendo aqui?

No primeiro instante, o coração dela saltou de alegria ao vê-lo na porta da baia. Mas as lembranças da noite anterior retornaram rapidamente: James deixando-a na caleça sem uma só palavra; James subindo os degraus para abraçar Célia; James e Célia sozinhos no andar de cima durante toda a noite.

Sentiu-se gelar.

— Mavis. — Ele entrou e ajoelhou-se sobre a palha, ao lado dela que, concentrada no potro, evitava seu olhar.

— Você está bem? — perguntou ele, carinhoso.

— Sim, muito bem obrigada, James — forçou-se a responder de maneira delicada.

— Há quanto tempo está aqui?

— Não faz muito tempo. Apenas queria explorar os arredores e encontrei isto aqui — disse ela, acariciando o flanco do potro. — Ele não é lindo?

— Mavis, olhe para mim.

— Por quê?

— Porque eu preciso ter certeza de que você compreende — disse ele, suspirando.

— Por que lhe importaria o fato de eu compreender ou não? — perguntou ela, o coração cheio de raiva e de mágoa.

— Porque, ainda que não acredite, eu me preocupo com você — confessou ele. — Agora, olhe para mim, por favor, Mavis.

Ela forçou-se a virar, forçou-se a enfrentar seu olhar.

— Nós conversamos sobre isso, você se lembra? — perguntou ele.

— Sim, eu sei. Foi ontem mesmo, no navio. Bonitas palavras sobre amizade e lealdade. E eu compreendo. Compreendo melhor do que você imagina.

Quando ele lhe tomou a mão entre as suas, ela estremeceu, assim como o potrinho estremecera quando ela o acariciara.

— E o que exatamente você compreende? — perguntou ele, suavemente. — Diga para mim.

— Eu sei que você estava apenas se divertindo comigo no navio. Estava se divertindo comigo ontem à noite na caleça. — Dirigiu-lhe um olhar contundente. — Está se divertindo comigo agora mesmo, James Forrester.

— Maldição! — a imprecação em voz baixa explodiu, mas ele não lhe soltou a mão. — Está enganada, Mavis. Não está entendendo nada. O que eu senti no navio, o que senti na caleça, o que sinto neste exato instante é o sentimento mais real que experimentei em toda minha vida. É isso o que faz com que seja tão difícil o que devemos fazer...

— E na noite passada, obrigar-me a assistir a cena entre você e Célia, foi muito difícil para você, James? — perguntou ela, tensa. — Na verdade, não parecia nada difícil.

— Eu fiz o que acreditei que fosse o correto — disse ele, apertando-lhe a mão com tanta força que quase a machucou. — Eu sei que agi com frieza, mas de certa forma, imaginei que isso nos forçaria a assumir uma atitude definitiva. — Inspirou profundamente. — Fiz uma promessa, assumi um compromisso. Não posso me permitir...

— Eu sei. Eu compreendo. — Ela fez um movimento brusco e soltou as mãos das dele, virando o rosto. — Oh, deixe-me em paz, James! Eu estava tão bem esta manhã, antes de vê-lo.

Ela esperava que James se levantasse e partisse. Em vez disso, ele tomou-lhe o rosto com delicadeza, forçando-a a encará-lo. Foi então que ele viu as lágrimas, lágrimas que ela lutara tanto para esconder, brilhando em seus olhos.

Meneou a cabeça e abraçou-a, embalando-a contra o peito. Ele emanava um aroma limpo e quente e era doce estar em seus braços, um doce inferno.

— Mavis — murmurou ele, a voz rouca. — Por Deus, o que será de você? Você caminha pela vida buscando as pessoas, as coisas, em total confiança. É tão aberta, tão sem desconfiança...

Com esforço supremo, Mavis forçou-se a não escutar aquelas palavras.

— Deixe-me ir, James — disse em voz baixa. — O que vai acontecer comigo não é de sua conta!

— Mas eu a trouxe aqui.

— E agora aqui estou, e ponto final! — Ela colocou as mãos espalmadas sobre o peito dele e empurrou-o.

James não opôs resistência, mas enquanto a libertava, ela percebeu algo em seu olhar. Algo muito parecido a dor. Mavis levantou-se, ignorando a mão que ele lhe estendera.

— Está indo embora? — perguntou ela, percebendo pela primeira vez que ele usava roupas de montaria.

— Vou para Leedstown. Tenho de cuidar do navio — disse ele, fitando-a por um longo e estranho momento.

Uma raio de sol entrou pela porta, iluminando a fina cicatriz branca desenhada ao longo de sua face.

— Eu não voltarei diretamente para cá — informou. — A nova casa do outro lado do cabo está já em condições de ser habitada. Ficarei lá, por enquanto. — Inspirou profundamente. — Não vamos nos ver muito, a não ser quando eu vier aqui para visitar.

— Não, parece que não — disse Mavis, lutando contra a força do olhar de James. — Ao menos, até seu casamento.

Ela se inclinou e sacudiu a palha de sua saia, rompendo de propósito a teia invisível que se formava em torno deles.

— É melhor que sele seu cavalo e siga seu rumo — prosseguiu ela. — Sem dúvida a senhora Pomeroy logo estará perguntando por mim. Até logo, James.

Ela se virou sem ao menos olhar para ele e caminhou depressa até a porta. Quase imaginou ouvi-lo chamá-la, mas ainda que fosse verdade, ela não se podia permitir voltar. Tinha de seguir caminhando, rapidamente, afastando-se dele. Era a única maneira de controlar seus sentimentos.

Assim que se aproximou da casa, Mavis pôde escutar o eco dos cascos do cavalo galopando pelo longo caminho da saída. Foi invadida por uma sensação de frio e de desolação, mas lutou bravamente para não se deixar dominar.

Ela se esgueiraria pela cozinha e correria para seu quarto. Lá poderia tomar alguns minutos para prender os cabelos e fazer-se um pouco mais apresentável para o café da manhã.

Algo chamou sua atenção, um leve movimento como se estivessem baixando as cortinas de um quarto no andar superior. Protegeu os olhos com a mão e olhou para cima, mas tudo estava silencioso. Não deveria ser nada, apenas sua imaginação, ou talvez o bater de asas de um pardal no peitoril da janela. Entraria na casa, começaria seu dia com todo o ânimo, deixando para trás os acontecimentos daquela manhã.

O sol começou a se delinear sobre o topo distante das árvores, pincelando as nuvens de dourado. Mavis inspirou profundamente, deixando-se invadir por toda a beleza da manhã. Então, correu para dentro de casa.

James incitava o garanhão cinzento a todo o galope. Seus cascos ferrados levantavam lama e pedregulhos por onde cortavam a estrada úmida. A crina batia em seu rosto, enquanto se inclinava para frente na sela. Cavalgava como

se carregasse o próprio demônio na garupa.

Sua mente parecia um redemoinho. Por quê?, perguntava-se sem parar. Sempre havia planejado sua vida com confiança plena em seu julgamento. Sempre confiara em sua prudência, seu próprio sentido do que era certo.

Agora, de súbito, via-se questionando tudo isso — seus valores, seus planos, suas prioridades, sua razão.

Passara os últimos dez anos acreditando que a riqueza lhe traria satisfação. Sua busca de riquezas fora um sucesso com o qual jamais poderia sonhar. Agora, dizia-se, chegara o momento de desfrutar de tudo aquilo que a riqueza poderia lhe proporcionar: uma boa casa, terras, criados, uma esposa deslumbrante e uma posição de destaque nos mais altos círculos da sociedade colonial. Tudo isso estava bem dentro de seu alcance.

E quanto a outros detalhes como amor e satisfação emocional, nunca admitira necessitá-los, nem ao menos reconhecia a existência deles.

Até esse momento.

Ora, bem agora em que imaginava que tinha sua vida perfeitamente organizada, por que o barril completo parecia virar de ponta cabeça? Bem quando ele conseguira tudo o que queria, por que ele se sentia tão maldita e abjetamente infeliz?

As perguntas revoavam em sua mente como pássaros enlouquecidos. E James não tinha as respostas, exceto aquelas que vislumbrara nas profundezas dos olhos verdes de Mavis.

Mas esses sentimentos eram apenas passageiros, tentava se convencer depressa. Cedo ou tarde, ele os superaria. Suas dúvidas desapareceriam e ele prosseguiria com a vida que tinha planejado: a nova casa, a fazenda, o casamento com Célia, a entrada na política. Tudo exatamente como deveria ser.

Nesse meio tempo seria prudente manter-se com rédeas curtas. Ele se concentraria no término da casa e na aragem da terra. Aquelas tarefas o manteriam ocupado até que os outros elementos de sua vida se ajustassem em seu devido lugar.

Reduziu a marcha do cavalo. O rio brilhava banhado pelo sol da manhã, espelhando a fila de árvores na margem distante. Essa era uma terra linda, dizia-se James. Era como Célia, rica em promessas do que poderia lhe dar, se trabalhasse com afinco, não se impacientasse e fosse perseverante.

Quanto a Mavis, ela era como o mar, apaixonada, cheia de vida e de infinita capacidade de se maravilhar. O mar era parte dele mesmo, e sempre seria. Mas ele o havia abandonado. Trocara-o por algo que, com o decorrer do

tempo, provaria lhe dar maior satisfação.

Aprumou-se e incitou o garanhão a um trote rápido. O *Pégasos* estava a sua espera em Leedstown. Nesse dia, ele se desfaria de seu carregamento e dos passageiros contratados e então passaria o comando do navio a Saul Redding para a viagem de retorno à Inglaterra. Lá, o navio seria vendido, rompendo de vez sua última ligação com o mar. Seus dias como capitão haviam terminado.

Era hora de dar início a sua nova vida.

Com o bordado no colo, Célia sentava-se no sofá turco brocado, na sala de estar do piso superior. Seus olhos perspicazes inspecionavam Mavis dos pés à cabeça.

— Deus do céu, esse é o melhor vestido que você possui? — perguntou ela, franzindo o cenho para o vestido azul.

Mavis suspirou.

— Tenho um outro. Mas é meu vestido de trabalho. Não é tão bonito quanto esse.

— Não é tão bonito quanto este! Mas então deve ser um verdadeiro horror! — tossiu Célia, com elegância. — Minha querida jovem, não vou permitir que você circule por essa casa vestida nesse trapo. Olhe para ele! Está desbotado, está sujo...

— Não havia onde lavá-lo no navio — protestou Mavis.

— Não me interrompa — cortou Célia asperamente. — Está desbotado, está sujo e você desmaiará de calor durante o verão se não encontrarmos um tecido mais leve. Imagino que saiba coser.

Mavis torcia as mãos nervosamente. Sentia-se como um inseto sendo examinado com uma lupa.

— Temo que não — disse ela.

Célia suspirou e meneou a cabeça.

— Ao menos sabe realmente ler e fazer contas? Paguei um bom dinheiro por sua passagem.

— Sim, isso eu sei — respondeu depressa Mavis. — E farei o melhor possível para recompensar tudo que a senhora pagou.

— Isso é o que veremos.

Célia ergueu-se e alisou o amassado de seu vestido de fustão amarelo debruado com fitas de cetim verde. Parecia tão linda e delicada quanto uma

rosa. Não era difícil entender por que James estava apaixonado por ela.

— Vamos trazer uma modista aqui amanhã para começar a fazer alguns uniformes mais adequados para você — disse ela. — Nesse meio tempo... Parece ser do meu tamanho. Durante as primeiras semanas, poderá usar alguns vestidos velhos meus. Creio que posso abrir mão de um ou dois que tenho usado para cuidar do jardim e preparar conservas. Está bem assim?

— Sim, senhora — respondeu Mavis, embora algo no tom condescendente de Célia colocou-a de sobreaviso.

No entanto, não podia se esquecer de que nos próximos cinco anos seria propriedade dessa mulher. Não tinha escolha a não ser sentir-se grata por qualquer coisa que lhe fosse ofertada.

— Agora, vamos dar uma olhada em seus sapatos — disse Célia, inclinando-se. Mavis então ergueu a ponta da saia para mostrá-los. — Meu Deus! Mas estão cheios de furos! Vamos ter de levá-la a um sapateiro, também — disse, bufando levemente, — Parece que sua passagem foi apenas o começo do que você vai me custar!

— Sinto muito, mas é o único par que possuo — disse Mavis. — Mas pretendo trabalhar para justificar tudo que a senhora gastar comigo.

— Seus cabelos — disse Célia, franzindo o cenho. — Não quero que o deixe caído sobre o rosto desse jeito. Deve puxá-lo todo para trás e prendê-lo em uma trança. Se eu vir uma só mecha fora de lugar, eu a mandarei de volta a seu quarto para refazer tudo. Está entendendo?

— Sim — murmurou Mavis, e então inspirou profundamente. — Falando sobre meu quarto, eu estava pensando se não poderia me arrumar um outro em qualquer lugar que tivesse uma janela maior.

— O quê? — Célia encarou-a, meio incrédula e meio divertida com tanta temeridade.

— Desculpe, mas meu quarto é tão escuro, especialmente à noite. E há algo a respeito de lugares fechados que me amedronta. É como se eles estivessem se fechando ao meu redor. Eu sei que é tolice, mas não consigo lutar contra isso.

Célia meneou sua cabeça aristocrática, balançando os cabelos dourados.

— Tem razão, é uma tolice. E encontrar outro quarto está fora de questão. A não ser que queira se mudar para os alojamentos dos escravos. Não há outro lugar. Eu necessito de todos os quartos do andar superior para meus hóspedes — disse ela, franzindo o cenho. — Agora, vamos para baixo e...

Mavis inspirou mais uma vez e prosseguiu:

— Como estávamos falando de minha aparência, há uma outra coisa.

— Outra coisa? E o que é? — perguntou Célia, impacientando-se.

— Eu gostaria realmente de poder tomar banho — disse Mavis. — Se tiver uma banheira que eu possa usar, eu mesma posso enchê-la e esvaziá-la.

Célia sacudiu a cabeça.

— Minha querida jovem, eu possuo uma maravilhosa, imensa banheira de cobre que faz inveja a três condados. Mas é mantida no andar superior e reservada para meu uso e de meus convidados.

Mavis suspirou desanimada.

— Mas então, o que...

— Se tem necessidade de tomar banho, então faça o mesmo que as outras criadas. Use alguma das pias ou vá até o rio. Hetty e Minna poderão lhe mostrar onde. — Ela espiou no relógio sobre o consolo da lareira. — Oh, está ficando tarde. Vamos para baixo e vou lhe mostrar as contas da casa. Mais tarde, darei uma olhada em minhas roupas velhas e mandarei Minna levar algumas delas para você usar.

Deslizou para a porta movendo com elegância a saia de fustão amarelo e as anáguas enfeitadas de renda.

— Você pode passar o resto do dia aprendendo meu sistema de contabilidade. Espero que seja tão capaz quanto James disse, pois terá o trabalho talhado para você.

Os brotos das plantas de tabaco que tinham a altura de um dedo quando o *Pégasos* chegara à Virgínia há um mês, já estavam agora com trinta centímetros. Mais alguns dias, e estariam prontas para serem podadas, observava James enquanto margeava os limites das plantações de Célia ao norte e virava as rédeas do garanhão na direção do estreito caminho que levava a Fairhaven.

A cultura de tabaco era bastante complicada, pensou enquanto cavalgava. As sementes, tão minúsculas que dez mil caberiam em uma colher de chá, tinham de ser plantadas no final do inverno, em canteiros cobertos. Em maio, as mudas eram transplantadas para os campos, onde se deveria capinar, podar, aparar e proteger as plantas de vermes durante todo o verão. As plantas eram cortadas em agosto. Depois as folhas murchas ficavam durante semanas penduradas em terreiros ao ar livre para secar. Após esse período, eram embaladas bem apertadas em tonéis para serem transportadas.

Grandes lucros proporcionados pela cultura de tabaco justificavam tanto

esforço. Na verdade, quase toda a riqueza de Tidewater, as mansões imponentes, o ambiente requintado, as grandes fortunas baseavam-se na venda de tabaco para o mercado europeu. Mas a cultura do tabaco era amante exigente. James não estava nem um pouco ansioso para a chegada do próximo verão, quando sua primeira plantação estaria cobrindo os campos. Naquele instante, estaria então sentindo enorme falta da liberdade do mar.

Adiante, além das árvores, vislumbrou as paredes altas, amareladas, de Fairhaven. Suas visitas nas últimas semanas haviam sido menos freqüentes do que ele pretendia. Mas estivera muito ocupado. O término da casa e a aragem da terra haviam ocupado seus dias desde o amanhecer até a hora de dormir. Era irônico, pensava ele; Os trabalhadores haviam desempenhado perfeitamente bem suas tarefas enquanto ele estava no mar, mas agora, de repente, sua presença tornara-se indispensável. Parecia que nada se fazia sem sua supervisão.

E tinha de admitir, suas visitas a Fairhaven haviam sido tensas. Célia conversava alegremente como sempre e provara ser uma esplêndida anfitriã nos pequenos jantares que organizara para ele. Mas não havia nenhum calor entre eles, nada do delicioso convívio que geralmente fazia do noivado uma época de doce antecipação.

Era mais culpa dele do que dela, refletia James. Afinal, fora ele quem rejeitara suas iniciativas naquela primeira noite em Fairhaven. Fora ele quem se afastara dela. Agora, ela se afastara dele.

Mas enquanto atravessava o portão e subia pelo caminho em direção à casa, James só pensava na possibilidade de rever Mavis. E a cada visita, ela dava um jeito de desaparecer, ao menos quando dependia dela. Contudo, Célia parecia sentir um perverso prazer em chamá-la para servi-los quando ele estava ali. Ela tocava o pequeno sino de bronze que mantinha junto a sua cadeira e Mavis surgiria silenciosamente, carregando o serviço de chá de prata, vestida como se fosse uma *quaker* com seu uniforme cinza de gola alta bem fechada e seu avental branco. Notara que Célia se empenhara em anular a aparência da garota. Mas fora em vão. O formalismo de seu uniforme e os cabelos severamente trançados destacavam ainda mais a beleza deslumbrante de seu rosto.

Cada vez que os três — Célia, Mavis e ele — estavam em uma mesma sala, o ambiente parecia carregar-se de tensão. Mavis mostrava-se tão subjugada como ele jamais a vira. Fazia todos os esforços possíveis para evitar seu olhar e só falava quando lhe dirigiam a palavra. Célia, por outro lado, conversava com crescente animação. Ria de seus próprios pequenos

gracejos, inclinando-se sobre James para sussurrar-lhe algo no ouvido, colocando a mão possessiva sobre seu joelho ou ombro, ou roçando os lábios em seu rosto. Era quase como se estivesse representando cenas de intimidade para Mavis, como se ela soubesse algo que James e Mavis ignorassem.

Desmontou diante da escadaria da entrada principal e amarrou as rédeas de seu cavalo no poste. Há quase uma semana não vinha a Fairhaven. Esperava que Célia não estivesse aborrecida com ele.

Preparando alguma desculpa, James levantou a aldrava de bronze e deixou-a cair três vezes. Quando a porta se abriu, foi o rosto largo e escuro de Hetty que o saudou.

— A senhora Célia foi visitar os vizinhos — explicou Hetty quando ele lhe perguntou por ela. — Saiu com Thomas pela manhã na charrete e só vai voltar na hora do jantar.

— Entendo. Obrigado, Hetty. — James se voltou, mas não sem dar uma espiada por sobre os largos ombros de Hetty. O saguão de entrada atrás dela estava vazio.

— Gostaria de comer alguma coisa, capitão James? — perguntou Hetty. — Tenho um pouco de presunto e feijão já prontos na cozinha.

— Agora, não, obrigado — disse James.

Hesitou por um momento e não resistiu em perguntar sobre a única coisa que ocupava sua mente desde sua chegada.

— Poderia me dizer onde está a senhorita Mavis?

— A senhorita Mavis? — Teria uma sombra passado pelos olhos de Hetty ou fora imaginação sua? — Ela também saiu. Foi até o rio para tomar banho. — Hetty balançava a cabeça, depreciativamente. — Deus, como aquela menina gosta de estar limpa. Na primeira chance, corre para a água.

James assentiu.

— Vou seguir meu caminho então, Hetty. Você poderia avisar a senhora Célia que tentarei passar por aqui no domingo?

— Eu lhe darei o recado. — Por alguns instantes Hetty fitou James com seus olhos sábios e então fechou a porta.

James montou seu cavalo e fez a volta para retornar. Ele iria para casa tomando o caminho do rio, decidiu-se. Ao longo da margem, havia pequenos braços do rio onde os escravos e trabalhadores do campo costumavam nadar. Esses lugares não eram seguros para uma mulher sozinha, e se Mavis tivesse ido para lá, ela deveria ser avisada. A garota era tão confiante, tão ingênua. Ela seguia sua vida como se não houvesse perigo ou maldade em qualquer lugar do mundo.

Arrependera-se de haver perguntado por ela na casa grande. Hetty era uma boa alma e parecia gostar dele, mas também era leal a Célia. Se comentasse que ele havia perguntado por Mavis...

James afastou o pensamento da mente. Estava apenas preocupado com a garota, era tudo. Que mal havia em procurá-la, sabendo que poderia estar correndo algum perigo?

No entanto, assim que tomou a estrada do rio, começou a cavalgar cada vez mais rápido. Estava ansioso para vê-la outra vez, os cabelos negros esvoaçando ao vento, os olhos verdes mergulhando nos dele.

Mavis.

Tocou seu cavalo incitando-o ao galope.

CAPÍTULO IX

Mavis deslizava pela água com braçadas largas e calmas, sua passagem deixando uma trilha na superfície calma da lagoa. Lentamente, virou-se e boiou de costas. Os raios de sol, através das folhas das árvores que rodeavam a lagoa, criavam desenhos vivos de luz sobre suas pálpebras cerradas. A água fria produzia-lhe a deliciosa sensação de seda refrescante na pele nua.

Hetty ensinara-lhe o caminho para chegar a um braço de rio bem protegido onde as mulheres escravas costumavam se banhar. Mas Mavis não se sentira bem ali. As margens enlameadas continham inúmeras pegadas humanas e a água estava turva de lodo. Píer ainda, sentira-se exposta, como se metade dos homens mal-intencionados de todo o condado conhecesse aquele lugar e estivessem ali, atrás dos arbustos, a espreitá-la.

Resolvera procurar outro lugar, um lugar só para ela. Bem próximo de lá, notara um pequeno riacho de água cristalina que desembocava no Rappahannock. Decidiu acompanhar a margem do riacho subindo rio acima. Seguiu-a penetrando na mata densa, subindo pelas pedras e evitando plantas espinhosas até que, mais ou menos um quilômetro acima. Lá encontrara uma nascente que seguia por entre as rochas até ficar represada entre elas formando uma piscina perfeita. As rochas que margeavam a lagoa eram banhadas pelo sol e sobre elas pendiam galhos de salgueiros. A tela espessa formada por arbustos a seu redor, densa e virgem, revelava que há anos ninguém pisava nesse lugar. Logo reivindicou para si a lagoa e a mata que a circundava. Sempre que podia, ao menos uma ou duas vezes por semana, ia até ali. Aquele lugar havia se transformado em seu único refúgio das provações de sua vida em Fairhaven.

Ali ela podia nadar na água fresca e límpida, deitar-se sobre as rochas e observar os papafigos tecerem seus complicados ninhos pendurados nos salgueiros. Podia sentar-se, imóvel como uma estátua, quando um guaxinim peludo surgia do meio dos arbustos para umedecer uma guloseima à beira da lagoa.

Eram os únicos momentos de sua vida que realmente lhe pertenciam. Seu único instante de liberdade.

Oh, não que tivesse enfrentado problemas com seu trabalho em Fairhaven. Sentia-se orgulhosa em poder responder qualquer pergunta sobre

rendimentos e despesas da fazenda com uma única olhada no livro-razão. Não se importava também em redigir os infindáveis convites sociais para que Thomas os distribuísse. E até gostava de atender a porta e servir os convidados que vinham visitar Célia. Como costumava receber as pessoas mais importantes da região, escutando suas conversas, Mavis pôde aprender muito sobre as colônias.

Não, o trabalho não lhe desagradava. Mas havia algo mais, algo que destruía a própria estrutura de sua alma.

Era a nítida sensação de estar sendo tratada como menos do que um ser humano.

Era a percepção de que, por melhor que desempenhasse seu trabalho, para Célia, não passava de mera propriedade. Era um dos bens da fazenda, que poderia ser listado no inventário em um lugar mais ou menos situado abaixo dos cavalos e acima dos cães.

E Célia não tinha qualquer consideração pelos seres humanos que faziam parte de sua propriedade. Se a princípio Mavis não se dera conta disso, agora não tinha a menor dúvida. Um incidente que ocorrera há duas semanas voltava-lhe à mente com a força de um golpe de punhal.

Naquela ocasião, ela fazia uma refeição tardia na cozinha, enquanto Hetty e Minna lavavam os pratos, quando de repente, Jake Sloan irrompera ali arrastando as botas sujas. Seus olhos estreitaram-se enquanto olhava à volta.

— Muito bem, Hetty. Onde está ela?

Instintivamente, Mavis encolhera-se em seu banco, ainda que soubesse que não era ela a quem Sloan se referia. Foi então que ela percebera, perdendo a respiração. Era Minna quem ele queria. E Minna, de repente, desaparecera.

Irritado, Sloan buscara com os olhos por toda a cozinha.

— Acho bom você encontrá-la, Hetty. E quando o fizer, é bom falar pra ela que não vou admitir mais esse jogo de esconde-esconde comigo! E diga-lhe que se ela não sair até eu contar cinquenta, vai levar a maior surra de chicote de toda a sua vida!

Saíra da cozinha batendo a porta atrás de si. Mavis fitara-o aterrorizada enquanto Minna surgira, tremendo, de trás da porta da despensa.

Hetty pusera os braços em torno da garota angustiada.

— Você ouviu o que ele disse, não é?

— Acho que vou ter de ir — assentiu ela, desesperada. — Não estou suportando mais ser chicoteada.

— Mas você não tem que agüentar isso, Minna! — intrometeu-se Mavis, sem conseguir se conter. — Jake Sloan não tem nenhum direito...

O olhar de Hetty fizera com que parasse na metade da frase.

— Ele tem todo o direito — dissera, a voz sem qualquer inflexão. — O senhor Jake é o patrão.

— Não — argumentava Mavis apaixonadamente. — Ele não é o patrão. É empregado de Célia Pomeroy! Ela é a proprietária de Fairhaven! Ela é dona de... você! Ora, se ela soubesse o que ele pretende, jamais permitiria...

Outra vez, Hetty lançara-lhe um olhar tão frio e desesperançado que Mavis sentira vontade de chorar.

— A senhorita Célia sabe — Hetty retrucara. — Ela não se importa.

— Eu preciso ir — dissera Minna, desvencilhando-se dos braços de Hetty. — Se eu demorar mais, ele voltará.

— Minha pobre criança... — Lágrimas brilharam nos olhos de Hetty.

— Uma vez mais não vai fazer diferença. Não vai demorar muito para que Thomas e eu...

— Shhh! — sussurrou Hetty, dando uma espiada na direção de Mavis. — Melhor ir então, meu bem. Que o Senhor nos ajude... a todos!

Minna partira, a cabeça baixa como se caminhasse para um cadafalso. E Hetty, sozinha com Mavis, recusara-se a dizer uma só palavra sobre o assunto. Mavis recolhera-se e ficara acordada toda a noite, o coração apertado.

Desde então, ela pensara em pedir a James que intercedesse, mas não tivera nenhuma oportunidade de falar com ele a sós. Ela somente o via quando ela visitava Célia.

E aqueles momentos eram muito dolorosos.

Mergulhou nas águas frias e lípidas da lagoa como se pudessem lavar os pensamentos sombrios, afastando-os de sua mente. Mas não conseguiu. Mais uma vez, ela se recordava de Célia pavoneando-se ao redor de James, pendurando-se em seu braço, colocando a mão sobre seu joelho, murmurando segredinhos em seu ouvido. E James aceitando de bom grado todas aquelas manifestações, mesmo em sua presença. Como se comportariam quando estivessem a sós?, torturava-se ela com visões imaginárias de Célia nos braços de James, seus lábios pressionando os dela. E a vida dela, como seria depois que se casassem, testemunha silenciosa de suas intimidades?

Retornou à superfície e boiou de costas, fitando intensamente o céu azul através do topo das árvores. Não tinha qualquer direito sobre James. Desde o

princípio soubera que ele era comprometido com outra mulher. Se ela se aborrecia com o relacionamento dele com Célia, não podia culpar ninguém senão a si mesma.

Não pensaria mais no assunto, decidiu. Ao menos não nesse dia.

Começou a sentir um pouco de frio. Nadou até a beirada da lagoa e subiu em uma rocha plana banhada pelo sol, para se secar.

Por um momento, sentou-se com os joelhos encolhidos, bem juntos do peito, os cabelos molhados cobrindo-lhe as costas. Então, enquanto a superfície da rocha começava a aquecê-la, foi se abrindo como uma flor. Uma perna esbelta, dourada, e então a outra, esticando-se, os dedos dos pés flexionando-se. Arqueou a coluna ao mover a cabeça para deixar os cabelos caírem livres. Gotas de água brilhavam em seu corpo nu. O sol fazia-lhe bem e Célia estaria fora durante a tarde. Podia desfrutar dessa pequena e única liberdade, desse pequeno prazer, por quanto tempo desejasse.

O braço do rio estava deserto quando James ali chegou. A intuição lhe dizia que Mavis não estivera nadando por ali. Não podia imaginá-la se despindo para se banhar em um local tão exposto. Sendo assim, ela deveria ter ido em busca de outro.

Mas onde? Desmontou e caminhou pela beira da água até notar o riacho de águas cristalinas, com menos de um metro de largura, caindo sobre as pedras cobertas de musgo. A limpidez da água e a maneira como brilhava sob o sol falou-lhe de Mavis. E quando viu a trilha quase imperceptível da grama pisada acompanhando a margem do riacho acima, soube para onde ela havia ido.

James seguiu a trilha, puxando o cavalo até que a mata densa impedisse a passagem do animal. Amarrou as rédeas em um tronco. Pelos seus cálculos, essa mata estava dentro de sua propriedade e haveria pouca probabilidade de que o cavalo fosse roubado.

Marcando mentalmente o lugar, prosseguiu rio acima. A trilha entre plantas espinhosas e salgueiros era tão estreita quanto a trilha de uma raposa. Depois de uns quinze minutos de esforço para segui-la, começou a duvidar que qualquer ser humano pudesse haver passado por ali. Foi então que algo chamou sua atenção — algo azul, esvoaçando, pendurado na ponta de um raminho, como uma minúscula bandeira.

James abaixou-se e soltou o fiapo de linha, linha azul do vestido que Mavis usara a bordo do *Pégasos*.

Seu pulso acelerou-se ao encostá-lo no rosto. Mesmo esse pequeno retalho de roupa retinha o aroma dela e evocava uma cadeia de lembranças

sensuais: o mar, a tempestade, o porão escuro e úmido e o que se passara ali. Quase podia senti-la outra vez em seus braços, os seios pressionados contra seu peito, a boca quente e úmida colada à sua. Uma leve dor espalhou-se por sua virilha.

Acima, podia ouvir o borbulhar de uma nascente. Movia-se cautelosamente agora. Se Mavis estivesse mesmo ali, não queria assustá-la irrompendo pelos arbustos como um touro bravo. Primeiro queria ter a certeza. Então, chamaria em voz alta.

Através da espessa tela formada pelos salgueiros, vislumbrou uma área aberta, o sol refletido na água. Então, de repente, viu-a, quase perdendo a respiração.

Lá estava ela, estendida sobre uma rocha, banhada pelo sol, os olhos fechados, os cabelos negros espalhados como um leque de seda. O corpo nu tinha a cor do mel, suave e dourado. James sentiu uma forte pontada de desejo enquanto seu olhar deslizava do rosto até o triângulo escuro entre as coxas. Era a mesma visão de seus sonhos, só que, dessa vez, real. E o resto do sonho...

Forçou-se a desviar o olhar. Isso não estava certo, repreendeu-se. Mavis, em sua gloriosa e primitiva nudez, era tão inocente quanto uma criança. E ele espionava-a como um devasso. Virou-se de costas.

— Mavis! — chamou baixinho, sem querer assustá-la.

— Oh! — ouviu-a dar um grito abafado antes do barulho de alguém atirando-se na água.

— Está tudo bem — disse ele em voz alta, aproximando-se. — Sou eu, James.

— Vá embora — disse ela, a voz carregada de hostilidade.

Por um instante, James pensou em obedecer, mas logo mudou de idéia. Essa poderia ser a única oportunidade de conversar a sós com ela. Além do mais, ela agora estava dentro da água, coberta modestamente até o pescoço.

— Vou me aproximar! — disse ele, afastando o arbusto e subindo na rocha à beira da água.

— Se eu tivesse uma pistola, atiraria em você! — gritou ela do meio da lagoa.

Nadava como uma lontra, os braços e pernas remando em um movimento suave e natural. James não pôde deixar de notar que a água estava perturbadoramente límpida próxima à superfície.

— Talvez fosse eu quem deveria estar carregando uma pistola! — provocou ele. — Está invadindo minha propriedade.

— Sua propriedade! — Os olhos verdes fitavam-no reprovadoramente, os cílios e sobranceiras negras molhados, brilhando. — Mas esse lugar era só meu. Eu o encontrei. E agora que está aqui, não me pertence mais! Por que veio até aqui destruir meu sonho, James?

As palavras dela atingiram-no muito mais do que ele gostaria de admitir. James sentou-se na rocha, as mãos cruzadas sobre o joelhos. O ângulo mais baixo impedia-lhe a visão. Dali, ao menos, poderia conversar com ela sem ser levado quase à loucura pela visão de seu corpo adorável.

— Estava preocupado com você. Esse lugar não é seguro para uma mulher sozinha. Há animais selvagens.

— Ora, vamos, James! Raposas? Guaxinins?

— E também homens. O pior de todos. Homens que não hesitariam...

— Homens? — Os olhos dela soltavam faíscas. — Homens como você, é o que quer dizer?

— Mavis... — Fez um movimento involuntário na direção dela. Ela emitiu um som abafado e mergulhou, batendo os pés enquanto afundava. James vislumbrou os pés batendo. Então ela desapareceu.

Ele se pôs de pé. Quando o movimento da água clareou, pôde ver a sombra dela na água escura bem profunda, seu corpo brilhando como uma sereia entre as pedras. De repente, não conseguiu mais vê-la.

Perturbado, esperou que retornasse à superfície. Os segundos arrastavam-se em lenta agonia e ela não retornava. O desespero tomou conta dele ao fitar a água.

Não poderia perdê-la!

Atirou longe os sapatos e mergulhou. Sentiu o choque da água fria e logo mergulhava mais profundo, os olhos buscando freneticamente, os braços movendo-se rápidos, sem nada encontrar.

Seus pulmões pareciam arrebentar ao forçar o retorno à superfície onde planejava tomar ar e retornar. Acima, podia ver o sol, uma trêmula esfera de luz através da água. Um instante mais tarde, aflorou.

Sob o sol escaldante, James sentia os pulmões doerem. Tomou fôlego e já ia mergulhar outra vez quando a viu espreitando-o por detrás de uma tora que boiava do outro lado da lagoa.

Soltou uma imprecação. Embora se sentisse fraco de alívio, ela o fizera de tolo!

Mavis ria como um diabrete, mas assustou-se com a expressão do rosto dele.

— Oh! — exclamou ela, atemorizada. — Oh, meu Deus!

Ele já estava em seu encalço, dando braçadas rápidas com a fúria de um touro prestes a investir. Ela nadava rápido, desviando-se, uma sombra clara na água.

— James — engasgou ela de uma boa distância. — Eu só estava tentando me esconder de você para que fosse embora...

— Você quase me matou de susto e, além do mais, fez com que me ensopasse — gritou ele, parando para recuperar o fôlego. — Eu deveria colocá-la sobre meus joelhos e lhe dar umas boas palmadas, ou quem sabe afogá-la de verdade! — Atirou-se mais uma vez na água, na direção dela.

— Não! — exclamou ela, a voz entrecortada, enquanto tentava escapar, a perna quase roçando na ponta de seus dedos. — Não é culpa minha! Eu não o convidei para vir aqui, James Forrester! Eu estava muito bem até você chegar!

— E eu estava muito bem também, até o dia que você apareceu no meu navio! Estava seguro do meu caminho. Sabia o que queria. Agora, não tenho tanta certeza de mais nada. Algumas vezes nem sei ao certo quem sou...

— Pare com isso James. Está mais uma vez se divertindo às minhas custas e isso eu não vou permitir! Não quero escutar mais nada! — Deslizou se afastando, batendo os pés, o corpo movendo-se sinuosamente.

James mergulhou atrás dela outra vez. Ele não tinha certeza do que faria quando a alcançasse; um bom caldo seria ridículo, pois ela já estava toda molhada. Mas estava imbuído da compulsão de colocar as mãos nela, segurá-la, sacudi-la, e... e o quê?

— Você me deixou tonto, Mavis — disse ele, arfando. — Você me enfeitiçou, como se eu fosse algum de seus malditos pássaros...

— E quanto a você? — dizia ela, a voz fraca pelo esforço de tentar escapar dele. — Causou-me mais tristeza e dor do que eu jamais imaginei possível! Gostaria de poder fugir e jamais voltar a vê-lo!

— Agora escute-me... — James atirou-se na direção dela, a mão resvalando em sua coxa enquanto ela escapulia mais uma vez.

— Não! Deixe-me em paz, James...

— Não antes de lhe dar uma lição.

Recomeçaram tudo de novo, as investidas e as fugas. Mavis era mais ágil, mas James, muito mais resistente, e a lagoa era pequena. Em pouco tempo ele a encurralara contra as pedras. A essa altura, nenhum deles conseguia falar, arfando de cansaço.

Ela se deitou encolhida nas águas rasas, os olhos arregalados e selvagens. Poderia escapar se subisse nas pedras, mas James sabia que ela não ousaria fazê-lo, sem roupas. Estava encurralada. James podia sentir as batidas de seu

próprio coração enquanto se aproximava, resvalando no fundo da lagoa.

— James, por favor... Não faça...

Deu um grito surdo quando ele a alcançou e segurou seu pulso. Lentamente, sem ceder, ele a atraiu para si.

E abraçou-a. Apenas abraçou-a carinhosamente de encontro ao peito.

Ficaram assim, tensos e tremendo, metade do corpo para fora da água. Então James sentiu que ela relaxava contra ele com um leve suspiro. Ele a abraçava com cuidado, as mãos no meio de suas costas nuas. A doçura, a estranha paz daquele momento era algo que jamais havia experimentado na vida.

— Sua tolinha — sussurrava ele, quando conseguiu falar. — Sua tolinha, doce e selvagem.

Estavam ambos com frio depois de tanto tempo na água, mas quando o sol começou a brilhar sobre eles, sentiram-se outra vez bem. James, para seu desconsolo, percebia que seus sentidos também se aqueciam. Ele estava cada vez mais consciente da maciez da pele dela, do contorno sinuoso de suas costas e ombros. Através da camisa molhada sentia a leve pressão dos seios contra seu peito, provocando-lhe arrepios de prazer por todo o corpo até a virilha. Gemeu em silêncio ao sentir seu membro enrijecer.

Ele a queria — essa era a única e terrível verdade. Queria essa criatura da natureza, estranha, selvagem, mais do que jamais havia querido qualquer mulher em sua vida, incluindo aquela com quem planejava se casar.

Queria acariciar seus ombros e então, lentamente, percorrer-lhe as costas até os quadris. Ele queria deitá-la em seus braços e encher os olhos com a beleza de seu corpo, as partes que o sol beijara dourando-a e aquelas partes alvas, adoráveis, secretas, que ela mantinha escondida de todos, exceto dele.

Ele se imaginava acariciando-lhe a ponta dos seios com os dedos, até que ela aceitasse seu contato, então inclinando-se para roçar o mamilo com a ponta da língua. Imaginava-se rodeando-o, e devagar tomando-o na boca enquanto ele se enrijeceria; imaginava-se deixando a mão deslizar suavemente por seu ventre liso, mais baixo, mais baixo, até...

Mavis moveu-se e gemeu baixinho em seus braços.

Ao escutar aquele único som lamentoso, os instintos de proteção de James se alertaram. Ergueu-lhe o queixo com o dedo. Os olhos verdes fitaram-no, tão sábios e ainda assim tão inocentes que pareciam apertar seu coração.

— Creio que é hora de vestir-se, Mavis — sussurrou ele, a voz rouca. — Vou lhe dar minha camisa para cobrir-se ao sair da água.

A expressão dela se petrificou, como se só nesse momento percebesse a própria nudez. Instintivamente, ela se afastou, cobrindo-se com os braços enquanto ele desabotoava e tirava a camisa, colocando-a sobre seus ombros.

— Onde estão suas coisas?

Ela fez um gesto em direção à rocha plana do outro lado da lagoa, onde se viam o vestido e roupas íntimas dobradas com cuidado.

— Vou buscá-las para você — disse ele. — Pode sair da água e secar-se ao sol.

Ela se sentou enrolada na camisa, os braços envolvendo os joelhos dobrados, enquanto James apanhava suas roupas e retornava.

— Mavis, está tudo bem? — perguntou ele, agachando-se a seu lado.

— Sim. — Ela baixou os olhos. — Fique de costas.

Ele fez o que ela pediu. Virou-se e fitou a lagoa enquanto Mavis se vestia.

— Pronto — disse ela, por fim. — Terminei. Pode se virar agora.

James deu a volta e viu-a de pé, completamente vestida, alguns passos distante, usando os dedos para desembaraçar os longos cabelos negros. As faces estavam afogueadas e o queixo readquirira a postura desafiante.

Ainda assim, havia uma vulnerabilidade em seus olhos, uma expressão magoada que não havia existido ali antes. Apertava o coração de James.

— Mavis, o que foi? Se eu fiz alguma coisa que a magoou... Ela fez que não e inspirou profundamente.

— James, nenhum homem jamais me viu... viu meu corpo ou me tocou antes. Isso é algo que sempre quis guardar até o dia que me casasse — disse ela, a voz entrecortada.

James recordou-se do que passava por sua mente enquanto a abraçava e foi invadido por imenso remorso.

— Mavis, não — protestou ele. — Você não perdeu nada com o que aconteceu. Você imaginava que estava sozinha antes que eu me intrometesse. Foi culpa minha, tudo o que houve.

— Mas eu deixei você me abraçar... Para ser sincera, James, até mesmo gostei disso. E os pensamentos que passavam por minha cabeça fariam até mesmo você corar! O que isso faz de mim?

A sinceridade dela enterneceu-o.

— Responda! — sussurrava ela, a voz rouca de emoção. — O que isso faz de mim?

— Faz de você uma mulher. E eu lhe juro, Mavis, o homem que se casar com você nada perdeu para mim. Eu nada tirei de você. E você nada me deu.

— Mas então, por que me sinto tão mudada?

— Não sei a resposta — disse James, abalado. — Só uma pessoa pode responder, e essa pessoa é você. Se por alguma razão eu lhe fiz algum mal, peço seu perdão.

— Não. Você nada fez para me prejudicar. Esses sentimentos confusos brotaram dentro de mim. Você não compreende?

James suspirou e meneou a cabeça. Ambos falavam sem coragem de enfrentar o âmago das questões que os perturbavam. Ao menos, ele não tinha. Não agora. Ainda não.

— Não podemos alterar o que já aconteceu, Mavis — disse ele, ternamente. — Mas sei que temos de fazê-la voltar logo a Fairhaven antes... antes que magoemos outra pessoa.

Ela assentiu, entendendo de imediato.

— Mas você não pode retornar comigo. Estamos molhados. Você nunca vai conseguir explicar...

— Não. Mas posso levá-la quase até lá na garupa de meu cavalo. Assim chegará mais rápido.

— Seu cavalo?

— Está amarrado no bosque. Venha.

Caminharam pela trilha tão silenciosamente quanto os índios. O garanhão cinzento estava amarrado exatamente onde James o deixara. Ele montou e então segurou Mavis pelo braço para ajudá-la a subir em sua garupa. Ela subiu facilmente, sem hesitação e sem medo.

— Você já montou antes, imagino — comentou James, guiando o animal pela trilha.

— Sim — a risada dela soou forçada, mas rompeu a tensão entre os dois.

— A minha maneira, quer dizer. Eu costumava pegar os cavalos de caça de lorde Dunsmore para cavalgar. Era muito divertido, mais ainda por que era proibido. E eles corriam como o vento! — Fez uma pausa para arrumar as saias que haviam subido acima dos joelhos. — Eu os montava em pêlo, é claro, sem bridão.

— Sem bridão?

James tentava ignorar a proximidade dela, a curva de suas pernas esbeltas atrás dele, seus seios tocando-lhe as costas. Tentava ignorar a pulsação do próprio corpo e a tensão dolorida na virilha contra o culote molhado.

— Mas como fazia para guiar os cavalos? — perguntou ele.

— Eu não os guiava. Apenas me segurava e deixava-os correr. Depois de algum tempo, eles se cansavam ou algumas vezes, me atiravam longe. Então

eu voltava a pé para casa. Como meu pai me repreendia! Tinha medo que eu quebrasse o pescoço!

— Mas ele não a proibia?

— Sabia que não ia adiantar.

— Você é uma pessoa surpreendente.

Por algum tempo, ela não respondeu. Seus braços envolviam de leve a cintura dele, a pressão suave só aumentando quando ela se inclinava para evitar um galho mais baixo.

— Por que veio à minha procura? — perguntou ela, por fim.

— Eu lhe disse. Estava preocupado com você.

— Mas como é possível? Até sua chegada, eu estava perfeitamente segura.

James suspirou. Mavis não aceitaria dele algo que não fosse a verdade. Mas a verdade era algo que nem um nem outro estava preparado para enfrentar.

— Mavis — começou ele, sem jeito — , algumas coisas perturbadoras aconteceram hoje. Talvez fosse melhor conversarmos sobre elas mais tarde.

Ele sentiu que o corpo dela se enrijecia e se afastava dele.

— Talvez — disse ela, depois de um longo silêncio. — Mas talvez fosse ainda mais prudente, James, simplesmente não conversarmos sobre elas. Nós dois sabemos disso. Não tenho a menor intenção de causar qualquer problema entre você e... e sua noiva. Só estou tentando entender o que aconteceu. Faz algum sentido?

James suspirou dolorosamente.

— Sim, por mais estranho que pareça, faz sentido.

— Nesse caso, será melhor eu tratar de encontrar as respostas sozinha. Não posso pedir a sua ajuda. Perdoe-me por haver tentado.

Eles haviam chegado ao fim do bosque. À frente, estendiam-se as plantações de tabaco de Célia que iam até Fairhaven, pontilhadas aqui e ali por grupos de árvores.

— Daqui posso ir andando — disse Mavis, saltando do cavalo. — Não seria bom que fôssemos vistos juntos.

— Tem certeza de que estará bem? — perguntou James, querendo segurá-la por um pouco mais de tempo.

— Sim. — Ela ergueu os olhos para ele, a mão protegendo-a do sol da tarde. — Estarei bem, James. E você também precisa estar.

Voltou-lhe as costas e caminhou a passos decididos por entre os campos, o braços balançando corajosamente enquanto avançava pelas espessas fileiras

de plantas verdes de tabaco.

Emocionado pela coragem do pequeno gesto, James fitou-a até que desaparecesse atrás de um aglomerado de faias. Então, ele fez a volta e tomou o caminho de casa, as roupas molhadas, o corpo ainda latejando e a mente mergulhada em um turbilhão.

Ao alcançar o primeiro grupo de árvores, Mavis mal podia andar, as pernas trêmulas sustentando-a com dificuldade. Ao certificar-se que estava fora das vistas de James, deixou-se cair ao pé de uma faia frondosa, reclinou-se em seu tronco e cerrou os olhos.

Seu coração disparava, não pelo esforço físico da caminhada, mas pelas emoções violentas que a dominavam.

Ondas de calor invadiam seu corpo ao se lembrar da maneira como James a abraçara. Ela vinha se sentindo tão solitária. E então, ele viera para envolvê-la no círculo forte e seguro de seus braços. Ela se deixara apoiar contra seu peito, sentindo um grande conforto a princípio. Depois, pouco a pouco, seu calor inundou-a. Foi invadida por um mundo de novas sensações enquanto seu corpo se incendiava, cheio de vida, pelo contato daquelas mãos grandes e fortes.

Oh, como ela desejava aquele contato! Desejava que as mãos dele acariciassem suas costas, que tocassem seus seios. Ela ansiara para que ele a fitasse, acariciando cada centímetro de seu corpo com o olhar. Ela desejava aquela boca ávida, a um tempo brutal e terna, sobre a sua, a dor deliciosa de se sentir pressionada contra o peito largo e forte.

Mas nada acontecera. Ela não sabia como transmitir seus sentimentos a James, e ainda que soubesse, não tinha o direito. Nenhum direito.

O que estava acontecendo com ela? Seria errado sentir-se da maneira como estava se sentindo? Ou eram esses desejos desconhecidos meramente parte da natureza feminina? Ela mantivera sua inocência por tanto tempo, tempo demais. Talvez fosse hora de deixar que as coisas acontecessem. de começar a aprender sobre a vida.

Mas aprender era difícil e doloroso. Jamais imaginara quão doloroso poderia ser.

James jamais poderia ser seu. Sim, essa era a verdade. Se ela quisesse a segurança do casamento, um lar e filhos, ela teria de se contentar com alguma outra pessoa, algum homem bom e simples que lhe proporcionasse tudo isso. Desejar James Forrester era como desejar a lua. Ele estava muito além de seu alcance. Ele pertencia a Célia.

A coisa mais sensata a fazer seria buscar o amor em outra parte. A

Virgínia estava cheia de homens solteiros e uma jovem bonita poderia escolher. Assim que terminasse seu contrato, ela simplesmente olharia em volta e escolheria o melhor que pudesse encontrar.

Oh, mas nenhum deles seria James! Ele era o sol enquanto os outros homens não possuíam o menor brilho. Era o oceano bravio enquanto os demais não passavam de córregos sinuosos do campo. Ela jamais encontraria outro que o igualasse.

E jamais encontraria qualquer coisa que se igualasse às correntes doces e dolorosas que percorriam seu corpo cada vez que ele a fitava.

Impaciente e frustrada, Mavis se pôs de pé e recomeçou a caminhar. O sol da tarde estava baixo e logo Célia estaria em casa. Esperava-se que Mavis estivesse ali, aguardando-a, os cabelos puxados e trançados e trajando aquele odioso uniforme cinzento, abotoado até o pescoço. Suspeitava que Célia houvesse escolhido a dedo o vestido, com seu avental engomado e duro, para ser tão desconfortável quanto deselegante. Mavis jamais se sentira tão escravizada quanto nas horas em que estava aprisionada dentro dessas roupas rígidas. Assim que seu contrato terminasse, ela fantasiava em queimar o odioso uniforme e dançar ao redor das chamas!

Já estava bem próxima à casa. Cortaria cominho por trás dos estábulos e economizaria alguns minutos. Com sorte, ninguém a veria nem lhe perguntaria sobre os cabelos molhados embaraçados, as roupas desarrumadas e seu rosto afogueado e úmido.

Ao se aproximar do pátio da frente dos estábulos, seu coração disparou. A carruagem de Célia, a mesma que a transportara pela manhã, estava parada ali, ao longo da cerca, desengatada, sem ninguém que a cuidasse. Isso só podia significar uma coisa: Célia retornara mais cedo.

Mavis pensou rápido. Talvez ainda tivesse uma chance de escapulir para dentro sem que a vissem e mudar de roupas antes de encontrar Célia. Mas só daria certo se ninguém estivesse por ali enquanto ela cruzasse os gramados. Era melhor correr para dentro dos estábulos e ficar espreitando até ter certeza de que não seria vista.

A porta do estábulo estava entreaberta, o vão suficiente para ela esgueirar-se por ali sem precisar movê-la. Permaneceu por um momento lá dentro esperando a vista acostumar-se com a penumbra. Foi só então que percebeu que não estava sozinha.

Do lado oposto, bem no final dos estábulos, pôde ver duas figuras meio escondidas pelas sombras. Uma delas, era um homem forte de ombros largos. A outra parecia ser uma jovem alta e esguia. Estavam de frente um para o

outro, sem se dar conta da presença de Mavis.

Quando se abraçaram, ela quase soltou uma exclamação. Agora os reconhecia. O homem era Thomas, a mulher, Minna.

Seu rosto assumiu uma expressão melancólica ao vê-los se abraçarem. Claro, fazia sentido. Era tão natural, tão certo que essas duas jovens e belas criaturas fossem amantes. Pareciam feitos um para o outro.

Agora estavam conversando, as vozes tão baixas que Mavis não conseguia distinguir nenhuma palavra. Recuou para as sombras. Jamais tivera a intenção de espioná-los, mas revelar agora sua presença apenas lhes causaria medo e constrangimento. Permaneceria escondida e esperaria por um momento oportuno para escapulir.

Minna começara a chorar amargamente, as palavras entrecortadas entre os soluços. A voz de Thomas revelava a um só tempo ternura e raiva. Não era difícil adivinhar o assunto: Jake Sloan.

Mavis sentiu-se vergonhosamente culpada. Ela havia prometido a si mesma que ajudaria Minna. E mesmo assim, naquele mesmo dia, no entusiasmo de estar com James, esquecera-se da promessa. Nada dissera a James sobre Jake Sloan e a violência de que Minna estava sendo vítima. E James era a única pessoa que poderia influenciar Célia a fazer algo a respeito.

— Minna! — era Hetty chamando da porta da cozinha, seu vozeirão ecoando pelas paredes do estábulo. — A senhora Célia está chamando! Ela quer que a roupa seja lavada!

Minna afastou-se de Thomas mas ele a puxou outra vez de encontro ao peito. Ela passou braços em torno de seu pescoço e permaneceram abraçados assim durante um longo momento. Só então ele a deixou ir. Ela se esgueirou pela porta dos fundos do estábulo e correu em direção à casa.

Sentando-se sobre um balde entornado, Thomas enterrou o rosto entre as mãos. Mavis decidiu ser essa a melhor chance de escapulir sem ser notada.

Saiu das sombras e moveu-se rapidamente em direção à porta. Mas quando ela encobriu o fino raio de sol que entrava pela passagem, Thomas ergueu a cabeça.

— Senhorita Mavis! — sobressaltou-se ele, pulando do balde, o pânico estampado no rosto forte e bonito.

Mavis se voltou e correu para ele.

— Não! Está tudo bem, Thomas. Eu estou do lado de vocês!

— Não vai contar à senhora Célia? — perguntou ele aliviado, mas ainda em dúvida.

— Nunca! Eu... eu acho maravilhoso o que está acontecendo entre você e

Minna. Se eu puder fazer algo para ajudar...

Ele sacudiu a cabeça.

— A melhor coisa que pode fazer é não dizer nada. Haverá muitos problemas se o senhor Jake... — Thomas cerrou os enormes punhos, sem conseguir terminar a frase.

— Eu sei — sussurrou Mavis, solidária. — Eu sei o que Jake Sloan estava fazendo com ela. Eu tinha planejado falar com o capitão Forrester sobre o assunto...

— Não! — a intensidade na voz de Thomas assustou Mavis. — Não diga nada. Não podemos criar mais problemas agora. Precisamos deixar as coisas se acalmarem.

— Mas por quê? — insistiu Mavis. — Talvez o capitão pudesse ajudar.

— Ele criaria mais problemas ainda. E esta é a última coisa que Minna e eu desejamos até que nós... — deixou escapar, logo recuperando o sangue-frio.

Mavis aguardou que ele lhe contasse, mas ele não terminou o que começara a dizer.

— O senhor Jake administra esse lugar — disse ele, mudando de assunto. — Enquanto ele fizer com que o tabaco cresça e com que o dinheiro continue a entrar, a senhora Célia lhe dá permissão para fazer o que bem entender. E isso inclui chicotear alguém sempre que tiver vontade, ou tomar uma escrava que lhe chame a atenção.

— Mas isso é monstruoso! — protestou Mavis. — Como pode...

— Assim são as coisas por aqui — disse ele, amargo. — E é bom que entre agora, senhorita Mavis. A senhora Célia estava a sua procura assim que chegamos e ficou furiosa por não havê-la encontrado.

— Oh — disse Mavis o coração apertado. — Era isso que eu temia. Obrigada, Thomas. Vou agora mesmo. — Atirou-se em direção à porta, voltando-se antes de sair correndo. — E Thomas...

— Sim?

— Seu segredo está a salvo comigo. Não direi uma palavra a ninguém.

Ele assentiu e ela correu pelo gramado em direção à casa. Agora não fazia sentido tentar escapar sem que a vissem. Ela apenas teria que encontrar Célia e enfrentá-la.

— Mavis, não vou mais admitir isso! — a voz de Célia era ríspida como o ruído de uma serra. — Você é minha propriedade e deve estar aqui quando eu precisar de você! Não quero mais essas andanças pelo campo como se fosse uma prostituta meio cigana.

— Eu apenas fui tomar banho — disse Mavis, o que era verdade.

— Esse pretendo banho está interferindo em seu trabalho! — retrucou Célia. — Enquanto estive fora, fiquei sabendo que o conselheiro Fitzhugh acaba de chegar de Williamsburg para passar o verão em sua fazenda. Decidi marcar a caçada à raposa para quarta-feira, assim posso convidá-lo antes que ele se envolva demais em seu trabalho. Você não pode imaginar o quanto esse homem pode fazer pelo futuro político de James! Está entendendo?

— Sim — murmurou Mavis, os olhos baixos, fixos no tapete. — Imagino que a senhora queira que eu comece a redigir os convites.

— Se você estivesse aqui quando cheguei, já teria terminado a metade. Quero todos prontos pela manhã quando Thomas deverá sair para distribuí-los!

Mavis assentiu contritamente, prevendo que passaria a noite inteira trabalhando para concluir a tarefa.

— Vou começar imediatamente.

— Faça isso! — Célia ergueu-se e retirou uma fiapo de bordado da saia. — Assim que terminar o primeiro, venha até aqui para mostrá-lo para que eu esteja certa de que o fez corretamente. Oh, e Mavis...

— Sim?

— Você não poderá mais sair daqui. Qualquer banho que quiser tomar, deverá ser feito nas pias. À noite.

— Mas eu apenas...

— Chega! Da próxima vez que não estiver aqui quando eu precisar de você será severamente punida! Entendeu?

— Sim, senhora — murmurou Mavis, tentando esconder o desespero. — Vou limpar minha mesa e começar a trabalhar.

CAPÍTULO X

Por volta das dez horas daquela manhã, começaram a chegar os convidados de Célia para a caça à raposa. Alguns vinham pelo rio em pequenas chalupas elegantes que ancoravam nas águas rasas ou então eram amarradas ao embarcadouro privado de Fairhaven. Outros vinham pela estrada. Por volta do meio-dia, o pátio do estábulo estava apinhado de charretes, carruagens e cavalos suados, resfolegantes.

Radiante, Célia brilhava em seu papel de anfitriã. James hesitava a se aproximar, permanecendo à sombra de um carvalho frondoso, um copo de sidra na mão, observando-a saudar cada convidado que chegava. Estava deslumbrante com seu vestido de fustão verde-água cujo corpete e barra eram bordados com delicadas rosas cor-de-rosa. Em torno do pescoço, exibia uma única volta de pérolas perfeitas, que ele lhe havia dado de presente de noivado. Seus brincos pingentes de pérolas, presente do primeiro marido, brilhavam ao sol quando ela movia a graciosa cabeça.

Ela recebia cada convidado calorosamente. Com James, havia repassado a lista de convidados, explicando-lhe a importância social de cada nome. Havia alguns Randolph, Lee, Wormeley, Carter, tantos nomes que ele jamais iria se recordar de todos. Se isso era política, então, ao contrário do que Célia pensava, talvez ele não fosse talhado para esse papel.

Sentindo-se meio culpado, ele tomara a decisão de fazer tudo para agradá-la nesse dia. Seria atencioso, educado e agradável. Diria as coisas certas e, acima de tudo, não permitiria que seu olhar vagasse por onde não devia.

No entanto, apesar das boas intenções, não conseguia desviar os olhos das portas duplas que se abriam para a varanda. Vira Mavis apenas de relance enquanto ela saía e entrava, recolhendo pratos sujos e recolocando o suprimento de pães e bolinhos fritos, carnes fatiadas, queijos, conservas, sidra e ponche de rum sobre a longa mesa de madeira. Seu coração saltara no instante em que a vira porém ela, muito mais prudente, evitara seu olhar.

Mais uma vez surgia agora, atravessando as portas carregando uma bandeja tão pesada que ele temeu que a derrubasse. Sem pensar, deu um passo adiante, mas estacou de súbito. Sua interferência apenas serviria para constranger Mavis e aborrecer Célia. Ficou onde estava.

Mas não era o único querendo ajudar. Um jovem ruivo, que James reconheceu vagamente como sendo um dos Randolph, estava tirando a bandeja das mãos dela. Agora, um outro jovem, um dos Wormeley, arrancara a bandeja das mãos do primeiro e estava quase disparando com ela em direção à mesa.

James meneou a cabeça, meio divertido. Parecia que ele não era o único homem a observar Mavis.

Para ela seria uma boa experiência ser o alvo de tantas atenções, tentava se convencer. Do pouco que sabia sobre Mavis, ela possuía pouca ou nenhuma experiência com homens. Ela parecia não perceber o quanto era perturbadora, adorável e fascinante. Não faria mal algum a sua autoconfiança descobrir seus encantos.

O jovem Wormeley acabava de oferecer-lhe um copo de ponche de rum. Agora dois dos Carter se aproximavam. Rodeavam-na jovens das famílias mais importantes de toda a Virgínia, todos ansiosos por agradá-la. James sentiu uma pontada de preocupação. E se ela se deixasse levar pela lábia deles? E se não conseguisse perceber suas verdadeiras intenções? Jovens tratantes de sangue azul como aqueles estavam sempre atrás de uma garota bonita. Mas invariavelmente, quando pretendiam se casar, restringiam sua escolha aos limites de seu círculo social. Se alimentasse qualquer ilusão em contrário, Mavis poderia se magoar profundamente.

Ela estava tentando esvaziar a bandeja, o rosto afogueado enquanto rechaçava os elogios. Mesmo naquele uniforme austero, era, de longe, a mulher mais bonita presente. Recordava-se como a havia visto na lagoa secreta, a pele dourada, os cabelos espalhados como um leque de seda negra. Recordava-se de como a tivera nos braços, nua e trêmula. Ele se recordava...

Piscou os olhos para expulsar a visão enlouquecedora. Algo quente e sombrio ameaçava invadi-lo. Tinha de se esforçar para permanecer onde estava, o copo na mão, tentando ser agradável, quando realmente desejava ir correndo ao encontro dela, carregá-la em seus braços e levá-la para longe. Ele queria...

O choque das emoções violentas fez com que voltasse a si. Meu Deus! O que estava acontecendo com ele? Estaria com ciúmes? Esvaziou o copo de um gole só. Impossível! Jamais sentira ciúmes de qualquer mulher em toda sua vida. Nem mesmo de Célia. De todas as...

— James!

A voz de Célia tão próxima assustou-o. Virou-se e encontrou-a a seu lado, de pé, os olhos azuis cheios de ressentimento.

— James, o que deu em você? Estou tentando chamar sua atenção há cinco minutos! O conselheiro Fitzhugh acaba de chegar e quero que você venha conhecê-lo.

— Sinto muito — desculpou-se enquanto seguia Célia pelo gramado, entregando o copo vazio a um escravo que passava. — Eu sei o quanto isso significa para você.

— O quanto significa para mim? — sibilou, o olhar cortante como a lâmina de um punhal. — James, estou fazendo tudo isso por você! Tem todo o potencial para se tornar um dos homens mais poderosos da Virgínia! Mas sem a ajuda de pessoas como o conselheiro, não vai a parte alguma!

Ela segurou-o pelo braço e afastou-o por um momento da vista dos convidados.

— Escute-me — disse ela. — Eu fiquei sabendo hoje cedo que existe uma vaga no Conselho! Um dos membros desse condado acaba de morrer vitimado por uma febre, e o Conselho pode ser obrigado a indicar alguém para ocupar o posto dele durante alguns meses, até as próximas eleições.

— Célia, eu acabo de chegar — disse ele, percebendo aonde ela queria chegar. — Ninguém me conhece...

— Oh, mas eles vão conhecê-lo. Você não percebe? — dizia ela, agarrando-lhe o braço com força. — Não pode imaginar como é fascinante a temporada de inverno em Williamsburg! As festas, os bailes... e comigo a seu lado. Oh, James, seria maravilhoso!

— Está bem — concordou ele, suspirando, — Vamos então conhecer seu conselheiro.

Ela praticamente dançava ao redor dos passos deliberadamente rápidos de James. Como não se havia dado conta antes? O desejo exagerado de Célia em envolvê-lo na política da Virgínia era alimentado mais que tudo por sua própria ambição. Ela o considerava apenas como tela de fundo para seu próprio papel: a anfitriã perfeita; a esposa deslumbrante de um homem proeminente, uma mulher a ser admirada, invejada.

De súbito, James foi invadido por sérias dúvidas sobre seu desejo de participar de tudo aquilo.

— Conselheiro, este é meu futuro marido, capitão Forrester. — Os brincos de pingentes de pérolas balançavam enquanto ela movia a cabeça graciosamente de um lado para o outro. — James, gostaria de apresentar-lhe o conselheiro FitzTiugh.

— É uma honra conhecê-lo, conselheiro.

Envolto em pensamentos sombrios, James preparara-se para detestar o

homem à primeira vista. No entanto, algo no aperto de mão firme de Fitzhugh chamou sua atenção. Viu-se examinado por olhos frios cinzentos, em um rosto marcado de varíola, encimado por cabelos brancos.

James considerava-se um razoável conhecedor da natureza humana. Tinha a sensação de que Robin Fitzhugh, não só como membro do Conselho do Governador, mas também como um indivíduo, era uma pessoa que exigia e merecia respeito. — É um prazer, capitão. — Fitzhugh quase igualava-se em altura a James, um pouco recurvado pela idade. Seu traje de caça parecia ter sido encomendado na Inglaterra. — E gostaria de congratular-me por sua escolha. Estou convicto de que muitos homens adorariam estar em seu lugar.

— Ora, vamos, conselheiro! — A risada de Célia ecoava como música pelo ar da tarde. — O senhor está apenas sendo gentil.

— Não, estou sendo sincero. Os dois formarão um casal maravilhoso... — interrompeu a sentença ao ver algo atravessando o gramado. — Por Deus! Quem é essa criança encantadora?

James seguiu a direção do olhar dele até Mavis que estava em pé do outro lado da mesa. Ela carregava uma bandeja com xícaras vazias apoiando-a no quadril, enquanto com a outra mão tentava abrir caminho entre os jovens admiradores que competiam por sua atenção. Estava afogueada, cheia de vida e tão maravilhosa que James sentia até o peito doer.

O conselheiro deu uma risadinha.

— Para uma criada, está causando grande alvoroço. Imagino que ela trabalhe para a senhora, não, senhora Pomeroy?

— É minha nova serva — respondeu Célia, a voz gélida. — Trata-se de uma garota graciosa, tenho de admitir, mas a pobre criatura não raciocina bem. Pior ainda, ela tem o péssimo costume de desaparecer cada vez que dou as costas. O senhor conhece o tipo. Sem dúvida, vai terminar com um bando de filhos bastardos agarrados à sua saia.

— Entendo — murmurou o conselheiro distraído, seu olhar ainda seguindo Mavis que tentava se desvencilhar dos admiradores. — Mas a garota tem um certo ar refinado, o senhor não acha, capitão?

Sem dúvida Fitzhugh estava colocando-o à prova, mas James não podia deixar que as palavras maldosas de Célia ficassem sem resposta.

— Ela é uma boa garota. Eu a trouxe em minha última viagem e ela passou a maior parte do tempo cuidando dos doentes. Até mesmo salvou a vida de uma mulher que...

— Já chega. — Os olhos de Célia soltavam veneno, mas logo sorriu. — Não quero ouvir falar de doenças hoje, James Forrester. Esse , tipo de

conversa destrói o espírito da festa. — Virou-se, graciosa, a saia esvoaçando no ar. — Ofereçam-me o braço, cavalheiros. Vou acompanhá-los até a mesa do ponche para que se conheçam melhor antes que a caçada comece!

Mavis espiava pelo rabo dos olhos enquanto Célia flutuava pelo gramado, de braço dado com James e com o conselheiro. Invejava o modo desembaraçado com que Célia se relacionava com os homens. Quem sabe exibia tal desenvoltura por haver sido casada, ou talvez por ter consciência de que sua beleza encantava a todos que dela se aproximassem...

E quanto a ela...

— Vamos, deixe-me ajudá-la com essas xícaras! — O jovem ruivo com a jaqueta de montaria verde retirou a bandeja de suas mãos. — Ora, é pesado demais para você. Acompanhe-me até a cozinha e eu a carrego para você.

— Não seja tolo — protestou Mavis. — Não posso permitir que os convidados façam meu trabalho. E a bandeja não é tão pesada assim.

— Nessa caso, eu carrego de um lado — riu ele, entregando-lhe a bandeja. — E você, do outro.

— Oh, deixe-a em paz, Harry! — outro jovem de cabelos e olhos escuros interrompeu-o. — Não está vendo que ela prefere ficar comigo? — Aproximou-se de Mavis. — Você sabe montar?

— Sim, sim — disse ela. — Mas...

— Então eu poderia pedir permissão à senhora Pomeroy para que você nos acompanhasse à caçada. Eu poderia lhe mostrar...

— Não — disse logo Mavis. — Nem pense nisso. A senhora Pomeroy precisa de mim na organização do jantar enquanto vocês estiverem fora.

Sorriu-lhes para mostrar que não estava zangada. Rodeavam-na como uma ninhada de cachorrinhos, esses jovens despreocupados com seus casacos de cores vivas e modos alegres e brincalhões. Era óbvio que estavam apenas se divertindo; mesmo assim, não sabia ao certo como tratá-los.

Invejava o tipo de respostas inteligentes que vinham com tanta naturalidade a outras garotas e a mulheres como Célia. Por alguma razão, ela não conseguia imitá-las, talvez por que tivesse crescido sozinha. Agora, rodeada das atenções brincalhonas desses jovens de sociedade, ela apenas conseguia dissuadi-los com delicadeza.

Imaginava que deveria se sentir lisonjeada. Esses garotos eram os melhores partidos na colônia, e metade das jovens do condado ansiava por chamar sua atenção. Mas eles nem ao menos a interessavam. Eram encantadores, mas apenas garotos, provavelmente mais jovens do que ela. E depois de haver conhecido James, depois de sentir seus braços a envolvê-la...

Mavis afastou o pensamento da mente.

Sob a sombra do grande carvalho, bebericando o ponche de rum, James conversava com o conselheiro Fitzhugh. Sentiu um aperto no peito ao vê-lo tão atraente em seus trajes de montaria, a jaqueta azul, a gravata branca, os culotes justos e as botas de cano alto. Seus cabelos, que haviam crescido bastante desde que chegara a Virgínia, estavam puxados para trás, presos com uma fina tira de couro.

Por um momento, ela se permitiu observar cada detalhe: a posição de sua cabeça ao escutar Fitzhugh; a mecha de cabelos prateados contrastando com a pele queimada de sol; a largura de seus ombros; os músculos sob o culote justo. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo. Suspirou.

De alguma maneira, isso tudo precisava ter um fim. Ela não podia continuar assim, olhando-o, pensando nele.

— Mas que inferno, olhem para o céu! — a voz do jovem Harry Randolph interrompeu seus pensamentos. — Se não montarmos agora, vamos sair para a caçada em meio a uma tormenta!

Todos a sua volta olharam para cima. Nuvens escuras carregadas de umidade aproximavam-se da baía, vindas do sul, rio acima. Célia murmurou uma imprecisão.

Como se alguém houvesse dado um sinal, a multidão, que conversava preguiçosamente no gramado, foi tomada de grande agitação. Os cavalos foram encilhados e os cavaleiros montaram; em seguida foi aberto o engradado da raposa que disparou em direção aos bosques. Por último, as portas dos canis foram destrancadas, provocando latidos alvoroçados dos cães de caça ingleses. Circularam no pátio em frente aos estábulos em barulhento pandemônio até que um deles farejou a raposa. Então, ladrando e uivando como espíritos mitológicos anunciando a morte, dispararam pela trilha.

Gritando entusiasmados, os cavaleiros galoparam em seu encalço.

Mavis ficou observando-os partir, os olhos fixos no casaco azul de James até que ele desaparecesse entre os demais. Então, voltou-se para ajudar Hetty, Minna e os outros escravos a retirarem as travessas de comida.

Célia fora se misturar às mulheres, que haviam sido deixadas para trás. Juntaram-se à sombra, seus vestidos e penteados murchando no calor insuportável. Os leques abanavam sem parar no ar quente da tarde. E bem longe ao sul, sobre o rio, as nuvens negras rolavam e rugiam. James fez o garanhão cinzento saltar um tronco caído, debruçando-se para evitar os ramos baixos. As caçadas que presenciara na Inglaterra eram muito diferentes

dessa confusão selvagem. Ali, homens, cães e cavalos misturavam-se nos bosques, sem qualquer plano ou organização. O sujeito que liderava o grupo gritava como um general em guerra. Outro cavaleiro, ao lado direito de James, parará para tomar um trago de uísque. A raposa, sem dúvida, já estaria bem longe dali, rindo. Os cães de caça de Célia metiam-se pelos arbustos, atirando-se uma ou outra vez em perseguição a um esquilo ou coelho. Alguns deles já haviam abandonado a matilha e se extraviado. Poderiam ter excelente *pedigree*, mas eram terrivelmente indisciplinados. Talvez, depois do casamento, ele poderia contratar um treinador, ou melhor ainda, convencer Célia a vendê-los.

Robin Fitzhugh surgiu a sua esquerda, aproximando-se.

— Então, o que está achando de nossa caça à raposa? — riu ele.

— Não se parece muito às inglesas — disse James, caindo na risada.

— Esse é o tipo de situação que revela nossa verdadeira origem — comentou Fitzhugh, baixando-se para evitar um galho de árvore. — A maioria das grandes famílias da colônia descendem de homens que fizeram fortuna no Mundo Novo. Na Inglaterra, eram demasiado humildes para sequer pensar em participar de caçadas com cães.

— Falando em cães — disse James, saltando mais um tronco caído —, essa deve ser a pior matilha de caça que já vi em toda minha vida. Olhe para eles, correndo cada um em uma direção!

— Os cães de caça? — Os olhos de Fitzhugh se estreitaram. — Você quer dizer que Célia não lhe contou sobre eles?

— Ela só me disse que são muito valiosos — disse James, sem entender.

— E que recusou muitas ofertas de pessoas que desejavam adquiri-los, embora eu não possa imaginar que nenhum caçador sério desejasse possuir animais tão selvagens.

— Meu caro amigo, você não compreende — disse Fitzhugh, gentilmente. — Esses cães de caça jamais foram treinados para caçar raposas. Hoje, o que você observa, não passa de uma brincadeira para eles.

James fez o cavalo parar.

— Mas então, o que...?

— O primeiro marido de Célia, Harry Pomeroy, importou a matilha da Inglaterra e treinou-os para caçar seres humanos.

— Humanos? Deus do céu, você quer dizer escravos fugitivos?

— Exatamente. E esses cães são muito bons nisso. Tão bons, que ficaria gelado ao vê-los em ação. É claro que nessas ocasiões são mantidos presos na guia. É só nestas pretensas caçadas que ficam soltos para correr livremente.

— Tenho muito o que aprender sobre esse país — murmurou James, meneando a cabeça e induzindo o cavalo ao trote.

— Você irá encontrar boas pessoas aqui — disse Fitzhugh. — Mas a vida selvagem ainda está próxima demais de nós. Os antigos instintos primitivos de sobrevivência estão muito mais à flor da pele aqui do que na Inglaterra.

James escutava quando ouviram uma série de gritos entusiasmados vindos do outro lado da colina.

— Bem, ao menos as pessoas por aqui sabem se divertir — ressaltou ele.

— É verdade — Fitzhugh deu uma risadinha. — Isso é algo que fazemos muito bem. Você é aficcionado às corridas de cavalo?

— Na verdade, não. A maior parte da minha vida passei no mar.

— Eles são loucos por corridas, por aqui. Eu diria que para cada duelo provocado por brigas por causa de uma mulher ou por um jogo de cartas, há doze motivados por corridas de cavalos. O menor tempo para cobrir meio quilômetro! Não é um esporte, é uma obsessão!

James caiu na risada. Já então os dois haviam reduzido a marcha de suas montarias a um passo calmo, distanciando-se bastante dos demais cavaleiros. Era óbvio que, como James, Robin Fitzhugh não estava nem um pouco interessado na caçada.

— Poderá ter uma vida agradável aqui, se fizer um esforço para se adaptar — disse Fitzhugh.

James assentiu, percebendo que o conselheiro tinha a melhor das intenções.

— Sem dúvida, Célia tratará de providenciar minha adaptação.

— Ah, com certeza! — riu Fitzhugh. — Jamais subestime Célia. É uma mulher ambiciosa. Seu primeiro marido era deputado e juro que se o pobre homem não houvesse desistido e morrido, ela o empurraria até o Conselho do Governador. — Ele inclinou a cabeça branca e estudou detidamente James. — Ela me disse que você estudou Direito.

— É verdade — disse James. — Mas então parti para os mares e nunca mais pratiquei. Creio que esqueci bastante.

Os olhos de Fitzhugh estreitaram-se.

— Bem, você é um homem jovem. Pode ainda encontrar utilidade para o que aprendeu. — Espreitou o céu, que escurecia rapidamente. — Quanto a mim, estou ficando velho demais para correr atrás de raposas debaixo de um temporal. Creio que vou fazer a volta e ir para a casa antes que desabe a tempestade.

— Boa idéia — disse James, virando seu cavalo. — Vamos, eu o

acompanho. Fitzhugh parou o cavalo, cortando a passagem de James.

— Não creio que para você seja uma decisão prudente.

— Como?

— Para mim, não faz diferença — explicou o conselheiro. — Mas você é novo por aqui. Esses homens estarão observando-o para que prove sua habilidade. Se retornar aos estábulos ao primeiro sinal de tempo ruim...

— O senhor tem razão — James suspirou. — Imagino que tenha que ao menos representar meu papel.

— É esse o espírito. Se apressar seu cavalo, em alguns minutos os alcançará. Boa caçada amigo!

Deu a volta e rumou em direção à casa.

James aguardou um momento, analisando o céu. Era dotado de um instinto de homem do mar para avaliar tempestades e essa, com certeza, seria muito violenta. Trovões rugiam ao sul, as nuvens negras aproximando-se como grandes rolos de fumaça. O vento que a anunciava já castigava as folhas das árvores.

Sem dúvida, seria uma forte tormenta. Mas ele já havia enfrentado piores no mar. Se para assegurar seu lugar dentro dessa sociedade rude da Virgínia tivesse de se encharcar, que assim fosse então.

Deu de ombros, pressionou os joelhos no flanco de seu cavalo e acelerou a marcha, seguindo a direção que os caçadores haviam tomado.

Cavalgou rápido por dez minutos sem ver qualquer cavaleiro nas proximidades. A essa altura, o céu escurecia carregado de nuvens negras, prestes a desabar. Os estrondos dos trovões rodeavam-no por todos os lados, amedrontando o garanhão que dançava nervosamente.

James parou em uma clareira e, com as mãos em cone, gritou um longo “alô”. Segurou a respiração para tentar ouvir alguma resposta sob o ribombar dos trovões.

Não houve resposta. Por um instante, pensou haver escutado ao longe o latido de um cão, talvez algum dos cães de caça que se houvesse extraviado da matilha, mas o som logo foi levado pelo vento.

Murmurou uma imprecisão. Ele se perdera dos demais caçadores. Não havia nada mais a fazer exceto dar a volta e retornar a Fairhaven. Fez o garanhão se voltar e pressionou os calcanhares no flanco do animal.

Com um ruído estridente e ensurdecedor, um raio caiu a menos de três metros de onde estava, destruindo uma nogueira muito alta. Por um instante, o mundo inteiro pareceu se tornar azul metálico. De repente, James se viu no chão, lutando juntamente com seu cavalo, para se colocar de pé. O garanhão

fora atirado ao chão ou pela violência do raio ou por seu próprio terror e uma das pernas de James, aquela enrijecida, ficara presa embaixo do corpo do animal.

Enquanto o cavalo se debatia histericamente, James forçou o pé livre a fincar-se na sela. Usando sua própria força e o movimento do animal, conseguiu soltar a outra perna. Ao tentar agarrar as rédeas, o cavalo virou-se para o outro lado e escoiceando e bufando, conseguiu se erguer para no instante seguinte, sair galopando em disparada, o ruído dos cascos afastando-se até desaparecer.

Enquanto James ficava caído ali, dolorido e exausto, mais um raio iluminou os céus. O ruído ensurdecedor do trovão trouxe com ele a chuva forte.

A água fez com que recobrasse a razão. Sentou-se e examinou a perna. Estava torcida e bastante machucada pelo peso do cavalo, mas parecia não haver nenhum osso quebrado. Se conseguisse ficar de pé, teria condições de voltar para casa caminhando.

Esforçava-se para se erguer em meio à tormenta quando escutou o latido do cão de caça mais uma vez. E ouviu algo mais, algo de bom tamanho, rompendo pelos arbustos, como se fugindo de perseguição. Vinha em sua direção, e bem rápido.

Uma certa apreensão tomou conta dele. Durante anos não se via lobos, onças ou ursos nessa região. No entanto, os primeiros colonizadores costumavam deixar que seus porcos e gado pastassem soltos pelos bosques. Os descendentes desses animais domésticos eram tão selvagens quantos os veados e, quando assustados ou provocados, poderiam atacar. Talvez o cão de caça tivesse encurralado um deles que corria agora em sua direção.

Ainda sentado, James mudava o peso do corpo, tentando apoiar-se na perna machucada para ver se podia caminhar, quando um enorme javali marrom avermelhado surgiu por entre os arbustos e estacou na beirada da clareira.

O javali parecia muito assustado, devido à perseguição ou à tempestade. Quando seus pequenos olhos divisaram o homem caído a sua frente, o medo transformou-se em fúria cega.

James espreitava o robusto animal selvagem através da nuvem de chuva torrencial. Seu peso, com certeza mais de oitenta quilos, e suas presas dilacerantes podiam tornar-se armas mortíferas. E pela postura, a criatura estava prestes a atacar.

Ele precisava de uma arma. A única coisa que via era uma pedaço do

tronco da nogueira que caíra. James esticou-se a agarrou-o bem no instante em que o javali investia contra ele.

Golpeou o animal com toda a força, seu braços quase se deslocando com o impacto. O golpe fez um grande estrondo sobre o flanco do animal mas não o feriu, servindo apenas para, por um momento, retardar o ataque. Com agilidade surpreendente, o animal virou-se para investir mais uma vez.

Quando James ergueu o tronco, percebeu uma sombra branca e marrom surgindo do meio dos arbustos. Era um dos desvairados cães de caça de Célia, atirando-se descuidadamente para morder o flanco do javali.

Atônito, o javali hesitou e então abandonou o homem para afugentar seu adversário de menor porte. O cão permaneceu perto e meio abaixado, tentando atirar-se à garganta do javali para então recuar mais uma vez.

Usando o pedaço de tronco como muleta, James conseguiu pôr-se de pé. Suas pernas estavam trêmulas mas ao menos agora estava mais alto que o animal. Ergueu o tronco para afugentá-lo.

Foi então que o cão investiu mais uma vez. Dessa vez, no entanto, aproximou-se demais. Com um ganido agonizante, caiu sob as presas do javali e seus cascos fortes.

James pôde ver sangue. Bateu com toda a força nas costas do animal. Mais uma vez não conseguiu feri-lo, apenas atrair o javali na sua direção, mas quando parecia que ia atacar, hesitou. James estava em pé agora, o pedaço do tronco erguido na mão, e o animal era inteligente o bastante para saber que perdera a vantagem inicial. Bufou, virou-se de repente e sumiu ruidosamente por entre os arbustos. O barulho ainda ecoava em meio à chuva forte.

James sentiu-se subitamente desfalecer. Apoiou-se em um tronco de árvore, ainda aturdido com sua sorte. Parecia irônico, quase idiota: James Forrester, sobrevivente de tempestades, duelos e batalhas, por pouco liquidado por um maldito porco! Conseguiu rir, sentindo-se melhor. Então voltou sua atenção para o cão estendido a seus pés.

O animal estava caído no chão, um longo corte sangrando ao longo do corpo. Com esforço, ajoelhou-se a seu lado. Seus olhos se abriram e sua cauda moveu-se fracamente.

— Está tudo bem, amigo — disse James, a voz suave. — Você salvou a minha vida. Agora parece que é minha vez de salvar a sua.

Tirou o lenço do bolso e colocou-o sobre o ferimento, pressionando-o com força para estancar o sangramento. Então, usou sua longa gravata de seda branca para enfaixar firmemente o ferimento. De alguma maneira ele teria de conseguir levar o animal de volta para casa. Era pesado e ele temia

que carregando-o piorasse seus próprios ferimentos, mas não tinha escolha. Aquele cão provavelmente salvara sua vida. Não poderia deixá-lo ali, exposto ao mau tempo e a outros animais selvagens.

Com cuidado, James envolveu o cão que gania baixinho em seu casaco. Então, ergueu-o nos braços e rumou para Fairhaven, arrastando penosamente a perna sob a chuva cinzenta e fria.

Célia, com dor de cabeça, havia subido para descansar. As demais mulheres reuniam-se em grupos aqui e ali espalhados pela sala de estar, algumas costurando e conversando, outras jogando “put”, um popular jogo de cartas, e outras ainda simplesmente fitando a chuva forte que escorria sem cessar pelas vidraças das janelas.

Após retirar o chá e todos os pratos, Mavis dirigiu-se ao pátio coberto. Há horas que chovia e mesmo assim, com exceção do conselheiro Fitzhugh, nenhum homem havia retornado da caçada.

Uma pontada de apreensão começou a atormentá-la. Caminhava na varanda de um lado para o outro. Afinal, o que passava pela cabeça desses homens? Deveriam ter o bom senso de retornar à casa ao desabar a tempestade. Em vez disso, estavam ao ar livre, arriscando-se, tudo por causa de alguma pobre raposa!

Mavis fitou a chuva lá fora. Ao menos sob o mau tempo a raposa provavelmente escapara de seus perseguidores. Esse era o único dado positivo sobre a tempestade, que arruinara os planos de Célia de servir o jantar ao ar livre e a deixara de péssimo humor. Hetty, Minna e Mavis suspiraram aliviadas quando ela anunciou que se recolheria até a hora do jantar.

Mas onde estariam os homens? Onde estava James? Através da espessa cortina formada pela chuva forte, Mavis tentava divisar alguma coisa além dos campos verdes e do bosque.

Algo chamou sua atenção. Um cavalo, sem o cavaleiro e arrastando as rédeas pelo chão, trotava devagar pelo caminho em direção à casa. O desespero apertou-lhe o coração ao identificar o animal como o garanhão cinzento que James montara.

Sem pensar, Mavis começou a correr no meio da chuva caminho abaixo, a saía resvalando na lama. Ao se aproximar do garanhão, segurou as rédeas fazendo-o parar. Seu coração disparava. Algo acontecera a James. Ele estava lá fora em algum lugar, talvez ferido.

Sem se importar com a chuva, saltou na sela e pressionou os calcanhares no flanco do animal. Tinha apenas uma vaga idéia sobre a rota dos caçadores,

e suas chances de encontrar James eram mínimas. Mas precisava tentar.

De alguma maneira, ela precisava encontrá-lo.

Para sair dos bosques, James demorou mais de uma hora. Agora, arrastava-se por uma área deserta e vasta, antigo cultivo de tabaco e milho que, com o solo exaurido, fora deixada descansar.

Era mais fácil caminhar por ali do que em meio às árvores. A chuva, no entanto, se intensificara. Sua perna doía a cada passo, mas carregando o cão, não podia usar um galho como apoio. A cada poucos metros, era obrigado a parar, colocar o animal no solo e descansar um pouco.

A chuva escorria por seu rosto e sua camisa colara-se a seu corpo. Ainda tinha de vencer alguns quilômetros até chegar à casa. A menos que alguém passasse por ali e o encontrasse, teria pela frente uma longa e dolorosa caminhada. Maldita Célia e sua caça à raposa! Nesse momento, daria qualquer coisa para sentir sob seus pés o chão do convés de um navio!

A raiva ajudou. Revigorou-o por alguns instantes. Mas ele estava se sentindo horivelmente exausto. Se deixasse o cão... Não, de modo algum. Nunca se perdoaria se o fizesse.

Moveu um pouco o animal em seus braços com cuidado, inspirou profundamente e começou a cantar.

“Cacem as velas, oh, cacem as velas companheiros... Cacem as velas, estamos voltando para casa...”

Caminhava ao compasso da música, arrastando sua perna no ritmo dos versos. A canção reavivava memórias de dias esplendorosos no convés, as velas assobiando ao vento, as ondas verdes como jade flutuante. Trouxe de volta o cheiro de piche e de maresia e os gritos dos pássaros marítimos revoando em torno dos mastros.

A canção morreu em sua garganta quando percebeu algo à distância. Estreitou os olhos para enxergar através da chuva. Sim, era um cavaleiro, vindo da direção de Fairhaven. Os outros deveriam haver retornado da caçada e sentido a falta dele. Agora estariam a sua procura. Colocou com cuidado o cão no chão e começou a gritar e acenar com os braços. Sim, o cavaleiro o havia visto. O cavalo fizera a volta e galopava em sua direção. Que estranho, parecia-se muito ao seu garanhão cinzento.

Tentou reconhecer o cavaleiro. Parecia ser alguém de baixa estatura, alguém cujas roupas misturavam-se à cor escura e acinzentada do cavalo. Foi então que notou as saias flutuando. — Mavis! — sussurrou.

Agora ele podia vê-la claramente. Ela quase voava pelo campo deserto, forçando tanto o cavalo que ele temia pela segurança dela. Aquela

maravilhosa e impulsiva tolinha! Mavis!

Ao se aproximar, ela diminuiu a velocidade, hesitante, como se tivesse medo de se acercar. As roupas dela estavam encharcadas. Filetes de água escorriam pelas mechas coladas ao rosto radiante de alívio. James não conseguia disfarçar a própria alegria ao vê-la ali. Não podia lutar contra a preocupação, a coragem e, maldição!, o amor que a trouxera ali. Sofrendo com uma necessidade por tanto tempo reprimida, estendeu-lhe os braços.

No instante seguinte, ela já saltara da sela e corria para ele sobre a relva, atirando-se em seus braços. Com um grito abafado, ela enterrou o rosto em seu peito. Ele a embalou em nos braços, sentindo a pulsação do corpo trêmulo através do vestido encharcado.

Lembrou-se daquele dia na lagoa quando a havia embalado dessa forma. Mais uma vez foi invadido por uma ternura tão profunda que quase chegou às lágrimas. Mas dessa vez era diferente. A sensação de conflito que sentira então, de confusão e de culpa, já não existiam. Em seu lugar, uma sensação devastadora de profunda paz como jamais experimentara.

— Mavis... — Beijou-lhe a testa, onde os cabelos formavam o bico de viúva. — De todas as tolices a fazer...

— O cavalo voltou sozinho — sussurrou ela. — Eu só conseguia pensar que você estaria aí fora em algum lugar, talvez com problemas. Eu tinha de vir!

— Está bem, está tudo bem. — Estreitou os braços em torno dela. Por um longo momento, simplesmente ficaram abraçados, esquecendo-se de tudo o mais exceto da necessidade de estarem juntos. James esqueceu a chuva, a dor na perna machucada. Nada mais existia além da garota em seus braços.

Então o cão ganiu. Mavis espiou para baixo e viu-o enrolado no casaco de James. Cheia de pena, desvencilhou-se e ajoelhou-se ao lado do animal.

— James! O que houve? — Ela abriu o casaco e viu a bandagem feita com a gravata sobre o ferimento.

— Uma escaramuça com um javali no bosque. Foi logo depois que o cavalo caiu comigo e fugiu. Esse pobre cão provavelmente salvou minha vida.

— Oh! — Os maravilhosos olhos verdes encontraram os dele. — O ferimento ainda está sangrando. Precisamos levá-lo para casa depressa. Se você conduzir o cavalo, eu posso segurá-lo no colo.

— Vamos então — disse ele, assentindo.

Com dificuldade, Mavis sentou-se à frente de James, segurando o cão cuidadosamente no colo.

Mesmo debaixo da chuva, com a perna latejando de dor e a preocupação com o cão ferido, James sentia a proximidade dela. Era como se dela irradiasse um calor especial que se transmitia para ele cada vez que a tocava. Só nesse momento percebeu com se havia tornado frio e vazio.

Pouco falarem a caminho de Fairhaven. Era difícil conversar com o barulho da chuva e Mavis estava concentrada no cão ferido, confortando-o, embalando-o contra seu corpo. Mas James estava atento à proximidade dela, à paz que ela lhe transmitia. Era uma sensação que jamais havia experimentado antes. Como era possível que a mesma mulher que lhe despertava desejo tão intenso pudesse lhe transmitir tanta paz de espírito?

O que estava acontecendo com ele?

Ao chegarem a Fairhaven, a chuva já diminuía bastante, mas o céu ainda estava carregado de nuvens escuras. James virou o cavalo em direção aos fundos dos estábulos, longe de olhares curiosos.

— Vamos apenas deixar o cavalo aqui e... — James interrompeu a frase ao perceber que não estavam a sós.

Do outro lado da porta, Thomas fitava-os, uma expressão atônita no rosto largo e bonito.

— Capitão... senhorita Mavis. — Franziu o cenho para eles. — Meu Deus, parecem ter saído do dilúvio de Noé!

— Estamos bem — disse James rapidamente. — Por favor, carregue o cão. Então, se puder ajudar a senhorita Mavis a descer...

Ele nem precisava ter dito nada. Mavis já entregara o animal a Thomas e escorregara sozinha da sela.

— Coloque-o sobre a palha nessa baia vazia — pediu ela. — Então, Thomas, poderia me conseguir um pouco de água e alguns panos limpos para servirem de curativo? Temos que estancar o sangramento.

— Mavis, você está encharcada — disse James. — Precisa trocar de roupa.

— O cão não pode esperar. E Célia...

— Eu sei — murmurou James. Célia estaria furiosa pela ausência deles e alguém deveria aplacar seu ódio. — Não se preocupe. — Ele desceu da sela. — Falarei com ela. Eu cuidarei de tudo. Não se preocupe com nada além do cão.

Entregou as rédeas a Thomas, desejando poder ficar, ou ao menos poder dizer algumas palavras ternas a Mavis sobre como se sentia. Contudo ela já corria para o animal, e com Thomas por perto...

— Ajude-a em tudo o que puder — disse ele ao escravo. — E consiga

tudo o que ela necessitar.

Virou-se sem mais uma palavra e saiu arrastando a perna no meio da chuva.

Ao se aproximar da casa, deparou-se com Célia esperando por ele na varanda coberta.

A lua cheia aparecia ao alto por entre as nuvens que se dissipavam. Gaviões noturnos cruzavam o céu escuro, suas asas com listras brancas brilhando na luz esmaecida. Nos estábulos, os cavalos dormiam, bufando em seus sonhos. O cheiro de seus corpos grandes e quentes permeava o ar.

Sozinha, Mavis sentava-se encolhida sobre a palha. A lamparina que Thomas lhe havia trazido ao anoitecer, bruxuleava agora, criando danças fantasmagóricas nas paredes. Um camundongo movia-se dentro do cesto de aveia.

O cão de caça iria se recuperar. Dormia tranqüilo agora, esticado sobre a palha ao lado das pernas de Mavis. Thomas insistira para que deixasse o animal sozinho e fosse para a cama, porém ela temera que ele despertasse com algum ruído e corresse, arrancando o curativo. Ficara ali para cuidá-lo.

Thomas prestara-lhe grande ajuda. Ele lhe trouxera água quente e toalhas limpas da cozinha e quando ela mencionara uma certa erva muito útil para um cataplasma, ele saíra em busca dela no meio da noite e retornara com os bolsos cheios.

Quanto a James, Mavis tentava esquecer a dor. Ela não o via há horas, desde que ele a deixara nos estábulos e dirigira-se para a casa sem ao menos uma palavra de agradecimento.

Ele fora ao encontro de sua futura esposa.

Recordava-se como ele a abraçara quando o encontrara durante a tempestade. Por um momento, quase acreditou... Mas, não. Era inútil. Sem dúvida, James nutria alguns sentimentos ternos por ela. De seu jeito, até podia amá-la. Mas estava comprometido com Célia, com suas terras, sua fortuna, seu poder. Ele não alteraria seus planos. Não por uma simples criada sem vintém, com nada a lhe oferecer.

Mavis cerrou o punho com força. James Forrester magoara-a pela última vez, jurou. Ela jamais voltaria a se deixar envolver por seu jogo ou por suas bruscas mudanças na maneira de tratá-la. De agora em diante, ela o manteria à distância. Faria seu trabalho, viveria sua vida e deixaria de pensar em James e Célia. E ele, com certeza, ficaria muito feliz.

A raiva começou a queimar em seu peito. Como ele ousava jogar desse modo, brincando com seus sentimentos cada vez que lhe aprouvesse? Ela cruzara um oceano para escapar de lorde Percy Dunsmore. O que tinha a fazer agora era criar uma intransponível distância entre ela e James Forrester.

Se voltasse a olhar para ela, se voltasse a lhe dirigir a palavra...

Escutou um estalido ao se abrir a porta dos fundos do estábulos. James apareceu iluminado pela luz fraca da lamparina. Vestia roupas limpas e secas e, ao se aproximar dela, Mavis sentiu um aperto no coração.

— Preciso falar com você — disse ele. — Não diga nada, Mavis. Apenas escute o que tenho a lhe dizer.

CAPÍTULO XI

James engolia em seco ao se aproximar dela. O que estava para fazer era pura loucura. Sua vida, até agora, tinha sido prática. Construíra uma fortuna através do comércio marítimo, comprara vastas extensões de terra produtiva e escolhera a mulher certa para se tornar sua esposa. Sim, ele agira bem vivendo de acordo com a razão e ignorando o coração.

Então por que, justamente agora, seu coração clamava por ser ouvido? E por que de repente ele desejava escutá-lo? Não fazia sentido. Nenhum sentido!

Mavis encolhia-se sob a luz da lamparina, o cão de caça dormindo a seus pés sobre a palha. Os olhos verdes brilhavam desafiantes. Ele não podia culpá-la por sua desconfiança. Comportara-se com ela de maneira estranha, incompreensível, sem jamais se dar ao trabalho de tentar explicar-se. Mas por outro lado, como poderia, quando ele próprio não conseguia entender seus sentimentos e atitudes?

— Pare aí mesmo — disse ela, em sua voz rouca, neste momento ríspida.

— Você brincou comigo pela última vez, James. Se tem algo a me dizer, pode falar daí mesmo.

— Mavis... — Ele parou a alguns passos dela.

Não era uma grande distância, mas o abismo que se criara parecia maior que o próprio oceano. Queria desafiá-la, caminhar até onde estava, carregá-la em seus braços e apertá-la com força contra o peito.

Mas isso apenas pioraria a situação. Ele viera ali para conversar. Tomara a decisão de ser honesto, de revelar-lhe seus sentimentos, sem se importar com as conseqüências. Esperava que ela também abrisse seu coração e assim, ao menos, não haveria mais mentiras entre eles. Tudo o que fizessem a seguir se basearia na verdade e não em enganos.

Cruzou as pernas e sentou-se na entrada da baia, bem no limite do círculo criado pela luz da lamparina.

— Como vai o cão? — perguntou ele, hesitante.

— Ele ficará bem. Mas é importante que fique deitado para manter o curativo e cataplasma no lugar — respondeu ela, calma mas distante.

Estava molhada, desalinhada e exausta, e havia manchas de sangue em seu vestido. O coração de James se confrangia ao pensar na ternura, na

preocupação que a mantivera ali durante tantas horas. Ela não abandonara o animal nem ao menos para se alimentar ou trocar de roupa.

— Célia ficou aborrecida? — perguntou ela.

— Um pouco — mentiu ele. Na verdade, Célia ficara tão enfurecida que nem permitira que Hetty trouxesse um prato de comida para Mavis. — Aborreceu-se por você não estar presente para ajudar a servir o jantar. Mas quando expliquei que estava tratando do cão de caça...

— Sim — concordou Mavis. — Esses cães valem muito dinheiro. Certa vez, ela me contou que cada animal...

— Mavis — interrompeu ele.

Vir até o estábulo ter com ela em uma noite como aquela exigira toda a coragem que ele pudera reunir. Não queria desperdiçá-la conversando sobre cães e dinheiro.

— Célia sabe que você está aqui? — perguntou baixinho, em tom acusador.

— Não — respondeu ele. — Ninguém sabe.

— Nesse caso, é melhor que saia antes que alguém o veja. Você deve cuidar de sua reputação.

— Ao inferno com minha reputação! — explodiu ele, fazendo-a calar-se atônita. — Mavis, tenho muito a lhe dizer. Quero que fique calada e preste atenção. Prometo que não vou me aproximar.

— James...

— Não, apenas escute. Vou falar tudo o que pretendia dizer e depois vou embora.

Ela se moveu sobre a palha, os braços em torno dos joelhos recolhidos, pronta para escutar. James inspirou profundamente antes de começar.

— Eu vim para a Virgínia com a minha vida toda planejada. Terras, uma boa casa, uma bonita esposa. Imaginei que precisava apenas seguir meus planos para minha vida ser perfeita. Era tudo tão lógico! Em minhas decisões, jamais considerei a emoção. E quanto ao amor... — Meneou a cabeça. — Eu acreditava que amor não passasse de ilusão, Mavis. Um mito, para românticos e crianças tolas.

Parou por um momento, tentando organizar as idéias. Ela o fitava com aqueles olhos francos e bonitos, os lábios entreabertos, a mão acariciando o pescoço do cão. Mechas dos cabelos ondulados emolduravam sua face como uma aura escura.

— Pensei que soubesse tudo sobre a vida — disse ele. — Foi então que você surgiu. E descobri um mundo novo cuja existência jamais pudera

imaginar, um mundo de cores, sentimentos e ternura... Mavis, eu quero conhecer esse mundo. Preciso disso. Não posso continuar assim.

Ela o fitava, atônita.

— James, não estou entendendo.

— Nem eu. Esperava que você pudesse me ajudar.

— O que você contou a Célia?

— Nada.

A dor e a perplexidade refletiram-se no rosto dela.

— Então ainda planeja prosseguir com o plano de seu casamento...

— Eu não sei! — disse ele, esmurrando o joelho. — É esse o inferno. Eu estava absolutamente convencido de que era a coisa certa. Agora, não tenho certeza de nada!

— Se é assim, como quer que eu saiba o que deseja? — dizia ela, trêmula.

— James, está me pedindo para ser sua amante?

Ela pronunciou a palavra com tal veemência que James recuou. Seria isso o que ele desejava? Ter Célia, sua vida perfeita, e ter também Mavis?

Ele meneou a cabeça. Havia se aproximado dela com a intenção de ser honesto sobre seus sentimentos. Honesto! Que tipo de honestidade era aquela quando ele próprio não fora capaz de enfrentar a verdade? A pergunta amarga de Mavis penetrara fundo em sua hipocrisia. Não poderia ter tudo, essa era a verdade. Teria de fazer uma escolha.

— Mavis — começou, meio sem jeito.

— Vá embora, James — murmurou ela, cansada. — Vá embora e deixe-me em paz.

— Mavis, eu te amo.

Ao pronunciar essas palavras, James foi invadido por uma onda de doce ternura; só Deus sabia que ele falava a verdade.

— Pare com isso! Você nem ao menos sabe o que significa o amor. Amanhã vai acordar lembrando-se vagamente de haver dito algumas palavras idiotas para uma criada! Então irá...

— Escute-me! — interrompeu-a, desesperado. — Eu sei como minhas palavras devem ter soado para você. Mas não planejei nada disso. Como poderia eu saber que você apareceria no meu navio desejando assinar um contrato para viajar? E como saberia que minha vida, a partir de então, jamais seria a mesma? Mavis, ainda estou perplexo com tudo isso e vim até aqui para saber como você se sente a respeito.

— Enquanto estiver comprometido com Célia, não faz a menor diferença como eu me sinto.

— Mavis...

— Não! — cortou-o, rispidamente. — Não quero mais falar sobre o assunto, James! Agora, volte para casa antes que alguém o surpreenda aqui!

James levantou-se, sabendo que não poderia forçá-la mais nessa noite. Então, movido por um súbito impulso, falou novamente.

— Só mais uma coisa. A lagoa onde você costuma nadar... Estarei lá todas as tardes entre duas e três horas pelos próximos sete dias. Se decidir que deseja me ver...

— Não. Nem precisa perder seu tempo. Eu não irei.

James recuou. Por um instante, ficou observando a figura encolhida. Ansiava por sentar-se a seu lado e tomá-la nos braços. Mas agora isso era impossível. Tentara abrir o coração para ela, mas ela o vira exatamente como era, um canalha hipócrita. A distância entre eles tornou-se maior do que nunca.

— Eu estarei lá — insistiu ele.

Então se voltou e afastou-se dela, por entre as sombras.

Quando parou e deu uma espiada para trás, viu-a com a cabeça enterrada nos joelhos, os ombros sacudidos por soluços silenciosos.

James inspirou profundamente, caminhou para a escuridão da noite úmida e fechou a porta do estábulo atrás de si.

O cão de caça recuperava-se rapidamente. Agora, seis dias após o acidente, já estava bem o bastante para ficar sentado na sombra na porta da cozinha, ou para seguir Mavis pelo pátio sempre que ela saía. Logo estaria em condições de retornar ao canil junto com os demais. Mavis fizera dele um animal de estimação. Dava-lhe sobras da cozinha, ignorando o olhar desaprovador de Hetty, e escovava-o com uma escova que encontrara no estábulo. Em contrapartida, o cão lhe dava mais afeição do que qualquer ser humano em Fairhaven.

Se Célia estivesse agradecida a Mavis por haver salvo um animal valioso, não o demonstrava. Na verdade, revelava-se mais exigente e crítica do que nunca. Mavis trabalhava de manhã até o escurecer, revisando os livros, escrevendo cartas e convites e ajudando Célia com os preparativos do grande baile que aconteceria dentro de duas semanas. O baile em que ela e James anunciariam a data do casamento.

Desde o dia da caçada, James não retornara a Fairhaven. Enviara uma nota explicando que estaria demasiado ocupado com a construção da nova

casa. Mavis, no entanto, conhecia seus verdadeiros motivos.

Todos os dias, quando soava duas horas no grande relógio de parede da sala, ela ia até a janela, o olhar perdido para além dos campos, além do esboço ensombreado dos bosques. Pensava então na lagoa secreta, imaginando se ele estava ali, esperando por ela.

Mas isso não tinha importância. Ainda que desejasse ir, as exigências de Célia mantinham-na tão ocupada que não teria tempo. Mas o desejo permanecia latente. Algumas vezes penetrava-a com tanta intensidade que precisava esforçar-se para não largar o trabalho e correr ao encontro de James.

Ele dissera que a amava. Dissera que estaria esperando por ela.

Em toda sua vida, jamais experimentara tortura tão cruel.

As noites eram ainda piores do que os dias. Revolveria-se na cama sem conseguir dormir, lembrando-se dos beijos dele. Seu corpo latejava, fazendo-a gemer baixinho na escuridão.

Nesses momentos, tremendo de angústia, Mavis levantava-se e, pela minúscula janela, ficava contemplando as estrelas. Ela precisava ser forte. James comprometera-se com outra mulher e fossem qual fossem seus verdadeiros sentimentos, ele não tentara alterar a situação. Se se entregasse aos seus desejos, correndo para ele, apenas traria para si infortúnio.

Às vezes tentava usar a raiva contra ele. Como podia tratá-la como se não tivesse honra e dignidade? Oh, ele não passava de um canalha egoísta e cruel! Tinha todas as razões para detestá-lo!

Sim, a raiva ajudava. Mas apenas algumas vezes.

Ele prometera esperar por sete dias. Agora, no sétimo dia, Mavis experimentava uma sensação vazia de triunfo. Em poucas horas, seu martírio teria terminado.

Passou a maior parte da manhã escrevendo os convites para o baile. Com uma concentração quase desesperada, mergulhou a pena no tinteiro, desenhando cada letra com um movimento elegante e preciso da mão. A lista de nomes parecia infindável, e Célia exigia perfeição em cada convite. Uma imperceptível escorregadela da pena ou uma minúscula mancha de tinta no papel significava que Mavis deveria jogá-lo fora e refazê-lo.

Quando o relógio bateu uma hora, Mavis ergueu os olhos do trabalho e viu Célia descendo as escadas. Ela estava vestida para sair, com um bonito vestido de tarde, azul, um chapéu combinando, um guarda-sol branco e uma pequena bolsa bordada.

— Thomas vai me levar à casa dos Rutledge para o chá e um jogo de

cartas — disse ela, bruscamente. — Diga a Hetty para não se preocupar com o jantar, pois provavelmente não estarei de volta antes das dez horas. — Deslizou em direção à porta e se voltou. — Você deve terminar os convites hoje, antes de se recolher. Quero-os prontos para serem enviados amanhã de manhã.

Mavis suspirou ao ouvir a porta se fechar e o som da carruagem se afastando. Ao menos, na ausência de Célia, a tarde seria tranqüila. E com tantos convites para redigir até a noite, não teria tempo nem sequer de pensar em qualquer outra coisa.

Trabalhou sem parar por mais de uma hora, agarrando a pena com tanta força que seus dedos adormecidos mancharam-se de tinta. Tentou ignorar a passagem do tempo. Tentava fingir que nada existia além da longa lista de nomes e da pilha de papéis e envelopes. Não existia mundo fora daquela casa. E o homem que aguardava na lagoa secreta, o homem de cabelos prateados, olhos de cobalto e uma risada que aquecia sua alma, não era mais que uma ilusão.

James.

Deus do céu, o que deveria fazer?

Imaginava-o altivo entre os salgueiros, os olhos fixos na água. Em sua memória, revivia cada detalhe de seu rosto.

Recordava-se das emoções transparecendo em cada linha, como sombras de nuvens percorrendo a paisagem. Recordava-se de suas mãos sensíveis, da impetuosidade de seus beijos.

Gemeu baixinho, sussurrou seu nome.

Ele estava à sua espera. Podia quase senti-lo chamando-a e podia sentir sua resposta, o calor do sol em sua pele e a frescura do vento em seus cabelos quando corresse para ele.

De repente, nada mais parecia importar.

A pena ficou sobre o papel, escorrendo uma minúscula poça de tinta sobre as letras caprichadas. Uma mutuca zumbia contra o vidro das janelas enfeitadas com cortinas de renda.

O relógio de parede bateu duas e meia. Mas Mavis já não estava ali para escutar. Voava pelos campos, sem se importar com o barro e sulcos a sua frente ou com as bardanas que agarravam-se a sua saia. Se James estivesse a sua espera, ela precisava chegar até ele, estar com ele.

Nesse momento, era tudo o que importava.

Que idiota ele havia sido!, refletia James, sentado sobre uma rocha na beira da lagoa, atirando pedrinhas na água. Ele deveria saber que ela não viria. Mavis não era o tipo de mulher que se lançasse nos braços de um tipo como ele — um homem que nem ao menos se aproximara dela com honra.

Ela atravessara um oceano para escapar do assédio de lorde Percy Dunsmore. E enquanto ele estivesse comprometido com Célia, Mavis também fugiria dele. Do jeito que as coisas estavam, ele não tinha o direito de desejá-la, nenhum direito de esperar qualquer coisa dela.

Atirou uma pedra chata na água e ficou observando-a chapinhar. Ainda que pudesse ter Mavis, ele não a queria desse jeito, amando-a secretamente, vivendo de um momento furtivo a outro. Não seria justo com ela; não seria justo com Célia. A hipocrisia desse tipo de vida acabaria por destruir a todos.

Não, havia apenas uma coisa a fazer e ele sabia muito bem o que era. Precisava ser honesto com Célia. Teria de lhe contar o que acontecera, romper o compromisso e comprar a liberdade de Mavis. Só então ganharia o direito de aproximar-se de Mavis e pedir seu amor.

Célia. Não seria fácil. Ela ficaria magoada, humilhada e furiosa com ele. Mas era uma mulher decente, prática e de bom senso. E demasiado orgulhosa para se agarrar a um homem cujo coração pertencia a outra mulher.

Pelo ângulo do sol deveria ser quase três da tarde. Todos os dias da semana ele havia esperado, naquele mesmo lugar, embora a cada dia convencia-se mais e mais de que ela não viria. Ao menos aquelas horas haviam servido para que refletisse sobre sua vida e seus valores. E Mavis. Tê-la, amá-la, construir sua vida ao lado dela era tudo o que desejava.

Esperaria mais alguns minutos, apenas em respeito à promessa que lhe havia feito. Então voltaria para casa e começaria a colocar seus planos em ação.

Já estava se erguendo para partir quando escutou algo entre os arbustos. Mirou com cautela, arrependido por não haver trazido uma arma para se defender de bandidos ou de algum animal selvagem. Então, seu coração deu um salto.

— James — murmurou Mavis. — Você está aqui! Você esperou... Ela rompeu na clareira, afogueada e desalinhada pela corrida. Mechas úmidas de cabelo colavam-se ao rosto sujo de terra, o vestido cinzento de serva com a barra suja de lama.

— Oh, James — exclamou rodeando a lagoa e atirando-se nos braços dele.

— Mavis, sua tolinha. Querida, doce e maravilhosa tolinha! — disse

pressionando-a contra o peito, sentindo o corpo dela quente e úmido através do tecido grosso do vestido. — Mavis... Oh, meu amor, você não deveria ter feito isso — murmurou, os lábios colado em seus cabelos. — Você deveria ter se afastado de mim.

Mavis calou-o com beijos ávidos e inocentes que despertaram todos os sentidos de James. Ele praguejou em silêncio ao sentir a tensão na virilha. Não seria nada fácil ater-se às suas resoluções!

Buscando toda sua força de vontade, ele a afastou gentilmente de si. Ficaram frente a frente, a respiração acelerada.

— Mavis, você não deveria...

— Não, eu tinha de vir. Certo ou errado, eu não consegui me afastar de você. Eu... eu tentei esquecê-lo. Mas então, hoje, quando Célia saiu e me deixou sozinha, comecei a pensar...

— Mavis...

— Não, escute-me! — Cobriu os lábios dele com a ponta dos dedos. — Sei que você jamais será meu, James. Mas se eu puder ter o dia de hoje, se puder ter apenas algumas horas com você, algo de que me recordar, jamais me arrependerei. Foi por isso que eu vim.

— Amor, não é assim como você está pensando. Célia e eu...

— Não! Não diga nenhuma palavra sobre Célia. Nenhuma palavra sobre o futuro. Por favor, nós temos esta tarde. Talvez seja tudo o que possamos ter. Por favor, não a estrague.

Com um gemido abafado, James tomou-a outra vez nos braços e embalou-a. Ele deveria lhe contar de imediato. Deveria demonstrar suas intenções claramente antes que houvessem outros enganos. No entanto, nesse momento, a emoção impedia-o de falar. Jamais conhecera esse tipo de amor incondicional que Mavis lhe oferecia. E jamais sentira amor tão intenso. Ele poderia apenas abraçá-la forte como se fossem um só. Podia apenas enterrar o rosto nos cabelos dela e experimentar um mundo inteiro de novas emoções que se agitavam dentro dele como um turbilhão.

Ela ergueu o rosto, afogueado, úmido e radiante.

— James, quero que me ame — sussurrou ela, a voz rouca, os braços envolvendo-lhe o pescoço.

James sentiu a cabeça girar. Não, não era possível que ela realmente houvesse dito aquilo. Era demasiado inocente para isso, e ele não podia nem pensar em violar sua inocência. Mas poderia amá-la. Sim, e ia amá-la...

Inclinou a cabeça e roçou a boca na dela, demorando-se na curva acetinada do lábio inferior. Ela se aproximou, ávida por seus beijos.

— Devagar — murmurava ele. — Temos muito tempo, amor. Controlando-se, ele delineou com a língua os lábios perfeitos, e uma vez mais, saboreando lentamente o desejo que crescia em seu íntimo como uma chama quente, abrasante. Então, com todo o cuidado, fez com que a língua penetrasse a boca.

Ela reagiu com a carícia desconhecida e então gemeu enquanto ele explorava-a delicadamente; e quando ela correspondeu repetindo as carícias, o desejo deixou-o em fogo. Apertou-a contra si, sentindo a pressão quente e úmida de seu corpo contra seu membro rígido. Ela gemeu e entreabriu as pernas instintivamente enquanto colava-se nele mais ainda.

Ele planejava excitá-la lentamente, parando dentro dos limites de segurança, mas, em apenas alguns instantes ele já quase perdera o controle. Queria-a desesperadamente. Queria-a nua sob seu corpo, os dois unidos formando um só...

Maldição!

— Mavis... — Ele a afastou com esforço. — Mavis, amor, você não sabe o que está fazendo comigo! Se continuarmos assim, não vamos conseguir parar.

— E é isso o que quer? Parar? — Ela o fitava atônita e incrivelmente bonita.

— Deus do céu, não! — gemeu ele. — Eu te desejo tanto que estou me esforçando para não arrancar seu vestido e possuí-la aqui mesmo, nesse instante! Mas não precisa ser dessa maneira, amor. Você merece mais do que posso lhe oferecer hoje. Você merece amor com honra.

Mais uma vez ele pensou em lhe contar sobre seus planos de acertar tudo com Célia. Mas de súbito percebeu que não seria justo. Nesse dia ele nada tinha a lhe oferecer exceto promessas. Até o momento de transformá-las em ação, elas não valeriam mais do que os reflexos dourados das pedras em um riacho.

— Honra! É uma palavra fria, James.

— Eu sei — suspirou ele. — Mas terá que ser assim, amor. Se eu a magoasse, jamais me perdoaria. — Envolveu-a pela cintura. — Deve haver outra coisa que possamos fazer. Poderíamos dar uma caminhada...

— Não, tenho uma idéia melhor — disse ela, dando uma olhada em sua saia suja. — Poderíamos nadar.

James animou-se, mas logo recobrou o bom senso. Seu autocontrole já havia atingido o limite. Só de pensar em partilhar a lagoa com ela... Não, não devia...

— Está fazendo tanto calor — insistiu ela, percebendo a hesitação. — E

fiquei tão suja correndo pelos campos — ela parou, um brilho de malícia nos olhos verdes. — Ficarei de combinação.

Ele sacudiu a cabeça, sem conseguir segurar a risada. Era encantadora, um anjo em um minuto e no seguinte, um diabrete. Ele nunca sabia exatamente o que esperar dela. E adorava-a por isso. Se ela tinha vontade de nadar, por que ele negaria a ambos esse prazer?

— Está bem, então. — Começou a desabotoar a camisa de linho branco. Mavis ficou olhando-o incerta, enquanto ele tirava a camisa pelo pescoço e começava a abrir o fecho do culote. — E então, vai ficar aí parada olhando?

— Oh! — exclamou, os olhos arregalados, e no instante seguinte desapareceu em meio aos arbustos.

James riu com a súbita demonstração de pudor. Ele jamais se sentira tão livre e feliz. Era como se de repente um mundo inteiro de calor, sol, amor, se revelasse diante dele. Só precisava colocar alguns assuntos em ordem e aquele mundo seria seu para sempre.

Tirou o culote e mergulhou na lagoa, sentindo o delicioso choque da água fria na pele. Bolhas de ar subiram a sua volta quando veio à tona e começou a nadar com braçadas longas e lentas. O sol era suave em seu rosto e de repente, a vida nunca lhe pareceu mais simples nem mais bonita.

Com a mão trêmula, Mavis pendurou o vestido em um galho. Sentia-se como se acabasse de descobrir uma estranha dentro de si — uma estranha livre, apaixonada e impulsiva cujos atos ainda a assustavam um pouco.

Ainda agora, seu corpo latejava, sensível às carícias de James. Enrubescia ao lembrar da maneira como ele pressionara seus quadris aos dele e o modo como os fizera mover. Cerrou os olhos, segurando a respiração ao se lembrar da deliciosa sensação que o movimento lhe provocara. Ela queria mais, muito mais.

Abriu os olhos. A que ponto? Por mais inocente que fosse, não podia negar que dera um passo além em sua própria sensualidade. Um mundo inteiro de desejos e sensações aguardava por ela. Ela apenas o tocara.

A antiga Mavis, a criança dentro dela, teria fugido em pânico se tivessem ido além. Mas essa estranha que surgira de repente, essa mulher passional, sensual, queria mais. Ela queria sentir, tocar, cheirar e provar. Queria se entregar ao amor, experimentá-lo em sua totalidade...

Com James. Apenas com James. Seus dedos tremiam enquanto desamarrava o corpete. Escutou ruídos na água e o imaginou dentro da lagoa, as ondas acariciando seu corpo enquanto nadava. Lembrava-se da visão dele sob o sol com o peito nu. Sentiu algo pulsando dentro de si ao se

imaginar outra vez nos braços de James, os pêlos roçando-lhe a pele nua.

Ela o queria. Sem qualquer pudor.

Deus do céu, o que estava acontecendo com ela?

Enrolou as meias e colocou-as dentro dos sapatos. Estava descalça agora, tremendo em sua combinação de musselina.

Ela prometera a James que usaria a combinação. Mas essa poderia ser a única vez em que estariam juntos. Queria algo para se recordar, algo em que se agarrar nos próximos anos solitários que teria diante de si. Não era momento para timidez.

— Bem, você vem ou não? — ele a provocou.

— Sim, já estou indo.

Mavis hesitou. Então tirou a combinação pela cabeça, soltou os cabelos e caminhou para o sol, trêmula, nua como uma deusa pagã.

Ao vê-la, James sentiu um nó na garganta. Um cavalheiro não olharia, mas ele não conseguia desviar os olhos enquanto ela caminhava para a lagoa, o rosto afogueado e os olhos baixos.

Ela desfizera a trança de seus longos cabelos que flutuavam ao redor dela como um véu negro, meio escondendo e meio revelando o contorno do corpo esbelto. Enquanto ela se movia, ele pode vislumbrar os seios perfeitos, os quadris arredondados e os pêlos sedosos entre as coxas.

Um forte desejo invadiu-o. Ele precisava dizer alguma coisa para quebrar o silêncio que os envolvia como se fosse uma tempestade prestes a desabar. Mas não conseguia pensar em nada. Apenas fitava-a, agradecido ao movimento da água que escondia sua ereção.

Quando ela parou na beira da lagoa, seus olhos se encontraram, revelando pura honestidade. Com Mavis, ele jamais se veria naquele tipo de jogo que mulheres como Célia criavam. Ela amava com a sinceridade que não dava margem à dúvidas, subterfúgios ou mentiras. E não se contentaria com nada diferente da parte dele.

Ela mergulhou na lagoa, desaparecendo em meio às bolhas e emergindo quase ao lado dele. Gotas de água brilhavam como pedras preciosas em sua pele e o amor em seus olhos era tão forte que ele quase se sentiu envergonhado. Sim, ele soubera a verdade o tempo inteiro. Soubera desde o primeiro instante no convés quando ela se aproximara para assinar o contrato de viagem. Por que ele demorara tanto para aceitar?

O peito estourando de tanto amor, ele a puxou para seus braços. Ela gemeu enquanto os corpos se entrelaçavam.

Tonto de tanto desejo, James soltou-a e começaram a nadar. Moviam-se

langorosamente lado a lado pela água, os corpos se tocando. O leve contato provocava arrepios de prazer em James. Não era assim que ele havia planejado que acontecesse. Ele decidira que ia se controlar. Mas a proximidade dela dentro da água estava levando-o à loucura. Ela o desejava, disso estava certo. E ele a teria. Não havia outra possibilidade. Não agora.

Movendo-se na água atrás dela, abraçou-a e trouxe-a para perto, as costas encostadas em seu peito. Ela gemeu baixinho quando as mãos dele pousaram sobre seus seios, acariciando-os, beliscando-os de leve até que ela suspirasse, abandonando-se. Por alguns momentos deliciosos eles deixaram-se ficar assim, a leve pressão de seus quadris excitando-os mais e mais. Ele não queria apressá-la nem assustá-la. Devagar, com cuidado, queria seguir o ritmo dela.

Haviam deslizado até as águas rasas próximas às pedras, no mesmo lugar em que haviam se abraçado pela primeira vez. Meio boiando e meio de pé, James aninhou-a na curva de seu corpo e começou a acariciá-la devagar, com movimentos suaves, escorregando os dedos pelo ventre liso. Sentiu que ela se enrijeceu quando alcançou seu sexo. Então ele começou a tocá-la, a acariciar o ponto sensível deliciando-se ao vê-la arfar e sucumbir às sensações delirantes.

— Por favor, James — murmurava ela.

Mas ele ainda esperou, até que o desejo fosse insuportável. Apenas quando não poderiam mais suportar a espera ele fez com que Mavis se virasse. Com ternura, ergueu-a pelos quadris e colocou-a sobre seu sexo.

— Mavis — ele disse quando emergiram da intensa onda de gozo em que mergulharam. — Vou fazer tudo certo, amor. Não posso lhe dizer quando ou como, mas vamos ter um ao outro. Juro por Deus. Tudo vai ser exatamente como deve ser.

Mavis caminhava entre as fileiras de tabaco, a trança molhada ainda secando ao sol da tarde. Suas passadas eram leves; seu corpo ainda exultava com a recordação dos últimos momentos com James.

Sentia-se renascida. Quando deixara Fairhaven era uma criança; agora retornava mulher.

Jamais experimentara dia tão glorioso. Ela e James haviam nadado na lagoa rindo, atirando água um no outro, mergulhando profundamente nas águas para emergir um nos braços do outro. Fizeram amor nas rochas mornas, devagar, com tal ternura que sentira vontade de chorar. E

conversaram sem parar, abraçados sob a sombra dos salgueiros, os lábios tocando-se em meio às palavras.

Não falaram de Célia ou dos obstáculos que teriam pela frente. Nenhum deles quisera destruir a felicidade das horas passadas juntos. Em vez disso, compartilharam de lembranças de infância, sonhos, fantasias. Revelaram um ao outro seu mundo secreto e exploraram juntos esses segredos.

James dissera que faria as coisas certas. Prometera que ficariam juntos, no entanto ela tinha consciência das dificuldades. Seu coração dizia-lhe para confiar e ser paciente. Tinham todo o tempo do mundo e seu amor. Agora tudo era possível.

Ao se aproximar da casa, seu espírito abateu-se um pouco. A pilha de convites a serem terminados estaria a sua espera, empilhados na escrivaninha de cerejeira. Célia ficaria aborrecida com ela por haver negligenciado o trabalho e, sem dúvida, insistiria para que ficasse a noite toda acordada para terminá-lo.

Por outro lado, não iria mesmo conseguir dormir. A tarde junto de James deixara-a tão excitada que parecia que jamais conseguiria dormir outra vez.

Não, não era a redação dos convites que a aborrecia. Era o que significavam. Célia e James haviam planejado comunicar a data de seu casamento durante o baile. O que aconteceria agora? Se James cumprisse a promessa feita havia pouco, esse baile não teria razão de ser.

E se ele não cumprisse? Se suas juras de amor não fossem mais que palavras vazias?

Mavis tentou afastar os pensamentos sombrios. Tinha de confiar nele. Tinha de acreditar que a amava. Não resistiria, se não fosse verdade.

Quando se aproximou do pátio do estábulo, viu Thomas com um balde e um trapo na mão, limpando a carruagem de Célia. Ele endireitou-se e fez um sinal para que ela se aproximasse.

O coração de Mavis disparou. Thomas havia levado Célia para a casa dos Rutledge nessa tarde. Se ele havia retornado, ela também estava de volta.

— Senhorita Mavis! — O rosto bonito de Thomas revelava preocupação.
— A senhora Célia está a sua procura! Está furiosa!

— É, e com razão — comentou de bom humor Mavis, tentando engolir o nó em sua garganta. — Pensei que vocês só retornariam à noite.

— A senhora Rutledge sentiu-se mal. Então a senhora Célia decidiu voltar para casa. — Thomas meneou a cabeça. — Meu Deus, senhorita Mavis, deveria ter ficado por aqui. Ela a procurou por toda parte, junto com Jake — ele parou, o olhar contido. De repente, Mavis sentiu frio.

— Jake Sloan? Mas o que ele tem a ver com isso?

— É melhor ir depressa para a casa, senhorita Mavis — disse Thomas, os olhos baixos sem conseguir encará-la. — Não existe nenhum lugar onde possa se esconder.

Mavis deixou-o e caminhou depressa para a casa. Seus pés de repente pareciam feitos de chumbo.

Cruzou o pátio e chegou à frente do caminho. Célia estava em pé no pórtico, as mãos na cintura, em uma postura de fúria indignada.

Jake Sloan descansava contra um dos pilares, o chapéu de couro cobrindo-lhe parcialmente os olhos. Enquanto mastigava um pedaço de palha, as mãos acariciavam o cabo de um longo chicote feito em couro de boi.

CAPÍTULO XII

Colérica Célia demonstrava todo seu desgosto no sorriso forçado.

— Então, aí está você — sibilou para Mavis. — Mal dou as costas e já sai correndo pelos campos! É bem provável que tenha algum homem nos bosques esperando por você. Não é verdade?

Mavis manteve a cabeça ereta e ficou em silêncio, mas não podia evitar o rubor que subiu às suas faces diante da fúria de Célia. Ah, sem dúvida sabia sobre ela e James ou ao menos suspeitava. O que mais poderia explicar tal explosão de cólera, terrível e gélida?

Apreensiva, Mavis espiou na direção de Jake Sloan que, ao notar seu gesto, deixou cair a palha da boca sobre o colete de couro sujo. Seus dedos brincavam com o cabo do chicote. Por um momento Mavis fechou os olhos para controlar a onda de náusea que ameaçava dominá-la.

— Pois bem! — a voz de Célia era cortante como um punhal. — Eu lhe dei ordens expressas para não deixar a casa. O que tem a dizer em sua defesa?

Mavis sustentou o olhar em silêncio.

— Quando James a trouxe aqui, eu disse a ele que você era orgulhosa demais para se tornar uma boa criada. Se fosse simplesmente contratada aqui, há muito eu a teria dispensado. Mas paguei muito dinheiro por você, um investimento para cinco anos. Não tenho alternativa senão dar-lhe uma lição para que aprenda a obedecer. Você foi avisada. E não pode culpar ninguém, a não ser você mesma.

Fez um sinal para Sloan, que logo emitiu um assobio agudo. A seu chamado, dois homens negros enormes, trabalhadores do campo, surgiram correndo de detrás da casa. Antes que Mavis tivesse tempo para pensar, cada um deles agarrou-a por um braço.

Ela entrou em pânico ao sentir o súbito aperto de suas mãos fortes e calosas. Começou a se debater tentando se desvencilhar.

— Não! — gritou, quando se deu conta do que a esperava.

— Vejo que por fim encontrou sua língua — disse Célia, um sorriso frio desenhando-se nos lábios. Sem mais uma palavra, deu as costas e entrou em casa.

Mavis atirava-se de um lado a outro, os braços doendo enquanto os dois

escravos arrastavam-na pelo gramado. Seguravam-na com firmeza, mas sem crueldade, evitando seus olhos. Mesmo através da névoa de pavor que lhe turvava a mente, percebeu que eles também não tinham escolha. Eram, como ela, prisioneiros das circunstâncias, nada podiam fazer a não ser cumprir ordens.

Embora se debatesse com todas as forças, não foi capaz de se desvencilhar. Conduziam-na pelo pátio dos estábulos, em direção ao canil enquanto Jake Sloan caminhava ao lado, assobiando, o chicote balançando nas mãos.

Ao se aproximarem do canil, os cães começaram a ladrar furiosos. A garganta de Mavis se apertou ao ver a estreita trilha atrás das cabanas dos escravos. Havia algo horrível naquela trilha. Algo maligno.

Foi empurrada pelo caminho até uma pequena clareira de uns cinco metros de diâmetro, aberta entre os arbustos. No centro, havia um poste de uns dois metros e meio, tão grosso como a perna de um homem, e pendurada nele uma argola de ferro enferrujada. A madeira do poste estava arranhada e exibia inúmeras manchas de sangue.

Mavis mordeu o lábio para evitar um grito enquanto os escravos prendiam suas mãos na argola de ferro com uma tira de couro cru. O horror do que viria a seguir provocava-lhe náuseas, mas não gritaria, não daria esse prazer a Célia Pomeroy.

Ficou suspensa pela argola, as pontas dos pés mal tocando o chão. Arrepiou-se quando Jake Sloan veio por trás e começou a lhe desabotoar o vestido.

— Não toque em mim, seu animal imundo! — grunhiu ela, tentando se afastar, colando-se à madeira rústica do poste.

Sloan soltou uma gargalhada cínica.

— Ora, quanta arrogância, senhorita toda poderosa! Acho que quando eu terminar meu serviço aqui, você vai estar cantando em um tom bem mais suave!

Ele terminou com os botões e com um puxão, abriu o vestido expondo os ombros alvos.

— Ora, vejam só — murmurou ele. — Eu sempre disse que só uma mulher negra podia carregar a pistola do velho Jake! Mas você bem pode ser aquela que me faça mudar de idéia!

Ele riu enquanto Mavis se debatia com raiva.

— Muito bem, garotinha. Dez chicotadas, sem estragar o vestido. Ordens da senhora Célia!

Ele recuou uns cinco passos e embora Mavis não pudesse vê-lo, percebeu que erguia o chicote. Fechou os olhos, cerrou os dentes com força e preparou-se para o impacto do primeiro golpe.

Mas jamais poderia se haver preparado para o que se seguiu. O chicote assobiou no ar, sua ponta dura entrelaçada cortando-lhe a carne, desenhando uma linha vermelha em seus ombros. Sentiu a respiração lhe faltar com a dor excruciante. Os joelhos cederam com o choque, quase destroncando-lhe os braços com peso do próprio corpo. Mordeu o lábio para não gritar. Ela não daria essa satisfação à Célia.

Faltavam nove...

Jake Sloan respirava resfolegante. Uma e outra vez ele erguia o chicote, fazendo-o circular sobre a cabeça como uma cobra prestes a atacar, antes de mover o braço para frente. O couro cantava no ar.

A cada golpe, o corpo de Mavis estremecia com o impacto, pendurando-se na argola. Sua vista escurecia, a mente girava.

Entreabriu os lábios para pronunciar uma única palavra antes de mergulhar na escuridão:

— James...

Vagamente consciente, percebeu que a carregavam pela cozinha e então pelo corredor que dava para seu quarto. Mão fortes e gentis, as mesmas mãos que a haviam arrastado para o poste de castigo, colocaram-na na cama. Uma porta se fechou e ela ficou deitada ali, torturada por ondas de dor e choque.

Tempos depois, quanto não saberia dizer, a porta se abriu mais uma vez. Escutou uma cadeira ranger e sentiu algo frio e refrescante nas costas. Gemeu baixinho.

— Calma, meu bem... — era a voz carinhosa de Hetty. — Eu trouxe algo para os cortes. Sempre ajuda. Fique quietinha agora e não se preocupe com mais nada.

— Você vai ficar bem. — Minna alisava seus cabelos. — Sempre dói muito da primeira vez. Mas depois não é tão terrível assim. Eu e a Hetty vamos cuidar de você.

Mavis deu um suspiro profundo. O tecido grosseiro da fronha estava molhado de lágrimas. Foi só nesse momento que se deu conta como estivera só, e quanto necessitava da amizade dessas duas mulheres tão corajosas.

Hetty cantarolava baixinho enquanto espalhava o cataplasma refrescante feito com ervas nas costas de Mavis. Aturdida pela dor, ela percebia que para algo servira tanto sofrimento. Hetty e Minna agora sabiam quem ela era e de que lado estava.

Ela era uma delas.

As folhas dos enormes carvalhos encolhiam-se murchas pelo calor de meio-dia, rodeando o caminho no qual James trotava em direção à casa grande. Desmontou diante da varanda, amarrando as rédeas de seu garanhão na argola. Não valia a pena levar o cavalo até o está-bulo, pois assim que Célia percebesse o objetivo de sua visita não o reteria por muito tempo.

A confrontação seria desagradável, sem dúvida. Mas estava ansioso para acabar logo com aquilo. Desde o princípio via-se que ele e Célia não eram talhados um para o outro. Era hora de corrigir o equívoco e que cada um seguisse seu próprio caminho.

Uma onda de entusiasmo invadiu-o ao pensar em Mavis e no amor que compartilhavam. Em breve, assim que ele removesse os difíceis obstáculos que ainda travavam seu caminho, ela seria dele. Poderiam planejar o futuro juntos; e que futuro maravilhoso seria! Ele a enfeitaria com rendas e sedas, e a rodearia de criadas. Ele lhe mostraria todo um mundo de prazeres que ela jamais conhecera. E mais que tudo, ia cuidar, proteger e adorar Mavis. Ele iria amá-la até o fim de seus dias.

Preparando-se para o que viria a seguir, subiu os degraus, ergueu a aldrava e bateu três vezes com força. O tempo parecia haver parado enquanto aguardava algum movimento do outro lado da porta.

Por fim, o fecho se moveu e a porta se abriu lentamente. Foi Mavis quem surgiu a sua frente, o rosto estranhamente pálido, os olhos verdes embaçados e sombrios. Ao vê-lo, seus lábios formaram seu nome, mas logo baixou os olhos.

O que havia de errado? Ela parecia doente ou sofrendo de dores. Queria tomá-la nos braços, embalá-la até afastar aquela dor, fosse qual fosse sua origem.

Mas com tantos olhos e ouvidos à espreita precisavam se portar com discrição.

— Vim para visitar sua senhora — anunciou ele, falando em voz alta para ser ouvido na sala. — Ela está?

— Ela foi passar a tarde fora, senhor. Foi visitar a senhora Rutledge que está acamada — respondeu, com dificuldade.

James fitou-a alarmado. Menos de vinte e quatro horas haviam passado desde que a vira na lagoa, radiante e sorridente. Nesse dia ela parecia arrasada. A mudança perturbava-o e assustava-o.

— Mavis — murmurou ele. — O que está acontecendo? Você precisa me contar.

Ela ergueu os olhos vermelhos e meneou a cabeça.

— O estábulo... — prosseguiu ele. — Vou esperar lá por você.

Virou-se antes que ela protestasse e fechou a porta atrás de si. Uma estranha apreensão tomava conta dele enquanto descia os degraus até onde estava seu cavalo. Algo acontecera, algo que a afetara profundamente. Precisava descobrir do que se tratava e fazer tudo o que fosse necessário para ajudá-la.

Dentro do estábulo, colocou o garanhão em uma baia vazia e deu-lhe um pouco de aveia. Talvez ela não viesse. Parecia tão retraída, tão diferente. O que poderia havê-la afetado assim?

Será que tinha algo a ver com o que ocorrera no dia anterior? Estaria com remorsos por haver feito amor com ele?

Sentou-se sobre um barril virado, a cabeça apoiada no pulso. Jamais lhe havia ocorrido que ela pudesse haver mudado de idéia. Mavis parecia tão apaixonada. Ele estava tão certo dos sentimentos dela quanto dos seus. Talvez certo demais.

Poderia perdê-la, percebeu, desesperado. E, sem ela, seria infeliz pelo resto da vida.

Pareceu esperar uma eternidade até escutar a porta do estábulo ranger. Mavis esgueirou-se como um sopro.

Desejando estreitá-la nos braços, James ergueu-se e deu alguns passos em sua direção .

— James, meu amor... — Seus olhos eram como lagoas tristes e profundas.

— Mavis, o que há de errado? Por favor, conte-me.

Ela meneou a cabeça e então, como se tivesse mudado de idéia, entreabriu os lábios .

— É... é Célia.

— O quê? — James quase riu de alívio. — Você está tendo um ataque de remorso? Pois bem, pode ficar tranqüila. Célia nunca me amou. Tudo o que ela deseja é uma nova casa e um acompanhante para a vida social que almeja ter em Williamsburg. Foi exatamente desse assunto que vim tratar aqui hoje. Vou colocar um ponto final nessa farsa de noivado e comprar sua liberdade.

— Não... você não está entendendo.

— Não? Quem sabe se você chegar mais perto, amor, poderá então me explicar.

Ele estendeu o braços e segurando-a pelo pulso atraiu-a para si. Quando os braços dele tocaram-lhe as costas, ela gritou de dor.

— Mavis, o que... — Ele deixou os braços penderem ao longo do corpo quando a horrível verdade o atingiu em cheio. — Vire de costas — disse, a voz contida.

Seus dedos tremiam enquanto tentava desabotoar o vestido. Ela nada dizia, trêmula e com a respiração ofegante, ao sentir o vestido abrindo-se, desnudando-lhe as costas e revelando a massa de horríveis e cruéis vergões que a cobriam.

O sangue fugiu do rosto de James. Uma raiva surda dominou-o, tão forte que por um momento não conseguiu falar.

— Quem fez isso com você? — sibilou ele.

— Jake Sloan — sussurrou ela. — Sob as ordens de Célia.

— Vou matá-lo...

— Não. — Ela se voltou e colocou a mão fria sobre seu braço. — Não percebe? Não é tão simples assim, James. Qualquer coisa que fizer para interferir só vai piorar a situação. E isso inclui tentar comprar meu contrato.

— Deve haver alguma maneira... — dizia, enquanto percebia com profundo desespero que Mavis tinha razão. Fora muito ingênuo ao imaginar que Célia abriria mão dele tão facilmente. E assim que descobrisse que ele estava apaixonado por Mavis — se é que já não tinha adivinhado — ela se agarraria ao contrato apenas para feri-lo. E já mandara chicotear Mavis uma vez. Era capaz de fazê-lo de novo, e de novo.

— Venha embora comigo, amor — sussurrou ele, tomando-lhe o rosto entre as mãos. — Agora. Nesse minuto. Vamos para algum lugar bem longe daqui e jamais olharemos para trás...

— Oh, James, se ao menos pudéssemos! — Ela fechou os olhos por um momento, cobrindo as mãos dele com as suas. — Mas eu serei propriedade roubada. Seremos caçados como criminosos. Sua casa, suas terras... Você perderia tudo!

— Tem que haver alguma maneira — suspirou ele. — E, juro por Deus, não sossegarei até encontrá-la.

Ela repousou a face úmida de lágrimas na palma da mão dele.

— Até você encontrar uma saída não temos alternativa. Exceto seguir com as coisas do jeito que estão. Eu, com meu serviço aqui e você, com o noivado com Célia.

— Mavis...

Sua ligação com Célia tornara-se odiosa depois do que aquela mulher

fizera com Mavis. E James não era homem paciente. Ansiava por se libertar, por esclarecer a situação de uma vez por todas.

Mas, relutante, percebeu que Mavis estava certa. Uma Célia repudiada seria capaz das piores vinganças. Enquanto ela controlasse Mavis, o único curso de ação seguro era agir devagar, com toda a cautela.

— Nesse caso, há algo mais que devemos fazer, amor. Não quero arriscar que você seja chicoteada mais uma vez por minha causa. Até que nos livremos completamente dessa situação, não devemos nos encontrar. Não podemos nos arriscar.

Ela baixou os olhos para esconder suas emoções.

— Está bem, você tem razão, James. No entanto, não sei se vou conseguir suportar...

— Eu prometo que não será por muito tempo. Vamos encontrar a solução, Mavis. Juro por minha vida.

Ele ergueu-lhe o rosto e a beijou suavemente na boca

— Tenho de ir — sussurrou ela, afastando-se.

Quando ela se virava para partir ele segurou sua mão e pressionou os lábios na palma.

— Confie em mim, meu amor. Vou encontrar um jeito.

Ela se foi então, deslizando como um fantasma da escuridão do estábulo para a claridade de fora. James permaneceu onde estava por mais alguns instantes, quebrando a cabeça para tentar encontrar uma solução. Tinha que haver uma saída para esse dilema, algum detalhe na lei, alguém que pudesse ajudá-los...

Apertou os lábios, inconformado com a ironia da situação. Havia, sim, uma solução simples e direta. Ele podia conseguir facilmente a liberdade de Mavis, e com muita rapidez. Tudo o que tinha a fazer era se casar com Célia.

Os pés de tabaco agora já alcançavam a cintura de um homem. Inúmeros escravos trabalhavam nos campos, limpando as plantas das pragas e retirando das folhas insetos que alimentavam-se delas. O som distante de seus cânticos de trabalho, com seus ritmos primitivos, faziam pulsar forte o sangue de James.

A casa grande estava quase pronta. Os trabalhadores haviam passado os últimos três dias desempacotando a mobília, tapeçarias e candelabros trazidos da Inglaterra nos porões do *Pégasos*. Célia estivera ali para supervisionar a colocação de tudo. Caminhava de uma sala para a outra

como um sargento, assegurando-se de que cada peça fosse colocada exatamente onde ela queria.

Agora, no final da tarde, James caminhava sozinho por entre salas adornadas com cristais e veludos, tapetes turcos, sofás russos do mais rico couro e mesas de madeira laqueada. O luxo era quase constrangedor. Ele passara metade de sua vida a bordo, com mobília simples, escolhida em função da economia de espaço. A idéia de que todos aqueles objetos lhe pertenciam, que ele mesmo os havia comprado, parecia quase ridícula, como se estivesse caminhando dentro de um sonho estranhamente distorcido.

Abriu a porta do salão de baile, onde o amplo piso fora encerado com perfeição por um pequeno exército de escravas. O baile de Célia, como James o chamava, aconteceria dentro de uma semana. Depois de conferir o tamanho do salão, ela decidira que as festividades teriam lugar ali em vez de em Fairhaven. Um terço dos escravos dela que trabalhavam no campo foram trazidos ali para cuidar do jardim, formar uma caminho até a casa, aparar a grama, transplantar magnólias e buxos ao redor da entrada e do terraço. Até mesmo os apetrechos de cozinha vinham emprestados de Fairhaven e Hetty, resmungando, já retirava-os da charrete.

No começo da semana seguinte, tudo estaria pronto. Esse baile, segundo Célia, seria o acontecimento mais elegante de toda a região que cobria cinco condados. Os músicos viriam de Williamsburg. O serviço de comida e bebidas seria o melhor e mais refinado já visto. E acima de tudo, ela pretendia anunciar o dia 23 de setembro como a data do casamento deles.

James podia sentir a pressão. Sentia-a como um laço que se estreitava cada vez mais sufocando seu pescoço. Principalmente agora que sua maior esperança de libertar Mavis havia fracassado.

Uma vez mais, retirou a carta do conselheiro Robin Fitzhugh do compartimento secreto de sua escrivaninha. Acendendo uma lamparina, deixou-se cair desanimado em uma cadeira para relê-la pela última vez.

Meu bom amigo,

Lamento dizer-lhe que meus esforços para ajudá-lo fracassaram. De boa vontade, fiz o que me pediu. Entrei em contato com a senhora Pomeroy por carta, mencionando que minha esposa e eu estávamos à procura de uma jovem criada bem apresentável para ajudar a receber nossos convidados. Fiz uma oferta generosa pela garota. Whitney. Mas a senhora Pomeroy, sinto dizê-lo, nem quis considerá-la. Em uma carta dirigida a mim, declarou que o contrato da garota não está à venda a nenhum preço.

A determinação dela e o tom de sua carta leva-me a crer que ela sabe mais sobre a

situação do que você poderia suspeitar. Aconselhe-o a agir com cautela em seus próximos passos. Nesse meio tempo, deseje-lhe sorte e permaneço, como sempre, seu devotado amigo e servidor.

Robin Henry Fitzhugh.

James tirou a manga de vidro da lamparina e colocou a carta do conselheiro sobre a chama. Havia cavalgado até a fazenda de Fitzhugh, cerca de Leedstown, para explicar a situação dele e de Mavis e implorar sua ajuda. Fitzhugh sensibilizara-se e mostrara-se disposto a cooperar, mas seus esforços foram inúteis. Célia recusava-se a deixar Mavis partir, a qualquer preço.

O que saberia Célia sobre eles? Não tudo, claro. Mas tratava-se de uma mulher perspicaz, certamente o bastante para perceber que Mavis era a chave do poder que ela exercia sobre ele. E por mais orgulhosa que fosse, não estaria disposta a abrir mão desse poder.

James observava a carta escurecer e retorcer-se ao calor da chama. A intervenção do conselheiro fora sua única esperança. E agora, não mais existia.

Fechou os olhos, exausto. Já se haviam passado quase duas semanas desde que encontrara Mavis. Passara longas e terríveis noites, desperto, desejando-a. E no decorrer dos dias, vivia temendo pela segurança dela. Se Célia permitisse que Jake Sloan a tocasse mais uma vez...

Cerrou o punho, sem conseguir completar o pensamento.

Haviam outros momentos, como agora, quando ele quase podia sentir sua presença, senti-la pensando nele.

— Tenha paciência, amor — murmurava para a noite. — Vou descobrir um jeito. Por mais que demore, custe o que custar, eu o encontrarei.

Mavis sentava-se à sombra no terraço da cozinha, ajudando Minna a descascar as espigas de milho. Era um trabalho que desfrutava — puxar a palha para descobrir as fileiras de grãos dourados. Gostava do ritmo tranqüilo do trabalho, do cheiro fresco e úmido das folhas internas e da sensação de seda úmida em seus dedos. E sentia-se reconfortada com a presença calada e gentil de Minna.

O cão de caça dormia a seus pés, a pele se eriçando para afastar as moscas negras e preguiçosas que esvoaçavam na porta da cozinha. Ondas de calor subiam acima dos tetos das distantes cabanas de escravos.

Minna cantarolava uma canção, uma melodia bonita e repetitiva que Mavis jamais havia escutado antes.

— Que música é essa Minna? — perguntou Mavis, baixinho. — E da África?

— É, sim — Minna assentiu, sem alterar o ritmo de suas mãos finas descascando as espigas. — É uma canção da época de colheita. As mulheres costumam entoá-la enquanto estão pilando raízes. — Um sorriso melancólico passou por seu rosto perfeito. — Eu conheço muitas canções. O mercador de escravos tirou tudo de mim, exceto minhas canções. Estas ficarão comigo para sempre. Algum dia vou ensiná-las a meus filhos e depois, a meus netos. Desse modo, eles não se esquecerão de quem fui e de onde vim.

Ela parou, ajustou o turbante de chita azul e recomeçou a cantarolar, dessa vez outra canção.

— Fale-me sobre a África — pediu Mavis. — Como era? Minna ergueu os olhos de seu trabalho e deu de ombros.

— Mais quente do que aqui — disse ela. — Lá não tínhamos inverno. Havia fartura de comida durante o ano todo. Nenhum patrão para nos dizer o que fazer.

— E sua tribo? E sua família?

— Pertencço à tribo dos Ashanti. Meu pai era o chefe de todos. Como o seu rei. Tinha três esposas, mas minha mãe, a mais jovem delas, era a favorita. Ela... — Minna parou, engolindo em seco — , ela morreu depois que fomos apanhados pelos mercadores de escravos. Meu irmão menor também morreu.

— E seu pai? — perguntou Mavis delicadamente. — Eles o capturaram?

— Ele não estava conosco. Nunca mais o vi.

Mavis fitou tristemente a amiga. Essa jovem, radiante, uma princesa em sua própria terra, reduzida a isso. À mercê de Jake Sloan.

— Minna, se você pudesse, voltaria para a África? Minna suspirou.

— Durante muito tempo, era o que eu mais queria. Mas não agora. Tenho Thomas aqui. Não quero me separar dele nunca.

Mavis pensou em James. Sim, sabia como Minna se sentia.

— Você e Thomas deveriam se casar. Já conversou alguma vez com a senhora Célia sobre o assunto?

Ela baixou os olhos e meneou a cabeça tristemente.

— A senhora Célia não se importa nem um pouco. É o senhor Jake que não permitiria jamais. Ele nos castigaria com o chicote e providenciaria para que a senhora Célia vendesse Thomas para algum lugar tão distante que jamais poderíamos nos ver outra vez.

Mavis pousou a mão sobre o braço de Minna.

— Mas vocês não podem continuar desse jeito. E se Jake te engravidar, Minna?

— Não, Hetty me dá algo para tomar. Uma erva. Isso impede a gravidez.

— Mas pode prejudicar você — insistiu Mavis. — Se tomar muito dessa erva, talvez depois não possa mais ter filhos com Thomas. Não é isso o que deseja?

— Sim — suspirou Minna. — Quero ter filhos com Thomas, é o que mais desejo nessa vida! Mas não podemos fazer nada por agora. Precisamos manter tudo calmo até que... — ela parou de súbito, fitando Mavis desconfiada.

— Minna, eu sou sua amiga, sua e de Thomas.

Observou Mavis por alguns instantes, decidindo por fim confiar nela.

— Thomas e eu... — disse tão baixinho que Mavis teve de se aproximar. — Nós vamos fugir muito em breve. Thomas conhece essa região e já tem tudo planejado. Ele disse que se conseguirmos chegar em território espanhol, então estaremos em liberdade!

— Liberdade! — Mavis apertou a mão da amiga. — Oh, Minna, que bom seria se vocês conseguissem! Mas é tão perigoso. Se forem apanhados...

— Eu sei. Mas precisamos tentar. Não suportamos mais a vida aqui. Não com o que o senhor Jake vem fazendo.

— Ouça. Quando chegar a hora, se você e Thomas precisarem de qualquer coisa, roupas, dinheiro, um lugar para se esconder, podem contar comigo. Farei qualquer coisa para ajudá-los.

Era uma promessa extravagante, mas James tinha condições de conseguir tudo o que mencionara. E se ela pedisse, estava certa que o faria.

Minna hesitou.

— Você poderia se meter em complicações. Se o senhor Jake descobrisse, iria castigá-la severamente.

— Não tem importância. Eu quero ajudar.

— Obrigada — murmurou Minna, emocionada com a oferta. — Eu direi a Thomas.

Continuaram a descascar as espigas em silêncio, cada uma mergulhada em seus próprios pensamentos. Mavis não soubera nada de James em mais de duas semanas. Claro que levaria tempo até que ele pusesse em prática seus planos, mas a ausência de notícias provocava-lhe desânimo. Talvez ele houvesse fracassado, ou simplesmente desistido. A cada dia que passava, aumentava o peso em sua alma.

De certo modo, invejava Minna. Como seria bom se ela e James

pudessem reunir o mínimo necessário e fugir para algum lugar seguro onde pudessem estar juntos. Seria o paraíso. Não se importava nem um pouco com a fortuna de James, a casa grande ou suas terras. Para ela, seria o bastante tê-lo a seu lado.

Mas e para ele? Conseguiria abrir mão de sua fortuna, de suas propriedades, e ainda assim ser feliz com ela? Ah, essa era uma pergunta para a qual não tinha resposta.

O som de passos pesados e do ranger da porta da cozinha interrompeu seus pensamentos. A figura imponente de Hetty preencheu o umbral da porta. Ela fitava Mavis com expressão carinhosa.

— Menina, a senhora Célia acaba de voltar da casa dos Wormeley e está perguntando por você. Não sei o que ela quer, mas está toda alvoroçada por causa de alguma coisa.

— Ela não está aborrecida, está? — perguntou Mavis, limpando a saia da palha de milho, mil pensamentos cruzando sua mente.

— Não parece estar. Mas disse que quer você lá com urgência. É melhor se apressar. Eu e Minna terminamos de debulhar o milho.

— Estou indo.

Mavis alisou a saia e ajeitou uma mecha de cabelo que se desprendia e apressou-se correndo pela cozinha até a sala de estar. Hetty dissera que Célia não parecia aborrecida, mas com o baile tão próximo qualquer chamado urgente era motivo de apreensão.

Encontrou Célia na sala, caminhando de um lado para o outro sobre o tapete persa, o rosto afogueado, os olhos tão animados que pareciam saltar das órbitas.

— Aí está você! Quero que prepare mais um convite e mande Thomas entregá-lo aos Carter assim que tiver acabado!

— Os Carter? Mas já enviamos os convites...

— Quer prestar atenção? Eu sei que já mandamos os convites para os Carter. Mas eles estão com um novo hóspede, que é praticamente um membro da família real! Primo em segundo grau da própria rainha Anne, pelo que Jane Wormeley me contou!

Mavis tentou ignorar o mau presságio que a assombrou.

— Uma história tão triste e tão romântica! — animava-se Célia. — A pobre esposa desse homem morreu há menos de dois meses na Inglaterra, e parece que ele emprestou muito dinheiro da família dela para administrar sua propriedade. Parentes e credores aguardavam o momento de abocanhar sua propriedade e, antes mesmo que ele se desse conta, havia perdido tudo.

Nada lhe restou exceto uma gleba de doze mil hectares aqui na Virgínia.

— Então ele veio para ficar? — perguntou Mavis, com cautela.

— Exatamente. Pense nisso! Um par do reino e ainda por cima viúvo! Ora, todas as mulheres solteiras de seis condados estarão lhe prestando honras. Estarão se engalfinhando como gatas para se tornarem a nova lady Dunsmore!

— Dunsmore — murmurou Mavis, sem perceber que falara em voz alta.

— Isso mesmo. Você deve ter ouvido falar dele, por ter vindo da Inglaterra. Lorde Percy Dunsmore.

CAPÍTULO XIII

Eram tantas as lamparinas iluminando as árvores ao redor do terraço que, da estrada distante, pareciam nuvens de vaga-lumes. Como hipnotizadas, mariposas circulavam ao redor delas, batendo freneticamente as asas, as pontas chamuscadas. Grilos cantavam nos canteiros de flores recém-plantadas. O cheiro forte de fumaça de tabaco permeava o ar da noite.

Mavis escapulira para o terraço para tomar fôlego e ordenar seus pensamentos. Embora lorde Percy Dunsmore ainda não houvesse chegado, sua tensão crescia. Sentia o sangue gelar cada vez que uma carruagem parava em frente da casa. Mas tinha de continuar sorrindo enquanto circulava entre os convidados de Célia, servindo copos de vinho de pêra e ponche de rum e atraindo as atenções dos mesmos jovens barulhentos que a rodeava por ocasião da caça à raposa.

Os anfitriões de lorde Dunsmore, os Carter, haviam chegado mais cedo. Segundo eles, o convidado real tinha negócios em Leedstown naquele dia e de lá viria diretamente para o baile, em sua própria carruagem.

Durante toda a noite, Mavis vigiara aquele caminho, mas ele não aparecera. O jantar já havia terminado e o baile avançava animado avivando-lhe as esperanças de que ele por fim não comparecesse. Talvez os negócios o houvessem retido por toda a noite ou tivesse tido problemas na estrada, ao retornar de Leedstown. Era provável que, afinal, ela não fosse obrigada a enfrentá-lo.

Um mosquito pousou em seu rosto. Deu um tapa, mas ele conseguiu escapar, zumbindo irritantemente em torno de sua cabeça. Parecia que os insetos por ali eram mais numerosos do que em Fairhaven. Mas talvez fosse apenas porque as lamparinas os atraíssem para perto da casa. De qualquer modo, eram irritantes o bastante para manter todos os convidados no interior da casa.

Do salão de baile vinha o som de risadas e do ritmo rápido de uma gavota. O conjunto de quatro instrumentos — flauta, citara, violino e bandolim — tocava com tal entusiasmo que fazia as saias rodarem e os pés baterem no chão. Mavis não tinha permissão para dançar. Mas há muito não escutava boa música. Durante toda a noite, enquanto servia os convidados, viu-se caminhando e movendo-se ao ritmo alegre da música.

Através das portas de vidro, pôde ver Célia no piso de dança, rodopiando como uma borboleta em seu vestido de seda amarela. James observava-a de um canto onde conversava com o conselheiro Fitzhugh. Dançara o minueto com Célia, mas devido à perna, não conseguia acompanhar os passos rápidos da gavota. Célia, no entanto, parecia muito contente dançando com os demais.

Enternecida, Mavis observava James, trajado esplendidamente com um casaco cinza-prata e culotes de um tom mais claro, combinando com a cor de seus cabelos. Precisava desesperadamente falar com ele, mas não houvera nenhuma oportunidade. E na presença dos demais, especialmente de Célia, tinham de usar suas máscaras, representar seus papéis.

Com certeza Célia deveria lhe haver contado sobre a vinda de lorde Percy Dunsmore. Mas se assim fosse, por que ele estava ali, tão despreocupado, provando seu clarete enquanto observava o baile? Será que sabia e não se importava?

O ruído de uma carruagem aproximando-se e do bufar de cavalos sobressaltou-a. Afastou-se da janela e correu escondida pelos arbustos até um lado da casa a tempo de ver uma grande carruagem negra aproximando-se da entrada e estacionando bem em frente da varanda. De um salto, o cocheiro pulou do banco alto para o chão, uma agilidade de acrobata, para em seguida abrir a portinhola.

Era mesmo lorde Percy Dunsmore quem descia da carruagem. Mavis imobilizou-se em seu esconderijo ao vê-lo parar sob a luz para remover uma poeira imaginária da manga de seu casaco cor de vinho. Ele pouco mudara desde a última vez que o vira. Afetado, ainda usava a longa cabeleira postiça cacheada, e seus traços eram tão dissolutos como sempre haviam sido. Mas a queimadura — ela prendeu a respiração quando ele se voltou para a luz — cicatrizara de uma forma horrível que repuxava-lhe a boca deformando-a em um sorriso sinistro de um lado só.

Havia algo mais em sua postura que mostrava-o diferente. Na Inglaterra, por mais nobre que fosse seu sangue, lorde Dunsmore movia-se furtivamente pela mansão, mais como um chacal do que um leão. Agora, no entanto, subia os degraus com grande arrogância. Seus modos pareciam revelar sua disposição em deslumbrar os simplórios da colônia.

Thomas, trajando garbosamente a libre verde-musgo, fazia as vezes de porteiro naquela noite. Inclinou-se formalmente diante do nobre inglês, abrindo as portas ao mundo alegre e brilhante do baile. Nesse meio tempo, o cocheiro de Dunsmore cerrava a portinhola da carruagem. Com um

movimento ágil, saltou mais uma vez a seu banco alto e encostou o chicote no lombo da parelha de baios. Quando a carruagem passou sob uma das lamparinas, a luz revelou por um instante o rosto rude.

Mavis cobriu a boca para não gritar, esquecendo-se da ameaça que representava lorde Dunsmore. Ele precisava falar com James imediatamente, antes que ele colocasse o pé para fora da casa. Tinha de preveni-lo!

O cocheiro era Peter Quint.

Assim que lorde Percy Dunsmore entrou no salão de baile, James o viu e, sem poder acreditar em seus olhos, soltou uma imprecação abafada.

— O que houve? — perguntou Robin Fitzhugh que já ia se afastar em busca de sua esposa.

Com um sinal discreto, James indicou-lhe a porta.

— Célia me disse que teríamos um convidado surpresa. Se eu soubesse que seria lorde Percy Dunsmore...

— Dunsmore? — Fitzhugh colocou os óculos e espreitou em meio à multidão. — É ele mesmo... eu conheci o canalha há muitos anos. Mesmo naquela época, costumava percorrer as tavernas e bordéis desde Southampton até Londres, assinando contas que jamais pagava. E ganhou merecidamente uma reputação de sanguessuga social com grande inclinação para consumir a bebida alheia. Você o conhece bem?

James meneou a cabeça. Ele havia contado a Fitzhugh os acontecimentos que provocaram a partida apressada de Mavis da Inglaterra, mas nunca mencionara o nome de Dunsmore.

— Eu só me encontrei com ele uma única vez. Mas nós... tivemos um desentendimento, por assim dizer. Eu esperava jamais voltar a vê-lo.

— Você, assim como metade da Inglaterra, posso apostar. Desentendimento, você disse? Oh, meu Deus, não está querendo dizer que foi ele quem Mavis...

— Sim, ele mesmo. Veja em seu rosto a marca da queimadura provocada pelo chá que ela lhe atirou.

— E será que ele sabia que ela estaria aqui? — Os olhos de Fitzhugh estreitaram-se de preocupação por trás dos óculos de aro de metal.

James buscava Mavis por todos os lados, mas ela não estava em parte alguma.

— Ele poderia saber. Ele viu o contrato com o nome de Célia. Maldição, tenho de encontrá-la e avisá-la para ficar fora da vista de todos...

— Não, você não — interrompeu Fitzhugh. — Dunsmore também o conhece. Só vai conseguir atrair atenção sobre a garota, para não dizer no que

Célia iria pensar. Eu vou atrás dela. Fique aqui mesmo.

Antes que James pudesse responder, o conselheiro já se misturava aos convidados, abrindo caminho no meio da multidão.

Mais uma vez James percorreu com os olhos o salão da baile à procura de Mavis. Suspirou aliviado ao se dar conta de que ela não estava por ali. Talvez houvesse visto lorde Dunsmore e estivesse escondida. Mas mesmo assim, Célia não permitiria que se ausentasse por muito tempo. Podia apenas torcer para que Fitzhugh a encontrasse antes que fosse tarde demais.

— James! — a voz doce de Célia soava exigente. — A orquestra vai começar a tocar uma sarabanda. Creio que já é hora de dançarmos outra vez.

A música começou, lenta, regia e ritmada. Baixando os olhos, James lhe deu o braço e conduziu-a à pista. Movia os pés com controle estudado seguindo os passos elegantes da sarabanda. Segurava a cintura estreita de Célia enquanto ela girava graciosamente, exibindo as rodas de sua saia, as pérolas, brilhando como gotas de orvalho contrastando com os cabelos dourados.

Mas James não se concentrava na dança, os olhos movendo-se ansiosamente pelo salão à procura de Mavis. Quando essa maldita sarabanda tivesse terminado, ele a encontraria e a tiraria dali — para a cozinha, para um quarto do piso superior, para qualquer lugar longe das vistas de Dunsmore. E Célia que protestasse quanto quisesse!

Lorde Dunsmore estava em pé junto à mesa de ponche agora, tornando a encher seu copo e conversando com um dos Carter. Que bom seria se ele permanecesse ali, e se Mavis pudesse ficar fora de seu alcance até que Fitzhugh pudesse preveni-la!

Sobressaltou-se ao ver Mavis vindo do terraço. Fitzhugh, que fora pelo outro lado, não a encontraria. Ela parou na borda da pista de dança. Com seu traje verde musgo, avental branco e a touca branca de renda, era de longe a mulher mais linda do baile. Mas parecia agitada, quase ansiosa, olhando de um lado para o outro. De repente James se deu conta de que ela o buscava. Talvez houvesse visto Dunsmore e tratava de preveni-lo!

Célia olhou-o aborrecida quando ele errou um passo da sarabanda.

— Realmente, James! Está dançando como um sonâmbulo! O que deu em você?

Mavis por fim descobriu James. Seus olhos se arregalaram ao se encontrar com os dele, tentando desesperadamente transmitir a urgência da situação. Então, como se conscientizasse de que não poderia interferir enquanto ele dançava com Célia, hesitou, deu a volta e misturou-se com os

convidados, caminhando em direção ao terraço.

E Dunsmore? James esforçava-se para vigiá-lo sem que os demais notassem. Ele permanecia no mesmo lugar, rodeado pelos convidados ansiosos por conhecer um verdadeiro nobre inglês. Mas o ar de superioridade misturado com tédio que lorde Percy assumira antes, havia desaparecido. Ele inclinava-se para frente, como que preso por uma invisível guia. Seus pequenos olhos brilhavam com uma excitação tensa e malévola que fez o sangue de James gelar.

Ele a havia visto.

Assim que a sarabanda terminou, Mavis abriu caminho por entre os convidados até chegar à porta do terraço. Pôs a mão na maçaneta e hesitou. Com Peter Quint rondando lá fora, ela estaria mais segura dentro da casa. E quanto a James, recordava-se das ameaças amargas que Quint lhe fizera a bordo do *Pégasos* e o olhar desvairado em seu rosto. O último que desejava era que James a seguisse, transformando-se em alvo perfeito para o punhal de Quint.

Quint. Só de lembrar-se sentia estremecimentos. Depois que Saul Redding o levara de volta à Inglaterra, com certeza ele deveria ter ido oferecer seus serviços a Dunsmore. Quint e Dunsmore juntos. Ambos ali. Era o pesadelo mais terrível transformado em realidade.

Mavis ainda estava parada à porta quando escutou a voz de Célia interrompendo uma conversa, como uma pontada de agulha.

— Milorde! Que gentileza a sua em vir! — Célia atravessava o salão em direção à mesa de bebidas, os braços estendidos como se estivesse saudando algum parente querido que há muito não via.

Mavis encolheu-se de encontro às tapeçarias. Cedo ou tarde, não tinha ilusões, Célia a chamaria para atender lorde Percy e então tudo estaria perdido. Mas não deixaria o salão antes de prevenir James a respeito de Quint.

Lorde Dunsmore inclinou-se para Célia e murmurou algo que provocou uma risada cristalina. Endireitou-se então e, ao deparar-se com James que a seguia de perto, ficou petrificado.

— Lorde Dunsmore — declarou Célia, sorridente. — Permita-me apresentar-lhe meu noivo, capitão James...

— Já nos conhecemos — interrompeu James friamente.

— Ah, sim. — Os olhos de Dunsmore se estreitaram. — Em Southampton, creio. Eu não me esqueci.

Ele fitou James por um bom tempo e depois desviou o olhar para seu

copo vazio.

— Perdoe-me a indelicadeza, senhora Pomeroy, mas fiz uma longa viagem esta noite. A senhora, por acaso, não teria algo mais adequado a um homem sedento do que esse ponche de rum?

— Tenho um excelente licor de pêssego na cozinha. Se for de seu agrado...

— Claro que sim — aquiesceu Dunsmore. — Agradeceria muito se a senhora tiver a gentileza de pedir que o tragam para mim.

— Com todo o prazer. — Os olhos azuis e espertos de Célia já haviam descoberto Mavis. — Você! Por que está parada aí quando lorde Dunsmore deseja uma bebida? Vá até a cozinha e traga aquela jarra de licor de pêssego que trouxemos de Fairhaven.

— Sim, senhora, agora mesmo! — Quando Mavis se virou, seus olhos cruzaram-se com os de James.

Ela quase pôde ler a mensagem que eles lhe transmitiam. “Corra! Ao inferno com as conseqüências! Corra e não volte!”

Parte dela queria obedecer. A simples presença de lorde Percy a enchia de pavor. Ela lutou contra o impulso de fugir correndo. Mas em algum lugar do lado de fora estava Peter Quint, provavelmente vadiando na escuridão junto à carruagem de seu senhor, esperando pelo fim do baile. Com certeza, estaria observando a casa. Se ela ou James saíssem...

Não se permitiu completar o pensamento. Em vez disso, apressou-se. Sabia exatamente o que tinha a fazer.

A jarra com o licor estava exatamente onde ela a deixara, sobre uma prateleira aberta na cozinha. Hetty fitou-a com curiosidade, mas ela não parou para explicar. Se parasse, teria que pensar e se pensasse, o medo a dominaria.

Voltou rapidamente ao salão de baile, quando a orquestra dava início a uma gavota bem animada. Ao vê-la retornar, James desesperou-se enquanto que o rosto de Dunsmore enchia-se de animação.

Carregando a jarra bem a sua frente como se fosse um escudo, Mavis caminhou diretamente na direção dele.

— Seu licor, lorde Dunsmore — disse em voz alta. — E enquanto o desfruta, o senhor não gostaria que eu levasse um pouco também ao seu cocheiro, o senhor Quint?

A ousadia dela tomou Dunsmore e os demais de surpresa criando um silêncio constrangedor.

— Conheci o senhor Quint a bordo do *Pégasos*, como deve saber —

prosseguiu ela, rompendo o silêncio. — Na verdade, eu e ele nos conhecemos bastante bem...

— Mavis! — interrompeu Célia, aborrecidíssima. — Ninguém lhe deu permissão para se dirigir ao nosso convidado de honra, muito menos dessa maneira! Agora sirva-o e cale-se!

Mavis destapou a jarra. Com cuidado encheu o copo até a borda. Ergueu os olhos e por um instante, deparou-se com o olhar intenso de James. Sim, seu plano audacioso dera resultado. James agora sabia a respeito de Quint e agiria com cautela.

Ele também compreendeu o sacrifício que ela acabava de fazer e o quanto iria lhe custar. Seu rosto expressivo revelava amor, raiva e desespero.

A lamparina iluminava o rosto deformado pela cicatriz de Dunsmore enquanto ele entornava o copo de um gole só. Ao baixar o copo vazio, uma névoa de desejo encobria-lhe os olhos fixos em Mavis.

— Uma bebida para o senhor Quint? — riu friamente. — Sinto muito, mas creio que não, minha querida. O tipo é um bom cocheiro, mas dê-lhe um gole de bebida e ele se tornará mais violento que um cão raivoso. E será ele quem me conduzirá para casa essa noite.

Fitava Mavis com tal intensidade que parecia desnudá-la.

— Que criança mais adorável — disse ele. — Mais adorável do que nunca.

Virou-se abruptamente para Célia.

— Se quisesse me fazer mais uma gentileza, senhora Pomeroy, eu gostaria de dançar com essa sua criadinha bonita.

— Isto é impossível! — o protesto veio de James e não de Célia.

— Oh? — Lorde Dunsmore ergueu uma sobrancelha. — E por que, posso perguntar, é impossível? Parece-me que ela tem duas pernas.

— Ela é uma criada! — As emoções contidas de James revelavam-se em seu rosto determinado. — Tem outras obrigações...

— Oh, vamos, James, pare de criar tantos problemas! — interrompeu Célia. — Lorde Dunsmore merece toda nossa hospitalidade. Se deseja dançar com Mavis, que mal há nisso?

Mavis percebeu que James estava próximo a perder o autocontrole. Se acabasse revelando seus verdadeiros sentimentos, uma tragédia poderia acontecer. Rapidamente, interpôs-se entre os dois homens, de frente para lorde Dunsmore.

— Realmente, senhor, se deseja dançar comigo, deve perguntar a mim. Ninguém me diz quem deverão ser meus parceiros!

Mais uma vez lorde Dunsmore surpreendeu-se com a ousadia dela. Então curvou-se zombeteiramente.

— Pois muito bem, senhorita, poderia me dar a honra?

— Está bem — disse Mavis, aceitando a mão estendida, embora o simples toque lhe provocasse náuseas.

Manteve a cabeça erguida ao atravessar o salão, ignorando o murmúrio que crescia entre os convidados. Uma criada dançando com um nobre inglês! Era um escândalo!

Mesmo Célia estaria furiosa. Mavis interferira e roubara-lhe o prazer de obrigá-la a dançar com Dunsmore. Célia não esqueceria o fato tão facilmente.

Quanto a James, ela não ousara enfrentar seu olhar. Apenas podia esperar que ele compreendesse seu gesto.

Lorde Dunsmore agarrava-lhe a cintura enquanto davam a volta seguindo os passos da gavota. Ela sentia o calor das palmas dele e o bafo carregado de licor. Era apenas uma dança, tentava se tranquilizar. Nada aconteceria na presença de mais de duzentos convidados.

Ela tentou se concentrar nos passos da dança, mas os dedos dele não paravam de acariciá-la, resvalando em seus seios ou percorrendo-lhe as costas até os quadris. Mordeu os lábios para não deixá-lo no meio do salão. James estaria observando-os. Esperava que ele não pudesse ver as mãos furtivas de lorde Dunsmore de onde estava. Mas se ela resistisse, ele saberia o que estava acontecendo. E o último que desejava era colocá-lo em situação de confronto com lorde Percy e seu terrível cocheiro.

No entanto, quando ele lhe beliscou o seio, não se conteve.

— Pare com isso! Pare de me tocar ou gritarei! Então todos nesse salão vão saber exatamente quem o senhor realmente é!

Ele caiu na risada.

— Minha querida menina, eu jamais pretendi ser outra coisa. Além do mais, você parecia realmente ansiosa para dançar comigo. Isso teria algo a ver com o fato de agora eu ser um viúvo, ou tem alguma outra idéia diabólica nessa sua cabecinha bonita?

— Minhas razões não são de sua conta! — retrucou ela, tentando manter uma expressão agradável no rosto. — E assim que acabar a dança, eu o previno, soltarei os cães em seu encalço, caso tente se aproximar de mim outra vez!

— Nesse caso, terei que desfrutar ao máximo o pouco tempo que nos resta, minha querida — disse ele, beliscando-a mais uma vez. — Agora, guarde sua língua e dance.

A gavota parecia não ter mais fim. Mavis desfilava com lorde Dunsmore pelo salão, consciente dos olhos de James pregados neles. E se ele não houvesse compreendido? E se ele houvesse pensado...

A idéia era terrível demais.

Circulavam agora com os outros casais, afastando-se de James. Ao se aproximarem das portas duplas que davam para o terraço, lorde Dunsmore agarrou o pulso de Mavis e virou-a em direção à porta. Antes que ela tivesse tempo de reagir, estavam do lado de fora e ele fechara a porta atrás de si.

— Deixe-me ir! — Mavis lutava na escuridão para se desvencilhar, atirando o corpo de um lado para o outro como um animal preso numa armadilha. Mas não podia enfrentar a força física de Dunsmore.

Agarrando seus pulsos com dedos de aço, ele torceu seus braços para trás e forçou-a para perto de si até que os rostos quase se tocassem. A cicatriz em seu rosto brilhava horivelmente à luz das lamparinas.

— Acabaram-se os jogos, meu bem — disse ele, a voz rouca e pastosa. — Eu quis possuí-la, senhorita Mavis Whitney. Eu quis você, seu corpo e sua alma! E pagará, cada dia de sua vida pelo que me fez!

James tinha os olhos pregados no círculo formado pelos pares dançando, sem se importar com mais nada. Até a presença de Célia parecia um borrão a sua frente.

Ele não vira Dunsmore e Mavis saindo para o terraço, mas quando eles não surgiram no círculo na seqüência apropriada, percebeu o que deveria ter ocorrido. Cerrou os punhos, dominado por uma sensação de ódio desolador.

Ela desaparecera, e ele fora incapaz de protegê-la.

Por um instante, imaginou que ela teria ido por sua própria vontade, mas logo arrependeu-se de pensamento tão vil. Mavis, aquela tola descuidada e impulsiva, estava tentando protegê-lo! Ela saíra para impedir uma confrontação entre ele e Dunsmore. E ele, para evitar problemas, permitira que ela o fizesse! Agora, enquanto fitava as portas duplas do terraço e lamentava seu maldito autocontrole, algo o fez se mover.

Tinha a vaga noção que a gavota terminara. Os casais caminhavam pelo salão, rindo e conversando. Quando os músicos começaram os acordes iniciais da canção *Sir Roger de Coverly*, James atravessou rapidamente o salão em direção às portas do terraço. Já se preocupara demasiado com comportamentos apropriados.

Mavis precisava dele.

Quando alcançou a porta, precisou conter-se para não colocá-la abaixo. Respirou profundamente, abriu-a e caminhou para dentro da escuridão da

noite.

No princípio, não pôde vê-la e por um horrível momento, temeu que a houvessem levado. Então escutou ruídos de luta detrás de um arbusto. Quando sua vista acostumou-se à escuridão, ele os viu: Mavis tentava a todo custo desvencilhar-se do braço de Dunsmore que a prendia por trás, pela cintura, enquanto o rosto detestável dele mergulhava em seu decote. Ela lutava como um gato selvagem, chutando, golpeando e arranhando, mas não podia enfrentar a força e o tamanho de lorde Dunsmore.

— Dunsmore! — rugiu James. — Solte-a, seu maldito nojento! Lorde Dunsmore ergueu a cabeça, o braço ainda prendendo-a pela cintura.

— Se nos desculpar, capitão, está interrompendo alguns assuntos muito particulares. Agradeceria se fosse embora e nos deixasse voltar a nossos...

— James! — o grito parecia dilacerar a garganta de Mavis, tão assustada como uma criança, partindo-lhe o coração.

— Deixe-a ir, Dunsmore — gritou James, lamentando não ter uma arma à mão. — Solte-a agora, senão vou matá-lo.

Lorde Dunsmore deixou-a ir, com um suspiro. Aterrorizada, ela se atirou nos braços de James, enterrando o rosto em seu peito. A coragem que a levava a essa confusão a havia abandonado. Soluçava desesperada.

O sorriso de Dunsmore parecia o sorriso da morte no rosto distorcido, iluminado pela lamparina.

— Que boa atriz ela é, não, capitão? Deveria tê-la visto antes que surgisse no terraço. Estava tão ardente de paixão que fiquei com medo que rasgasse minhas roupas!

Os braços de James apertaram-se em torno dela.

— Saia daqui, Dunsmore — disse ele, entre os dentes. — Se eu vir sua cara novamente, eu...

— Você o que, capitão? Não vejo sinal de nenhum de seus tripulantes por aqui. Na verdade, um deles está agora a meu serviço. Além do mais, que mal há em me divertir um pouco com uma criadinha? O que essa garota significa para você?

— Sim! — a voz de Célia rasgou a noite, carregada de sarcasmo, enquanto ela surgia do terraço. — Eu mesma gostaria muito de ouvir a resposta a essa pergunta. O que Mavis significa para você, James?

James fitou a figura desafiante de Célia. Viu os rostos curiosos amontoados no vão da passagem para o salão de baile... e sentiu o corpo trêmulo, o calor do corpo de Mavis em seus braços. Sim, chegara o momento de retirar as máscaras. As mentiras, os subterfúgios haviam acabado. Não

havia nada mais a não ser a verdade.

Deu um suspiro, sentindo-se de súbito mais forte, mais limpo.

— Célia — disse ele. — Sei que não me portei bem com você. Mas eu amo Mavis. Eu a amo desde o momento em que a vi procurando contrato para viajar no *Pégasos*. Sei que deveria lhe haver contado antes, mas agora que já foi dito, nada mais há a fazer exceto romper nosso compromisso. Pagarei o que quiser pelo contrato de Mavis. Depois disso, quero torná-la minha esposa.

Pronto, para melhor ou pior, já estava dito. James sentiu uma estranha sensação de leveza, a euforia da liberdade.

Mas Célia não havia ainda terminado com ele.

— Seu idiota! — declarou ela. — Imaginou que eu ignorava o que sentia em relação a ela? Ora, eu sempre soube! Desde o instante que você saiu daquela carruagem em Fairhaven notei que algo havia mudado! Calei-me porque imaginei que você voltaria a ter bom senso! Eu estava errada. Você me traiu, James. E agora vou fazê-lo pagar caro por isso.

Com um gesto elegante ela fez um sinal em direção à porta. Jake Sloan, ainda com suas roupas sujas de trabalho, estava recostado contra o umbral, mastigando um ramo de palha. Nas mãos, um mosquete armado, pronto a atirar.

— Leve Mavis para a charrete, Jake — disse Célia. — Leve-a de volta a Fairhaven e tranque-a em um dos quartos de cima. — Seus olhos se estreitaram. — Se alguém tentar interferir, atire.

James colocou-se à frente de Mavis, entre ela e Sloan.

— Você não vai levá-la, Sloan, estou lhe avisando...

— Não, James — murmurou Mavis. — Ele tem uma arma. Alguém pode sair ferido se o forcarmos a usá-la. É melhor que eu vá.

— Mavis — James sentiu a pressão de um desastre que não podia evitar.

Queria abraçá-la mais uma vez, com tanta força que ninguém jamais pudesse separá-los.

— Não, eu estarei bem — insistiu ela. — Ele apenas vai me levar a Fairhaven. Lá estarei a salvo.

James fitou-a e viu o medo que transformava em mentiras suas palavras corajosas.

— Vou tirá-la dessa situação — sussurrou. — Seja como for...

— Leve-a! — ordenou Célia.

Jake Sloan fez um movimento para segurar o braço de Mavis, mas ela se voltou de repente, o olhar tão cheio de desprezo que ele recuou.

— Não precisa usar de força — disse, a voz firme. — Eu vou com você. Saiu de cabeça erguida atravessando o salão como uma rainha, Jake seguindo-a.

Não fitara James, nem lhe dissera qualquer palavra de despedida, mas ele compreendeu. Se o fizesse, o resto de coragem que ainda tinha se desmancharia. E era tudo o que lhe restara.

Ele a observou até que ela desaparecesse atrás das portas que conduziam à entrada da frente. Sua mente guardava a imagem dela, até que a voz de Célia o despertou.

— Pois bem, agora, lorde Dunsmore, se o senhor já estiver recuperado desse pequeno incidente desagradável, quem sabe nós dois possamos entrar em um acordo.

— Acordo? — balbuciou ele, a mente embotada pelo álcool.

— É claro que sim — disse ela, espreitando James para certificar-se que ouvia cada palavra. — Estou lhe oferecendo a oportunidade de comprar aquela criadinha com quem estava se divertindo esta noite, pelo preço justo, é claro. Se chegarmos a um acordo esta noite, poderemos firmar os papéis amanhã pela manhã.

James sentia como se um punhal o houvesse atingido. Ele imaginara o que Célia planejava fazer, mas as palavras causaram-lhe um impacto terrível.

Deu um passo à frente, mesmo antes que Dunsmore tivesse a oportunidade de responder.

— Célia, você não pode fazer isso com Mavis! Eu dobro a preço que este infeliz oferecer por seu contrato!

Célia riu, fazendo os brincos de pingente de pérolas balançarem.

— Eu deveria fazê-lo implorar, James. Deveria fazê-lo ajoelhar-se e beijar meus pés! Mas não, já me diverti o bastante esta noite. Então, simplesmente quero lhe dizer que a resposta é não. Prefiro fazer negócios com lorde Dunsmore.

Sorrindo, voltou-se para Dunsmore.

— Qual é sua oferta, senhor, pelo contrato da senhorita Mavis Whitney?

— Quinze libras! — respondeu Dunsmore, os olhos fundos, brilhando.

— Somente quinze por uma flor como aquela? — disse Célia, movendo a cabeça delicadamente. — Ofereça vinte e ela é sua!

Dunsmore sorriu, revelando seus dentes grandes e amarelados.

— A senhora é difícil de negociar, senhora Pomeroy...

— Oh, por favor, me chame de Célia!

— Muito bem. Você é difícil de negociar, Célia, mas aceito suas

condições. Vinte libras então!

— Bem, então temos...

— Não! — exclamou James, desesperado, atirando-se a sua única chance de desfazer o acordo, — Você não pode fazer negócios com esse canalha. É um mentiroso e não passa de uma fraude!

— Perdão... — Dunsmore deu um passo à frente, cheio de indignação.

— Ele é um mentiroso, um desonesto, um sem-vergonha. Tem a pior reputação em todas as tavernas e bordéis de Londres. Não confiaria nem as minhas botas a ele!

— James! — Célia repreendeu-o. — Lorde Dunsmore é nosso convidado!

— Seu convidado! — retrucou ele. — E se eu soubesse, não permitiria que esse maldito entrasse em minha casa.

James fitou Dunsmore. Sim, os insultos estava dando resultados. Percy estava afogueado e transpirando. Com certeza exigiria satisfação.

Mas o silêncio dele pesava no ar. Enquanto os convidados assistiam à cena prendendo a respiração, James redobrou o ataque.

— Dunsmore, você é um parasita! Não, é pior que um parasita! É um covarde! Não tem nem mesmo a coragem de defender o próprio nome!

O suor escorria das têmporas de Dunsmore. Enquanto James aguardava, tenso, ele limpou a garganta.

— Isso, capitão — sussurrou ele, a voz rouca — , é uma questão de opinião.

Um murmúrio de decepção passou pelos convidados que esperavam uma confrontação violenta. Mas, obviamente, lorde Dunsmore dava mais importância à própria pele do que à honra.

O que deixava apenas uma coisa a fazer.

James enfiou a mão no bolso e tirou de lá suas luvas. Então, aproximando-se de lorde Percy Dunsmore e fitando-o nos olhos, usou as luvas para bater duas vezes em seu rosto.

— Lorde Percy Dunsmore — declarou em voz alta. — Exijo satisfação.

James o desafiara. Cabia ao seu rival, agora, escolher as armas.

Por um instante, lorde Dunsmore nada disse. Então um sorriso lento e maligno espalhou-se por seu rosto. Deu uma espiada em direção à perna rígida de James.

— Espadas — declarou.

CAPÍTULO XIV

Embora houvesse uma lamparina no quarto, Mavis não encontrou com que acendê-la. Permaneceu na escuridão, fitando através da minúscula janela uma réstia de luar sobre a superfície negra e lisa do rio.

Já se haviam passado horas desde que Jake Sloan, sob as ordens de Célia, atirara-a naquele quarto escuro trancando-a por fora. Em um determinado momento, durante esse tempo meio vago, ela havia escutado movimentação de Célia e de seus convidados que pernoitariam na casa, preparando-se para se recolher. Mas até agora, ninguém viera ter com ela. Fairhaven havia mergulhado em silêncio sepulcral.

Na charrete, durante o caminho de volta, Sloan zombara dela, mas não a molestara. Deveria sentir-se grata ao menos por isso, mas em sua mente não havia lugar para gratidão, apenas medo pela sorte de James.

Seu pai sempre acreditara no sexto sentido dela, que se manifestava quando pessoas que amava encontravam-se em perigo. Essa intuição a alertava agora. Onde quer que James estivesse, algo terrível e assustador o rondava, e ela não tinha como preveni-lo.

Em desespero, puxou com força a cruzeta da janela. Com um ranger de madeira podre, uma parte desprendeuse em suas mãos, abrindo um pequeno espaço. A pulsação se acelerava enquanto calculava o tamanho da abertura. Se coubesse ali, poderia tentar escapulir e saltar para o chão.

Mas não era impossível. Seus ombros e quadris não passariam por abertura tão pequena. Se conseguisse soltar a moldura da janela, talvez... Começou a empurrar e puxar a moldura. Sim, a madeira também estava quase tão podre quanto a da cruzeta. Se conseguisse soltá-la dos quatro lados, talvez conseguisse passar pelo vão.

Começou a arrancar a moldura, sem se importar com as farpas da madeira apodrecida. Conseguiu soltar um lado, e depois mais um. Agora não restava senão um.

Já estava virando a moldura para desprendê-la quando escutou o ruído da chave movendo-se na fechadura. Estremeceu quando a porta se escancarou, revelando o contorno descarnado da figura de Sloan.

— Acho que deveria fazer menos barulho, garota — disse ele em tom de mofa. — A senhora Célia está reclamando que o ruído está incomodando os

hóspedes. Ela me mandou aqui para que me assegure de que vai ficar bem quietinha até amanhã de manhã.

Enquanto a gargalhada sinistra ressoava pelo pequeno quarto, Mavis deixou-se cair na cama. Em desespero, escondeu o rosto entre as mãos.

James caminhava pelo terraço de um lado a outro, aguardando impaciente o amanhecer. Não havia dormido. Por outro lado, apenas um tolo conseguiria dormir em uma noite como aquela. Ele havia enfrentado a morte inúmeras vezes e não tinha medo. Mas caso não fosse capaz de liquidar lorde Dunsmore, as conseqüências para Mavis...

Afastou o pensamento da mente. Qualquer distração, mesmo o mais leve temor ou preocupação, podia selar sua sorte.

Mais uma vez, amaldiçoou o comportamento evasivo de Dunsmore. Fizera o possível para obrigar lorde Percy a desafiá-lo. Mas o infeliz representara o papel de covarde, forçando James a desafiá-lo e garantindo o direito de escolha das armas.

James jamais teria escolhido espadas.

Correu a mão pelos cabelos úmidos. Com uma pistola, podia enfrentar qualquer um, mas duelar com espadas exigia rapidez e agilidade. Com sua perna rígida, ele seria como um homem lutando com um pé preso ao chão.

Dunsmore percebera isso desde o princípio.

Absorto em seus pensamentos, James notou a quietude da noite. Quieta demais, pensava ele enquanto tentava imaginar-se à frente de lorde Dunsmore, sua altura, peso, seus pontos fortes e fracos. Até mesmo os insetos haviam mergulhado no silêncio.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha ao perceber que não estava só. Algo, ou alguém espreitava-o na escuridão, como um animal prestes a atacar.

Recuou em direção à casa, todos os sentidos em alerta. Estava desarmado e o melhor a fazer era entrar rapidamente e colocar uma barra na porta enquanto apanhasse uma arma.

Mas não havia tempo para isso. Retesou-se ao escutar um leve estalido de um passo na escuridão.

Mal teve tempo de olhar antes que uma sombra escura se atirasse sobre ele. Ao virar-se para desviar do ataque, percebeu o brilho de uma lâmina.

O peso do adversário atingiu-o no quadril, fazendo com que ambos perdessem o equilíbrio. Os dois cambalearam, mas James se recuperou primeiro e virando-se, atirou-se sobre o desconhecido. Sentiu uma pontada

de dor na altura das costelas enquanto os dois caíram sobre o terraço.

Engalfinhavam-se selvagememente. James lutava para imobilizar o braço do canalha que brandia o punhal, mas o corpo do adversário, esguio e ágil, não parava de se mover. Era como tentar agarrar um polvo dentro da água.

No entanto, bem mais pesado e alto que o inimigo, James usou dessa vantagem para imobilizá-lo e agarrou-lhe os pulsos. Só então pôde olhar seu rosto.

— Sim, Quint, eu tinha quase certeza de que era você — murmurou enojado. — A faca pelas costas, na escuridão, é exatamente seu estilo! Você veio aqui por sua própria conta ou foi Dunsmore quem o enviou?

Cego de ódio, Peter Quint estava determinado a nada revelar.

— Facilite as coisas para nós dois, Quint — ameaçou James. — Poupe-me o trabalho de espancá-lo quase até a morte antes de entregá-lo às mãos da justiça! Foi Dunsmore quem ordenou que me matasse antes do duelo?

Quint inspirou fundo. Então, sem aviso, seu corpo acrobático contorceu-se, conseguindo se desprender de James. Com agilidade admirável, estava de pé outra vez, saltando, atacando com a faca, rodeando James como um cão cercando um urso acuado.

James, com a perna rígida, não tinha condições de se levantar sem se expor ao golpe de faca. Só podia virar-se para proteger as costas e aguardar uma oportunidade.

— Ora, vamos — Quint — provocou ele. — Tem medo de enfrentar um homem de frente? Tem medo de encará-lo enquanto acaba com ele?

Quint não respondeu, resfolegando, a saliva escorrendo do canto da boca. Sim, concluiu James, o pobre diabo devia estar completamente enlouquecido.

Sua oportunidade surgiu uns segundos mais tarde quando Quint se descuidou, aproximando-se demasiado. James mergulhou em direção aos seus calcanhares, rolando sobre ele e derrubando-o. O movimento tomou-o de surpresa. Quint girou no ar e caiu com o rosto para baixo sobre a laje do terraço. Ali, estremeceu, e depois de um movimento brusco, ficou completamente imóvel.

Um filete de sangue escorria por baixo de seu corpo, formando, sobre uma pedra recurva, uma pequena poça vermelha que não parava de aumentar. Ao debruçar-se sobre ele, James percebeu que o rapaz tombara sobre a lâmina da própria faca.

Voltou-se rapidamente ao escutar um leve ruído atrás de si. Era Robin Fitzhugh em pé no umbral da porta. Como padrinho, o conselheiro havia

decidido pernoitar na casa para acompanhar James e, nesse momento, trajava sua camisola de dormir. Nas mãos, segurava um atizador de ferro que encontrara na lareira.

— Pensei ter ouvido um barulho... — disse Fitzhugh, sem fôlego. — Ele está morto?

James colocou o dedo no pescoço de Quint para verificar sua pulsação.

— Morto — confirmou ele, atordoado pela súbita tontura que inexplicavelmente o atacava.

— Esse é o cocheiro de Dunsmore, imagino. Aquele de quem você me falou.

— Ele mesmo. — James ergueu-se com dificuldade. — Mas não sei se Dunsmore o enviou ou se veio por sua própria conta. O pobre diabo era louco, creio.

James precisou encostar-se em uma árvore para não cair. Ao inspirar, a dor em suas costelas tornou-se insuportável.

— Você está sangrando! — exclamou Fitzhugh, largando o atizador e correndo até ele — Ferido, não pode participar de qualquer duelo! Vou mandar agora mesmo um mensageiro com uma nota para lorde Dunsmore...

— Não! — retrucou James, determinado. — Se adiarmos o duelo, ainda que por algumas poucas horas, Dunsmore comprará o contrato de Mavis. Não posso...

— Meu jovem amigo. — murmurou Fitzhugh, desanimado. — Que bem fará à garota se você permitir que Dunsmore o mate? Se pudermos convencer Célia a adiar...

— Não, não dará certo, Fitzhugh. Não posso dar ao bastardo qualquer tempo para pôr as mãos nela. Tenho de encontrar-me com ele assim que amanhecer.

Fitzhugh suspirou.

— Você é louco, sabe disso. Mas venha comigo. Vamos entrar e dar uma olhada nesse ferimento. Aí então tomaremos uma decisão, está bem?

— Não há nada a decidir. — James lutava contra as ondas de mal-estar que o acometiam enquanto o conselheiro o ajudava a entrar na sala. — Aqui não, na cozinha — murmurava. — Não quero sujar de sangue o sofá novo de Célia...

— James! Por Deus!

— Vamos — apoiou-se no ombro do amigo e caminharam para a cozinha.

Não havia ninguém no aposento, pois Hetty, depois de arrumar tudo

após o baile, retornara a Fairhaven. James deixou-se cair sobre um banquinho de madeira e permitiu que Fitzhugh removesse sua camisa empapada de sangue.

— Que tal está? — perguntou James erguendo o cotovelo para que o conselheiro pudesse examiná-lo melhor.

Fitzhugh limpou o ferimento com um pano molhado.

— É um corte longo e profundo, mas graças a Deus não se trata de uma perfuração. No entanto, está perdendo muito sangue.

— Enfaixe-o — murmurou James, tentando esconder a dor e a náusea. — Enfaixe-o bem forte e tentarei descansar um pouco até o amanhecer.

— Posso falar com Dunsmore. Seguramente, em uma questão de honra...

— Não! — retrucou James. — Já lhe disse...

— Pois muito bem. — Fitzhugh rasgava algumas toalhas em tiras, pressionando um pano dobrado sobre o ferimento para estancar o sangue. — Acha que Dunsmore enviou seu cocheiro aqui para matá-lo antes do duelo?

James fez uma careta enquanto Fitzhugh apertava com força o pano ao redor do peito.

— Não sei. O pobre diabo me odiava o bastante para me desejar morto sem que ninguém lhe ordenasse — gemeu com a súbita dor e respirou lentamente. — Você sabe alguma coisa sobre a habilidade de Dunsmore como espadachim?

— Pelo que ouvi contar, não tem grande habilidade. E é óbvio que não está em boa forma física. Mas suspeito que o que lhe falta em habilidade lhe sobra em pura agressividade. Se você insistir em enfrentá-lo, ferido, e com a perna rígida... — Terminou de enfaixar o ferimento e prendeu as tiras com um nó forte. — Ele vai matá-lo, James.

— Não quero ouvir falar disso! — James ergueu-se do banquinho, esforçando-se para se manter de pé sem cair. — Eu vou para a cama e tentarei descansar até o amanhecer. Não tente me ajudar. Não creio que consiga dormir, mas se o fizer, acorde-me a tempo.

— Eu o farei — Fitzhugh recuou meneando a cabeça enquanto James caminhava hesitante em direção à escada. — Que o Senhor o ajude, meu amigo — murmurou ele. — E que o Senhor ajude sua jovem e doce amiga.

Mavis não pregara os olhos durante toda a noite. Caminhava de um lado para o outro pelo pequeno quarto escuro, fitava as estrelas pela janela, ou

deitava sobre o colchão, os olhos bem abertos.

Após consertar a janela, Jake Sloan arrancara os lençóis e cobertores e usara-as para fazer sua própria cama do lado de fora. Durante a noite inteira, seus roncos vibravam através das finas divisórias de madeira, atacando-lhe os nervos. Agora o ruído havia cessado. Mavis encostou o ouvido na porta e nada escutou. Talvez ele houvesse partido.

Tentou engolir, mas sua garganta estava seca demais devido à tensão. A sensação de um perigo rondando James ainda assombrava-a. Do lado de fora, as estrelas começavam a desaparecer. Logo surgiria o sol. E então...

Escutou o barulho de uma chave girando na fechadura. À porta surgiu Célia, vestida com uma capa escura com capuz e portando sob o braço uma pasta pesada e volumosa. Jake Sloan seguia-a como um cão fiel, pautando os dentes.

— James... — o nome escapou por entre os lábios de Mavis. — Ele está...

— Seu amiguinho está bem, até onde eu sei — disse Célia, destilando veneno. — Mas você agora deverá vir conosco na caleça. Há algo que quero que veja. — Fez um sinal a Sloan que atirou para Mavis o xale de tricô encontrado no saguão de entrada. — Venha e fique calada. Não quero que seu falatório desperte meus hóspedes.

Mavis apertou o xale ao redor dos ombros e seguiu Célia através da sala de jantar e do saguão de entrada. Podia escutar as batidas do próprio coração. Precisava saber o que estava acontecendo. Não, o que realmente queria era sacudir Célia pelos ombros até obrigá-la a lhe contar o que sabia! No entanto, depois desse tempo todo de convivência, já conhecia bem sua ama. Célia nada revelaria, deliciando-se com os temores que a assaltavam. Por mais medo que tivesse, por mais que desejasse saber a verdade, não daria a Célia esse prazer. Apertou os lábios com força e seguiu os movimentos ondulantes da capa cinza-escura.

Na entrada, Thomas os aguardava junto à caleça, segurando o freio da égua baia. No entanto, foi Jake Sloan quem subiu na boléia e tomou as rédeas, Jake Sloan com seu longo mosquete pendurado no ombro magro.

Thomas ajudou Célia, e então Mavis, a subir. Mavis percebeu o quão atormentados e injetados estavam seus olhos negros, mas nada perguntou, mesmo por que Célia não lhe permitiria responder.

O amanhecer estava estranhamente silencioso enquanto a caleça seguia o caminho de saída de Fairhaven. Os cascos da égua baia ecoavam como disparos de armas sobre o caminho recoberto de pedras.

— Tem alguma idéia para onde estamos indo? — perguntou Célia,

sorrindo amargamente.

— Imagino que logo saberei — retrucou Mavis, sem olhá-la.

— Uma resposta orgulhosa — disse Célia. — Você sempre foi orgulhosa, Mavis. Orgulhosa demais. Quem sabe, depois de hoje, isso vai mudar.

Mavis manteve os olhos fixos à frente, na direção dos ombros curvados de Jake Sloan, e recusou-se a responder. Recordava-se da primeira vez que andara nessa caleça, colada contra James, sua risada misturando-se à dele enquanto Thomas incitava a égua baia ao galope pela estrada enluarada que conduzia a Fairhaven. Não fazia mais que algumas semanas e no entanto ela, agora, sentia-se muito mais velha.

O céu começava a clarear. Podia escutar o som dos melros junto ao rio e o latido longínquo de um cão em alguma casa de fazenda. Sloan desviara da estrada principal e tomara um trilha em direção a um alto penhasco que dava sobre as águas. Era um lugar rochoso e desolado, sem qualquer vegetação exceto por um enorme plátano seco, cujos galhos enegrecidos por algum raio pareciam dedos retorcidos. A visão provocou um tremor em Mavis. Algo estava para acontecer ali. Algo terrível.

— O que viemos fazer aqui? O que está havendo? — não conseguiu reter a pergunta por mais tempo.

— Logo veremos. — Célia sorriu friamente.

Nada mais disse e a caleça seguiu o caminho tortuoso da longa subida até o topo do penhasco. Mavis pôde ver outras carruagens agora, e cavalos. Podia ver homens. Apenas homens. Nenhuma mulher. Então compreendeu.

— Um duelo — murmurou. — Deus do céu, não... Célia deu uma risada.

— Isso mesmo. E quando lorde Dunsmore der cabo de seu fiel capitão, vai exigir você como prêmio. Mavis fitava-a alarmada.

— Estou com seu contrato aqui — disse Célia, tocando a pasta volumosa.

— Assim que o duelo terminar, vou vendê-lo a lorde Dunsmore.

— Mas James não... — Mavis murmurava, tentando recobrar a coragem.

Ela já havia presenciado lorde Dunsmore utilizando armas na Inglaterra. Como todos os alcoólatras, tinha péssima pontaria.

— James não permitirá que ele vença — insistiu. — Qualquer pessoa atira melhor do que lorde Percy Dunsmore.

— Atirar? — perguntou Célia, impassível, os olhos frios brilhando como diamantes. — Minha querida menina, eles não vão usar armas de fogo. Como foi o seu capitão que fez o desafio, lorde Dunsmore escolheu lutar com espadas.

— Espadas?

Mavis sentiu um peso no coração. Pensou no joelho rígido de James e na perna. Quando ele caísse, não poderia erguer-se depressa como a maioria das pessoas. Em vez disso, teria de se voltar expondo às costas enquanto tentasse passar a outra perna sob o corpo para se apoiar. Um adversário digno, com certeza, recuaria um passo e aguardaria que ele se pusesse de pé, antes de prosseguir o luta. Mas lorde Percy Dunsmore não era dotado de qualquer sentimento de honra. Era um covarde repulsivo. Ele se aproveitaria de todas as vantagens que pudesse conseguir.

A caleça chegou ao topo de penhasco, cujas rochas formavam um círculo plano, natural. Dentro do círculo, o pasto fora tão pisoteado que os brotos ralos não conseguiam desenvolver-se. Sombria, Mavis ficou imaginando quantos duelos deveriam ter acontecido naquele lugar. Por toda parte sentia-se a presença da morte, espreitando nas rochas e nos galhos retorcidos do esqueleto da árvore.

Enquanto Sloan parava a caleça de um lado, Mavis buscava James desesperadamente com os olhos. Não o via em parte alguma, mas reconheceu lorde Dunsmore, de pé na parte mais distante dos rochedos, acompanhado de dois dos Carter e de um médico. Ao ver Célia e Mavis, Dunsmore caminhou na direção delas, cruzando o círculo.

— Senhoras — saudou ele, inclinando-se zombeteiramente.

Não parecia estar preparado para um duelo. Ainda usava a peruca longa e seu casaco cor de vinho com seus punhos de renda sujos. Em seu sorriso refletia-se o brilho frio de triunfo.

— Se vieram aqui em busca de ação, minhas queridas, temo que ficarão desapontadas — disse ele.

— Desapontadas, milorde? — Célia ergueu a fina sobrancelha.

— Isso mesmo. — Os olhos de Dunsmore brilhavam percorrendo as duas mulheres.

Mavis sentiu um arrepio ao perceber que ele as avaliava com olhos lascivos. Sim, ele violentaria uma e a deixaria de lado para casar-se com a outra por suas terras e fortuna.

— Estamos à espera do capitão Forrester, mas ele não apareceu nem mandou qualquer notícia. Sua honra, temo, não lhe é tão cara quanto parecia querer demonstrar.

Mavis sentiu uma onda de alívio, seguida por um súbito espasmo de medo. Dunsmore estava demasiado arrogante, demasiado confiante. Algo estava errado.

O rosto de Célia não revelava qualquer indício de emoção. Colocou a

pasta sobre o colo e abriu o fecho.

— Nesse caso, milorde, imagino que possamos então concluir nosso acordo. O senhor trouxe as vinte libras?

— Tenho-as aqui — disse ele, retirando do casaco uma bolsa de couro e colocando-a nas mãos de Célia. — Pode contar, se assim o desejar.

— Isso não será necessário. Nosso acordo foi redigido na noite passada por um de meus hóspedes que, por acaso, é advogado...

Mavis observava, paralisada pelo terror, enquanto Célia retirava os contratos da pasta. Correr agora não lhe serviria de nada. Sloan ali estava com o mosquete e havia também muitos homens a cavalo. Ela jamais conseguiria sair do penhasco. Deus do céu, onde estava James? O que havia por trás da atitude de Dunsmore? O que sabia ele?

E onde encontrava-se Peter Quint?

— Vamos precisar de testemunhas — disse Célia. — Jake, vá buscar o senhor Carter e o doutor, lá do outro lado da carroça.

— Sim, senhora — Jake Sloan ergueu-se vagarosamente do banco e caminhou sem pressa pelo círculo.

— Na verdade, estou feliz em desfazer-me da garota — comentou Célia, como se acabasse de vender uma égua. — Ela era demasiado orgulhosa e prepotente para meu serviço. Quem sabe, o senhor, com pulso mais firme, possa ensinar-lhe a ser mais dócil...

Algo então explodiu dentro de Mavis, uma emoção tão selvagem e amarga que ela não conseguiu controlar. Agarrou as rédeas que Sloan deixara sobre o banco e com um movimento brusco, bateu com força na anca da égua. O animal empinou, atirando Dunsmore de costas no chão. Célia gritou.

A égua teria disparado, mas Mavis subestimara lorde Dunsmore. Em um segundo ele se pusera de pé, agarrando as rédeas e controlando o animal com toda a força de seu peso.

Fuzilou Mavis com o olhar e então gritou para Sloan:

— Você, volte aqui! Mantenha a arma apontada para essa selvagem até que tenhamos terminado.

Sloan cruzou o círculo em passadas largas. As duas testemunhas seguiam-no devagar. Acabavam de chegar junto à caleça quando ouviu-se o ruído de cavalos aproximando-se pela trilha tortuosa. O médico caminhou até a beirada do penhasco.

— É Forrester — disse ele. — Ele veio, afinal.

James. O nome formou-se nos lábios de Mavis, seu coração disparando de alívio e medo. De repente, o rosto de Dunsmore tornara-se branco como

cera.

— Nosso acordo, rápido — insistia com Célia, suas as trêmulas buscando a pena e o tinteiro.

Célia meneou a cabeça, os olhos frios como o aço.

— Depois do duelo, milorde. Primeiro o senhor liquida aquele assunto. Então, concluiremos nosso negócio e poderá levar seu prêmio para casa.

Na carruagem que surgira no topo do penhasco estavam James e o conselheiro Fitzhugh. Desceram e caminharam em direção ao círculo entre as rochas. James trajava uma camisa branca simples e culotes bege. Seu rosto estava tenso e pálido, parecendo doente. Mesmo seus movimentos pareciam arrastados. O coração de Mavis se confrangeu ao vê-lo, mas não se moveu. Não era o momento de distraí-lo, romper sua concentração. Se James não sobrevivesse à próxima hora... Mavis forçou-se a expulsar da mente esses pensamentos. James venceria. Viveria. Não havia outra possibilidade imaginável.

Fechou por um instante os olhos em um esforço para clarear a mente. Quando os abriu, Robin Fitzhugh já estava no meio do círculo, conversando com o padrinho de Dunsmore. Ela sentia a tensão no ar, assim como em cada nervo de seu corpo. Breve, muito em breve...

Reginald Carter, o padrinho de Dunsmore, cederia seu próprio jogo de espadas de duelo de Toledo contidas em um estojo preto de couro forrado de veludo vermelho. Na beirada do círculo, James testava o peso e equilíbrio da arma que lhe haviam dado. Era uma arma soberba, embora isso não o confortasse. Dunsmore empunharia uma idêntica.

Do canto dos olhos, pôde ver Mavis na caleça, mas não se deteve a observá-la. Com suas chances tão reduzidas de vitória, não se arriscaria a romper sua concentração. Não devia pensar na perna, na dor nauseante do lado, nem em seu amor desesperado por ela. Tinha de estar em completo domínio de si mesmo. Era sua única esperança.

Mavis parecia haver entendido. Não se movera nem chamara por ele. Mas era quase como se pudesse senti-la perto, sentir sua força e seu amor lutando contra o medo gelado que o ameaçava. Ele abria seu coração para permitir que ela o ajudasse.

Dunsmore estava quase pronto. Tirara o casaco e agora retirava a peruca longa e encaracolada e a colocava sobre um pequeno suporte na carruagem. James controlou um estremecimento de medo ao deparar-se com a cabeça lisa e branca, fantasmagórica. Com os olhos fundos e os málares salientes, lorde Dunsmore era a própria imagem da morte.

No entanto, seu corpo parecia elástico e musculoso, surpreendentemente bem preparado. E seus movimentos com a espada revelavam que, se não era um exímio espadachim, tinha suficiente competência. O canalha não cairia facilmente.

James deu uma olhada para o céu que tingia-se de vermelho com o amanhecer. Fora de Fitzhugh a idéia de chegarem atrasados. Não apenas a espera incerta atacava os nervos do adversário, salientara o conselheiro, mas haveria também outras vantagens. James concentrara-se nessas vantagens e decidira observá-las, mas agora, o espírito sombrio com a proximidade do duelo, elas pareciam mínimas, até insignificantes.

Prosseguiram as formalidades. Os dois padrinhos aproximaram-se no meio do círculo para confirmar que a disputa não poderia ser resolvida senão através da luta. Um suor frio começou a escorrer pela pele de James. Sua mente se enevoava. Forçou-se a se concentrar em seu próprio ódio desesperado por Dunsmore, no que o canalha faria com Mavis caso...

— Assim que estiverem prontos, podem dar início à luta, cavalheiros. Em guarda!

James nem ao menos soube quem pronunciou essas palavras. Ficou frente a frente a lorde Percy no círculo, lâmina contra lâmina, todos os nervos e músculos de seu corpo tensos. Sentia o medo crescer enquanto a visão horrível da cabeça de Dunsmore enchia seus olhos. Pensava em sua própria fraqueza; pensava nesse monstro possuindo Mavis...

Então, quando fitou Dunsmore, percebeu de relance algo naqueles olhos cinzentos de réptil. Era medo. Um medo que superava o seu. E agora James se lembrava de que no momento em que ele e Fitzhugh haviam chegado ao penhasco, Dunsmore ainda não estava pronto para o duelo. Apenas há alguns instantes ele retirara o casaco e a peruca. Obviamente, o canalha não esperava lutar naquela manhã.

Ele não esperava que James estivesse vivo.

James investiu primeiro — um golpe forte aparado pela lâmina do adversário.

— Então, você ficou surpreso ao me ver esta manhã, não? — sussurrou ele, entre os dentes. — Imaginava que seu cocheiro assassino faria o trabalho para você, não é?

O rosto de Dunsmore enrubesceu enquanto ele golpeava, mas nada respondeu.

Ao aparar o golpe, James sentiu uma sensação de tecido rasgando-se do lado e percebeu que o ferimento abria outra vez. Logo estaria sangrando

através da camisa e Dunsmore se daria conta de quão vulnerável ele estava. Não lhe restava muito tempo.

— Qual é o problema — provocava, girando sobre a perna rígida enquanto Dunsmore buscava uma brecha para atacar. — Tem medo de lutar contra um homem que só tem uma perna sã? É tão covarde assim que precisa mandar um cupincha durante a noite para fazer o serviço por você?

Mais uma vez lorde Dunsmore nada respondeu, mas a fúria cega do golpe seguinte dizia a James que suas palavras haviam atingido o alvo. James aparou o golpe e atacou, rasgando a manga da camisa de Dunsmore, mas apenas arranhando a pele.

— Quer saber aonde está Quint? — James esquivou-se do golpe seguinte, mas também não atingiu o alvo. — Está morto. Com sua própria faca enterrada no peito. E você vai se encontrar com ele no inferno, Dunsmore!

James deu um passo à frente, surpreendendo o adversário com golpes rápidos e seguidos, mas que não causaram qualquer dano. Por mais bem preparado que estivesse, não podia se mover com rapidez. Dunsmore não tinha qualquer dificuldade em evitar os golpes permanecendo fora do alcance da espada inimiga, movendo-se para frente e para trás, aguardando uma brecha, para então atacar mais uma vez.

Não houve mais tempo para palavras. As lâminas se chocavam e ambos moviam-se pelo círculo, atacando e recuando sem parar. James sentia a umidade do sangue brotando do ferimento. Ele abrira o bastante para empapar a bandagem e o lado da camisa. E agora, Dunsmore percebera. Seus olhos brilhavam de satisfação. Precisava apenas continuar a provocar James até que, demasiado fraco pela perda de sangue, não mais conseguisse resistir. Então seria muito fácil aproximar-se e desfechar o golpe mortal.

Dunsmore começou a ganhar tempo. Circulava em torno de James, fora de seu alcance, provocando-o com a espada apenas o bastante para mantê-lo em movimento constante. James sentia o sangue escorrer pela camisa e a fraqueza tomar conta dele. Com o canto dos olhos, percebia Fitzhugh discutindo freneticamente com o padrinho de Dunsmore. Via Mavis debruçada na caleça. Podia sentir o medo dela por ele. Seus olhos escureceram, mas logo clarearam.

O céu avermelhado empalidecia, adquirindo o tom azul pálido da manhã. A qualquer momento agora, o sol apareceria no horizonte, sua luz brilhante refletindo-se no rio. O que havia dito Fitzhugh? Esforçava a mente anuviada a se concentrar. O que era mesmo?

Seus passos começavam a ficar trôpegos. Dunsmore estava

pressionando-o mais agora, ignorando os gritos de seu padrinho. James estava sendo empurrado para trás, em direção à beira do penhasco. Ele tinha de se afastar dessa beirada... tinha de dar a volta... Não, isso estava errado. O que dissera Fitzhugh? Algo sobre o penhasco... o penhasco e o sol... Se apenas conseguisse se lembrar...

Estacou a meio passo do abismo, as costas para o rio. Não havia mais para onde ir. Precisava ficar ali, lutando por sua vida e pela de Mavis.

Seu braço estava tão fraco que mal podia erguer a espada. Dunsmore investiu, tentando empurrá-lo para baixo do penhasco. A lâmina foi aparada pela espada de James, mas o forte impacto fez com que perdesse o equilíbrio. Tropeçou e caiu. Agora estava no chão, de costas, na beira do penhasco, com Dunsmore bem a sua frente.

Lorde Percy Dunsmore sorriu.

James ainda segurava o cabo da espada, mas sua perna rígida estava esticada sobre o chão. Não poderia se levantar sem se virar. Lorde Dunsmore, ainda sorrindo, ergueu a espada com as duas mãos, agarrando o cabo. Ergueu-a bem alto sobre a cabeça, pronto para desferir o golpe mortal.

Naquele exato momento, surgiu no horizonte a curva do sol da manhã. Apenas por um instante, o brilho dos primeiros raios refletiram-se no rio, e por um momento, a claridade intensa atingiu os olhos de Dunsmore, cegando-o.

Esse instante deu tempo a James para erguer a ponta de sua espada a sua frente. O movimento seguinte do adversário, para infligir o golpe mortal, fez o resto. A lâmina da arma de James enterrou-se no peito de Dunsmore, e James rolou para o lado. O corpo de Dunsmore, com o impulso de seu próprio golpe, voou por cima do penhasco e mergulhou das alturas, atingindo por fim as águas escuras e calmas do Rappahannock.

James permaneceu deitado de costas, sem forças. Ao longe, podia escutar gritos de homens, passos rápidos até a beira do penhasco de onde Dunsmore havia despencado e Mavis desvencilhando-se de Célia e Jake Sloan, saltando da caleça. Ela disparou cruzando o círculo e atirou-se a seu lado, sussurrando e chorando.

James ergueu os olhos para ela e tentou falar. Mas sua boca não conseguia formar palavras. O rosto adorável adquiria forma e então tornava-se um borrão, até por fim desaparecer enquanto ele mergulhava na escuridão do esquecimento.

CAPÍTULO XV

Presa de um desespero que não lhe permitia descansar nem por um instante, Mavis caminhava de um lado para o outro no terraço. Nos últimos dez dias, permanecera confinada dentro da casa, impedida de percorrer seus adorados campos e isolada de tudo. A tensão começava a afetá-la.

James estava vivo, ao menos precisava acreditar nisso. Se estivesse morto, ela saberia. Teria sentido parte de si partir com ele. Além disso, Célia certamente haveria lhe contado. Não teria deixado passar a oportunidade de deliciar-se com o perverso prazer de revelar pessoalmente a morte de James e assistir ao total descontrole de Mavis.

Mas estava determinada a não se deixar desesperar embora, sozinha em seu quarto, muitas vezes não conseguisse controlar as lágrimas.

Enquanto caminhava pelo terraço, pôde ver Jake Sloan passeando pelo caminho, tocando a aba do chapéu e dando uma cusparada de tabaco no gramado antes de desaparecer por um canto da casa. Ele recebera ordens para vigiá-la. Durante o dia, ele ou seus lacaios circulavam pelo pátio com instruções de não permitir que ela saísse da casa. Durante a noite, era o próprio Sloan que a trancava em seu minúsculo quarto, divertindo-se com o pavor que ela tentava disfarçar quando ele fechava porta e passava a tranca.

Era conhecido em Fairhaven o medo irracional que Mavis tinha de lugares confinados e escuros. Antes, costumava dormir não só com a porta do quarto escancarada, como também a do saguão dos fundos. Agora passava as noites medrosa, encolhida na cama, enquanto as paredes pareciam se fechar, asfixiando-a. Para não perder o controle e gritar, mantinha os olhos fixos na réstia de luar que penetrava pela minúscula janela. E pensava em James.

Tentava se recordar da primeira vez que o vira sentando no convés naquele frio dia de março, o vento afastando seus cabelos prateados do rosto. Recordava-se da voz gentil, mas autoritária que tanto a tocara.

Tentava lembrar-se de cada detalhe do primeiro encontro no porão escuro do navio, o ardor de seus beijos, a resposta apaixonada dela própria. Mesmo naquele momento quisera entregar-se a esse homem completamente e para sempre

Também tentou reviver cada instante da apaixonada entrega, da magia-indescritível que a envolvera, fazendo-a crer que a vida poderia ser plena de

felicidade. Mas não podia trazer as imagens à mente com nitidez. As emoções haviam sido demasiado fortes naquele dia, as sensações demasiado violentas, maravilhosas, para que pudesse gravá-las.

Era muito mais fácil recordar-se da última vez que o vira, caído sobre o penhasco, o rosto pálido, o corpo imóvel, o lado esquerdo empapado de sangue. Tinha os olhos abertos, mas quando ela se debruçara sobre ele, não teve a certeza se ele a reconheceria, e logo fora arrancada dali pela mãos rudes de Jake Sloan. Tentou em vão vê-lo mais uma vez, mas o círculo dos homens se fechara ao redor dele, impedindo-lhe a visão.

E agora, caminhava de um lado a outro do terraço, as mãos torcendo as pontas do avental. Dez dias sem uma só palavra. Estaria ele se recuperando, apesar de perder tanto sangue, ou o ferimento teria infectado? A falta de notícias apertava-lhe o peito.

Com certeza, Célia sabia o que se passava, mas transformara seu silêncio em lenta e deliberada tortura. E Robin Fitzhugh, a outra única pessoa que poderia ajudar, não era mais bem-vindo a Fairhaven.

Se Sloan e seus cães de guarda tivessem se distraído, nem que fosse por alguns minutos, Mavis teria erguido a saia e corrido através do pátio, através dos campos, até o bosque. Ela lutaria até chegar ao lado de James e enfrentaria as conseqüências dessa atitude. Mas estava sendo vigiada constantemente. Não passava de uma prisioneira ali.

— Mavis? — a voz de Célia, do saguão de entrada, era doce como mel.

Ultimamente, dirigia-se a Mavis de modo exageradamente doce, uma doçura mais assustadora do que o ódio.

— Venha para dentro, querida. Muito tempo ocioso não lhe fará bem. Já terminou a contabilidade da semana passada?

— Sim — respondeu Mavis, caminhando pesadamente em direção à porta. — Terminei esta manhã. E também os pedidos.

— Muito bem, então, entre e sente-se. É hora de sua aula de bordado.

Mavis gemeu baixinho. Aquelas aulas de bordado haviam se tornado odiosas. Não só seus dedos eram pouco hábeis e seu gênio completamente desprovido de paciência, como ainda tinha de suportar durante horas o falatório calculado e irônico de Célia.

— Sente-se — ordenou Célia indicando um banquinho ao lado do sofá. — Eu estava agora mesmo examinando seu trabalho. Você está melhorando um pouco, Mavis, mas seus pontos ainda estão desiguais. Vai ter de desfazer o trabalho de ontem e recomeçar tudo de novo. Mavis suspirou ao sentar-se no banquinho.

— Parece perda de tempo...

— Bobagem! — retrucou Célia. — Estou ensinando-lhe uma habilidade muito útil e deveria estar agradecida. Ora, se praticar, em poucas semanas estará manejando uma agulha bastante bem. Então passaremos a aulas mais práticas, como tecer e remendar. Logo, estará costurando bem o suficiente para consertar alguns de meus vestidos. Então, antes que se dê conta, estará cosendo seus próprios uniformes. Só Deus sabe, não posso continuar pagando o que aquela modista cobra. Não quando você é tão descuidada com suas roupas. Se fosse mais cuidadosa...

Mavis suspirou outra vez, apanhou o modelo de ponto cruz e começou a desfazer o trabalho com a ponta da agulha. Ela aprendera a trabalhar devagar e a deixar os pontos bem soltos, pois a cada dia era obrigada a desfazer o trabalho do dia anterior.

— Você não vai trabalhar para o resto da vida comigo, sabe disso — disse Célia. — Ora, dentro de cinco anos, quando completar seu tempo de contrato, mesmo não sendo tão jovem, poderá até se casar.

Mavis trabalhava silenciosamente.

— Algum agricultor ou comerciante pode tomá-la como esposa — prosseguia Célia. — Algum viúvo com filhos, talvez, para o qual a juventude de uma esposa não seja tão importante. Se você quiser, eu mesma poderei arranjar isso quando chegar a hora...

Mavis concentrava-se em seu trabalho, o rosto impassível. Essa era a parte dolorosa, o modo como Célia falava, como se James não existisse, como se jamais houvera existido. O que teria ouvido sobre ele? O que estaria escondendo?

— Mavis, você está prestando atenção?

— Sim — disse ela, o rosto impassível e calmo, mas por dentro clamando por James. Onde estaria ele? O que teria acontecido?

— Então precisará saber coser — prosseguia Célia. — E vai precisar aprender a tecer. O homem que a tomar como esposa com certeza não terá condições de comprar os caros tecidos ingleses...

— Não! — explodiu Mavis, atirando o trabalho no chão. — Não vou me casar com homem algum a não ser James Forrester! E até lá viverei sozinha! Agora, diga-me ao menos se ele está vivo...

— Minha querida. — disse Célia, fingindo-se magoada. — Minha querida menina, pensei que houvesse compreendido.

— Compreendido?

— Acabou, Mavis. Na minha presença, jamais tocará no nome do capitão

Forrester. E jamais voltará a vê-lo.

O médico, portando grossas lentes, examinava o ferimento lateral de James.

— Sim, está cicatrizando muito bem. O senhor é um homem dotado de grande resistência, capitão Forrester. Depois de perder tanto sangue e com aquela febre, houve momentos em que temi por sua sobrevivência. Mais uma semana de repouso e estará completamente recuperado.

James vestiu a camisa e abotoou-a.

— Não tenho mais uma semana. Estarei partindo para Williamsburg amanhã de manhã.

Sentado em uma ampla poltrona de couro, Robin Fitzhugh meneou a cabeça.

— Está seguro de que é uma atitude prudente? Você ainda não está muito forte. E caso algo saia errado, não vou conseguir me perdoar por haver participado nisso.

— Estarei bem — disse James colocando a camisa para dentro da calça.

Devia a Fitzhugh muito mais do que algum dia poderia pagar. Fora o conselheiro quem o levara para a casa depois do duelo e trouxera o médico para cuidar dos ferimentos. Então, enquanto James se recuperava, cedera-lhe um casal de escravos já de idade, Juba e Sadie, habilidosos para tratar de feridos. Eles ocupavam-se da casa e de todas suas necessidades.

Todos os dias Fitzhugh passava por ali para vê-lo e conversar um pouco. Mas havia algo que nem mesmo o conselheiro pudera conseguir. Mavis era mantida quase como uma prisioneira em Fairhaven e ninguém, a exceção dos empregados da casa, podia comunicar-se com ela.

— Conseguiu alguma notícia? — perguntou James a seu amigo.

— Não. Ontem fiz mais uma tentativa, mas aquele capataz e seus cupinchas puseram-me para correr antes mesmo que eu pudesse vê-la. Imagino que ela esteja proibida de deixar a casa.

James suspirou, infeliz. Torturava-se dia e noite pensando em Mavis. Por vezes, a necessidade que sentia de tê-la a seu lado doía-lhe tanto que quase gritava. Amaldiçoara seu ferimento, amaldiçoara sua incapacidade de chegar até ela. Se pudesse, teria invadido Fairhaven e carfegado-a sob a mira de uma arma, mesmo sabendo que não solucionaria seu problema. No entanto, precisava tirá-la de lá legalmente, tirá-la para sempre, para que pudessem viver juntos, em paz.

Fora Fitzhugh quem lhe oferecera um solução plausível. Como membro do conselho do governo, tinha o poder de fazer nomeações políticas. E o cargo no conselho ainda estava vago, o mesmo que Célia tanto desejava para ele.

— Será apenas uma nomeação temporária, é claro — explicou Fitzhugh — , até por ocasião da colheita, quando o governador convocará novas eleições. E você não terá obrigações, pois nessa época do ano não há reuniões no conselho. Mas abrirá as portas para você, James. Terá acesso a bibliotecas e documentos legais. E terá acesso aos homens mais poderosos de Williamsburg. Se existir alguma maneira legal de libertar a garota, essa é sua melhor chance de encontrá-la.

James aceitara, agradecido, embora isso significasse afastar-se de Mavis por semanas. Ainda que as possibilidades de encontrar respostas em Williamsburg fossem remotas, ele precisava ir. Precisava tentar.

— Os papéis de nomeação e uma carta de apresentação estão ali sobre sua escrivaninha — disse Fitzhugh, levantando-se. — Pressenti que ia querê-los imediatamente.

— Obrigado, meu amigo. — James estendeu-lhe a mão. — Por tudo o que tem feito, obrigado do fundo de meu coração.

Depois que Fitzhugh saiu, James passou o resto da tarde fazendo as malas e organizando a partida. Ao anoitecer, já havia terminado os preparativos e sabia que deveria repousar. Mas estava demasiado apreensivo para ficar quieto. Em vez disso, perambulava pela enorme casa como um fantasma atormentado.

Com uma lanterna na mão, percorreu cada aposento, observando o friso talhado do teto e as paredes finamente rebocadas. Passou pelas lareiras majestosas e caminhou sobre os grossos tapetes turcos com seus desenhos de flores e arabescos. Seus olhos percorriam as salas onde estavam guardadas a mobília, um sucessão infindável de couro, brocados, cedro, carvalho e mogno. Essa casa era, sem dúvida, a mais esplendorosa de todo o Rappahannock, rivalizando-se com a de King Carter em tamanho e ultrapassando-a em elegância. James sacrificara boa parte de sua fortuna amalhada com o transporte marítimo na construção e aquisição da mobília luxuosa. E agora...

Riu com amargura na escuridão, o som ecoando na casa vazia. Ele a construíra para Célia tendo em mente seus gostos e necessidades. Mesmo agora, sentia-se como um intruso ali.

No entanto, estava sendo tolo. Era óbvio que assim que se casasse com

Mavis e a trouxesse para casa, seus sentimentos sobre esse lugar mudariam. A risada dela aqueceria essas salas frias e cavernosas, o amor deles, as encheria de vida.

Mas não. Não podia imaginá-la vivendo dentro desse mausoléu, dando ordens aos inúmeros escravos que seriam necessários para manter a casa. Não podia imaginá-la sem ser ao ar livre, o sol aquecendo-lhe o rosto, o vento brincando com suas saias e acariciando os longos cabelos negros.

Se apenas Fitzhugh pudesse haver entrado em contato com ela...

James recomeçou a caminhada nervosa, a frustração corroendo-o. Mavis ficaria desesperada se ele não conseguisse se comunicar com ela, especialmente se fosse obrigado a permanecer por muito tempo em Williamsburg. Tinha de tentar, ao menos uma última vez antes de partir.

Fitzhugh não conseguira aproximar-se da casa. No entanto, o velho Juba, o escravo de Fitzhugh, não despertaria tanta atenção. Se ele conseguisse passar uma carta para Mavis através de Thomas ou de Hetty...

James desceu a escada que dava para seu escritório. Colocando a lamparina sobre a escrivaninha, mergulhou a pena no tinteiro e começou a escrever.

Minha querida...

Parou, sem saber como prosseguir. Deveria demonstrar suas preocupações e seu amor? Deveria contar-lhe como ele estivera doente e quanto precisava dela?

Encostou a pena no tinteiro e hesitou. Não, havia riscos de que a carta fosse interceptada. Os sentimentos deles eram demasiados privados, demasiados sagrados para serem expostos ao ódio ou ao ridículo. Contaria apenas o que ela precisava saber, que estava bem e de partida para Williamsburg a fim de encontrar uma solução legal para o problema deles. Inspirou profundamente e retomou a pena.

Tenho muito a lhe contar, coisas que deverão esperar até que possamos conversar pessoalmente. Por agora, posso apenas lhe dizer que, recuperado do ferimento, estou de partida para Williamsburg. Fitzhugh conseguiu-me nomeação temporária para o conselho. Embora não implique em responsabilidades de fato, ele me diz que assim ao menos conseguirei abrir algumas portas. Eu lhe explicarei tudo pessoalmente.

Mantenha a fé, meu amor. Pode levar tempo, mas jamais desistirei, não até que encontre um modo para que possamos ficar juntos.

Releu a carta e após assiná-la e dobrá-la, aqueceu a cera e pressionou a dobra com seu sinete. Ao amanhecer, enviaria Juba a Fairhaven com instruções de entregar a carta a Thomas que, de algum modo, conseguiria

fazê-la chegar às mãos de Mavis.

Levou-a aos seus aposentos e colocou-a sobre sua valise. Então, tenso e esgotado, despiu-se, entreabriu o mosquiteiro sobre a cama e escorregou entre os lençóis.

Mas o sono não vinha. James permaneceu deitado, desperto, consciente de qualquer ruído, por menor que fosse, proveniente da casa — o estalido de madeira, o tique-taque do relógio, o pio de uma coruja do lado de fora, seguido do guincho de morte de algum camundongo do campo. Sentia-se assombrado por uma vaga sensação de perigo acompanhada de impotência. Algo estava errado. E não havia nada que pudesse fazer, exceto prosseguir com seus planos. Não estaria ajudando Mavis se permanecesse dentro de casa, preocupado.

Conseguiria ele encontrar soluções em Williamsburg? Algum precedente jurídico para libertar uma serva e livrá-la de cumprir seu contrato? Alguém que, condoído da sorte deles, tivesse poder suficiente para influenciar Célia? As probabilidades eram remotas. Mas tinha de continuar tentando. Não descansaria até que Mavis estivesse a seu lado, liberta.

O vento murmurava seus mistérios nos galhos dos salgueiros à margem do rio. A lua fria e prateada deixava um rastro de luz cruzando as águas escuras. Sapos coaxavam dentro da noite em compassos diferentes.

E James ficou acordado na cama, inquieto e soturno, até o amanhecer.

Mavis estava sentada à escrivaninha, pronta a dar início ao trabalho da manhã quando ouviu baterem na porta da frente. Algo na insistência das batidas causou-lhe um súbito frio na espinha. Por um instante, ficou paralisada, a pena entre os dedos. Então, sem pensar, correu através da sala até o saguão de entrada. Seus dedos tremiam quando ela puxou a tranca de bronze da porta e abriu-a.

Diante dela estava Jake Sloan, uma expressão maldosa no rosto estreito com a barba por fazer. Segurava na mão o mosquete e a outra agarrava pelo colarinho um velho escravo terrivelmente assustado.

— O que houve, Jake? — Célia surgiu da sala de jantar, os cabelos presos em uma touca de renda.

Sloan entrou no saguão, arrastando consigo o pobre homem.

— Peguei esse preto rondando o estábulo essa manhã. Não quis contar o que ele estava planejando, mas uma coisa é certa: não é nenhum dos nossos.

— Não. — Célia inclinou a cabeça, estudando o velho. — Mas ele não me é estranho. Já o vi antes em algum lugar. — Estreitou os olhos. — Vamos lá, diga logo. Qual é seu nome? Quem é o seu senhor? Os olhos do velho

arregalavam-se de medo.

— Meu nome é... é Juba, senhora — disse, a voz trêmula. — Pertencço ao senhor Fitzhugh. — Seus olhos vaguearam ao redor até encontrar Mavis. — Estive cuidando do senhor Forrester, o capitão...

Mavis deixou escapar um gemido.

— Descobri isso com o velho tratante. — Jake Sloan tirou do bolso de seu colete um papel dobrado, selado com cera. O papel estava sujo e amassado.

— Deixe-me vê-lo! — Célia esticou a mão, em atitude autoritária e arrancou o papel das mãos de Sloan.

Por alguns momentos, segurou-o com a ponta dos dedos. Espreitou Mavis com olhar triunfante e amargo.

Mavis observava em silêncio desesperado enquanto Célia rompia o sinete de cera e desdobrava o papel. Se o velho escravo estivera cuidando de James... se James o enviara portando uma mensagem...

A risada sonora de Célia interrompeu seus pensamentos.

— Ora, é uma carta! Uma carta para mim!

Mavis espiou na direção do velho escravo, cujos olhos estavam arregalados de medo e os lábios entreabertos, trêmulos.

— Oh, está tudo bem, Jake — disse Célia. — Ele estava apenas fazendo seu trabalho, apenas entregando uma carta, carta de James. Pode deixá-lo ir agora.

Sloan espiou o velho.

— Tem certeza de que não devo dar-lhe algumas chicotadas antes? Eu podia lhe dar uma boa surra por estar espreitando os estábulos do jeito que estava.

Célia riu de novo.

— Ora, que vergonha, Jake. Olhe só para ele. Está claro que ele não tinha nenhuma má intenção. Consiga-lhe alguns biscoitos na cozinha e acompanhe-o de volta à estrada.

— Sim, senhora. — Jake virou-se para a porta arrastando rudemente o velho pelo braço.

— Espere! — gritou Mavis, sem conseguir se controlar mais. — Juba, Você disse que cuidou do capitão Forrester, não é?

— Sim, senhora. — Ele olhava nervosamente de Célia para Sloan.

— Ele está vivo? Está se recuperando?

— Oh, sim senhora! Ele já está muito bem. Partiu para Williamsburg esta manhã. Antes me entregou essa carta e pediu que eu...

— Já chega! — interrompeu Célia. — Jake, leve-o embora daqui. Esta

conversa está começando a me aborrecer. E quanto a você — virou-se para Mavis assim que a porta se fechou atrás de Jake e do velho escravo — , eu deveria puni-la por intrometer-se desse modo. Mas como sei o quanto se preocupa com estado do capitão Forrester... — Fez uma pausa para aumentar o efeito dramático. — Se quiser, posso ler parte da carta para você.

Algo trespassou Mavis, uma emoção tão forte que ela esteve a ponto de atacar fisicamente sua ama.

— Eu posso lê-la por mim mesmo! — disse em voz baixa. — A carta é para mim e a senhora sabe disso!

Célia riu.

— Como você é ingênua, Mavis! James sentiu certa atração por você. Mas isso foi tudo, e agora acabou. Ele é, antes de mais nada, um homem sensato, sensato demais para desistir de tudo o que tenho a lhe oferecer! E agora, quer ou não que eu leia parte dessa carta?

— Por que não me deixa ver por mim mesma? Célia fingiu indignar-se.

— Por que é particular, por Deus! Algumas coisas escritas nesta carta são tão pessoais que eu não compartilharia com quem quer que fosse. Mas já que insiste, vou deixar que leia as primeiras linhas. Então quem sabe retornará à razão e deixará de lado essas ridículas acusações.

Ela segurou o papel e dobrou-o de tal modo que a parte inferior ficasse escondida. Então empurrou-o quase sob o nariz de Mavis.

— Vamos, leia você mesma! — disse ela.

Com a carta diante de si, Mavis quase perdeu a respiração. Reconheceu de imediato a letra de James, a mesma que assinara seu contrato. Mas o que ele havia escrito? Sentia um aperto na garganta enquanto seus olhos percorriam as linhas.

Minha querida,

Tenho muito a lhe contar, coisas que deverão esperar até que possamos conversar pessoalmente. Por agora, posso apenas lhe dizer que, recuperado do ferimento, estou de partida para Williamsburg. Fitzhugh conseguiu-me nomeação temporária para o conselho. Embora não implique em responsabilidades...

O resto da página estava dobrado. Mavis mal conseguia impedir que as lágrimas de frustração rolassem. Ao menos sabia que James estava bem. Mas a carta... Um tremor percorreu seu corpo. No entanto, não tinha dúvidas do amor de James. Ele estava fazendo o máximo a seu alcance para libertá-la, para estarem juntos.

Mesmo assim, a dúvida instalara-se em se peito, pronta a machucá-la quando estivesse mais vulnerável.

Poderia Célia estar dizendo a verdade?

— E agora acredita em mim? — Célia apanhou a carta e dobrou-a.

— O resto, como disse, é particular. Mas vou lhe contar alguma coisa. James está implorando para que eu o aceite de volta. Foi para Williamsburg a fim de conseguir apoio para sua candidatura nas próximas eleições do outono. Parece que o conselheiro Fitzhugh acredita que ele tem grandes chances de vencer... mas apenas se desistir de você e prosseguir com os planos iniciais de se casar comigo.

— Não! — sussurrou Mavis, a voz entrecortada. — Isso não pode ser verdade!

— Não pode? — Célia arqueou desdenhosamente as sobrancelhas.

— Então por que James aceitou a nomeação do conselheiro? Qual outra razão o levaria a Williamsburg?

Mavis fitou o chão, os pensamentos contraditórios girando como um torvelinho em sua cabeça.

— Você precisa aprender a aceitar a realidade, Mavis — a voz de Célia era doce. — James deseja ter um futuro aqui na Virgínia. Um futuro de riqueza e posição social. Ele sabe que eu posso lhe oferecer esse futuro. Mas você... Você apenas poderia arrastá-lo a seu próprio nível...

— Não! — Mavis sentia a sala girar. Lutou contra a urgência de girar também, de desistir. — Não! James me ama! A senhora deve estar escondendo alguma coisa...

— Escondendo? — A beleza de Célia era tão perfeita e fria como o mármore. — Mas é claro que escondo algo, menina tola! Você crê que uma mulher compartilharia com outra todos os detalhes íntimos de seu relacionamento com um homem? Deveria eu lhe contar, por exemplo, sobre a primeira noite em Fairhaven, a noite em que você chegou, quando estávamos sozinhos no andar superior e ele veio a meu quarto? É esse tipo de coisa que deseja escutar?

Mavis sentia-se sufocar. Não podia ser verdade, tentava se convencer. Célia era uma mulher desprezível, vingativa, que diria qualquer coisa para magoá-la! Mas tudo o que dissera fazia sentido. E havia a carta... De repente, não pôde suportar mais. Precisava escapar desse lugar e da tortura do olhar gélido de Célia. Atravessou correndo a sala e escancarou a porta. Então, correu pelos gramados, deixando para trás os estábulos, as cabines dos escravos e o canil.

Ninguém a impediu. Mavis alcançou os campos e continuou a correr pelas fileiras e fileiras de plantação de tabaco que chegavam quase à altura do

peito, através de campos cobertos de mato e arbustos. De repente, caiu, esfolando as mãos e rasgando a saia, mas levantou-se e continuou a correr, impulsionada pelos demônios de seu próprio tormento. James...

Ela não diminuiu a marcha até alcançar o bosque, onde as árvores e arbustos eram tão densos que era impossível correr. Ali, embrenhou-se por entre as árvores, fugindo de espaços abertos, com apenas uma vaga idéia de para onde se dirigia. Somente quando parou deu-se conta de onde seus instintos a haviam transportado.

A lagoa surgiu na sombra, como uma pérola negra contrastando com as rochas claras e frias. Mavis jamais havia estado ali àquela hora do amanhecer, fria e escura. Por um longo momento, permaneceu na beirada da clareira, fitando a superfície lisa da lagoa. As águas eram profundas, pensava. Suas roupas, quando molhadas, a arrastariam para o fundo com o peso...

Deus do céu, em que pensava ela? Mavis abraçou-se ao tronco largo de um salgueiro, sentindo sua reconfortante solidez, sentindo a vida fluindo dentro dele. Pressionou o rosto contra o tronco áspero. Uma única lágrima aflorou por entre os cílios e escorreu por seu rosto.

Recordou-se de James. Recordou-se da maneira como ele a amara nesse lugar, das promessas que fizera. Recordou-se de como ele quase perdera a vida por ela duelando com lorde Dunsmore.

Ela tinha de acreditar nele. Não importava o que dizia a carta, não importava quantas mentiras Célia lhe contasse, era em James que tinha de acreditar.

E também nela mesma. Precisava ser forte até que James viesse buscá-la, mais forte do que Jake Sloan, mais forte ainda do que Célia. Ela não podia permitir que eles a fizessem desistir.

Enquanto fitava as águas escuras, o sol surgiu da copa das árvores. A luz espalhou-se pela superfície da água e aqueceu as frias rochas. Uma garça, maravilhosamente branca, pousou nas águas rasas e começou a abanar as asas, erguendo seus pés compridos, amarelos, como se fosse uma bailarina.

Mavis prendeu a respiração, maravilhada com o que acabara de presenciar. A lagoa havia se transformado com os primeiros raios do sol. Agora parecia-se com o que se recordava, límpida e transparente, a superfície refletindo o céu da manhã como um espelho. A vida retornara a ela e a vida prosseguiria. Ela e James continuariam a lutar. Ela não podia se permitir acreditar em qualquer outra coisa.

Ele estaria na estrada agora. Tentou imaginá-lo balançando com o movimento da carruagem, seu ferimento ainda dolorido; ou pior ainda,

viajando a cavalo. A preocupação passou por sua mente. Ele fora ferido gravemente; ainda estava fraco...

Oh, por que estaria indo para Williamsburg? Por que colocaria sua vida em risco tão cedo? A política jamais parecera importante para James Forrester. Devia ter alguma outra razão. Algo que ele lhe explicaria quando se vissem de novo. Nesse meio tempo, ela devia ser confiante e acreditar nele.

— Tenha cuidado, meu amor — sussurrou para a manhã. — Estarei a sua espera. Esperarei... — Sentiu outra vez uma agulhada dolorosa de incerteza, mas ignorou-a. — Esperarei para sempre — declarou suavemente. Para sempre.

Williamsburg era uma cidade ainda em processo de formação. Havia se tornado a capital da colônia há menos de quatro anos, depois que a Assembléia, em Jamestown — cidade úmida e infestada de mosquitos — fora destruída pelo fogo. Bem situada em terreno alto, Williamsburg exibia um edifício verdadeiramente magnífico, o novo College of William and Mary, onde o conselho se reunia. O resto da cidade espalhava-se por ruas lamacentas e edifícios em construção. Em toda parte, escutava-se, desde cedo até o anoitecer, os ruídos de serrotes e martelos.

Foi esse o primeiro som que James escutou ao acordar.

A primeira coisa que viu foi uma viga grosseira no teto de madeira, com uma velha lamparina de marinheiro pendurada em um suporte de ferro. A luz do sol infiltrava-se pela cortina que cobria uma janela envidraçada e iluminava um quarto simples caiado de branco completamente desconhecido.

Quando sua mente se desanuviou, percebeu que estava deitado em uma cama, coberto por lençóis empapados de suor. Um menino debruçava-se sobre ele, um menino trajando uma camisa e colete de tecido grosseiro, com cabelos cor de cenoura e o rosto sardento. Um desconhecido.

Quando James tentou falar, descobriu que sua garganta estava seca demais. Seus lábios rachavam quando tentou movê-los. Passaram alguns minutos até que sua boca conseguisse pronunciar algumas palavras.

— Onde... onde estou?

— Na hospedaria Sea King, senhor, na rua Duke Gloucester.

O garoto despejou água de uma jarra de latão em uma bacia, umedeceu um pedaço de pano e passou-o sobre o rosto de James.

— Em... em Williamsburg?

— Isso mesmo — sorriu o garoto, mostrando a falta de um dente. — O

senhor estava delirando quando chegou aqui. Queimando de febre, as roupas ensopadas como se acabasse de enfrentar uma tempestade. E esse corte do lado estava infeccionado e inflamado. O médico que fomos buscar disse que teve sorte em estar vivo.

Atônito, James piscou para o garoto. Não lembrava-se de nenhuma tempestade ou de ter se sentido mal, e muito menos de haver chegado a essa hospedaria.

— Como eu vim parar aqui? — conseguiu perguntar.

— Ora, graças a Deus, o senhor conseguiu chegar sozinho, em uma caleça. Pagou por uma noite de hospedagem e então caiu ajoelhado na escada. Esteve desmaiado desde aquele momento até agora.

— Por quanto tempo?

— Oh, hoje faz uma semana, senhor.

— Uma semana! — James tocou o rosto e a barba áspera confirmou as palavras do menino. — Uma semana... — e deixou cair a cabeça sobre o travesseiro mais uma vez.

— Sim. — O garoto apanhou um copo com água e encostou-o nos lábios ressecados de James. — Mais devagar — disse ele, enquanto James tomava grandes goles. — Durante todo o tempo esteve quente como uma fornalha e dizia coisas sem sentido. Algo sobre um tipo de pássaro, uma e outra vez. O que era?

— Mavis — James sentiu enorme angústia ao ver a imagem dela formando-se em sua mente.

— É, é isso mesmo. Agora descanse. Vou até a cozinha para trazer um pouco de caldo de carne. O médico disse que quando despertasse, estaria bem fraco...

— Obrigado. — James fechou os olhos, enquanto o eco dos passos do garoto ecoavam pelos degraus da escada.

Mavis. Ele recordava-se agora... Tinha vindo ali para libertá-la. E em seu desespero, deixara a casa cedo demais, antes que o ferimento estivesse completamente cicatrizado. Uma tempestade, a volta da febre, pior ainda do que antes. As coisas recomeçavam a fazer sentido.

Mavis... Suspirou profundamente. Ele falhara com ela tantas vezes... A encenação ridícula com Célia que prosseguira mesmo depois que ela fora espancada brutalmente por Jake Sloan; a cena do baile, as tentativas infrutíferas de voltar a vê-la depois do duelo. E agora...

Não!, decidiu passionalmente. Ele não se permitiria falhar mais uma vez. Assim que suas forças retornassem, ele retomaria a luta. E dessa vez, não

descansaria até encontrar uma maneira de libertá-la, ainda que tivesse de bater em todas as portas de Williamsburg!

Mais de três semanas haviam passado desde a partida de James para a capital. Enquanto os dias se arrastavam sem qualquer notícia, Mavis cada vez mais mergulhava em um estado depressivo.

O tempo que para ela sempre voara, agora arrastava-se penosamente. Haviam-lhe devolvido a mesma liberdade que desfrutava anteriormente e passava a maior parte de seu tempo livre caminhando sem rumo, movida por um desespero silencioso que não a abandonava. Certa vez, quando Célia saíra para passar a tarde fora, Mavis caminhara até a casa de James. Ela ousara esperar encontrar Juba, o velho escravo, e perguntar-lhe para quem deveria entregar a carta. Até mesmo fantasiara o reencontro com James, como se este acabasse de retornar; imaginara-se correndo para atirar-se em seus braços...

Mas fora tudo em vão. A casa estava vazia e fechada, o terreno abandonado exceto por dois homens mal-encarados que vigiavam e propriedade e finalizavam os trabalhos externos. Nada sabiam sobre James e ao final, assustaram-na tanto que ela voltou quase correndo até Fairhaven.

À noite, virava-se na cama de um lado a outro, incapaz de dormir. Até mesmo Célia, com seu jeito meloso e solícito, comentara uma semana antes que Mavis estava perdendo peso.

— Você não está com bom aspecto, Mavis, tão magra e abatida! Estou pensando em chamar um médico para dar uma olhada em você. Não está comendo bem e... — De repente havia ficado pálida. — Meu Deus, você não está...

— Grávida? Não, não precisa se preocupar. — O corpo de Mavis já lhe havia revelado isso, embora tivesse ficado mais desapontada do que aliviada. Carregar o filho de James em seu ventre seria um encantamento além do que poderia imaginar.

— Então não há desculpa para seu estado físico. Dei instruções a Hetty para encher seu prato na hora das refeições e para se certificar de que só saia da cozinha depois de comer tudo.

— Mas eu... — Mavis resmungou em silêncio, imaginando as enormes porções de feijão, abobrinha, inhame e canjica que Hetty amontoaria em seu prato e a forçaria a comer. — Realmente, eu não...

— Sem discussão. Temos muito trabalho a fazer nas próximas semanas,

tendo em vista a proximidade do casamento. Não quero que fique doente.

— Casamento? — A reserva de Mavis rompeu-se por um instante, deixando-a vulnerável.

— Mas é claro! Agora que eu perdoei James e nos reconciliamos, os planos de casamento devem prosseguir exatamente como antes. Mas teremos de trabalhar com afinco para recuperar o tempo perdido. Acabaram-se seus passeios, Mavis. Vou necessitar de todo o seu tempo aqui na casa.

Mavis fitou-a, estupefata.

— Será o casamento mais elegante de seis condados! — Célia prosseguia, ignorando a reação de Mavis. — Terá lugar na casa nova, é claro, onde poderei descer as longas escadarias trajando meu vestido de noiva, James e o pastor aguardando ao pé da escada. E a lista de convidados... Ora, todas as pessoas importantes da Virgínia deverão ser convidadas! Isso, é claro, será de sua responsabilidade. E agora que está aprendendo a costurar, eu posso utilizar seus serviços também na confecção do vestido.

Célia caminhou para o espelho da sala de estar onde deu uma volta, admirando a imagem de seu corpo esbelto. Seus olhos estavam distantes, como se estivesse imaginando-se toda vestida de noiva.

— Já tenho o cetim — disse ela. — Metros e metros de cetim, que James trouxe para mim da Inglaterra. Ele também me trouxe uma caixa cheia de contas de cristal. — Virou-se graciosamente para encarar Mavis. — É claro que será a modista quem fará o vestido, mas não há qualquer razão para que você não prenda as contas de cristal com bordados. Esse é um trabalho que pode começar imediatamente, mesmo antes que as peças sejam cortadas...

Mavis ficou ali em estado de choque, deixando que as palavras de Célia a atingissem como ondas geladas sobre uma rocha. Tentou raciocinar, mas não conseguiu. Nada do que estava acontecendo parecia real.

Só mais tarde, deitada na cama de olhos bem abertos, ela pôde fazer um esforço sério para descobrir o que estava acontecendo.

Se Célia estivesse mentindo, se essas preparações para o casamento não passassem de farsa muito bem elaborada, então o ódio e ânsia de vingança eram muito mais fortes do que ela poderia imaginar. Ou então Célia estava tentando pressionar James para prosseguir com o plano de casamento, ou enganando-se tolamente. E caso Célia estivesse falando a verdade... Mavis enterrou o rosto no travesseiro. Se Célia estivesse falando a verdade, então James era o pior dos mentirosos e ela, Mavis, não passava de uma idiota. Nesse caso, não existiriam o amor e a alegria e a vida não valia o esforço de respirar, comer e dormir.

Poderia ela continuar a acreditar em James? Sim, essa era a questão agora. Poderia continuar a confiar, a esperar e a sonhar, sabendo que seu retomo poderia destruir tudo e magoá-la tanto como jamais havia sido magoada em toda sua vida?

Virara-se de costas e permanecera assim, fitando a minúscula janela por onde penetrava o luar. Prometera que não perderia a fé em James. E por mais que doesse, manteria essa promessa. De algum modo não daria importância às provocações de Célia. De algum modo, manteria suas emoções afastadas daquele circo das preparações para o casamento. De algum modo, conseguiria suplantar esses momentos terríveis e assustadores.

E foi o que fez por quase uma semana. E não foi nada fácil. Célia dedicara-se a feri-la a cada momento, falando sem parar sobre o casamento e sobre a vida que James e ela teriam juntos. Mavis costurara centenas de contas de cristais no que pareciam quilômetros de cetim, usando um par de luvas de Célia para não sujar o tecido. Ajudara Célia a fazer uma longa lista dos possíveis convidados e o levantamento de custos sobre a comida e divertimentos.

Através de tudo isso, com esforço sobre-humano, Mavis manteve o autocontrole. Fizera seu trabalho como uma marionete, as emoções cuidadosa e deliberadamente reprimidas. Apenas à noite, quando não via ninguém, permitia-se dar vazão à dor, à frustração.

O esforço, no entanto, custava-lhe muito. A cada dia, podia sentir que sua fachada de tranquilidade se desfazia. Aquela situação não poderia seguir por muito mais tempo.

Célia também mostrava-se cada vez mais frustrada com o estoicismo da garota. Estava forçando Mavis bastante, criticando seu trabalho e dando a entender toda a sorte de intimidades deliciosas entre ela e James. Sempre que ela e Mavis estavam na mesma sala, o ar parecia pesado como o prenúncio de uma tempestade.

E não era tudo. Durante os últimos dias, Mavis notara que certas coisas de que necessitava desapareciam: sua pena, agulhas e linha de coser, seus recibos. Apareciam manchas em seu livro de contabilidade, números modificados ou apagados, como se alguém estivesse lhe pregando peças.

Ela não poderia acusar sua própria ama, mas quem mais poderia ser? Hetty e Minna não fariam brincadeiras desse tipo; eram suas amigas leais. Muito menos Jake Sloan, cuja presença era raramente admitida dentro de casa, mesmo por Célia. Não havia ninguém mais, a não ser que...

A não ser que o que Célia sugerira pudesse ser verdade, que as emoções

contidas de Mavis estavam fazendo com que sua mente lhe pregasse peças.

Já começava a questionar sua própria sanidade mental quando finalmente a situação se explicou. Foi em uma noite quente de agosto quando o ar ainda estava carregado de sons dos grilos e o zumbido dos mosquitos. Uma noite em que as margaridas-do-campo estavam em flor e o aroma do melão que Hetty preparava espalhava-se pelo ar.

Uma noite que assombraria Mavis para o resto de sua vida.

CAPÍTULO XVI

Sentada na cozinha, Mavis terminava o jantar que Hetty lhe servira, quando Minna, os olhos muito abertos, surgiu apressada da sala de jantar.

Mavis ficou assustada com a expressão da amiga.

— Minna, o que...

— É a senhora Célia. Ela está furiosa com alguma coisa. Disse para você ir lá para cima bem depressa, Mavis.

Hetty ergueu os olhos de seu trabalho.

— Ela disse do que se tratava, menina?

— Não, apenas que quer ver Mavis imediatamente.

— Deve estar planejando alguma coisa — resmungou Hetty. — Thomas disse que a viu cochichando com Jake Sloan quando ele veio para jantar. E ela tem agido de modo muito estranho ultimamente. — Fitou Mavis intensamente. — Menina, tenha muito cuidado, ouviu?

Mavis aquiesceu, suspirando enquanto se levantava. Com certeza ela não havia feito nada que pudesse aborrecer propositalmente sua ama. Mas Célia se mostrava tão inconstante, que qualquer coisa, como um rastilho de pólvora, poderia provocar uma explosão.

— A senhora Célia disse para ir depressa! — insistiu Minna, preocupada.

— Eu já vou.

Mavis limpou com a mão o avental, ergueu a cabeça e caminhou pela sala de jantar até a escada. Não lhe serviria de nada adiar o que devia enfrentar. Ainda assim, seus pés se arrastavam pelos degraus. Suas defesas estavam ruindo com o assédio maldoso de Célia. E sem qualquer notícia de James durante todo esse tempo... Ah, ela estava muito próxima a sucumbir ao desespero.

Encontrou Célia na antecâmara, caminhando impaciente sobre o tapete turco.

— Ah, até que enfim você apareceu! — Parou no meio da sala, vendo Mavis no umbral da porta. — O que sabe sobre tudo isso?

— Sinto, mas não estou entendendo — disse Mavis em voz baixa, contida.

— Meu broche! — Célia apontava para o corpete de seu vestido azul de musselina, com a gola de renda. — O pequeno camafeu rodeado de pérolas

que era de minha mãe. Eu o coloquei essa manhã e agora desapareceu!

Mavis suspirou.

— A senhora já procurou...

— Durante o dia todo não fiz outra coisa que repassar todos os lugares por onde caminhei durante a manhã! Não está em lugar algum! Isso só pode significar uma coisa: ele se desprende de meu vestido e alguém o encontrou. E esse alguém decidiu ficar com ele.

— Com certeza não está pensando que eu faria algo assim! — protestou Mavis.

— E quem mais poderia ser? Hetty e Minna não ousariam. Mas você...

— Não! — insistia Mavis, a cabeça girando.

Recordou-se de Minna e Thomas e do plano deles de fugir juntos. Eles poderiam vender o tal broche e com o dinheiro conseguir passagens em algum navio ou comprar um pequeno terreno em alguma parte. Mas Minna não tinha conhecimento da existência do broche, disse Mavis tinha a certeza. A garota era demasiado ingênua, demasiado franca. Seu medo a teria traído. Thomas, talvez, mas ele passara quase o dia todo em Leedstown a serviço e chegara só na hora do jantar.

— Você! — Célia apontava o dedo acusador para Mavis. — Uma bugiganga como aquela poderia lhe render uns bons trocados. Poderia tê-lo escondido em algum lugar seguro até o fim de seu contrato e então usá-lo como dote!

Mavis sentiu a raiva aumentar.

— Não sou ladra — disse friamente. — Se tivesse encontrado o broche, teria devolvido. Mas não o encontrei. Estive trabalhando o dia todo e a senhora sabe muito bem disso.

Célia suspirou, seu rosto assumindo uma expressão de dor.

— Desculpe-me Mavis. É que esse broche significa tanto para mim. E procurei-o por toda a parte, na casa toda. Estou tão aborrecida... — Com o lenço, limpou uma lágrima imaginária do canto dos olhos.

Mavis meneou a cabeça, atônita com a súbita mudança de humor de sua ama. Não era do estilo de Célia desculpar-se por nada, quanto mais com uma criada.

— E se procurássemos lá fora — sugeriu. — A senhora não deixou a casa nem um momento durante o dia?

Célia parecia pensativa.

— Não, eu estava ocupada com minha costura. Eu apenas... Espere! Na verdade, saí por alguns minutos! Jake havia comentado que nossos

suprimentos de trigo estavam baixos e decidi verificar pessoalmente no celeiro. Depois, retornei diretamente para casa.

— E não foi até o celeiro, depois de haver dado falta do broche?

— Isso nem me havia ocorrido, até agora. Eu poderia facilmente tê-lo perdido quando me debrucei sobre o granel de trigo. Oh, você é tão esperta, Mavis. Rápido, apanhe uma lamparina! Dê uma corrida até lá e procure! Eu espero aqui por você!

— Está bem, estou indo.

Mavis saiu depressa do quarto e desceu as escadas. Estava aliviada pelo simples fato de haver-se livrado da presença de Célia. Mesmo assim, enquanto apanhava uma lamparina e acendia-a com uma vela da sala de jantar, foi invadida por certo mal-estar. Havia algo estranho no comportamento de Célia essa noite, algo até mesmo assustador. Todo o caso do broche perdido não combinava com a maneira de ser dela. Talvez Hetty estivesse com a razão. Havia algo muito estranho em toda essa história.

Mas no momento nada podia fazer a respeito. Ela recebera ordens de ir até o celeiro procurar o broche. Se o encontrasse, o assunto estava encerrado. Se falhasse...

Era um noite quente de agosto onde apenas se sentia uma leve brisa. Apesar disso, Mavis estremeceu enquanto cruzava apressadamente os gramados, rumo às construções em ruínas que se espalhavam entre os estábulos e os alojamentos dos escravos.

O celeiro era uma estrutura sólida com paredes pesadas e uma porta de madeira espessa. Fora construído como uma fortaleza, sem qualquer fresta por onde pudesse passar um rato ou mesmo um camundongo. Mavis, que nunca havia estado lá dentro, sentiu uma ponta de nervosismo ao abrir o fecho da porta sólida. Ela rangeu e abriu como se fosse a entrada de um calabouço. O interior estava escuro como um poço.

Mavis ergueu a lamparina sobre sua cabeça e, respirando fundo, avançou um passo, o coração disparado de terror. Seu medo era tolo, tentava se convencer. Não havia nada ali, exceto graneis de trigo, milho e aveia. Nada, além de sacas de farinha e de fubá empilhadas bem alto em um canto e diversas conchas de medir grãos em vários tamanhos, pendurados pelas paredes. A porta estava bem aberta e a lamparina iluminava todo o recinto. Não havia motivo para tanta apreensão.

O topo dos graneis chegava-lhe quase à altura do ombro. Ah, era bem possível que Célia houvesse se aproximado de um deles para verificar os grãos e que o broche houvesse caído ali. Com um pouco de sorte, ele estaria

bem na superfície. Ela conseguiria vê-lo, recolhê-lo com uma das conchas e sair dali antes que seu medo se transformasse em pânico.

Segurando a lamparina bem alto, inclinou-se sobre o primeiro. Aveia, notou, e estava quase cheio. Célia tinha vindo verificar o trigo, que estava baixo, recordou-se. O segundo continha grãos de milho, mas o terceiro... Mavis inclinou-se bem para ver o interior. Trigo! E o granel estava apenas com um terço de sua capacidade!

Mas onde estava o broche?

Piscou desanimada ao erguer a lamparina. Não viu nada. Nada além da superfície dourada do trigo.

Hesitou, deliberando. Talvez devido ao peso, o broche houvesse afundado misturando-se ao trigo. Ela poderia apanhar uma das conchas e tentar encontrá-lo ou então...

Ao olhar em direção às conchas, percebeu um leve movimento do lado de fora, na escuridão. Escutou o ranger de uma dobradiça enferrujada. Seu coração deu um salto.

A porta! A porta estava se fechando!

Com um reflexo rápido causado pelo mais puro terror, atirou-se em direção à fresta, colocando o corpo entre a porta e o umbral. A pesada porta fechava-se quase rompendo-lhe as costelas. Alguém, percebeu horrorizada, estava empurrando a porta!

— Não! — gemeu ela ao sentir uma mão grande e rude passar pela porta e agarrar seu pulso. — Não! — A lamparina caiu de suas mãos enquanto lutava. A cúpula de vidro estilhaçou no chão do celeiro e a chama se apagou, mergulhando tudo na mais completa escuridão.

A mão, grudada em seu pulso como uma algema de ferro, tentava empurrá-la de volta para dentro, para aquela escuridão sufocante do celeiro. Mavis lutava com a força do terror. Golpeava e chutava. Gemia e gritava enquanto a mão horrível tentava forçá-la para trás, através da porta para dentro da escuridão.

Por quê? Por que alguém faria...?

Sua cabeça girava loucamente até que de repente ela entendeu.

Tratava-se da última arma na guerra de nervos que Célia empreendera contra ela. Fingiria que havia perdido o broche. Enviaria Mavis à procura dele no celeiro e faria com que alguém “acidentalmente” a trancasse ali. Ninguém notaria sua falta, claro, até a manhã seguinte. A essa altura então, com seu horror a lugares fechados, estaria enlouquecida de pânico e exaustão. Seu espírito estaria estilhaçado, sua resistência vencida.

— Não! — gritou Mavis, redobrando a luta.

Lutava como um animal preso em uma armadilha, com a fúria selvagem da ânsia pela liberdade. A mão horrível aproximou-se de seu rosto, o odor de suor e gordura provocando-lhe náuseas. Em desespero, enterrou os dentes com toda a força na base do polegar, com tal ferocidade que o sangue começou a brotar.

— Maldita seja, sua fera selvagem!

Com violência, Jake Sloan arrastou-a para fora do celeiro, atirando-a no chão e quase destroncando-lhe o braço.

— Me mordeu, não é? — rosnou ele, agarrando-a pelos cabelos. — Vai me morder agora, menina? Eu vou lhe ensinar! Vou lhe dar uma boa lição!

Com violência, soltou-lhe os cabelos enrolou-os em torno do punho de modo que Mavis mal podia se mover. Erguendo a outra mão, esbofeteou-a com tanta força que ela viu dançar diante dos olhos inúmeros pontos de luz. Ela gritou de dor.

— É, eu vou lhe ensinar... — Ele despejou uma torrente de obscenidades enquanto arrastava-a pelos cabelos e esbofeteava-a.

Mavis sentiu sangue no rosto e sua vista começou a turvar. Se Sloan não parasse...

James, pensava ela. James...

Jake Sloan murmurou mais uma impreciação e ergueu a mão para bater nela mais uma vez. De repente, algo se moveu nas sombras. Um enorme punho negro surgiu da escuridão atingindo em cheio o queixo de Sloan como se fosse uma marreta.

Graças a Deus Thomas viera em seu socorro!

Sentiu o baque no corpo de Sloan. Escutou-o gemer ao lhe soltar os cabelos e cair de lado. Quando Mavis caiu na grama, viu Thomas avançar para Sloan mais uma vez. Seu rosto bonito estava transtornado por uma expressão de fúria tão selvagem como ela jamais havia visto.

— Thomas! — gritou seu nome, temendo por ele.

Mas Thomas não a escutou. Estava tomado pela raiva, por muitas emoções contidas até então. Ele via Minna diante de si e recordava-se de tudo o que Jake Sloan havia feito com ela. Estava cego de ódio, cego o bastante para matar. .

— Thomas — Mavis tentou se erguer.

Tentou alcançá-lo, mas a tontura e a fraqueza provocadas pelas bofetadas brutais de Sloan impediram-na. Tropeçou na barra da saia e caiu mais uma vez sobre a grama.

Thomas agarrou Jake Sloan e encostou-o contra a parede do celeiro. Seu punho forte atingiu novamente o rosto detestável com força devastadora. Mavis pôde escutar o ruído de ossos se rompendo enquanto Sloan despencava para o lado, quase inconsciente.

Thomas ajoelhou-se ao lado do corpo prostrado. Suas mãos enormes estavam prontas para atacar, dessa vez para matar.

— Não! — Mavis atirou-se contra as costas dele, os dedos agarrando-lhe os braços. — Não, Thomas! Você precisa parar! Você não deve...

A respiração de Thomas, entrecortada, mal deixava-o falar.

— Eu preciso... preciso acabar com ele. Não suporto a idéia de deixá-lo viver depois do que ele fez...

— Não! — Mavis agarrou-o tentando afastá-lo. — Não percebe, Thomas? Seria assassinato. Você seria enforcado por isso, ou caçado como um animal durante toda sua vida. Que tipo de vida seria essa? É esse o tipo de vida que deseja para Minna?

Jake Sloan gemia na escuridão, virando a cabeça de um lado a outro. Thomas estava todo tenso, o ódio fervilhando em seu íntimo.

— Thomas, pense! — implorava Mavis. — Pense em Minna e em sua mãe.

Thomas cerrou o punho com força e ergueu-o.

— Thomas, pelo amor de Deus...

O punho baixou com a força do ódio acumulado. Não esmagou a cabeça de Sloan por um triz, atingindo o solo.

Thomas inspirou profundamente. Devagar, aturdido, ergueu-se enquanto uma figura pálida surgia das sombras. Era Minna com seu vestido azul desbotado. Soluçando, atirou-se nos braços dele.

Por um longo momento, os dois permaneceram abraçados. Então, por fim, Thomas falou:

— Precisamos sair daqui. Essa noite. Agora. — Espiou na direção de Jake Sloan que gemia caído no chão, meio inconsciente. — Vamos arrastá-lo até o celeiro e trancá-lo lá. De lá não sairá até amanhã pela manhã.

— Deixe-me ajudá-lo — disse Minna, os olhos assustados enquanto se debruçava para segurar uma das pernas de Sloan.

— Não! — disse Thomas, agarrando-a pelo ombro e afastando-a bruscamente. — Você não vai tocá-lo! Nunca mais, está ouvindo? Vá buscar suas coisas e conte tudo para mamãe. Corra, depressa!

Minna disparou em direção à casa sem mais uma palavra, deixando Thomas e Mavis ali com Sloan.

— É melhor que vá também, senhorita Mavis — murmurou Thomas, carregando Sloan por baixo dos braços e arrastando-o de volta ao celeiro. — A senhora Célia deve estar a sua espera.

Mavis meneou a cabeça. Apesar da noite quente de verão, ela tremia violentamente.

— Eu também estou em apuros, Thomas, quase tanto quanto você. Amanhã, quando Célia encontrar Jake e descobrir que você e Minna partiram, não sei o que fará comigo. — Mesmo apavorada, tentou sorrir. — Seja o que for, com certeza não será nada agradável.

As botas de Sloan dificultavam a passagem para dentro do celeiro. Thomas fez o corpo inerte rolar, encostando-o sobre um granel. Então saiu rapidamente e passou a tranca na porta pesada.

— Por que não vem conosco, Mavis?

Ela prendeu a respiração. Jamais pensara realmente em fugir. Sua existência tornara-se infernal naquele lugar, porém ali possuía um teto. E mais importante ainda, enquanto permanecesse em Fairhaven, James saberia onde encontrá-la.

Se ainda a quisesse.

Tocou a face machucada. O que teria feito Jake Sloan com ela aquela noite se Thomas não houvesse aparecido? E como seria sua vida ali a partir do dia seguinte? Célia, com certeza, daria as costas e a deixaria a mercê de Sloan, a mercê das açoitadas, surras e abusos que com certeza se seguiriam. E James... Uma dor aguda atingiu seu peito. Se algum dia retornasse para ela, James encontraria uma mulher alquebrada e desesperada, irreconhecível.

— Planejamos ir para o sul, rumo a território espanhol — informou Thomas. — Lá seremos livres e tenho esperança de que um homem habilidoso com cavalos poderá facilmente arranjar trabalho. Poderia vir conosco.

— Vou atrasá-los, Thomas, serei um peso...

— Isso não tem importância. Tem sido nossa amiga, senhorita Mavis.

— Obrigada, Thomas. — Emocionada, Mavis pousou a mão em seu braço.

A oferta era mais do que generosa. Mas como poderia lhe pedir que a levasse com eles? Ele já teria muitos problemas apenas para conseguir levar Minna, protegê-la e cuidar dela.

Mavis pensou em outra solução. Se ao menos ela tivesse algum outro lugar para ir, onde pudesse se esconder até conseguir fazer chegar uma mensagem a James...

Lembrou-se então de Clive e Mercy Hopwood. Eles lhe haviam prometido, depois que salvara o bebê a bordo do *Pégasos*, que se ela algum dia necessitasse de qualquer ajuda, podia contar com eles. Os Hopwood eram boas pessoas. Eles manteriam sua palavra.

— Thomas, Hanover fica muito longe daqui? — perguntou. — Tenho amigos ali que poderiam me ajudar.

Thomas franziu a testa enquanto fazia os cálculos.

— Dois dias, talvez três de caminhada. Mas antes é preciso atravessar o rio em algum ponto. Essa é a parte mais difícil. Não vai poder usar a balsa porque alguém poderá vê-la e impedir sua travessia, ainda que tenha o dinheiro para a passagem. Eu tenho uma canoa escondida entre os salgueiros, bem além da casa do capitão Forrester. Poderia atravessar o rio comigo e Minna e, logo pela manhã, eu lhe mostraria o caminho para Hanover.

Mavis assentiu solenemente.

— Sim, esse me parece o melhor plano. Vou buscar... — interrompeu-se ao ver Minna retornando juntamente com Hetty.

As duas mulheres estavam carregadas com trouxas de comida, roupas e cobertores.

— Ora, mamãe — Thomas resmungou. Hetty encarou-o, desafiante.

— Nem tente me convencer do contrário, meu filho. Vou com vocês e ponto final.

— Não, é perigoso demais. Além disso, prometi comprar sua liberdade assim que tiver juntado dinheiro para isso.

— Até então já estarei muito velha! — retrucou Hetty. — E nesse meio tempo, quem vai assistir ao casamento de vocês? Quem vai ajudar a cuidar de meus netos?

— Não adianta, Thomas — disse Minna suavemente. — Tentei argumentar com ela. Mas sua mãe é uma muito teimosa!

— Está bem. — Thomas suspirou, a responsabilidade pesando sobre seus ombros. — Precisamos ir andando. A senhorita Mavis vai atravessar o rio conosco. Isso significa que teremos de fazer duas viagens pois a canoa não leva mais que três pessoas. Mavis deu uma espiada em direção à casa.

— Se apenas eu pudesse recolher algumas coisas...

— Não — sussurrou Hetty, decidida. — A senhora Célia está lá, furiosa, andando de um lado para o outro. Se ela vir você e começar a fazer perguntas, nenhum de nós vai conseguir sair daqui! Não se preocupe, menina. Eu e Minna temos o bastante nessas trouxas. O suficiente para repartir com você.

Thomas perscrutava em volta do pátio mergulhado nas sombras.

— Vamos alcançar o bosque por entre os campos de cultivo, e de lá até o barco. Se seguirmos ao longo do rio poderíamos ser visto facilmente. — Meneou a cabeça, frustrado. — Meu Deus, como gostaria de ter uma arma.

Hetty remexeu dentro de uma das trouxas e retirou dali uma longa faca de cozinha bem afiada.

— Aqui está, filho. Não é a melhor, mas vai servir para alguma coisa.

— Vamos embora — disse ele, colocando a faca na cintura. — Logo a lua vai aparecer. Se não conseguirmos chegar ao bosque até então, poderemos ser vistos.

Mavis apanhou uma trouxa grande das mãos de Minna e duas pequenas sacolas de Hetty. Então tentou acompanhar as largas passadas de Thomas enquanto se moviam furtivamente atravessando o pátio em direção aos campos amplos e escuros da plantação.

Nuvens passeavam pelo céu, escondendo as estrelas. A escuridão que envolvia a terra estava viva com sons noturnos. Sapos coaxavam das áreas pantanosas do rio e morcegos batiam as asas, as bocas abertas para devorar nuvens de insetos. As folhas de tabaco, altas, espessas e prontas para a colheita, farfalhavam à passagem deles. Mavis tentava escutar algum ruído vindo da casa, algum indício de que haviam sido descobertos. Mas o único som de que se dava conta eram as batidas do próprio coração.

O céu começava a amarelar no horizonte, prometendo uma lua cheia de agosto que inundaria a terra com sua luminosidade. E os bosques protegidos ainda estavam a uma boa distância.

— Depressa! — Thomas incitava as três mulheres. — Temos que chegar antes da lua surgir!

Mavis escutou o latido de um cão nos canis e Minna arregalou os olhos.

— Vamos, não tenha medo — sussurrou Mavis. — Dará tudo certo se continuarmos a andar depressa.

Palavras corajosas, quando ela própria sobressaltava-se com cada sombra no meio do caminho. A essa altura, Célia já deveria ter ido ao celeiro e encontrado Jake Sloan. Já deveria ter descoberto que Mavis e os três escravos haviam desaparecido. A casa já deveria ter mergulhado no caos.

— Mais depressa! — sussurrava Thomas. — Rápido! Mavis agarrou com força as trouxas e começou a correr.

James recolhera-se cedo, ainda exausto pelos efeitos da febre e deprimido com os acontecimentos frustrantes do dia. Agora recostava-se nos

travesseiros, escutando os sons que vinham do pátio abaixo: o ranger das carruagens que chegavam, o bufar dos cavalos e os gritos dos cavaleiros. No colo, tinha o livro de direito que lhe haviam emprestado, nas páginas borrões sem sentido.

Durante toda a semana empenhara-se em conseguir uma audiência com o governador real. Por fim, sua oportunidade surgira nesse dia. Passara horas aguardando na sala de espera do escritório do governador... para nada. O governador Nicholson, um homem brusco e pouco amistoso, não fizera nada além de censurar James por fazê-lo perder seu precioso tempo.

— Aconselho-o a esquecer sua criadinha — disse ele. — De acordo com a lei, ela é propriedade da senhora Pomeroy, que despendeu dinheiro honesto para comprar seu contrato. Se a senhora Pomeroy decidir não vendê-la, trata-se de privilégio seu. Nem você nem eu temos qualquer direito legal de interferir. E agora, se me desculpar, senhor Forrester, tenho assuntos mais urgentes...

Ainda agora, ao se lembrar, James estremecia de frustração. Não encontrara ninguém que se interessara em ajudá-lo. E quanto à letra da lei... Suspirou ao fechar o livro e colocá-lo na mesa ao lado. Em sua leitura, descobrira que Célia não podia determinar que Mavis fosse açoitada sem julgamento. Mas a violência contra uma serva consistia em contravenção sem importância, punível com multa ou reprimenda. Não era o suficiente para conseguir a libertação de Mavis.

Apagou a vela e fechou os olhos. Seu desejo de estar com Mavis doía-lhe no peito. Vivia com a dor, dia e noite. Transformara-se em parte de sua própria natureza.

Que estranho as peças que a vida pregava em um homem. Em certa época, ele estava certo de que não existia o amor. No espaço de alguns poucos meses, o amor se tornara a razão de sua própria existência. Sem ele, nada mais parecia ter sentido, nem sua fazenda, seus negócios, seu futuro político ou qualquer das armadilhas superficiais do mundo. A única coisa que realmente lhe importava era uma garota de cabelos negros com misteriosos olhos cor de jade.

Tentava rever esses olhos agora, rindo para ele, quentes e cheios de amor. Tentava se recordar do timbre rouco de sua voz e a ternura de suas mãos pequenas e calejadas de trabalho.

Com um suspiro, James deixou sua imaginação correr livre. Quase podia senti-la ali, junto a ele na cama. Devagar, tomava-a nos braços, inebriado com o contato dos seios contra seu peito e a deliciosa sensação de suas pernas

entrelaçadas às dele. Seus sentidos se aguçavam com o inebriante perfume de seu corpo. Provava o doce calor de sua boca.

Mavis... A fantasia levou-o mais longe. Seu corpo estremeceu de desejo. Seus braços puxaram-na para mais perto e...

James abriu os olhos, sentindo um frio súbito em todo o corpo.

Algo estava errado.

Permaneceu ali, rígido na escuridão. Jamais acreditara em premonições, mas essa fora tão forte que o assustara. Era como uma sombra sinistra que se colocara entre ele e Mavis, separando-os. Ele não mais podia senti-la, por mais que tentasse.

Mas tudo isso não devia passar de tolice. Estava cansado demais. Cansado, preocupado e solitário. No dia seguinte despertaria para um novo dia. Então teria condições de rir dos truques de sua imaginação.

James tentou dormir. Mas a sensação de desastre apenas cresceu, pressionando-o cada vez mais. Não era nada, tentava se convencer. Mavis estava em Fairhaven, a salvo e bem de saúde, embora sem liberdade. Logo, ele a veria. Logo, se Deus o ajudasse, encontrariam um meio de viver juntos.

A lua iluminava todo o rio agora, um disco de tom dourado que se refletia nas águas escuras e calmas. Sua luz espalhava-se pelos campos e bosques. Se por um lado facilitava o caminho dos quatro fugitivos, por outro, tornava-o mais assustador.

Estavam se aproximando da casa de James quando Thomas parou subitamente.

— Escutem! — sussurrou.

Mavis estacou, quieta, esforçando-se para ouvir. A princípio, nada escutou exceto os sons familiares da noite que vinham acompanhando-os. Então, de repente, seu coração quase parou de bater. Foi Hetty quem falou.

— Que o Senhor nos proteja! Estão nos rastreando com os cães!

Já então ouvia-se nitidamente o latido e a balbúrdia dos cães de caça que se aproximavam. A matilha deveria estar correndo pelos campos de tabaco, calculava Mavis. A trilha por entre as fileiras seria fácil de seguir. Logo os bosques os retardariam, mas não o bastante. A trilha era recente e clara. Em sua pressa, os quatro não fizeram qualquer esforço para encobrir o rastro.

Thomas soltou uma imprecação.

— Aquele maldito Jake Sloan! Deve ter se recuperado e feito bastante barulho para chamar a atenção de alguém! Eu deveria ter matado aquele

canalha!

Minna tocou seu braço. Nada disse, mas seu olhar eloqüente foi o bastante para acalmá-lo. Respirou devagar.

— Vamos — disse ele. — Não podemos perder nem mais um minuto.

Ele entrou por entre os arbustos e os demais o seguiram. Ninguém falou mas o medo gritava no silêncio da noite. Os ruídos da matilha estavam se aproximando cada vez mais e Mavis podia perceber os gritos abafados dos homens que os seguiam. Gotas frias de suor formavam-se em sua pele.

Thomas havia dito que a canoa estava escondida além da casa de James. Para chegar lá, eles teriam de fazer um círculo para retornar em direção ao rio. Então, os cães de caça já quase os haveriam alcançado.

E a canoa não conseguiria carregar mais que três pessoas por vez.

Mavis olhou para frente por entre as sombras criadas pelo luar. Podia ver Thomas, abrindo uma trilha por entre os arbustos densos. Ela não tinha dúvidas do que ele faria ao chegarem ao rio. Mandaria as três mulheres atravessarem com a canoa enquanto ele ficaria para trás para enfrentar os cães e os homens que estivessem em seu rastro. Como arma, só possuía a grande faca de cozinha. Mataria talvez um ou dois cães, talvez até mesmo um dos homens antes que o agarrassem. Então, arrastariam-no de volta a Fairhaven onde seria açoitado, mutilado ou até mesmo enforcado. Sua mãe e seu amor jamais o veriam novamente.

De repente, Mavis se deu conta do que deveria fazer.

A frente deles, podia escutar o barulho de um pequeno riacho, um dos muitos que desembocavam no Rappahannock. Alcançou Thomas e fez um sinal para que ele parasse.

— Senhorita Mavis, o que...

— Shhh! Faça apenas o que lhe digo, Thomas. Dê-me esse lenço vermelho amarrado em torno de seu pescoço.

Atônito, Thomas fez o que ela pediu. Mavis virou-se depressa para Hetty e Minna.

— Preciso de algo de vocês duas! Algo que tenha seu cheiro. Em silêncio, Minna entregou seu xale. Hetty desfez a faixa da cintura.

— Por Deus, menina, você pode ficar como isso, mas eu não vejo o...

— Escutem — Mavis sussurrou. — Caminhem pela água, pelo riacho abaixo, vocês três. Desse modo, os cães perderão seu rastro. Eu carregarei comigo as roupas de vocês e tentarei afastá-los.

Thomas meneou a cabeça.

— Senhorita Mavis, não podemos permitir que faça isso.

— Vão logo! — disse Mavis com tal autoridade que ela mesma se surpreendeu. — Eu vou dar a volta e tentarei encontrá-los perto da canoa, mas se você não me vir lá, pense em Hetty e Minna. Leve-as e atravessem o rio!

Virou-se depressa e correu em direção às árvores sem dar chance a Thomas de chamá-la de volta e tentar argumentar. Havia mentido a seus amigos. Não havia a menor possibilidade de ela alcançar o barco; o risco de ser rastreada era grande demais. Ela teria de atrair a matilha para a direção oposta.

Atrás dela agora, podia ouvir Thomas, Minna e Hetty caminhando em direção ao riacho. Parou apenas um instante para amarrar o lenço de Thomas e a faixa de Hetty em torno dos pés, para deixar o cheiro por onde passasse. Então, enrolando o xale de Minna em torno do pulso, caminhou na direção da lua, oposta ao rio.

No princípio, ela deixara um rastro que até mesmo uma criança poderia seguir. Quebrava galhos dos arbustos, chutava as camadas de folhas do solo, até mesmo arrancara fiapos do xale de Minna pendurando-os em galhos secos. Quando era possível, corria depressa para aumentar a distância entre ela e seus amigos.

Parou para descansar em uma clareira no alto, uma dor forte do lado. Ali, pela primeira vez, ela possuía uma vista panorâmica e via o que estava acontecendo.

A distância, o rio parecia uma corrente de prata sob o luar. E bem ao longe, na direção que ela viera, brilhavam as luzes longínquas de Fairhaven.

Uma brisa surgia do sul. Mavis sentia seu frescor no corpo empapado de suor. Deixou que ela afastasse seus cabelos do rosto afogueado enquanto perscrutava o bosque abaixo.

Do riacho, podia escutar os cães de caça. Seus ganidos confusos diziam-lhe que estavam se aproximando do local onde seus amigos haviam entrado na água. Nesse momento, perderam o rastro. Mavis prendeu a respiração, agoniada. Com certeza, os cães não saberiam seguir Thomas, Minna e Hetty pelo riacho. Com certeza, farejariam a pista mais fácil, aquela que ela preparara para eles.

Aguardou enquanto a matilha gania e latia em meio à confusão. Jake Sloan soltou uma imprecisão e um cão ganiu alto como se tivesse sido chutado com força. Passavam-se os segundos. Então, por fim, um dos animais emitiu um uivo. Os demais fizeram coro com ele. Havia reencontrado a pista.

Mavis aguardou apenas um momento antes de empreender a fuga, mergulhando no meio das árvores para baixo do outro lado da colina, correndo com todas suas forças. Atrás dela, podia escutar o som da matilha empreendendo a longa subida.

Seu truque dera resultado. Era atrás dela que eles estavam agora.

CAPÍTULO XVII

Agora Mavis corria desesperadamente pela própria liberdade, e estava perdendo. Sentia forte dores no corpo. Sua saia e combinação rasgadas caíam-lhe sobre as pernas arranhadas. Perdera os sapatos ao atravessar um lodaçal.

Experimentara todos os truques desesperados que conhecia. Primeiro, pendurara o lenço, a faixa e o xale em uma árvore na esperança de que os cães se distraíssem com a pista. Mas a matilha não demorou mais de um minuto até reencontrar o rastro.

Depois, tentara retornar pela própria trilha para então escapular pelos arbustos e seguir outra direção. Mas a tática confundiu-os apenas por alguns segundos.

Deparava-se nesse momento com um outro riacho, esse sobre um leito muito raso. Mavis saltou pela margem pedregosa e entrou na água fria que mal cobria seus tornozelos. Guaxinins e raposas costumavam usar desse subterfúgio para escapar de predadores. Anteriormente, dera resultado para seus amigos. Agora teria de funcionar para ela. Caminhava rio acima, lutando para equilibrar-se no fundo lodoso e escorregadio.

De algum lugar atrás de si, podia escutar os ladridos ecoando nas águas do riacho, acercando-se perigosamente. Pelo tom alvoroçado dos ganidos, podia dizer que seguiam a trilha sem hesitação.

Ergueu as saias bem alto, arrastando-se o mais depressa que podia rio acima pelas águas geladas.

O vento afastava seus cabelos do rosto. Sim, conduziria seu odor bem na direção dos cães. Com uma brisa tão forte, nem precisariam seguir qualquer rastro.

Tropeçou ao escorregar em uma pedra coberta de musgo. Seu corpo se retesou todo no esforço de não cair. Isso não daria certo. Não enganara os cães que cada vez se aproximavam mais. Precisava agora de velocidade. Sua única e remota esperança residia em colocar distância entre si e os cães e a fera humana que os seguia. Caminhando pela água, não fazia mais que perder tempo precioso.

O leito tornou-se mais profundo. Agarrou-se à terra enquanto se forçava a subir o íngreme barranco que ladeava o riacho. No topo, parou, o corpo doendo e os longos cabelos negros esvoaçando ao vento. Bem ao alto, a lua

fria e amarelada iluminava-a sem compaixão.

Os cães corriam depressa agora, seguindo o curso do riacho na direção que ela havia tomado. Podia imaginá-los forçando as guias, os músculos tensos e as línguas pendendo entre as presas. Mavis não temia os cães. Eles a conheciam e não lhe fariam mal. No entanto, enchia-se de pavor ao pensar no que Jake Sloan faria com ela assim que a alcançasse.

Mas não podia entrar em pânico. Por enquanto, estava em liberdade. Antes de permitir que seus perseguidores a alcançassem, ela lhes daria muito trabalho!

Com fortes dores, respirou profundamente. Então afastou-se do rio e mergulhou entre os arbustos densos. Mal dera três passos quando sentiu finas agulhadas dolorosas, penetrando em sua pele.

Amoreiras silvestres! Ela caíra em meio a uma enorme quantidade delas, emaranhando-se toda nos arbustos espinhosos.

Esforçando-se para controlar a dor, Mavis tentou se desvencilhar, mas seus movimentos apenas fizeram com que os espinhos penetrassem mais profundamente na pele. Filetes de sangue começaram a escorrer por seus braços. Os espinhos agarravam-se às suas roupas e embaraçavam-se em seus cabelos soltos. Estava presa, como em uma armadilha.

O tempo parou enquanto ela esperava, o corpo imobilizado entre os arbustos. Os latidos excitados dos cães ecoavam pelo leito do rio, impedindo-a de raciocinar. Apenas por um instante, enquanto a matilha espalhava-se subindo o barranco, Mavis se permitiu murmurar sua última palavra como mulher livre.

— James...

Então, no momento seguinte, os cães já a rodearam, ganindo de júbilo enquanto os homens que os seguravam pelas guias observavam-na em silêncio triste e impassível. A matilha a encontrara. O jogo havia terminado e eles haviam vencido. O cão de caça que ela cuidara enfiou o focinho por entre os espinhos e lambeu sua mão. Uma única lágrima escorria por seu rosto.

Ainda tentava se desvencilhar das amoreiras quando escutou os passos de Jake Sloan subindo o barranco atrás dos demais. Não parava de amaldiçoar.

— Malditos estúpidos, todos eles! Os negros e a garota também. Pois bem, vou dar um jeito neles agora. Qualquer um que se meta com Jake Sloan vai desejar jamais ter nascido!

Pedregulhos rolavam enquanto Sloan subia o barranco, carregando seu mosquete. Seu rosto, golpeado por Thomas, estava ensangüentado e inchado.

Um trapo sujo cobria seu queixo quebrado. Assim que a viu, seus olhos se estreitaram.

— Apenas um? — rugiu ele. — Onde estão os outros? Mavis enfrentou seu olhar em silêncio.

Ele encostou o mosquete ao pé de uma árvore e deu um passo na direção dela.

— Onde estão os outros, sua maldita! Onde está aquele negro bastardo, Thomas, e as mulheres? É melhor falar bem depressa, menina ou não vai parecer tão bonita quando eu acabar com você.

Mavis engoliu em seco quando seus olhos encontraram os dele. Manteve os lábios cerrados, desafiante. Os quatro escravos que seguravam os cães recuaram alguns passos escondendo-se nas sombras. Quantas cenas semelhantes a essa teriam presenciado? Quantas vezes teriam visto sua própria gente ser acuada, agarrada e açoitada?

Sloan deu uma cusparada no chão.

— Então não vai falar, não é? Bem, isso não tem importância pois vou desfrutar de cada instante do que vou fazer agora com você, menina. — Moveu-se na direção dela. — Depois disso, vai falar. Vai implorar...

Ele atirou-se sobre ela, mas não conseguiu agarrá-la. Mavis encolheu-se entre as amoreiras, gemendo de dor ao permitir que os espinhos se enterrassem em sua carne.

Ele agarrou-lhe o pulso e ergueu a outra mão para esbofeteá-la.

— Vou lhe mostrar o que...

Nunca teve a chance de terminar a frase. O cão, o mesmo que Mavis havia salvo, livrou-se da correia que o mantinha preso e saltou colocando-se entre ela e Sloan, rosnando ameaçadoramente, os pêlos eriçados. Quando Sloan hesitou, o cão arreganhou os dentes e saltou em sua garganta.

Jake Sloan assustou-se e pulou para trás. Os dentes do cão apenas arranharam seu braço, mas de repente percebeu que estava bem na beirada do barranco. Não havia nada atrás de si, a não ser o leito pedregoso do riacho. Oscilou desesperado, os olhos revirando, os braços agitando-se como as pás de um moinho. Então, tão lentamente que parecia estar executando uma estranha dança, inclinou-se para trás no vazio e desapareceu. Mavis escutou o baque do corpo nas pedras. Depois, nada mais, exceto o ganido baixo dos cães, o burburinho das águas e da brisa.

O silêncio pareceu arrastar-se agonizante por alguns instantes, até que por fim um dos escravos dirigiu-se à beirada do barranco e olhou para baixo. Voltou meneando a cabeça.

— Está morto. Parece que quebrou o pescoço. Venham, vamos trazê-lo para cima.

Dois dos homens acompanharam-no e outros dois permaneceram com Mavis, um deles controlando os cães enquanto o outro, com estranha gentileza, começou a soltar os galhos das amoreiras, um por um.

— Por favor — implorou ela enquanto ele removia os espinhos que lhe prendiam os cabelos. — Deixe-me ir. Não precisa contar a ninguém...

— Não posso fazer isso, senhorita Mavis. — Seu rosto era impassível como uma máscara de pedra. — A senhora Célia disse que se não a trouxéssemos de volta à casa, ela nos faria açoitar com vontade.

Mavis suspirou. Não ia adiantar argumentar sobre quem empunharia o chicote, agora que Sloan se fora. De algum modo, seria feito; disso esses homens não tinham a menor dúvida.

Ela já estava livre dos espinhos quando os dois outros homens retornaram, arrastando o corpo de Jake Sloan. Só pararam para descansar depois de alcançaram a margem alta. Atiraram sem cerimônia o corpo de Sloan quase aos pés de Mavis. Ele ficou jogado ali, a cabeça grotescamente virada para o lado.

Mesmo morto, sua proximidade enchia-a de pavor. Ela tentou não olhar, mas havia algo no corpo inerte que atraiu sua atenção. Deu um gemido abafado ao perceber do que se tratava.

Enquanto os homens o arrastavam, a camisa havia se soltado do cós da calça e erguera-se revelando as costas nuas. Inúmeras cicatrizes cobriam toda a superfície das costas e dos ombros.

Fitando-o, Mavis de súbito deu-se conta da amarga realidade. Aquelas cicatrizes esbranquiçadas eram bem antigas, mas não havia engano quanto às suas origens. Somente um açoite violento, aplicado viciosamente, e inúmeras vezes, teria deixado essas marcas.

Retornaram em silêncio para Fairhaven. Dois dos escravos carregavam o corpo de Sloan, amarrado a um galho de árvore. Os outros guiavam os cães, sendo que um deles carregava no ombro o mosquete de Sloan.

No meio do grupo, Mavis arrastava-se, aniquilada. Sentia-se tão exausta e vencida que nem ao menos conseguia especular sobre o que aconteceria quando chegasse a Fairhaven. Célia se vingaria, não restava a menor dúvida. Mas ao menos Mavis não sofreria a punição nas mãos de Jake Sloan.

Pensou sobre as cicatrizes na costas de Sloan. Recordava-se que certa vez ele mencionara ter vindo para a América com um contrato de servidão para trabalhar com o pai de Célia.

O legado do chicote, sim, era isso mesmo. O legado fora passado do senhor para o criado. E distorcera a vida daqueles que, de algum modo, haviam-no tocado.

As luzes de Fairhaven brilhavam como estrelas longínquas enquanto o pequeno grupo atravessava os campos de tabaco. Depois dessa noite, seria outro lugar. Hetty, Minna e Thomas haviam partido. Jake Sloan se fora para sempre. E Célia se mostraria mais amarga e vingativa do que nunca.

Mas ao menos seus amigos haviam conseguido fugir. Já deveriam ter alcançado a outra margem do rio. Estariam a salvo se continuassem seu caminho pelos bosques. E, acontecesse o que acontecesse, Jake Sloan jamais infernaria a vida deles outra vez.

A lua ressurgiu detrás das nuvens enquanto Mavis e os outros cruzavam os campos, em direção à casa e ao pátio. Mavis estava completamente exausta e ansiava pelo calor de sua cama. Que o amanhã viesse, contanto que pudesse dormir uma noite inteira.

— Olhem! — a voz de um dos escravos alertou-os.

Havia um grupo de pessoas do lado de uma carruagem estranhamente fechada, parada bem em frente à porta principal. Por um instante, o coração de Mavis deu um salto. Mas não. A figura robusta que aguardava no terraço ao lado de Célia era um homem que ela nunca havia visto antes.

— Quem é ele? — sussurrou Mavis.

— O xerife — o escravo respondeu. — E essa é a carruagem que costumam usar para transportar prisioneiros. Acho que vieram buscá-la, senhorita Mavis.

A lua cheia que há três noites afugentava a escuridão não mais iluminava os caminhos escuros que James percorria sozinho. Impaciente e desesperado, vagava pela noite como um lobo solitário até o final da rua Duke of Gloucester e mais além, onde o terreno limpo encontrava-se com os bosques escuros.

Não havia qualquer possibilidade de ajuda nesse lugar. Nem para Mavis nem para ele próprio. Havia jurado que não deixaria Williamsburg até encontrar um modo de libertá-la. Mas já haviam se passado muitas semanas e nada conseguira. Batera em todas as portas, exaurira todos os meios.

E essa noite não fora capaz de encarar as paredes vazias de seu quarto. Praguejava em silêncio e chutava pedras em seu caminho. Que inferno, ele era homem de ação, e não um maldito burocrata! Deveria ter invadido

Fairhaven armado de pistolas, carregado Mavis à força, sem se importar com as conseqüências. Ao menos estariam juntos agora. Em vez disso, tentara seguir o caminho legal, e falhara com ela mais uma vez. Cansado de tudo, tinha o coração destruído.

As árvores, destacando sua silhueta negra contra o luar, pareciam elevar-se aos céus. De algum lugar da escuridão, James pôde ouvir o uivo melancólico de um cão. Provavelmente não era muito seguro caminhar a essa hora tardia tão afastado da cidade. Poderia haver todo o tipo de bandidos escondidos na escuridão, de tocaia, aguardando um idiota desarmado como ele. Mas por alguma razão, nem isso parecia lhe importar nessa noite.

Talvez fosse a visita de Saul Redding que o abatera tanto. Redding havia retornado da Inglaterra, trazendo o *Pégasos* até Leedstown com mais uma leva de contratados. Não encontrando James em casa, cavalgara até Williamsburg em busca dele.

Redding trouxera consigo uma proposta por escrito de uma companhia inglesa de transportes marítimos para comprar o *Pégasos* em condições mais que satisfatórias. A proposta necessitava apenas da assinatura de James para transformar-se em contrato legal. Com aquilo, desapareceria seu último elo com o mar.

Fazia todo o sentido do mundo vender aquele navio, James repetia a si mesmo pela centésima vez. A compra da fazenda e a construção da casa haviam consumido grande parte de sua fortuna. O dinheiro da venda do *Pégasos* lhe garantiria a manutenção das propriedades, ao menos até que a primeira colheita fosse vendida, dentro de um ano e meio.

Ainda assim, hesitava. Recordava-se da beleza da embarcação, do fino trabalho artesanal de sua construção, suas linhas esguias e do modo como navegava com o vento a popa. Recordava-se da forte sensação de liberdade que inundava-o quando caminhava pelo convés superior, gritando ordens ao timoneiro.

E recordava-se de Mavis em pé debruçada na amurada, os cabelos esvoaçando suavemente enquanto encantava o pássaro, fazendo-o comer em sua mão. Como ela o havia enfeitado naquele dia, fazendo-o sentir-se livre e feliz!

Pássaros viajantes... Sim, foram palavras dela, mas penetraram fundo em seu ser. Que doce seria percorrer o mundo com Mavis a seu lado, livres, sem qualquer amarra, exceto um ao outro, sem qualquer mestre a não ser o amor. Seria realmente o paraíso na terra.

Mas era apenas um sonho. Precisava concentrar-se na cruel realidade:

Mavis era propriedade de uma mulher amarga e vingativa que faria qualquer coisa para mantê-los afastados. E até que ele encontrasse um modo de alterar essa situação, não tinha o direito de sonhar com amor e liberdade.

Já ia retornar à cidade quando ouviu um ruído nos arbustos atrás dele. Devagar, virou-se, a sensação de perigo acelerando sua pulsação. Estava desarmado, mas pelos céus, seus punhos dariam uma boa lição no ladrão que ousasse atacá-lo.

— Quem está aí? Mostre-se!

Seguiu-se um longo momento de silêncio. Então, uma figura robusta e alta surgiu das sombras.

— Capitão James! Graças a Deus! É o senhor mesmo!

— Thomas! — James suspirou de alívio. — O que está fazendo?

— Shhh! — O cocheiro robusto agarrou James e puxou-o para as sombras. — Vim aqui à sua procura. Estava rezando para que pudesse encontrá-lo sem precisar entrar na cidade.

— Você veio até aqui sozinho? — James fitava Thomas na escuridão.

As roupas do jovem estavam enlameadas e uma perna da calça rasgada. Seu rosto assombrado tinha expressão dos perseguidos, amedrontados, o que só podia significar uma coisa.

— Você fugiu, Thomas?

O rapaz virou o rosto e então assentiu.

— Eu, Minna e minha mãe.

— Se precisa de ajuda, farei o que eu puder.

— Não sou eu quem precisa de ajuda — disse ele, meneando a cabeça. — É a senhorita Mavis...

— Mavis! Onde está ela?

— Não estou certo, capitão. Mas aonde estiver, corre grande perigo. James sentiu o coração parar.

Ele prestou atenção, seu horror aumentando ao ouvir o relato de Thomas.

— E você não tem certeza se ela foi apanhada? — perguntou depois de haver escutado até não suportar mais.

— Quando a vi pela última vez, ela ainda estava correndo. Mas com os cães se aproximando, não há a mínima chance de ter escapado. É por isso que deixei Minna e minha mãe em um lugar seguro e vim aqui procurá-lo, capitão. A senhorita Mavis nos salvou. Alguém precisa ajudá-la agora!

Ajudá-la. James imaginou Mavis fugindo da matilha de cães, aterrorizada e sozinha. Imaginou-a à mercê de Jake Sloan, açoitada, ou pior

ainda. Estava doente de medo por ela.

— Há quantas noites isso aconteceu, Thomas?

— Há duas noites. Três, contando esta noite. Vim aqui o mais depressa que pude, mas caminhando todo o tempo e tendo que esconder as mulheres.

— Você é um bom homem — James remexeu nos bolsos e retirou uma moeda de ouro. — Pode precisar disso. Para onde estão indo agora?

— Território espanhol. Seremos livres ali, e se eu conseguir trabalho...

— É bastante arriscado... — James parou para refletir. — Você tem condições de chegar a Leedstown? Redding está lá com o *Pégasos*. Ele pode escondê-los a bordo até que o navio zarpe. Poderia deixá-los em alguma das ilhas. Eu tenho um amigo, um espanhol que vive em Santo Domingo. Ele cria cavalos de raça e ficaria muito satisfeito em ter você trabalhando com ele!

— O senhor Redding faria isso por nós?!

— Sim. Ele gosta de você, e você bem sabe. Além do mais, ele não tem qualquer simpatia pela escravidão.

Thomas ficou calado por um instante. James sabia que pesava os prós e contras, receando confiar a liberdade e a segurança dos seus nas mãos dos brancos.

— Vou pensar sobre isso — disse, já se afastando.

— Espere! — Impulsivamente, James entregou-lhe mais uma moeda de ouro. — Vá agora, e o mais depressa possível. Se não nos virmos mais...

Mas Thomas já havia desaparecido na escuridão.

James retornou depressa à cidade, seus pensamentos fervilhando na mente. Tinha de encontrar Mavis onde quer que estivesse. Precisava ajudá-la.

Não haveria tempo para recolher suas coisas ou tentar conseguir uma carruagem. Ele agarraria o mais necessário, tomaria o cavalo mais ligeiro que encontrasse e partiria em menos de uma hora. Se cavalgasse como um desvairado durante toda a noite, poderia estar na balsa pela manhã. De lá seria uma distância curta até Fairhaven.

Não era homem religioso, mas começou a rezar para encontrá-la antes que fosse tarde demais. A punição para criados fugitivos era horrível e duradoura. Custasse o que custasse, precisava salvá-la.

As luzes da cidade brilhavam na noite. James caminhava rápido, mas logo disparou em desabalada carreira. Tinha de encontrar Mavis. Dessa vez não poderia falhar.

A cela nos porões da sede do condado de Lancaster era fria e pequena. Suas paredes estavam recobertas de musgo formado pelos filetes de água escorrendo por entre as pedras. Tinha uma minúscula janela engradada, uma

lata para as necessidades e um colchão mofado feito de palha de milho. Grilos gritavam nos cantos úmidos onde a luz não alcançava.

Quase amanhecia. Mavis estava encolhida sobre o colchão, os braços retesados em torno dos joelhos para esquentar o corpo. Apenas seus olhos se moviam, explorando metodicamente a escuridão que a envolvia. Acompanhavam o contorno esmaecido das vigas do teto. Seguiam cada minúsculo raio de luz acinzentada que passava pelas barras de ferro da janela.

Durante os dois dias e as três noites que permanecera ali, não vira ninguém exceto o carcereiro meio aparvalhado que lhe trazia as refeições e esvaziava a lata de necessidades. Mesmo Célia se abstera de vir. Mavis passava o dia inteiro com os olhos fixos na luz da minúscula janela, olhando e pensando.

Não que tivesse muito em que pensar. Sabia o que os próximos dias trariam pois, a caminho da prisão, o xerife lhe havia explicado.

Cedo ou tarde, haveria um processo sumário, cujo resultado não traria surpresas. As autoridades da Virgínia não tinham qualquer simpatia por criados que empreendiam fuga. A lei era clara e a punição severa: açoitamento em praça pública e meses, até mesmo anos, somados ao contrato de servidão. E a marca com ferro em brasa... Sim, essa era a pior parte de tudo. Marcas de açoite cicatrizavam. Contratos de servidão chegariam ao termo. Mas o sinal de ignomínia... Mavis passou a mão na pele suave de seu rosto e estremeceu de terror. Ela já havia visto essa marca, um grande F de fugitivo, na face de uma criada que aparecera certa vez em Fairhaven, acompanhando sua ama. A garota seria bem bonita, não fosse a horrível cicatriz vermelha que lhe repuxava todo o lado esquerdo do rosto, desfigurando-a.

Recordava-se de lorde Dunsmore e da horrível queimadura provocada por ela com o chá fervendo. Agora, por ironia, pagaria na mesma moeda. Assim que o ferro em brasa queimasse sua carne, carregaria a marca até o túmulo. Nenhum homem olharia mais para ela. Nem mesmo James.

James... Ela tentava afastá-lo de seus pensamentos. Se ele tivesse ou não sido honesto com ela, não fazia mais diferença. Era tarde demais para eles agora.

Como teria chegado ela a essa situação? Sempre procurara se comportar honradamente, fazer as escolhas certas. E apenas por uma vez o destino... Mas não! Não poderia culpar o destino pelo que acontecera. Podia apenas culpar a si mesma. Não se importara com o fato de James estar

comprometido com outra mulher. Ela o amara com loucura, com uma paixão que ignorava a diferença entre certo e errado. Agora deveria pagar o preço de sua loucura, aquele doce e abençoada loucura.

As lembranças surgiam e desapareciam como ondas em uma praia. Sentiu o burburinho suave da água quando ele a abraçara na lagoa secreta. Sentiu o calor do sol na pele e a doçura da boca de James.

Pouco a pouco foi mergulhando nas lembranças. Elas seriam seu tesouro secreto. E quanto a arrependimentos... Não, não tinha nenhum. Fossem quais fossem as conseqüências, jamais se arrependeria de ter amado James.

Os sons da manhã despertaram-na de seus devaneios. Podia ouvir o ranger de uma carroça de alguma fazenda passar pela rua esburacada e o distante cantar de um galo. Que lhe traria o novo dia? Seria ela julgada, açoitada e marcada a ferro antes do pôr do sol? Ou o dia seria exatamente igual ao anterior, ou ao que precedeu o anterior — longo, tedioso e cheio de enlouquecedora incerteza?

O carcereiro trouxe-lhe o café da manhã, um mingau frio e grudento e um pedaço de pão amanhecido. Mavis comeu tudo. Talvez fosse sua única refeição até a hora do jantar. Então usou um pouco da água que ele trouxera para lavar-se e penteou os cabelos com os dedos. Depois disso, não tinha mais nada a fazer. Voltou a sentar-se no colchão, desanimada.

James surgiu a galope na entrada de Fairhaven. Em frente à casa, saltou da montaria exausta e subiu correndo os degraus.

Foi a própria Célia quem lhe abriu a porta. Vestia um roupão de brocado vermelho masculino, parecendo desmazelada e aborrecida, como se tivesse acabado de despertar. Seus cabelos desgrehados caíam-lhe pelos ombros.

— Mavis — disse James, autoritário. — Onde ela está?

Célia encarou-o, as mãos prendendo a faixa do roupão forte em torno da cintura. Então, surpreendentemente, atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Vamos entrar, James. Faz tanto tempo. Precisamos tomar um chá e conversar sobre os velhos tempos.

Quando ela se inclinou na direção dele, pôde sentir o cheiro forte de licor de pêssego em seu hálito.

— Sem jogos, Célia. Eu quero vê-la. Agora.

— Pois bem! — Ela fez uma reverência zombeteira. — Entre e sente-se, James. Depois veremos o que vai acontecer.

Contrariado, James seguiu-lhe os passos incertos até a sala. Essa era uma face de Célia que ele não conhecia. Teria ela decaído tanto após a noite do baile? Ou era simplesmente uma faceta que havia escondido muito bem?

— Mavis está aqui? Ela está bem?

— Sente-se, James. Vamos conversar.

Ela jogou para o lado o bordado que estava sobre a poltrona. A sala, que antes Minna conservava escrupulosamente limpa, estava abarrotada de objetos: chinelos sobre o tapete, um guarda-sol aberto sobre o sofá e uma boa quantidade de copos de vinho sujos sobre mesas e móveis, alguns deles deixando círculos vermelhos sobre a madeira.

Célia fez um gesto amplo indicando a sala.

— Sinto muito sobre o aspecto desse lugar. É muito difícil treinar novos criados sem a ajuda de Jake. Ele sempre soube como lidar com os escravos. Aceita um licor?

James fez que não enquanto se sentava e a observava deixar-se cair sobre o sofá.

— Jake foi embora?

— Você não sabia? — Havia uma nota de desespero na risada de Célia. — Quebrou o pescoço caindo de um barranco sobre o leito de um riacho. Quando aconteceu, estava perseguindo aquela sua pequena vagabunda de cabelos negros. Se os escravos não houvessem presenciado a queda, ela estaria na prisão não só sob acusação de fuga e cooperação na fuga de outros escravos, como também por homicídio.

— Presa!

— Do jeito como as coisas caminham, ela não sairá dessa facilmente. Você conhece as leis, James.

— Então ela não está aqui... — James moveu-se na cadeira, lutando contra o impulso de pôr-se de pé e sair correndo. Ele precisava conseguir o maior número de informações possível.

— É isso mesmo. Ela não está aqui. Está apodrecendo na prisão de Lancaster. — Célia puxou uma mecha de cabelo para trás. — Você chegou bem a tempo, James. O julgamento está marcado para amanhã à tarde. Você não vai querer perdê-lo, não é? Vai assistir à punição na praça, também. — Ela sorriu preguiçosamente. — Aquele sujeito grandalhão meio aparvalhado que trabalha como carnicheiro... é um verdadeiro artista com o chicote e com marcação de ferro em brasa. Eu lhe dei alguns trocados para que faça um bom trabalho. James foi invadido por um medo frio e exasperante.

— Pelo amor de Deus, Célia, o que vai ganhar com a ruína da garota?

Em nome de tudo o que é decente, retire as acusações!

Ela riu, sacudindo os cabelos dourados.

— Você gostaria disso, não? Vamos ver o quanto você gostaria. Vamos ver você implorar, James Forrester!

— Maldição, Célia, o que você quer?

Ela debruçou-se até que seu roupão se entreabrisse. Antes de desviar os olhos, James percebeu que ela nada usava por baixo.

— Sua alma, talvez — sibilou ela suavemente. — Ou ao menos seu nome. Iria tão longe para salvar a pequena vadia?

— Você se casaria com um homem a quem você só inspira pena e desprezo? — retrucou ele, com raiva incontida.

— Para ser a senhora da casa mais grandiosa de seis condados e dona de terras de primeira qualidade para viver como uma rainha para o resto de meus dias? — Célia se serviu de licor em um copo sujo e tomou-o de um só gole. — Ora, eu me casaria com o próprio demônio!

Ela ergueu-se e caminhou até ele. Devagar, deliberadamente, soltou o cinto do roupão até que se abrisse completamente.

— Não seria tão terrível assim, James. Haveriam... compensações, você sabe.

James virou o rosto.

— Célia, numa hora como esta...

Ela riu, afastou-se dele e prendeu de novo o cinto do roupão.

— Pois então, muito bem. Mas talvez você mude de idéia ao vê-la amarrada no poste, as costas desnudas. Alguma vez viu uma mulher ser açoitada, James? Eu já. Não é uma cena muito agradável. Os gritos... gelam o sangue de maneira deliciosa...

— Pare com isso! Primeiro teremos o julgamento. E vou lutar contra você! Vou lutar contra você com tudo o que tenho!

Célia atirou a cabeleira para trás.

— Ora, que ingênuo você é! Não vai ter uma chance! Há testemunhas de tudo o que aquela vagabunda fez! E o juiz Lee era um dos melhores amigos de meu falecido marido. Poupe seus esforços, James!

— Poupe seu tempo e dinheiro! Não vão ajudá-lo em nada! — Riu mais uma vez, uma risada histérica que terminou em um soluço.

Para James, fora o bastante. Ergueu-se e atravessou a sala em direção à porta. No umbral, parou e voltou-se para ela.

— Tenho pena de você, Célia.

— Quero vê-lo rastejar — disse ela. — Quero vê-lo de joelhos diante de

mim, James Forrester! E o verei!

Ele deu-lhe as costas sem mais uma palavra e saiu. Enquanto montava seu cavalo, podia ainda escutar a risada doentia ecoando em seus ouvidos.

CAPÍTULO XVIII

Lancaster não era o que se poderia chamar de cidade. Não passava de um lugarejo no cruzamento de estradas, um local onde as pessoas se reuniam para eventos públicos, julgamentos, eleições, enforcamentos e, vez por outra, uma corrida de cavalos. A construção sólida onde se localizava a sede do condado dava para frente de uma pequena praça que dispunha de um tronco, um pelourinho e um poste manchado de sangue, utilizado para os açoites. Um velho plátano com os galhos retorcidos fornecia alguma sombra e, quando necessário, fazia as vezes de cadafalso. Do outro lado, encontravam-se a taverna e a hospedaria.

Quando James chegou já era manhã alta. Cavalgara em desabalada carreira desde Fairhaven, ansioso por encontrar-se com Mavis. Agora, atravessando a praça a trote, o desespero crescia. Desde a última vez que estivera com Mavis, ela havia enfrentado os mais atrozes infortúnios, talvez até mesmo sem saber onde ele se encontrava. Seria agora a mesma Mavis, adorável, vibrante e cheia de vida que ele conhecera? Ou a encontraria magoada e abatida?

Tentou afastar esse pensamento enquanto entregava seu cavalo exausto ao cavaleiro. Ele a amava, era tudo o que importava. Com seu amor, ele a protegeria e a curaria de todos os males que lhe haviam causado.

Correu pela praça em direção à sede do condado.

Não era dia de audiência. Não havia ninguém no andar principal, exceto o carcereiro, um homem horrível, de pescoço grosso, cuja língua fora cortada por piratas há muitos anos. Por alguns xelins, ele conduziu James para o porão onde ficavam as celas.

James seguiu-o pelas escadas escorregadias, tentando não notar a força brutal dos ombros do sujeito grandalhão, nem lembrar-se do que Célia lhe dissera que ele faria. Tinha de ajudar Mavis. Nada mais importava.

Das paredes emanava um odor de sujeira e umidade. Quantas pessoas teriam adoecido e morrido ali, antes mesmo de enfrentar um julgamento? Como teria Mavis, com sua paixão por lugares abertos e limpos, sobrevivido a um lugar como esse? A determinação de conseguir-lhe a liberdade consumia-o como fogo. O coração disparava enquanto o carcereiro conduzia-o por um corredor escuro, parando diante de uma porta sem janela, igual às

demais. As chaves tilintavam na fechadura. As dobradiças rangeram quando a porta se abriu.

No princípio, James nada pôde ver, exceto as sombras sob a minúscula janela com grades. Então, lentamente, seus olhos conseguiram divisar uma forma encolhida contra a parede, uma saia rasgada e amarfanhada, cabelos negros emaranhados. Seu coração se confrangeu.

— Mavis... — murmurou, a voz embargada de emoção. Escutou algum movimento. O colchão rangeu quando ela se sentou.

— James!

Ela estava meio encolhida na beirada no colchão, os olhos enormes de medo destacando-se no rosto pálido.

— Deixe-nos! — ordenou ao carcereiro.

O homem recuou, cerrando a porta atrás de si e passando a chave. Ele e Mavis estavam a sós.

Deu um passo na direção dela, que não se moveu, amedrontada. Deus, o que ela havia passado? O que poderia estar pensando?

— Está tudo bem, amor — disse ele, suavemente. — Estou aqui agora. Nunca mais vou deixá-la.

Ela hesitou, os lábios trêmulos. Então, de repente, era como se houvesse se transformado em luz e movimento. Correu pela cela e atirou-se em seus braços.

— Mavis, meu amor... meu doce, doce amor. — James abraçou-a com desespero, a boca roçando-lhe os cabelos, a testa, as pálpebras trêmulas e úmidas.

— Oh, James... — Ela lutava contra os soluços. — Eu pensei... estava com tanto medo...

— Shhh. Vou tirar você dessa situação, e quando tudo terminar, jamais terá que sentir medo outra vez.

Ela ergueu os olhos. Seu rosto, apesar de magro, abatido e ligeiramente machucado, era mais lindo ainda do que ele se recordava.

— Célia disse que você havia implorado seu perdão... Até me obrigou a trabalhar no vestido de noiva.

James sentiu o desespero crescer dentro do peito. O rancor de Célia era bem maior do que ele rezeira.

— Então você não recebeu minha carta...

— Sua carta? Então era mesmo para mim!

— Eu a mandei com o velho Juba. Nela eu lhe contava que estava de partida para Williamsburg, a fim de encontrar uma maneira legal de libertar

você. Eu falhei, amor. Não encontrei nenhuma solução para nosso caso. E agora eu a coloquei em terrível perigo. Ela estremeceu e tentou se afastar.

— O xerife disse que serei açoitada e marcada a ferro, James, eu... Não posso esperar que olhe para mim... depois.

— Pare com isso! — Puxou-a com força contra o peito, rodeando-a com os braços. — Ninguém vai tocar em você, Mavis. Que Deus seja testemunha!

— Não deve jurar quando não há nada que possa fazer! Eu... — Ela desviou os olhos. — Não posso mais viver de promessas, James. Preciso enfrentar a realidade, por mais feia e cruel que ela possa ser.

Suas palavras atingiram-no como um punhal no coração. Quantas vezes ele havia falhado? Quantas vezes se ausentara nos momentos em ela mais precisara dele? Quantas vezes permitira que a magoassem?

Tomou-lhe o rosto entre as mãos e puxou-a mais uma vez para si.

— Confie em mim, Mavis — sussurrou ele, a voz embargada. — Custe o que custar, minha fortuna, minha liberdade, minha própria vida... eu vou salvá-la desse horror. Juro por tudo o que é sagrado!

Os olhos revelavam a luta íntima entre a fé e o descrédito.

— Quando será o julgamento?

— Amanhã à tarde. Pedirei a Fitzhugh que faça sua defesa...

— Não, Fitzhugh não. Quero que você me defenda, e ninguém mais. Você estudou direito...

James soltou um gemido.

— Mas meu amor, eu nunca pratiquei. E Robin Fitzhugh é um dos advogados mais respeitados da Virgínia.

— Mesmo assim, é você que eu quero. Você me conhece, James. Lutará por mim. Vou me sentir mais segura se for meu defensor.

Ele deixou escapar um suspiro e tomou-a nos braços.

— Que seja assim então — murmurou ele, cheio de receios. Abraçou-a com força. Através do tecido grosseiro sentia o contorno do corpo trêmulo. Deus, já fazia tanto tempo... E era tão bom estar junto dela, como atracar em um porto de águas calmas depois de uma tempestade.

Por um momento James entregou-se à paz maravilhosa de tê-la nos braços. Suavizou o abraço e acompanhou o ritmo da respiração dela. Até mesmo seus corações pareciam bater em uníssono. Eles se completavam, ele e essa mulher delicada e terna. Custasse o que custasse, jamais se separaria dela novamente.

Lentamente, James sentia o desejo tomar conta de seu corpo, o súbito calor, a conhecida sensação de tensão na virilha que logo se transformaria em

dor. Ah, naquela minúscula cela horrível, ele estava louco de desejo por ela!

Isso era loucura, tentava convencer-se sem conseguir se afastar.

— James — sussurrou ela. — Faça amor comigo.

— Aqui?

— Aqui. O carcereiro não voltará até que você o chame. E mesmo que volte, nós o escutaremos a tempo de...

James calou-a com um beijo profundo e desesperado. Palavras já não importavam. Eles estiveram separados por tanto tempo... e ele precisava dela. Céus, como precisava dela!

Nos estábulos, atrás da hospedaria, James conseguiu uma montaria descansada e retornou à estrada a galope. Nada lhe custara mais em toda sua vida do que partir deixando Mavis sozinha naquela cela miserável. No entanto, havia muito o que fazer antes do julgamento do dia seguinte. Em tempo tão escasso, precisava se preparar o melhor possível.

Planejara ir primeiro ao encontro de Fitzhugh. De lá, mandaria um mensageiro a Hanover para trazer Clive Hopwood e qualquer outra pessoa que tivesse conhecido Mavis a bordo do *Pégasos* e que pudesse testemunhar sobre seu caráter. Não que isso fosse o suficiente. Mavis era culpada de tudo o que a acusavam. Fugira da casa de sua ama e ao fazê-lo, ajudara três escravos a empreender a fuga também. Como seu defensor, caberia a ele tentar justificar seu procedimento. Suas chances de convencer um juiz de que ela tomara tal atitude forçada pelas circunstâncias eram mínimas. Especialmente quando o juiz era amigo de Célia.

Recordava-se da última visão do rosto de Mavis, o amor em seus olhos, a esperança nublada pela descrença. Sim, ela se preparava para o pior. Já se sentia condenada, via-se açoitada e marcada a ferro.

Mas ele não iria permitir que isso acontecesse.

Custasse o que custasse, no dia seguinte à noite Mavis seria uma mulher livre.

Custasse o que custasse...

Estremeceu ao pensar no quanto poderia lhe custar.

Mavis sentava-se ereta no banco dos réus da sala do tribunal, a cabeça altiva, os olhos sem se deter em ninguém. James lhe trouxera sapatos novos e

um vestido, simples mas bonito, de musselina verde clara que combinava com seus olhos. Os longos cabelos negros estavam presos em um coque discreto na nuca. Tentava não se encolher sob o escrutínio de tantos pares de olhos.

A sala do tribunal, como sempre, estava lotada. Dia de julgamento na Virgínia era ocasião festiva, com campeonato de lutas, lutas de galos na praça e cerveja à vontade na taverna. Dentro do tribunal, os espectadores desfrutavam de um dia inteiro de divertimento de graça, ouvindo o juiz sentenciar bêbados, ladrões, os que não respeitavam o dia do Senhor, servos rebeldes e indisciplinados. Se o réu fosse uma jovem bonita, melhor o espetáculo.

Hester Fealey sentara-se no banco das testemunhas. Ela surgira de repente, naquela manhã, ninguém sabia como, e oferecera-se para testemunhar. Agora, estava obviamente desfrutando bastante de seu papel.

O promotor ajeitou sua peruca e limpou a garganta.

— Está dizendo, senhora Fealey, que fez a travessia com a ré, a bordo do *Pégasos*?

— É isso mesmo — Hester lançou um olhar rancoroso na direção de Mavis. — Desde aquela época não sabia qual era seu lugar. De nariz empinado, desafiava os superiores sempre que podia, como se não soubesse que havia sido comprada e paga para...

— Isso é mentira! — Clive Hopwood saltou de sua cadeira. — Ora, a senhorita Mavis Whitney era um anjo de compaixão! Se ela não estivesse estado ali...

— Já chega! — O juiz Lee bateu com força seu pequeno malho. — O senhor já teve sua oportunidade de falar quando ocupou o banco das testemunhas, senhor Hopwood. Agradeceria se permanecesse calado, permitindo que a senhora Fealey termine seu depoimento.

Mavis suspirou. As coisas não iam bem. James esforçara-se muito, mas tinha muito pouco em mãos. E as provas, até o momento, estavam completamente contra ela. Cada vez que olhava para ele, podia sentir o desânimo aumentando.

— E não só se dava ares superiores! — prosseguia Hester Fealey. — Ora, do jeito que ela desfilava pelo convés como uma mulher da rua, os cabelos soltos para que todos os homens a olhassem...

— Excelência, objeção — dessa vez foi James que se pôs de pé. — Isso não tem nada a ver com...

— Sente-se, senhor Forrester! — O juiz fuzilou-o com o olhar sob sua

pesada peruca branca. — Tem tanto a ver com o caso quanto tudo o que o senhor me apresentou até agora.

James sentou-se, respirando fundo. Robin Fitzhugh, sentado a seu lado, segurou-lhe o braço, pedindo cautela. Sim, a coisa toda estava indo mal, refletia Mavis enquanto Hester continuava a despejar seu veneno. James lutava contra provas irrefutáveis. E agora, todos no recinto sabiam disso.

Logo, ao menos, a tortura teria fim. Aquilo que ela mais temia, o açoite, o ferro em brasa queimando seu rosto, teriam ficado para trás. Ela seguiria, então, com o que restasse de sua vida.

Uma vida triste, sem beleza e com muitos anos de servidão pela frente.

Enquanto Hester Fealey prosseguia seu infundável relato, Mavis deixou sua mente correr livremente. Estava de volta em sua cela, com James a seu lado. Acabaram de fazer amor e ele ainda a tinha entre os braços, seus olhos azuis mergulhados nos dela. “Eu te amo”, ela o ouviu dizer. Aconteça o que acontecer amanhã, precisa entender e acreditar...

Ela tentara entender, tentara acreditar. Mas sabia que nem mesmo James podia salvá-la. Era por isso que pedira que ele fizesse amor com ela. Queria estar ao lado dele pela última vez, sentindo, pela última vez, a força da paixão que os unia.

Agora, aquela última vez transformara-se em passado. Precisava ser forte para enfrentar os horrores dos anos terríveis e vazios que se alongariam a sua frente.

Seus olhos vagaram em direção ao carcereiro com seu pescoço de touro, que se sentava em uma cadeira no canto, os dedos brincando preguiçosamente com a barra do colete. Seria ele o executor da sentença. Seria sua mão que brandiria o chicote, que marcaria seu rosto com o ferro em brasa. Mavis tentara fazer amizade com ele, tentara sensibilizá-lo como havia feito com Nad, o cocheiro de lorde Dunsmore. Mas seus esforços haviam sido em vão. Ou o sujeito estava tão embebido em sua própria brutalidade que se tornara completamente insensível, ou então ela perdera o dom que antes possuíra, juntamente com sua inocência.

Respirou fundo, tentando relaxar os nervos.

— Senhora Célia Pomeroy ao banco de testemunhas.

A voz do promotor elevou-se sobre o murmúrio da multidão. Ouviu-se um farfalhar de seda quando Célia se ergueu de seu lugar e caminhou pelo corredor até o banco das testemunhas. Trajava-se com toda a elegância e estava impecavelmente penteada, o vestido em tecido adamascado cor de pêssego debruado em rendas, os cabelos presos em cima e caindo em um só

cacho dourado sobre um dos ombros. Na cabeça, portava um pequeno chapéu da mesma renda do vestido.

Mavis ergueu os olhos para o juiz enquanto Célia subia ao banco das testemunhas. Era um homem de certa idade, com um nariz feio e grande. Mas os olhos sob os óculos que devastavam o corpo de Célia estavam enevoados de desejo. O que teria ela lhe prometido? O que já teria ela concedido?

Célia fez o juramento e então ajeitou as saias com graça antes de fazer um sinal ao promotor para que desse início à inquirição.

— Senhora Pomeroy, tem alguma idéia do que teria motivado a ré a fugir de seus serviços?

Os olhos azuis de Célia estavam bem abertos e Inocentes como os de uma boneca.

— Ora, não tenho a menor idéia! Eu a alimento e visto muito bem e só Deus sabe, o trabalho era bem fácil. Mas trata-se de uma garota orgulhosa e ingrata. Apesar de tudo o que lhe dei, ela ainda se ressentia por receber ordens. Talvez — ela fitou de frente Mavis — , talvez essa experiência ensine a ela uma lição, para seu próprio bem, é claro.

Ela ronronava suas respostas durante toda a inquirição, a expressão do rosto imutável. Só quando o promotor terminou e James ergueu-se para assumir seu lugar seu rosto se ensombreceu por um instante. Ela o fitou com um meio sorriso, sem na verdade encará-lo.

— Senhora Pomeroy — começou James, suavemente — , a senhora tinha um administrador, um homem chamado Jake Sloan...

— Ele está morto. O senhor ouviu o testemunho dos escravos que estavam com ele. Aquela garota infeliz e ingrata...

— Não é verdade — interrompeu James sem levantar a voz — , que ao senhor Sloan tinha permissão de ter certas, vamos dizer, liberdades com as escravas de Fairhaven? E não é verdade que ele costumava tomar tais liberdades com maior freqüência com Minna, uma das escravas que fugiu?

— Oh, a moral dessas mulheres da África! Tenta-se ensiná-las a decência cristã, mas... — Ela deu de ombros, fazendo os franzidos de renda dançarem sobre seus ombros.

— A senhora não respondeu minha pergunta. Sloan estava abusando sexualmente de Minna. A senhora sabia o que estava acontecendo e nada fez para impedir.

— Realmente! — retrucou Célia. — Esse tipo de coisa acontece em quase todas as fazenda da Virgínia! Jake Sloan era um administrador muito capaz.

O que ele fazia em seu tempo livre não era da minha conta.

O juiz limpou a garganta.

— Sua linha de inquirição não leva a nada, senhor Forrester. Não é a senhora Pomeroy que está em julgamento aqui.

James assentiu para o juiz com um sinal de cabeça.

— Não é verdade então — prosseguiu ele — que no dia vinte e nove de junho a senhora deu ordens a Jake Sloan para punir a senhorita Whitney com açoitadas...

— Açoite? Absurdo! — retrucou Célia. — Se ela foi açoitada, foi por conta de Jake Sloan e eu não fui informada sobre o fato. De maneira alguma!

— Vinte chicotadas pelo que eu soube. E a surra deixou-a tão machucada que não pôde trabalhar durante dias.

— Vinte! Ora, isso é mentira. Foram apenas dez e ela retornou ao trabalho na manhã seguinte!

Um murmúrio cresceu pela multidão. Célia empalideceu ao perceber o que acabara de dizer. James voltou-se para o juiz.

— Entendo, Excelência, que o açoite de uma criada por contrato sem julgamento público é ilegal.

O juiz suspirou com impaciência.

— Uma pequena contravenção, senhor Forrester. Uma questão de uma pequena multa que a senhorita Pomeroy poderá pagar quando lhe for mais conveniente.

— E quanto aos demais abusos? — James continuou a pressionar. — E quanto a haver ordenado a Jake Sloan que trancasse a garota no celeiro por toda uma noite, sabendo que seu pavor de tais lugares a teria feito enlouquecer antes de a manhã chegar? E quanto ao que Sloan poderia ter feito com a garota, caso ela não fugisse?

— Absurdo! Ora, jamais ordenei... — Célia tocou os olhos com um lenço de renda.

— Não fez coisa alguma para impedir Sloan de abusar de Minna. Teria feito alguma coisa para impedir que fizesse o mesmo com Mavis?

— Já chega, senhor Forrester! — protestou o juiz. — O que está dizendo não passa de conjeturas. E veja, está aborrecendo a senhora Pomeroy. Ordeno que abandone essa linha de inquirição.

Mavis deu uma espiada no rosto de James quando ele se afastou do juiz. Viu a frustração ali, a raiva mal contida. Célia tinha o juiz na palma de sua mão. Nada do que James dissesse o faria mudar de idéia.

Mas James comovera a multidão. Os murmúrios eram mais altos e os

cochichos menos sutis.

— Sujeito sujo o tal de Sloan. Eu o conheci...

— É, pode imaginar o que ele faria com uma garota tão bonita quanto essa...

James voltara-se para Célia.

— Senhora Pomeroy, tenho comigo uma carta, escrita por seu próprio punho e dirigida ao conselheiro Robin Fitzhugh que está sentado ao meu lado nesse tribunal. — Retirou a carta do meio de seus papéis, mostrou-a a Célia e entregou-a ao juiz. — É a sua carta, não é?

— É claro que sim — Célia parecia bastante aborrecida.

— Poderia dizer a esse tribunal o que ela diz e por que a escreveu? Célia abriu um pequeno leque de seda que estava pendurado em um de seus pulsos. Abanava-o nervosamente enquanto falava.

— O conselheiro necessitava de uma criada para sua esposa. Ofereceu-se para comprar o contrato de Mavis. A carta contém minha recusa, isso é tudo. Investi grande quantidade de esforço no treinamento da garota e não tinha a menor intenção de vendê-la.

— A senhora disse ao conselheiro que o contrato não estava a venda por preço algum.

— Exatamente. — Célia espiou em direção ao juiz, abandonando o leque sob seus olhos. — Eu acreditava que no melhor interesse de Mavis ela deveria permanecer a meu serviço.

— Explique então a esse tribunal — a voz de James era fria como granito — , explique por que, então, menos de duas semanas mais tarde, a senhora ofereceu o contrato da garota a lorde Percy Dunsmore, um homem cuja péssima reputação de depravado espalhou-se em dois continentes!

O leque se fechou de um só golpe.

— Ora, eu nunca...

— Havia testemunhas, senhora. Devo chamá-las a depor? Célia fuzilou James com o olhar. Então, como se não conseguisse pensar em nada melhor, mergulhou o rosto entre as mãos e rompeu em soluços.

A multidão começou a murmurar. Mavis pôde escutar fragmentos dos comentários.

— Dunsmore. Já ouvi falar dele e o que fez com uma garota em Londres...

— Então foi por isso que Forrester duelou com ele. Qualquer idiota pode ver que ele ama essa garota!

— É, e o canalha do Dunsmore teve o que merecia...

— Está me parecendo que a tal Pomeroy não é tão doce e refinada quanto quer aparentar. E se essas forem lágrimas verdadeiras, eu então sou a rainha de Portugal...

O juiz Lee começou a bater o martelo furiosamente.

— Exijo ordem neste tribunal! E senhor Forrester, não quero ouvir mais ataques à senhora Pomeroy. Não é ela que está sendo julgada aqui!

James se retesou e depois controlou-se respirando profundamente. Por um momento seus olhos encontraram os de Mavis, cheios de dor, de desespero.

Ele dirigiu-se mais uma vez ao juiz.

— Só mais uma pergunta — disse em voz baixa. — Então terei terminado. Dou-lhe minha palavra.

O juiz encarou James sobre os óculos de aro de metal.

— Pergunte, então. Mas eu o previno, se sua pergunta representar mais um ataque ao bom nome da senhora Pomeroy...

— Não se preocupe. — James fitou Célia, seus olhos sombreados pela derrota.

Um silêncio pesado caiu no tribunal

— A pergunta tem duas partes — disse James. — Primeiro, senhora Pomeroy, a senhora tem o poder de retirar a acusação caso a ré seja considerada culpada, não é assim?

— É verdade — respondeu Célia friamente. — Mas está louco se pensa que o farei. Quero que ela pague. Quero ouvir o ruído do chicote nas costas dela. Quero ouvi-la gritar quando o ferro em brasa queimar seu rosto. E quero ver você humilhado enquanto assiste, James Forrester. Fui prejudicada por vocês dois. Mereço justiça e vou obtê-la!

James inspirou profundamente.

— Agora a segunda parte da minha pergunta...

— Já chega, senhor Forrester! — O juiz bateu o martelo na mesa. — O senhor disse uma pergunta. Já a fez e minha paciência já se esgotou! Quero que fique registrado que considero a ré, a senhorita Mavis Whitney, culpada das acusações! — O malho bateu mais uma vez enquanto o juiz virava o pescoço para fitar Mavis. — Levante-se e fique de frente para o juiz, senhorita Whitney.

Mavis levantou-se, tremendo. Ela se preparara para esse momento, mas agora que chegara, suas pernas mal conseguiam sustentá-la. Percebia vagamente o burburinho da multidão, James sendo agarrado e afastado à força por Fitzhugh.

— Senhorita Whitney — resmungou o juiz — , antes que eu pronuncie a sentença, tem algo a dizer a esse tribunal?

Mavis lutava contra o terror que a ameaçava.

— Apenas que não me arrependo de nada do que fiz — disse ela, a voz calma. — Aceito meu destino, pois agi de acordo com minha consciência.

— Então, eu a condeno a receber vinte chicotadas nas costas e uma marca sobre a face. Além disso, o termo de seu contrato de servidão será aumentado de cinco para dez anos. — Olhou para os funcionários do tribunal. — A punição deverá ser cumprida imediatamente. Levem-na para fora.

O burburinho da multidão transformou-se em bramido. Houveram gritos enquanto os funcionários conduziam Mavis para a porta. As pessoas moviam-se para frente. Seus movimentos tornaram-se uma névoa na cabeça de Mavis, o mundo inteiro parecia girar.

Então, tudo pareceu se despedaçar ao som do disparo de uma pistola.

O choque fez Mavis voltar a si. Viu James atrás da mesa do juiz, uma pistola em cada mão. A da esquerda, que disparara para o teto, ainda fumegava. A outra, estava engatilhada e pronta.

— Todos para trás! — disse ele. — Eu tenho uma pergunta a terminar e atirarei na primeira pessoa que tentar me impedir.

O tribunal estava silencioso como uma tumba. As pessoas começavam a voltar para suas cadeiras. Célia, ainda no banco das testemunhas, encolhera-se na cadeira, a mão na garganta. O juiz parecia furioso, mas nada disse.

— Tenho uma proposta a fazer para a senhora Pomeroy — disse James, com toda a calma. — Peço a paciência do tribunal por mais um momento.

— O senhor tem a arma, senhor Forrester — disse o juiz. James olhou diretamente para Célia.

— Eu falei com a senhora ontem de manhã — disse ele. — A senhora me disse que só havia uma única coisa que compraria seu perdão para Mavis Whitney. Recorda-se?

O rubor invadiu o rosto pálido de Célia, contudo ela não respondeu. Mavis, que mergulhara outra vez em sua cadeira, sentiu uma pontada de pânico ao perceber o que James estava para fazer.

— Não — sussurrou ela. — James, não... James a ignorou.

— Que memória curta, senhora Pomeroy! Ora, eu me lembro que a senhora disse que se casaria com o próprio demônio para ter o título de propriedade de minha casa e de minhas terras. A senhora também libertaria a senhorita Whitney para obter isso?

Célia estremeceu. O ódio no olhar que lançou a James poderia cortar aço, mas foi sua ambição que falou mais alto.

— Sim — murmurou. — Sabe o que eu disse.

Mavis observava, imobilizada pelo horror enquanto James inspirava profundamente. Ele jurara conseguir a liberdade dela. Mas não sabia a que preço.

— O demônio está disposto a ser generoso — disse James, caminhando na direção da mesa em que Robin Fitzhugh sentava-se em meio a diversos papéis. — O conselheiro tem em suas mãos a escritura assinada de transferência de minha casa e das terras que a rodeiam. À parte de um navio mercante, é toda a fortuna que possuo. — Interrompeu-se por um momento para colocar uma das armas sobre a mesa e recolher os papéis com a outra mão.

— Eu ofereço essas escrituras à senhora, senhora Pomeroy, em troca de seu perdão e do contrato de servidão de Mavis Whitney.

O silêncio pesava na sala. Célia emudecera.

— Sem casamento? — sussurrou ela.

— Sem casamento — respondeu James e Mavis sentiu seu coração transbordar de emoção. — O diabo pode aceitá-la, senhora, eu não. Assine os papéis transferindo o contrato de Mavis para mim e será a mulher mais rica de toda a Virgínia.

Célia encarou-o, os lábios apertados.

— Você a ama tanto assim?

— Sim. — James olhou na direção de Mavis. — Eu a amo tanto assim, e muito mais.

Célia deixou-se afundar na cadeira. Com toda sua beleza, parecia velha e cansada.

— Traga-me o contrato — disse ela. — E traga-me uma pena e tinteiro para assinar.

Foi Robin Fitzhugh que deu um passo à frente com o novo contrato e uma pena mergulhada no tinteiro. Um silêncio tenso reinou no tribunal enquanto Célia rabiscava sua assinatura.

James tirou o papel das mãos dela e atirou as escrituras em seu colo. Então, sem mais uma palavra, voltou-se, saltou a grade que o separava de Mavis e carregou-a em seus braços. Ternamente, a cabeça dela recostada em seu peito, carregou-a pelo corredor até a porta aberta.

Atrás deles, a multidão rompia em vivas.

EPÍLOGO

O *Pégasos* deslizava pelas águas da baía de Cheasepeake, as velas içadas parecendo asas prateadas contra o céu sem luar. Apenas o rastro que se formava atrás da popa e o grito distante de uma garça denunciavam a passagem do navio. Somente as estrelas assistiam a sua partida.

Abaixo do convés superior, a cabine do capitão era uma ilha de luz e calor. Uma lamparina pendurada na parede iluminava o aposento, seus reflexos brilhando sobre a superfície bem encerada dos painéis de nogueira.

Mavis sentava-se encolhida na beirada do catre, os cabelos soltos caídos sobre os ombros, a camisola branca deixando transparecer as curvas de seu corpo. Seus olhos percorriam detidamente cada linha do documento que tinha nas mãos.

— O que está lendo agora, senhora Forrester? — disse James ao entrar na cabine, as mangas da camisa arregaçadas, a pele brilhando da umidade fria da noite.

Mavis ergueu os olhos ternamente para ele. Há poucas horas no convés, Saul Redding havia celebrado a cerimônia do casamento deles, para em seguida devolver a autoridade de capitão a James. James, por sua vez, repetira as mesmas palavras para Minna e Thomas, diante de uma Hetty radiante de felicidade. Dois casamentos. Esse tinha sido o mais feliz dos dias, como um sonho encantado do qual Mavis temia despertar a qualquer momento.

— O que é, Mavis? — Ele se debruçou sobre ela, os lábios roçando seus cabelos.

— É meu contrato. Eu... eu apenas queria vê-lo.

— Por quê? Tudo isso ficou para trás, amor. Acabou-se. — Ele se ergueu e começou a desabotoar a camisa.

— Mas sua casa e suas terras, James! Foi um preço alto demais por uma simples criadinha!

Ele sorriu, parecendo anos mais jovem do que durante o julgamento no tribunal.

— Vamos deixar essa conversa de simples criadinha. Pelo preço, foi o melhor negócio que já fiz na vida!

— Mas por minha causa você perdeu quase toda sua fortuna. E se um

dia, de repente, acordar cheio de arrependimento...

— Chega dessa conversa! — disse ele, inclinando-se e beijando-a.

— É de Célia que eu sinto pena. O que significa ter terras e casas?

— Sentou-se e abraçou-a. — O que tudo isso pode significar comparado ao que eu e você temos?

Ela se aninhou contra o peito acolhedor, deliciando-se com o cheiro refrescante de mar na pele dele.

— É verdade. Oh, James, para onde vamos primeiro?

— Quero lhe mostrar as índias — sussurrou ele, os lábios roçando os cabelos negros. — As ilhas de lá são encantadoras, como jardins tropicais emoldurados por praias de areia branca. Alguma vez já nadou no mar?

— Nunca! James, deve ser maravilhoso! — Fechou os olhos tentando imaginar a sensação. — E para onde iremos depois?

— Para onde você quiser. Espanha, Itália... Seremos pássaros viajantes, de verdade. E poderemos ganhar um bom dinheiro com o comércio marítimo até...

— Até o quê? — perguntou ela baixinho.

— Até encontrarmos um lugar perfeito para construir nosso lar e criar nossos filhos.

Mavis suspirou de felicidade.

— Mesmo os pássaros viajantes devem ter um ninho em algum lugar, eu imagino — concordou ela. — Quero fazer tudo para que você seja feliz! Mas será um desafio, esforçar-me para justificar os sacrifícios que fez por mim!

Por um longo momento ele permaneceu calado, as mãos afagando os cabelos de Mavis.

— Em que está pensando? — ela perguntou por fim.

— Estou pensando sobre a vida que teremos juntos. E estou pensando em quanto quero fazer amor com você nesse exato instante. Mas há algo que preciso terminar antes. Algo que preciso acertar de vez.

— O que é? — Ela se afastou um pouco, intrigada. A expressão solene do rosto dele assustou-a.

— Seu contrato — disse ele. — Entregue-o para mim.

Ele pegou o papel. No princípio Mavis pensou que ele simplesmente ia guardá-lo na escrivaninha, mas James atravessou a cabine, parando diante da lamparina.

— Mavis — disse ele. — Quero lhe mostrar o quanto esse contrato significa para mim.

Retirou a cúpula da lamparina e encostou o papel na chama. Quando o

fogo já quase alcançava seus dedos, deixou cair no chão os últimos fragmentos e esmagou-os com o salto da bota.

— Você está livre, Mavis — disse ele, carinhosamente. — Um pedaço de papel com um pouco de tinta não pode criar um elo entre nós. Apenas o amor pode fazer isso. E se isso não for o bastante, eu... — hesitou um instante — eu não vou lhe pedir que fique.

Ela fitou-o maravilhada. Só agora percebia que havia idolatrado James quase como se ele estivesse acima das outras pessoas. Mas neste momento, via-o como realmente era, um homem com seu orgulho, imperfeições, deficiências e vulnerabilidade.

Um homem que precisava dela tanto quanto ela precisava dele.

Devagar, Mavis ergueu-se do catre. Devagar, abriu-lhe os braços.

— Oh, James... Venha e me abrace!

Ele cruzou a cabine e estreitou-a contra o peito.

— James, eu te amo. Eu nunca poderia deixá-lo. Jamais poderia viver sem você.

— Então, não terá de fazê-lo nunca. Somos livres, Mavis. Nós dois.

— Sim... — murmurou ela. E quando ele apagou a lamparina e ergueu-a nos braços, ela viu o futuro brilhando a frente deles. Viu os oceanos que atravessariam, as novas terras que explorariam, as tempestades que enfrentariam juntos, sempre juntos.

Seu coração, como um pássaro, alçou vôo e pairou nas alturas.

FIM



Clássicos da Literatura Romântica

CATHERINE
Maura Seger

Um alto preço a ser pago por quebrar um tabu!

O romantismo de Catherine Bennington a impedia de aceitar os fatos. Com a visão nublada pelos sentimentos, imaginava possível apenas amar Evan O'Connell, não importando sua origem, posição social ou dinheiro. "Não podemos sonhar com o amor! Pobres e ricos só se dão bem quando cada um fica em seu lugar!"

As ríspidas palavras de Evan magoavam Catherine, feriam sua alma... mas expressavam a realidade que ele conhecia. A duras penas Evan O'Connell havia aprendido a reconhecer o abismo que o separava dos ricos. Sempre sentira na pele o desprezo dos poderosos. Para ele, conseguir dinheiro e uma linda mulher só seria possível se sobrevivesse à oposição implacável de uma elite prepotente.

Uma história de paixão, orgulho e resistência aos poderosos!